U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

2º CICLO
ARQUEOLOGIA

# OS POVOADOS D'A PEDREIRA E REGADAS NO CONTEXTO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO VALE DO TUA.
## As decorações dos recipientes cerâmicos enquanto modos de expressão identitária e de interação social.

Joana Coelho de Castro Teixeira

**M**

**2019**

**Joana Coelho de Castro Teixeira**

# OS POVOADOS D'A PEDREIRA E REGADAS NO CONTEXTO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO VALE DO TUA.

## As decorações dos recipientes cerâmicos enquanto modos de expressão identitária e de interação social.

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pela Professora Doutora Maria de Jesus Sanches

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2019

# OS POVOADOS D'A PEDREIRA E REGADAS NO CONTEXTO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO VALE DO TUA.

## As decorações dos recipientes cerâmicos enquanto modos de expressão identitária e de interação social.

Joana Coelho de Castro Teixeira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia orientada pelo(a) Professor(a) Doutor(a) Maria de Jesus Sanches

Membros do Júri

Professora Doutora Andreia Catarina Magalhães Arezes
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutora Ana Margarida Aparício do Vale
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria de Jesus Sanches
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 20 valores

*à Helena*

# Sumário


Declaração de honra ..... 9

Agradecimentos ..... 10

Resumo ..... 11

Abstract ..... 12

Capítulo 1 – *Overview*: o ponto de partida ..... 13

1.1. O Vale do Tua, enquadramento fisiográfico ..... 13

1.2. A ocupação do Vale do Tua durante a Pré-história recente: breve resenha histórico-arqueológica ..... 13

1.3. O ponto de partida: O Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua. ..... 18

Capítulo 2. – *Zoom in*: da escala macro à escala micro ..... 26

2.1. As escavações arqueológicas realizadas no baixo Tua no âmbito do AHFT/EHEVT. Os sítios d'A Pedreira e Regadas. ..... 26

2.1.1. A área do baixo Tua. Localização d'A Pedreira e das Regadas. ..... 26

2.1.2. Contexto das intervenções ..... 28

2.1.3. Metodologia de campo ..... 31

2.2. Metodologia de aproximação à ocupação dos povoados d'A Pedreira e Regadas: o estudo da estética/imagética decorativa do conjunto cerâmico da Pré-história recente ..... 34

2.2.1. Objectivos ..... 34

2.2.2. O porquê das cerâmicas decoradas e algumas considerações em torno da ideia de estética e imagética das manifestações gráficas na Pré-história recente. ..... 35

2.2.3. O método ..... 40

Capítulo 3. –A ocupação do sítio das Regadas sob a tónica da imagética decorativa das cerâmicas pré-históricas das Plataformas A e B ..... 45

3.1. Nota prévia ..... 45

3.2. PLATAFORMA A: Imagética decorativa e Reinterpretação do faseamento crono-estratigráfico da ocupação; ..... 47

3.2.1. Plat.A, FASE I /Momentos 1a e 1b ..... 49

3.2.2. Plat.A, FASE I /Momento 2a ..... 49

3.2.3. Plat.A, FASE I /Momento 2b ..... 51

3.2.4. Plat.A, FASE I /Momento 3a ..... 54

3.2.5. Plat.A, FASE I /Momento 3b ..... 54

3.2.6. Plat.A, FASE I /Momento 4x ..... 59

3.2.7. Plat.A, FASE I /Momento 4y (UE638) ..... 61

3.2.8. Plat.A, FASE II: A utilização moderno-contemporânea do espaço ..... 62
3.3. PLATAFORMA B: Imagética decorativa e Reinterpretação do faseamento crono-estratigráfico da ocupação;..... 65
3.3.1. Plat.B, FASE I /Momento 1 ..... 66
3.3.2. Plat.B, FASE I /Momento 2 ..... 67
3.3.3. Plat.B, FASE I /Momento 3a ..... 68
3.3.4. Plat.B, FASE I /Momento 3b ..... 69
3.3.5. Plat.B, FASE I /Momento 4 ..... 70
3.3.6. Plat.B, FASE II ..... 71
3.4. O estudo da imagética decorativa das cerâmicas das plataformas A e B e seu contributo para a problematização da ocupação do sítio das Regadas ..... 73
Capítulo 4. –A ocupação do sítio d' A Pedreira sob a tónica da imagética decorativa das cerâmicas pré-históricas..... 86
4.1. Sondagens 15, 16, 17 e 18..... 86
4.1.1. Sondagem 15..... 86
4.1.2. Sondagem 16..... 87
4.1.3. Sondagem 17..... 87
4.1.4. Sondagem 18..... 88
4.2. Sondagens 1, 2, 6, 10 e 19..... 90
4.2.1. Sondagem 1..... 90
4.2.2. Sondagem 2..... 91
4.2.3. Sondagem 6..... 92
4.2.4. Sondagem 10..... 93
4.2.5. Sondagem 19..... 93
4.3. Sondagens 7, 8, 9, 11, 12 e 14..... 94
4.3.1. Sondagem 7..... 94
4.3.2. Sondagem 8..... 95
4.3.3. Sondagem 9..... 96
4.3.4. Sondagem 11..... 96
4.3.5. Sondagem 12..... 97
4.3.6. Sondagem 14..... 97
4.4. Sondagens 3, 4, 5 e 13..... 98
4.4.1. Sondagem 3..... 98
4.4.2. Sondagem 4..... 98
4.4.3. Sondagem 5..... 100

4.4.4. Sondagem 13 ..... 101
4.5. O estudo da imagética decorativa das cerâmicas da Pedreira: balanço final ..... 101
Capítulo 5. – Discussão integrada dos resultados: a imagética decorativa das cerâmicas das Regadas e d'A Pedreira nas suas semelhanças e dissemelhanças. Discutindo rupturas e conexões. ..... 104
Capítulo 6. – *Zoom out*: a ocupação pré-histórica do Baixo Tua, no contexto da ocupação regional. ..... 112
6.1. Em torno das cronologias e afinidades na imagética decorativa dos recipientes cerâmicos ..... 112
6.2. Os modos de povoamento e atuação social na Pré-história recente do Vale do Tua. Um breve apontamento à luz dos dados d'A Pedreira e Regadas. ..... 125
Referências bibliográficas ..... 133
ANEXOS ..... 141
Anexo I: Cartografia e mapas gerais
Anexo II: A escavação do povoado das Regadas – reinterpretação do faseamento crono-estratigráfico da ocupação.
Anexo III: A escavação d'A Pedreira
Anexo IV: Tabelas de relação entre cerâmicas decoradas e não decoradas nos sítios das Regadas e A Pedreira.
Anexo V: Os recipientes cerâmicos d'A Pedreira e Regadas: Organizações decorativas.
Anexo VI: Os recipientes cerâmicos d'A Pedreira e Regadas: Estampas.
Anexo VII: Regadas, Tabelas de organizações decorativas por momento de ocupação das Plataformas A e B; Gráfico geral de organizações decorativas.
Anexo VIII: A Pedreira, Tabelas de organizações decorativas por sondagem; Gráfico geral de organizações decorativas.
Anexo IX: Regadas, Plataforma A, gráficos por Momento e grupo decorativo.
Anexo X: Regadas, Plataforma A, outros gráficos.
Anexo XI: Regadas, Plataforma B, gráficos por Momento e grupo decorativo.
Anexo XII: Regadas, Plataformas A e B, outros gráficos.
Anexo XIII: A Pedreira, gráficos por sondagem e contextos preservados.

# Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação " OS POVOADOS D'A PEDREIRA E REGADAS NO CONTEXTO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO VALE DO TUA. As decorações dos recipientes cerâmicos enquanto modos de expressão identitária e de interação social." é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Porto, 29 de Setembro de 2019]

[Joana Coelho de Castro Teixeira]

# Agradecimentos

À minha família e amigos

À minha Avó

Ao André.

Um agradecimento muito especial à minha orientadora, Profª Doutora Maria de Jesus Sanches, por todo o apoio e orientação, pelos anos de trabalho que partilhamos e, sobretudo, pela amizade.

Aos meus companheiros de campo nas escavações d'A Pedreira e Regadas. Aos meus co-diretores Rui Pedro Barbosa, Rui Filipe Barbosa e Dário Antunes.

...e aos corações felpudos da minha vida...

# Resumo

A investigação que aqui desenvolvemos decorreu no seguimento dos trabalhos que realizámos no Vale do Tua, ao longo dos últimos anos, no contexto das ações preventivas e compensatórias da construção da barragem de Foz Tua.

Tendo, no Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua, realizado sobretudo um trabalho de análise da ocupação pré-histórica à escala regional, pareceu-nos fundamental prosseguir os trabalhos no sentido de consubstanciar as perspectivas então avançadas com dados contextualizados à escala micro. Assim, selecionamos como objecto de estudo os materiais cerâmicos decorados dos dois povoados escavados na área do baixo Tua, A Pedreira e Regadas, a fim de tentarmos compreender/ caracterizar estas ocupações no quadro da Pré-história regional.

A estratégia metodológica da seleção em causa e seus parâmetros de analise tem por base pressupostos teóricos e constatações já intuídas em estudos anteriores, de que destacamos:

1) a imagética decorativa associada aos recipientes de uma comunidade implica escolhas, intenções e formas de expressão que radicam em tradições culturais a escalas que regionalmente podem ser mais amplas;

2) por outro lado, sobre este fundo comum regional, estes objetos terão à escala comunitária significados intrínsecos, genealógicos, identitários e de memória enquanto "mecanismos de comunicação socialmente ativos".

3) no contexto de 1) e 2) a imagética decorativa dos recipientes pode expressar e consubstanciar, intencionalmente, estruturas, normas e modelos radicados nas relações de ligação identitária, de afastamento ou de cooperação inter comunitária.

Mediante os resultados obtidos são discutidas as ocupações d'A Pedreira e das Regadas à escala interna de cada um dos povoados, problematiza-se a relação entre ambos no contexto da ocupação do baixo Tua na Pré-história recente e tentam-se estabelecer conexões e afastamentos/rupturas, num quadro de redes de interação regional.

**Palavras-chave:** Vale do Tua; Pré-história recente; Cerâmica decorada; Expressão identitária.

# Abstract

This research follows the work that we have done in the Tua valley in the framework of the preventive and compensatory measures undertaken in the context of the construction of the Foz Tua dam.

That previous research, included in the Historical and Ethnological Study of the Tua valley, has its main focus on the prehistoric occupation of the Tua valley approached from a regional level of analysis. In this work we have favoured a "microscale" level of analysis in order to consubstantiate the inferences advanced in that previous work. As such, we will try to characterize the prehistoric occupation of the region taking as its starting point the decorated pottery of two sites — A Pedreira and Regadas.

The reasons behind this selection and the analysis parameters that we have adopted in its study, are based on theoretical premises already alluded in previous works, such as:

1) The imagery used on pottery depends on choices, intentions and forms of expression rooted in cultural traditions spread along regional scales far larger than that of this study.

2) Although the decoration elements are picked from that regional common corpus, they have, at the scale of the community, intrinsic meanings related with genealogy, identity and memory and must be seen as "social active communication mechanisms".

3) The imagery of pottery decoration can then express and consubstantiate, in the contexts of 1) and 2), rules and models rooted in relations between different communities, namely identitarian relations and relations of avoidance or cooperation.

The results that we achieved will be used to: discuss the occupations of A Pedreira and Regadas at the scale of the site; discuss the relation between both sites in the context of the Late Prehistory of the Tua valley; and to identify identitarian connections that could have existed in the frame of a regional interaction network.



**Keywords:** Tua Valley; Late Prehistory; decorated pottery; identity expression

# Capítulo 1 – *Overview*: o ponto de partida

## 1.1. O Vale do Tua, enquadramento fisiográfico

Assumimos como contexto regional de enquadramento do nosso trabalho a área do vale hidrográfico do Tua, correspondendo em termos genéricos à bacia depressionária de Mirandela, alargada às suas bordaduras geomorfológicas naturais, e a parte dos planaltos de Carrazeda e Alijó, tendo aqui os limites sido definidos quer pelo conhecimento prévio dos vestígios arqueológicos e a sua articulação espacial, quer pela análise da sua relação com os territórios próximos mais a oeste ou mais a leste, respectivamente. A norte, a lógica da delimitação torna-se mais opaca, mas faz-nos sentido que se integre o troço inferior dos rios Rabaçal e Tuela, que marcam a zona superior da bacia depressionária do Tua (An.I, Fig1). Esta área é definida pelo eixo do vale do rio Tua mas é também caracterizada por ser uma área depressionária: a bacia de Mirandela que "...corresponde a um abatimento do bloco ocidental da falha de Mirandela. Trata-se de uma área caracterizada por uma "planura ondulada com altitude próxima dos 400m" (Rodrigues & Pereira, 2008, p.61) onde se destacam os relevos da Serra da Garraia e de Passos/ Santa Comba, na margem direita do vale do Tua e da Serra de Faro e Bornes, na margem esquerda.

A sul, a bordadura da bacia depressionária de Mirandela é definida pelos planaltos de Carrazeda de Alijó, caracterizando-se aqui o vale do Tua por um encaixe profundo do rio.

Administrativamente, a área de estudo abarca partes dos concelhos de Alijó, Murça, Valpaços, Mirandela, Vila Flor e Carrazeda de Ansiães.

## 1.2. A ocupação do Vale do Tua durante a Pré-história recente: breve resenha histórico-arqueológica

Procuramos neste capítulo fazer uma breve abordagem à história da arqueologia

da Pré-história no vale do Tua, realizando assim um balanço do estado da arte, que permita também contextualizar o estudo que levamos a cabo. Uma síntese mais detalhada foi por nós elaborada no âmbito do Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua (Teixeira, 2017), pelo que nos remeteremos aqui para um enfoque mais breve dos trabalhos e investigadores que fazem parte da história da investigação arqueológica na região.

De inícios do século XVIII, não podemos deixar de destacar a primeira referência a arte rupestre em Portugal, feita precisamente para esta região, relativa ao sítio da fraga pintada do Cachão da Rapa, no concelho de Carrazeda de Ansiães, pelo Padre António Carvalho da Costa na sua *Corografia Portuguesa* (1706-1712). Sendo também desta época, e para este sítio, a primeira representação de um painel de arte rupestre em 1734, da autoria do clérigo Jerónymo Contador de Argote, membro da *Academia Real da História Portuguesa*.

Em finais do século XIX, destacamos para a área em estudo os trabalhos de Henrique Botelho em torno do povoamento, mas sobretudo dos monumentos megalíticos de Alijó, e que culminaram em duas publicações no *Archeologo Português*: "Antas e castros do concelho de Alijó" (Botelho, 1896) e "Antas do concelho de Alijó" (Botelho, 1898). Da mesma época, é também a publicação do padre José Augusto Tavares "Archeologia do districto de Bragança" (Tavares, 1895), que nos dava notícia de sítios e achados arqueológicos para a região, nomeadamente para as antas de Zedes e Vilarinho da Castanheira, em Carrazeda de Ansiães.

No ínicio do século XX, incontornável é a figura de Francisco Manuel Alves, o Abade de Baçal e a publicação dos onze volumes das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, entre 1910 e 1947.

A partir da década de 30, destacamos o trabalho de Santos Júnior, nomeadamente sobre o abrigo pintado da Pala Pinta, onde o descreve detalhadamente e apresenta os decalques dos painéis pintados (Santos Júnior, 1933). Dos trabalhos de Santos Júnior releve-se ainda a publicação de um inventário de estações de arte rupestre (Santos Júnior, 1940) integrando quer a arte rupestre de ar livre, quer as pinturas e gravuras em abrigos ou ainda em esteios de monumentos megalíticos, nomeadamente as pinturas e

gravuras do dólmen da Fonte Coberta, em Alijó, monumento anteriormente publicado por Cotelo Neiva (Neiva, 1938).

Após um abrandamento na arqueologia da pré-história da região, no fim dos anos 70 e durante os anos 80 os trabalhos iniciados por Vítor Oliveira Jorge na necrópole megalítica da Serra da Aboboreira, concelho de Baião, assumiram-se como um verdadeiro projeto "escola", pioneiro metodológica e cientificamente, e impulsionador de uma nova abordagem à Pré-história, em particular no norte de Portugal.

Entre 1980-86, a investigação levada a cabo por Susana Oliveira Jorge em torno dos povoados da Pré-história recente de Chaves/ Vila Pouca de Aguiar (Jorge, 1986), região já próxima à do Vale do Tua, revê criticamente o estudo do povoamento regional do IIIº/IIº milénio A.C., pondo em perspectiva velhos paradigmas, dando um novo enquadramento cronológico e cultural a algumas materialidades "clássicas" da Pré-história do norte de Portugal e valorizando o enfoque nos contextos regionais.

Ainda nos finais dos anos 80, Maria de Jesus Sanches inicia importantes trabalhos na região de Mirandela com o levantamento arqueológico deste concelho (Sanches & Santos, 1987). Neste trabalho faz, em colaboração com Branca Santos, uma revisão detalhada do inventário de sítios conhecidos, visitando-os e reavaliando interpretativamente os dados possíveis, procurando fazer assim, criticamente, uma atualização cronológica dos sítios arqueológicos do concelho. Na continuidade deste trabalho, a investigadora realiza em 1990 a escavação de emergência da Mamoa 1 da Pedreira, em S. Pedro do Vale do Conde, sendo esta, a par do dólmen da Arcã, em Abreiro, o segundo monumento megalítico a ser escavado no Vale do Tua, com metodologia atualizada (Sanches *et al*., 1990-91). A partir daqui é precisamente esta arqueóloga que, juntamente com outros investigadores que consigo vão colaborando, mais tem desenvolvido investigação de fundo neste território.

Em 1997 a publicação em torno do Abrigo do Buraco da Pala, na Serra de Passos, assume-se como um pioneiro e incontornável contributo para o conhecimento da Pré-história regional. A publicação que toma como base os resultados da escavação deste abrigo (Sanches, 1997) é ainda a principal base de apoio e comparação para a proposta de cronologias regionais, particularmente no que se refere aos períodos do Neolítico e

transição para o Calcolítico. Com efeito, o estudo deste abrigo marcou a arqueologia em Portugal, ao revelar as primeiras evidências de práticas agrícolas no Neolítico antigo. Não é demais sublinhar que todos os trabalhos desenvolvidos por esta investigadora nas regiões de Mirandela e Mogadouro/Miranda do Douro e publicados desde os anos 90, porque assentes em trabalhos sistemáticos de prospecção e escavações realizadas segundo paradigmas e metodologias modernas, com programas de datações absolutas e analises paleoambientais (antracológicas e carpológicas) — que têm marcado todo o seu percurso — são a nossa principal base de integração regional dos trabalhos que temos vindo a realizar na região. Com efeito, problematizando as transformações do território desde o Neolítico inicial até ao I milénio AC nos seus múltiplos sentidos (ecológicos, cronológicos, sócio-culturais) e tendo em conta os diferentes aspectos do povoamento (integrando o estudo de habitats/ocupações, do fenómeno megalítico e da arte rupestre), bem como o estudo contextual, ao longo de vários anos, do sítio do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008), fundaram no Vale do Tua uma linha de investigação de que o estudo que temos vindo a desenvolver é também subsidiário (Sanches, 2000; Sanches, 2000a; Sanches 2002; Sanches, 2016; Sanches, Gomes & Morais, 2001; Sanches & Nunes, 2004; Sanches, Nunes & Silva, 2005; Sanches & Nunes, 2005; Sanches, Nunes & Pinto, 2007; Sanches, Morais & Teixeira, 2016; Sanches & Barbosa, 2018a; Sanches & Barbosa, 2018b).

Nos termos da região mais alargada de Trás-os-Montes e Alto Douro, continuam também a ser fundamentais para a compreensão e integração na matriz do povoamento da Pré-história Recente os trabalhos levados a cabo por Susana Oliveira Jorge, a partir dos anos 90, no Castelo Velho de Freixo de Numão, em Vila Nova de Foz Côa (Jorge, 1993, 1994) sobre o qual se publicou recentemente um balanço crítico (Lopes, 2019). Os trabalhos iniciados em Castelo Velho, na linha de investigação dos recintos murados ou colinas monumentalizadas da Pré-história Recente, foram posteriormente continuados pela equipa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto na estação vizinha do Castanheiro do Vento (v.g. Jorge *et al*. , 2006-2007; Cardoso, 2007; Vale, 2011).

Mais recentemente, também os trabalhos desenvolvidos no concelho de Macedo

de Cavaleiros, no sítio da Fraga dos Corvos, particularmente para a transição entre o IIIºmilénio a.C. e inícios/meados do IIºmilénio A.C, (Senna-Martinez *et al*, 2005; Senna-Martinez & Luis, 2015) embora também já com dados para o Bronze Final (Senna-Martinez et al., 2012), têm sido importantes no colmatar dos vazios de dados para este período no panorama da ocupação regional. Da mesma forma, as publicações dos finais de 1990 e inícios de 2000 por Faustino Carvalho para a região de Foz Côa (Carvalho 1999, 2003, 2004), são importantes contributos para o estudo dos períodos Neolítico, Calcolítico e inícios do Bronze.

A monografia sobre o Neolítico antigo que culminou do estudo que Sérgio Monteiro-Rodrigues realizou na estação do Prazo em Vila Nova de Foz Côa (Monteiro-Rodrigues, 2011) é um contributo igualmente incontornável para a região, quer pela novidade e importância dos dados fornecidos pela estação do Prazo, quer pela revisão crítica do processo de neolitização que o autor faz, com particular enfoque para o norte de Portugal.

No quadro de uma leitura regional transversal ao povoamento da Pré-história recente na bacia do Douro, foi defendida em 2015 a tese de doutoramento de Alexandra Vieira, posteriormente publicada pela AAP (Vieira, 2019).

Por fim, resta ainda fazer a consideração de que nos últimos anos se têm caracterizado contudo por um certo abrandamento na investigação de fundo da Pré-história regional, fruto da conjectura nacional. Os trabalhos que se têm feito e publicado decorrem fundamentalmente da arqueologia de emergência efetuada no contexto de grandes empreendimentos, como no caso do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor, com alguns trabalhos já publicados e outros — espera-se — em vias de publicação, tendo produzido já um *corpus* de dados significativos para a arqueologia da região (Dórdio, 2015; Gaspar, 2015; Figueiredo, 2015). Também no nosso caso específico, foi precisamente no âmbito das medidas de minimização e compensação do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua, que se realizaram as escavações na área do baixo Tua — A Pedreira, Regadas— e se concretizou o Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua (VVAA, 2017) na qual fomos responsáveis pelo estudo da Pré-história (Teixeira, 2017). Anteriormente, no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental e da

concretização das medidas da DIA do AHFT, era tornado conhecido o importante abrigo com arte rupestre de Foz Tua, alvo de estudo e de várias publicações (Sanches & Teixeira, 2013; Valdez-Tullett, 2013; Teixeira, Valdez-Tullett & Sanches, 2016;.Teixeira & Sanches, 2017)

.

## 1.3. O ponto de partida: O Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua.

Nos trabalhos realizados no âmbito da Pré-história no contexto do Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua (EHEVT)[1] (Teixeira, 2017) procuramos reunir um conjunto de novos dados que integrassem, com os até então existentes, uma reinterpretada visão de conjunto ao nível do território tendo como foco principal as relações das comunidades humanas com este.

Desenvolvemos várias ações de campo das quais destacamos as de prospecção arqueológica em áreas selecionadas do território e de relocalização/reavaliação de alguns dos sítios anteriormente inventariados. Destacamos ainda a abordagem à Pré-história antiga que encetamos para a região e que contemplou a realização de sondagens mecânicas no terraço fluvial de Vale de Juncal, sítio onde se havia detectado uma industria lítica enquadrável no Paleolítico Médio, ou ainda as ações realizadas com o apoio do geólogo Manuel Abrunhosa em torno de um estudo regional de matérias primas usadas, ou passíveis de serem usadas, no período da Pré-história (Teixeira, 2017). Paralelamente ao conjunto de ações desenvolvidas no âmbito do programa específico do EHEVT para estudo da Pré-história, foram também importantes os resultados da prospecção realizada no contexto do acompanhamento da obra da barragem do Tua pela equipa coordenada por Rui Pedro Barbosa, trabalhos nos quais, nomeadamente, foram identificados os Povoados Pré-históricos d'A Pedreira e das Regadas (Barbosa et alli.,2017).

[1] O Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua desenvolveu-se no âmbito das medidas de compensação do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua.

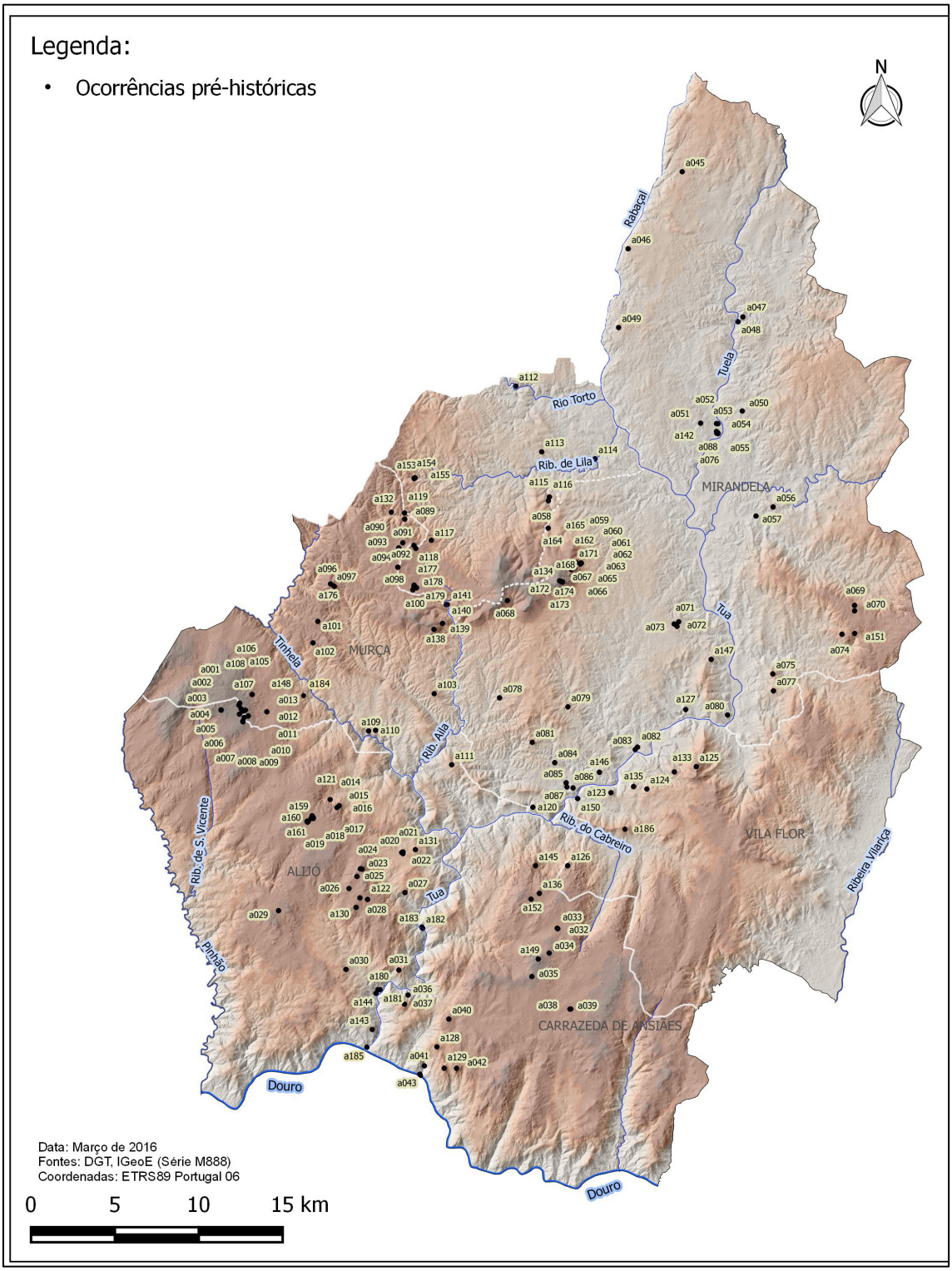



*Fig. 1.: Mapa geral de sítios da Pré-história na área do Vale do Tua. Adaptado de (Teixeira, 2017: Mapa 3). Os sítios aparecem identificados pelas ID's com que foram trabalhados no EHEVT (consultar legenda na Fig.2)*

| ID sítio | Designação |
|---|---|
| a001 | Monte Cardo 1 |
| a002 | Monte Cardo 2 |
| a003 | Monte Cardo 3 |
| a004 | Monte Cardo 4 |
| a005 | Monte Cardo 5 |
| a006 | Monte Cardo 6 |
| a007 | Alto das Madorras 2 |
| a008 | Alto das Madorras 3 |
| a009 | Alto das Madorras 5 |
| a010 | Alto das Madorras 6 |
| a011 | Alto das Madorras 9 |
| a012 | Alto das Madorras 11 |
| a013 | Alto das Madorras 10 |
| a014 | Botelhinha 1 |
| a015 | Botelhinha 2 |
| a016 | Fonte Coberta 5 |
| a017 | Anta da Fonte Coberta |
| a018 | Fonte Coberta 1 |
| a019 | Fonte Coberta 8 |
| a020 | Castelo de Carlão 1 |
| a021 | Castelo de Carlão 2 |
| a022 | Castelo de Carlão 3 |
| a023 | Estante 1 |
| a024 | Estante 2 |
| a025 | Estante 4 |
| a026 | Estante 3 |
| a027 | Abrigo rupestre de Pala Pinta |
| a028 | Burneira |
| a029 | Serra do Vilarelho |
| a030 | Castro do Piolho |
| a031 | Castelo de Safres |
| a032 | Casa da Moura 2 |
| a033 | Anta de Zedes |
| a034 | Casinha da Moura da Samorinha |
| a035 | Anta da Samorinha |
| a036 | Pala da Moura |
| a037 | Monte das Chãs |
| a038 | Fraga das Ferraduras |
| a039 | Fraga das Ferraduras de Belver |
| a040 | Fonte das Seixas |
| a041 | Fraga das Ferraduras de Ribalonga |
| a042 | Castelo de Linhares |
| a043 | Castro da Rapa |
| a044 | Fraga Pintada do Cachão |
| a045 | Fragão |
| a046 | Muralha |
| a047 | Castro de S. Juzenda |
| a048 | Quinta do Rio |
| a049 | Muradelha |
| a050 | Pereira de Anta |
| a051 | Tapado da Urreta Verde |
| a052 | Gravuras do Padre Santo |
| a053 | Padre Santo |
| a054 | Anta 1 de Vale do Juncal |
| a055 | Anta 2 de Vale do Juncal |
| a056 | Mizelo |
| a057 | Mourel de Cima |
| a058 | Abrigo 1 da Ribeira da Cabreira |
| a059 | Mãe de Água |
| a060 | Regato das Bouças 1 |
| a061 | Regato das Bouças 3 |
| a062 | Regato das Bouças 4 |
| a063 | Regato das Bouças 8 |
| a064 | Regato das Bouças 10 |
| a065 | Regato das Bouças 2 |
| a066 | Regato das Bouças |
| a067 | Buraco da Pala |
| a068 | Ribeira da Pousada Abrigo 6 |
| a069 | A Madorra |
| a070 | Prada |
| a071 | Pedreira 1 |
| a072 | Pedreira 2 |
| a073 | Pedreira 3 |
| a074 | Caravela |
| a075 | Povoado |
| a076 | Anta 3 de Vale do Juncal |
| a077 | Senhora do Aviso |
| a078 | Mamoa da Vistosa |
| a079 | Fraga do Corvo |
| a080 | Serra de Valverde |
| a081 | Navalho |
| a082 | Trochos |
| a083 | Anta |
| a084 | Ferrado |
| a085 | Arca |
| a086 | Cemitério dos Mouros 1 |
| a087 | Cemitério dos Mouros 2 |
| a088 | Anta 4 de Vale do Juncall |
| a089 | Fragas Amarelas |
| a090 | Mamoa dos Borralheiros |
| a091 | Mamoa do Castelo 1 |
| a092 | Mamoa do Tremedoiro 1 |
| a093 | Mamoa do Castelo 2 |
| a094 | Pedreira de Alagoa |
| a095 | Mamoa de Alagoa |
| a096 | Mamoa do Alto do Picoto 1 |
| a097 | Mamoa do Alto do Picoto 2 |
| a098 | Zebras 1 |
| a099 | Zebras 2 |
| a100 | Zebras 3 |
| a101 | Mamoa do Parque das Merendas |
| a102 | Agudinhas |
| a103 | Crasto de Palheiros |
| a104 | Planalto das Madorras 1 |
| a105 | Alto das Madorras 1 |
| a106 | Alto das Madorras 4 |
| a107 | Alto das Madorras 7 |
| a108 | Alto das Madorras 8 |
| a109 | Salto |
| a110 | Estirada |
| a111 | Mamoa da Senhora dos Montes |
| a112 | Fraga das Passadas |
| a113 | Dolmen de Lila |
| a114 | Poço das Pias |
| a115 | Abrigo 3 da Ribeira da Cabreira |
| a116 | Ribeira da Cabreira Abrigo 11 |
| a117 | Cabeço de Assedance |
| a118 | Mamoa do Tremedoiro 2 |
| a119 | Ribeira de Santarém 1 |
| a120 | Cabeço |
| a121 | Vale de Pegarinhos 1 |
| a122 | Senhora da Cunha |
| a123 | Cruzinha |
| a124 | Fermente 1 |
| a125 | Faro |
| a126 | Gralheira Folgares |
| a127 | Pendão Valverde |
| a128 | Cascalheira de Linhares |
| a129 | Cabeço dos Moinhos Linhares |
| a130 | Vale da Burneira 1 |
| a131 | Seara Carlão |
| a132 | Ribeira de Santarém 2 |
| a133 | Serros Amarelos |
| a134 | Regato das Bouças 11 |
| a135 | Fermente 2 |
| a136 | Tamboril 1 |
| a137 | Regato das Bouças Covinhas |
| a138 | Janela do Padre |
| a139 | Abrigo da Fraga da Água |
| a140 | Ribeira de Aila 1 |
| a141 | Ribeira de Aila 2 |
| a142 | Terraço Fluvial de Vale de Juncal |
| a143 | A Pedreira |
| a144 | Regadas |
| a145 | Castelo de Pereiros |
| a146 | Alto da Liceira |
| a147 | Santa Catarina |
| a148 | Vale de Fiolhoso 2 |
| a149 | Senhora da Graça |
| a150 | Estação de Abreiro |
| a151 | Caravelas |
| a152 | Tamboril 2 |
| a153 | Ribeira da Pardadela 1 |
| a154 | Ribeira da Pardadela 2 |
| a155 | Ribeira da Pardadela 3 |
| a156 | Fonte Coberta 6 |
| a158 | Fonte Coberta 7 |
| a159 | Fonte Coberta 2 |
| a160 | Fonte Coberta 3 |
| a161 | Fonte Coberta 4 |
| a162 | Regato das Bouças 5 |
| a163 | Regato das Bouças 6 |
| a164 | Regato das Bouças 7 |
| a165 | Regato das Bouças 12 |
| a166 | Regato das Bouças 13 |
| a167 | Regato das Bouças 14 |
| a168 | Regato das Bouças 15 |
| a169 | Regato das Bouças 16 |
| a170 | Regato das Bouças 17 |
| a171 | Regato das Bouças 18 |
| a172 | Escarpa da Pala 1 |
| a173 | Escarpa da Pala 2/3 |
| a174 | Escarpa da Pala 4 |
| a175 | Mamoa do Castelo 3 |
| a176 | Mamoa do Alto do Picoto 3 |
| a177 | Zebras 4 |
| a178 | Zebras 5 |
| a179 | Zebras 6 |
| a180 | Califórnia (op787) |
| a181 | Califórnia (op786) |
| a182 | Barrabás |
| a183 | Abrigo/Quinta do Barrabás |
| a184 | Castro de Cadaval |
| a185 | Abrigo da Foz do Tua |
| a186 | Serra do Vieiro |

*Fig. 2: Listagem de sítios, identificados pela respectiva ID no EHEVT, com cronologias adentro da Pré-história na área do Vale do Tua.*

Um dos principais contributos que o resultado dos trabalhos realizados trouxe foi, como desenvolvemos no texto publicado para o Estudo da Pré-história (Teixeira, 2017), o grande enfoque que estes vieram dar na relação das comunidades da Pré-história recente com o curso do rio principal, o Tua. Diríamos que, na verdade são fundamentalmente os vales dos rios principais que estruturam o povoamento entre os finais do IV milénio e os meados do II milénio AC. Falamos concretamente do eixo do

Rabaçal, Tuela e Tua como principais, mas sendo também de salientar o vale do Tinhela. No exercício interpretativo que desenvolvemos (Teixeira, 2017) reunimos indícios para propor ainda a hipótese de uma certa relação entre os povoados associados mais diretamente aos vales dos rios principais com contextos habitação de comunidades no sentido mais *stricto sensu*, por contraste com outros sítios mais "interiores" no território que parecem ter funcionado sobretudo como locais de agregação comunitária e coesão identitária, de que o crasto de Palheiros (VVAA, 2008) é atualmente o sítio melhor conhecido para a região.

Mas quando analisamos o povoamento do Vale do Tua nestas cronologias não nos referimos somente a esses sítios que classificamos como povoados mas também de outros que designamos como "vestígios de ocupação/ vestígios de habitat". A opção por uma ou outra designação não foi em muitos dos casos simples, como na altura discutimos (Teixeira, 2017, pp.66-67) e está possivelmente imbuída de alguma incerteza e de erros intrínsecos às próprias condições inerentes aos trabalhos de prospecção. Os sítios designados como vestígios de ocupação/ habitat referem-se a testemunhos escassos de ocupação, contudo evidentes, e que associamos interpretativamente a ocupações mais fugazes ou menos perenes. Podem estes, no entanto, corresponder nalguns casos igualmente a povoados (com ocupação mais continuada) mas que, pelas limitações que já referimos, não conseguimos no momento da prospeção, avaliar como tal. Contudo, sobre estes outros sítios de ocupação o que podemos dizer é que numa leitura geral parecem tratar-se de ocupações satélite dos povoados maiores e aparentam estar muitas vezes associados à exploração de recursos, nomeadamente minerais. Com efeito, no nosso trabalho de estudo de matérias primas verificámos a ocorrência de dispersões de materiais arqueológicos em associação a algumas fontes detectadas, nomeadamente minerais associados a grandes cristas de quartzo. Noutros casos, vestígios de ocupação localizados ainda adentro dos territórios de exploração dos povoados maiores podem corresponder a prolongamentos logísticos dos mesmos, eventualmente associados a atividades e funções específicas ou até mesmo sazonais.

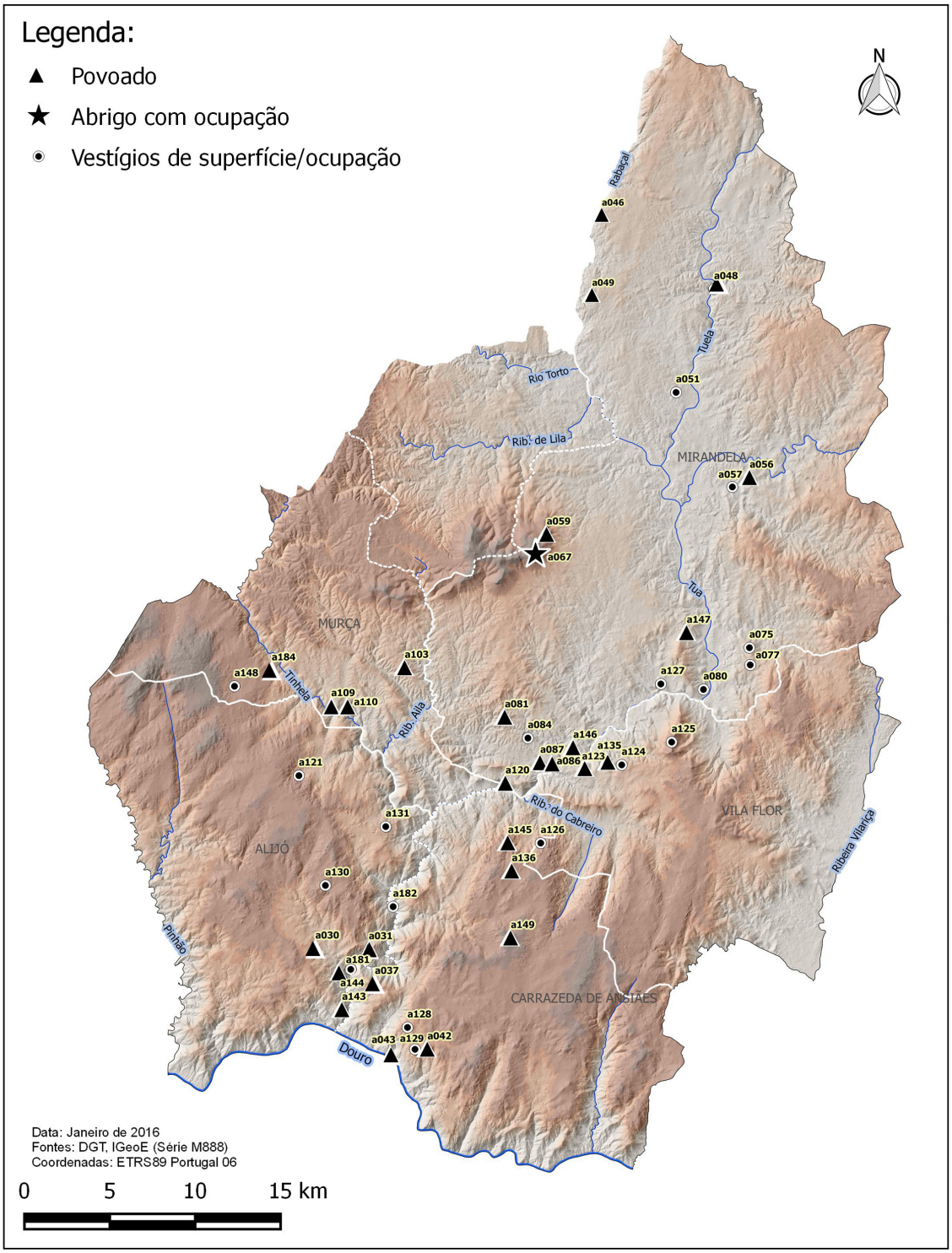



*Fig. 3: Ocupação humana no Vale do Tua na Pré-história recente. Adaptado de (Teixeira, 2017: mapa8). Para as ID's dos sítios ver Fig.2.*

Mas facto é que, estes sítios, em conjunto com os outros que designamos de

povoados, nos mostram um vale do Tua "polvilhado" de presença humana numa densidade que, até então, desconhecíamos (Fig.3). E esta rede de sítios mostrou-nos ainda a ocupação de áreas e nichos que, em considerações preditivas, não julgaríamos até aqui potencialmente apelativas à presença humana em tempos tão recuados. Falamos, nomeadamente, do vale do Tua profundo que, agora sabemos, possui vestígios de ocupação nas suas declivosas encostas – como no caso do povoado d'A Pedreira, dos vestígios de ocupação "satélite" das Regadas (a180/a181 – Califórnia) localizados na encosta a montante deste povoado ou ainda o sítio da Quinta do Barrabás (a183). A própria localização do povoado das Regadas não deixa de ser inusitada, pese tratar-se de um outeiro de declive mais suave, mais por se encontrar no fundo do vale.

Ainda no que diz respeito à leitura territorial do povoamento pré-histórico no Vale do Tua na sua relação com os cursos de água principais não podemos deixar de enfatizar a expressão que este parece adquirir com maior relevância em pontos chave destes cursos, associados a espraiamentos do vale, confluências de linhas de água ou zonas de vau. Falamos particularmente da concentração de sítios em torno do curso inferior do Tua, e junto à foz deste no Douro (onde precisamente se localizam os povoados d'A Pedreira e Regadas); ao caso do meandro de Abreiro (que abarca as freguesias de Sobreira, Abreiro e Barcel, na margem direita e Freixiel/Vilas Boas na margem esquerda) bem como, e ainda que com mais tímida expressão, ao caso do Tinhela. Com efeito, nestas áreas, mesmo considerando a existência de rotatividade, é previsível, pela densidade do povoamento, que a ocupação tenha ocorrido de modo continuado ao longo de toda a Pré-história recente. A própria extensão de alguns povoados, como por exemplo o Cemitério dos Mouros em Abreiro (Sanches,1997; Figueiral e Sanches, 1998-1999) ou A Pedreira em Foz Tua parecem sugerir, por si só, isso mesmo.

No caso da zona baixa do vale do Tua, sobre a qual o presente trabalho se irá focar, a área de implantação dos povoados não tem condições fisiográficas, topográficas e sedimentares susceptíveis de uma grande intensificação económica, mesmo atendendo à escala de intensificação do III milénio AC. No entanto, cremos que a significativa ocupação desta área se poderá ter relacionado com estratégias relacionadas diretamente com o rio (como nos indiciam alguns dos dados das escavações realizadas) que, além do

mais, em determinadas épocas do ano permitiria aqui a travessia entre margens. Além da exploração de recursos específicos, julgamos que esta seria uma localização estratégica e eventualmente significativa mesmo em termos simbólicos, pelo encontro dos vales do Tua e do Douro .




*Fot. 1: Vista sobre a área da foz do Tua, a partir da margem esquerda do Douro. Indica-se a localização d'A Pedreira e Regadas. Fotografia de Rui Barbosa.*

De uma forma muito resumida, pretendemos assim enfatizar alguns dos principais aspectos que desenvolvemos no âmbito do EHEVT e que nos permitiu lançar interessantes hipóteses interpretativas ao nível regional e criar este quadro de povoamento que muito sinteticamente descrevemos. A consubstanciação e melhor compreensão deste modelo só poderá agora melhor ser feita com a articulação de estudos de sítios a um nível mais micro e contextual. No fundo teremos sempre que buscar um cruzamento de dados ora de escala mais alargada, ora de escala mais próxima, por forma a conseguirmos sustentar perspectivas interpretativas do modo

como as comunidades da Pré-história habitaram esta região. A escala dita mais micro está, contudo, muito especificamente dependente de contextos de escavação que nos permitam entender a dinâmica específica e local de um sítio. Ora, ao nível da região em estudo, a estação que, de forma mais sistemática, tem fornecido este tipo de informação é o Crasto de Palheiros (VVAA, 2008). Trata-se contudo de um único sítio nesta vasta região e representa, segundo as interpretações que têm sido desenvolvidas, uma situação particular de espaço de agregação identitária, e por isso de muito particular importância, mas que não corresponde, cremos, ao caso de outros sítios detetados. É pois necessário problematizar todo este conjunto de sítios nas suas especificidades e semelhanças, de forma a poder tecer uma teoria do modo como se articulavam internamente e entre si.

É precisamente aqui, no aprofundamento da relação entre os sítios da Pedreira e das Regadas, no baixo vale do Tua, que se encontra o foco da continuidade do trabalho. Com efeito, a análise micro, ao nível da articulação destes dois sítios próximos entre si que marcam a ocupação desta área da Foz do Tua - a par do Castro do Piolho e do Castelo de Safres ou ainda também do Monte das Chãs, se considerarmos a margem esquerda do rio - é que permitirá elaborar propostas acerca das razões da maior intensidade de ocupação que certas zonas do vale conhecem, como descrevemos anteriormente, e que é o caso desta área do baixo Tua (ver Anexo I, Fig.2: mapa dos territórios de exploração destes povoados). Se se tratariam, estes povoados, de povoados vizinhos ocupados em simultâneo, por grupos distintos, ou se funcionavam numa articulação sazonal, não podemos aferir com segurança. No caso particular das Regadas, implantada no fundo do vale, onde ainda na atualidade se percebe um microclima muito quente no Verão, podemos supor que na estação mais quente, particularmente em anos mais secos, as próprias condições de salubridade poderiam determinar a ocupação periódica de cotas mais altas. Em todo o caso, cremos que a relação intrínseca deste povoado, e também da Pedreira, ao rio, quer como localização estratégica, quer pelo acesso aos seus recursos é inquestionável. Nesse sentido, julgamos pertinente considerar que a base da articulação da ocupação destes povoados seria mesmo a da criação e aproveitamento de um mosaico de nichos com base quer em rotatividade espacial/temporal, quer de cooperação e familiaridade entre grupos.

# Capítulo 2. – *Zoom in*: da escala macro à escala micro

## 2.1. As escavações arqueológicas realizadas no baixo Tua no âmbito do AHFT/EHEVT. Os sítios d'A Pedreira e Regadas.

### 2.1.1. A área do baixo Tua. Localização d'A Pedreira e das Regadas.

Os sítios arqueológicos da Pedreira e Regadas localizam-se no Norte de Portugal, na área sul da antiga província de Trás-os-Montes e Alto Douro, inserindo-se na grande unidade geográfica do Alto Douro e depressões anexas (RIBEIRO 1998: 188, 189). Quanto ao clima, Lautensach insere esta zona na Região Continental na Província Climática do Alto Douro. São características desta, cotas altimétricas abaixo de 600m sendo o território marcado por Verões longos e muito quentes intercalados por Invernos suaves e curtos, marcados por precipitações médias anuais de 500mm, três ou mais meses secos e humidade do ar fraca no pino do verão (Ribeiro et al., 1988: 366).

O sítio d'A Pedreira encontra-se no lugar "A Pedreira", termo da Freguesia de São Mamede de Ribatua, Concelho de Alijó, Distrito de Vila Real.

A Pedreira trata-se de uma elevação localmente com alguma imponência, que se define a partir da bordadura do planalto de Alijó e cai em vertentes acentuadas para o vale do Tua, na área próxima à sua foz no rio Douro.

Segundo a Carta Militar de Portugal, na escala 1:25.000, folha no 116, Alijó, Edição 3 – I.G.E., 1999, Série M888, as coordenadas geográficas do local onde decorreram as sondagens arqueológicas d'A Pedreira, tomadas no ponto da entrada são, de Latitude 41º 13' 18,61'' N, de Longitude 07º 25' 35,50'' O. A altitude média da área encontra-se compreendida entre 300m e 360m (Anexo1, Fig.3).

A análise da Carta Geológica de Portugal, escala 1:50.000, folha 10-D, Alijó, 1a Ed. de 1989, demonstra que o local d'A Pedreira se encontra implantado sobre os "Granitos do Maciço de Sabrosa", nomeadamente dos granitos de grão fino a médio, porfiróide, biotítico-moscovítico, e muito próximo da zona de contacto com o "Complexo xisto-grauváquico" – Grupo do Douro, designadamente a Formação do

Pinhão, composta por filitos cloríticos, quartzo- cloríticos e metagrauvaques com magnetite (Anexo 1, Fig.3).

O povoado das Regadas encontra-se situado no lugar das Regadas, termo da freguesia de S. Mamede de Ribatua, concelho de Alijó e distrito de Vila Real.

Segundo a Carta Militar de Portugal, na escala 1:25.000, folha nº 116, Alijó, Edição 3 – I.G.E., 1999, Série M888, as coordenadas geográficas do local onde decorreram as sondagens arqueológicas, tomadas sensivelmente num ponto central do sítio arqueológico, são de Latitude 41º14'28,47" N, de Longitude 07º25'28,85" O. (Anexo I, Fig.3) A área de implantação do povoado ocorre a uma altitude média entre os 150m e 185m. Atualmente o sítio encontra-se parcialmente submerso pela albufeira da barragem de Foz Tua (Fot.2).

Na análise da Carta Geológica de Portugal, escala 1:50.000, folha 10-D, Alijó, 1a Ed. de 1989, a estação arqueológica das Regadas implanta-se numa zona de granito de grão médio de duas micas, designado por Granito de S. Mamede de Ribatua, muito próximo da zona de contacto com o "Complexo xisto-grauváquico" – Grupo do Douro, designadamente a Formação do Pinhão (Anexo1, Fig.3).

O sítio arqueológico das Regadas desenvolve-se, com efeito, sobre um pequeno outeiro, em remate de esporão de baixa altitude, sobranceiro à ribeira de S. Mamede, que contorna o cerro por noroeste confluindo na margem direita do Tua, o qual por sua vez circunda o morro por este. Trata-se de uma implantação no fundo do vale, que ocorre ainda no segmento encaixado do rio Tua, que constitui uma garganta fluvial de vigoroso encaixe desde sensivelmente um pouco a montante da foz do Tinhela. Assim, as vertentes  nascente do sítio caem de forma um abrupta sobre o rio A vertente sul, embora escarpada, apresenta já um acesso um pouco mais facilitado entre o rio e o topo do cerro. As vertentes oeste e norte desenvolvem-se em plataformas artificiais definidas pelos socalcos construídos ao longo da época moderno-contemporânea. Embora não possamos avançar uma data precisa para a efetiva construção destes terraços, esta poderá integrar-se nas grandes empreitadas realizadas a partir de finais do século XVIII e por toda a centúria seguinte, que transformaram de uma forma mais marcada a

paisagem das margens do Douro e dos seus afluentes, no caso particular, do Tua. Em todo o caso, e como de resto sugerem os resultados dos trabalhos de geoarqueologia dos socalcos realizados, nomeadamente, neste sítio pré-histórico, bem como no povoado vizinho d'A Pedreira (Tente & Duarte, 2017), algumas destas plataformas parecem ser antigas e, nalguns casos, podem mesmo ter aproveitado as plataformas pré-históricas pré-existentes como parecem indicar os resultados das escavações realizadas.



*Fot. 2: Vista atual sobre o povoado das Regadas, uma ilha na albufeira da barragem de Foz Tua. As áreas das Plataformas A e B encontram-se submersas.*

### 2.1.2. Contexto das intervenções

No contexto do acompanhamento de obra do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua, a identificação da ocorrência designada como OP206, ocorreu na sequência da

identificação de uma mancha de materiais de cronologia Pré-histórica ao longo da encosta nascente da elevação toponimicamente designada como "A Pedreira". Estes materiais foram sendo identificados, quer em pequenas plataformas naturais como noutras criadas artificialmente (contidas por muretes em pedra seca, de média e grande dimensão, adossados aos monólitos graníticos pré-existentes).

Posteriormente, no contexto dos trabalhos de acompanhamento arqueológico da abertura do caminho de acesso ao ponto fixo do *blondin*, foi identificada uma área de grande concentração de espólio associado a duas destas plataformas que iriam ser afectadas durante os trabalhos de construção do referido acesso. Foi neste contexto de minimização de impactos diretos da obra do AHFT que se realizou, na área afectada, uma primeira escavação de diagnóstico no sítio d'A Pedreira, executada em duas fases (I e II), numa uma área total de 100m2, sob direção de Joana Castro Teixeira, Rui Pedro Barbosa e Rui Filipe Barbosa, concluindo-se estes trabalhos em Dezembro de 2012 .

Paralelamente a estes primeiros trabalhos, e na tentativa de melhor caracterizar a ocupação do monte d'A Pedreira, foram-se desenvolvendo ações de prospecção na encosta, cartografando as principais áreas de ocorrência de materiais pré-históricos, bem como ações de prospeção nas áreas de escombreira e galerias que se localizam no topo da elevação, as quais atestam a exploração mineira do local até tempos mais recentes, mas cuja origem poderá ser antiga, de acordo com os trabalhos que começaram nessa altura então também a ser desenvolvidos pela equipa responsável pelo Estudo da Mineração Antiga do Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua (EHEVT) (Sanchez Palencia et alli, 2017) .

Começou assim a sustentar-se a importância deste sítio arqueológico, não só para o período da Pré- história recente, como também para cronologias históricas, evidenciando-se, consequentemente, o interesse de um estudo mais alargado do sítio, mediante a convergência de diferentes ações ou abordagens no quadro do EHEVT.

Foi também ainda durante a prospecção realizada, nas primeiras fases de escavação, que nos deparamos com uma situação que se viria a comprovar como tendo afectado parte da área d'A Pedreira, desde o topo até parte da encosta: a abertura de um acesso e de vários caboucos para a instalação de uma linha de média tensão. Esta

situação configurou posteriormente um quadro de necessidade de novas medidas de compensação para o sítio.

Foi assim neste contexto que apresentámos então a nossa proposta de estudo do sítio da Pedreira na componente da Pré-história (integrada com as propostas de estudo da mineração do sítio, quer antiga, quer nas épocas moderna/ contemporânea) na qual se preconizou, em acordo com as entidades tutelares e promotoras, uma proposta de escavação de 150m2 de sondagens de diagnóstico, ficando expresso que a pertinência do seu alargamento deveria ser posteriormente ponderada, de acordo com os resultados obtidos. Realizou-se então a Fase III de escavação arqueológica n' A Pedreira, corria já o ano de 2014.

Após a conclusão da escavação dos 150m2 de diagnóstico, a direção dos trabalhos elaborou uma proposta de alargamentos das sondagens realizadas que permitisse uma mais completa e integrada interpretação dos contextos identificados, nalgumas das áreas escavadas, permitindo, nomeadamente, o levantamento de algumas estruturas com metodologia adequada. Facto que pessoalmente nos é incompreensível, mas esta proposta não teve, contudo, parecer favorável e os trabalhos foram dados por concluídos, ainda que tal decisão não tenha permitido finalizar a escavação de algumas sondagens e subsequente leitura adequada das realidades identificadas.

Igualmente no âmbito da prospecção sistemática intensiva, realizada pela equipa de arqueologia afecta ao Plano de Salvaguarda do Património Cultural, na obra do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua (Barbosa et alli, 2017), foi identificada, à data de Setembro de 2012, a ocorrência patrimonial, designada como OP316 - Regadas. Esta, foi caracterizada como uma mancha de dispersão de materialidades de cronologia inserida na Pré-história recente, distribuída ao longo dos socalcos de um outeiro sobranceiro ao rio Tua e à ribeira de São Mamede. Para além dos vestígios materiais, foram à data igualmente identificados alguns abrigos naturais existentes entre as penedias de granito localizadas nas vertentes viradas ao rio Tua, caracterizando-se por serem de difícil acesso.

Posteriormente, foi delineada uma proposta de atuação visando a minimização de

impactos, neste caso a submersão pela albufeira do AHFT, e a caracterização cronológico-cultural para o sítio.

Neste contexto, realizou-se, entre Julho e Outubro de 2013, sob direção de Joana Castro Teixeira, Ana Cristina Ramos e Rui Pedro Barbosa, a primeira fase de trabalhos de escavação, visando o diagnóstico e caracterização do arqueossítio, através realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico que totalizavam a escavação de 140m2.

Em virtude do interesse científico dos resultados obtidos, que comprovaram a existência de um povoado pré-histórico, foi expressa no relatório preliminar da intervenção, a necessidade de melhor caracterização e compreensão do local, implicando medidas complementares, designadamente, um alargamento em área de algumas das sondagens realizadas onde se verificou potencial arqueológico.

A intervenção, designada por segunda fase dos trabalhos, decorreu entre Setembro e Julho de 2015 e foi dirigida por Joana Castro Teixeira, Dário Antunes, Rui Filipe Barbosa e Rui Pedro Barbosa. Consistiu na escavação de 525m2 de área, centrada nos alargamentos de áreas sensíveis identificadas na primeira fase, de modo particular em duas plataformas distintas, designadas no decorrer dos trabalhos por Plataforma A e Plataforma B, que se escavaram integralmente.

### 2.1.3. Metodologia de campo

Em ambos os sítios, Pedreira e Regadas, as escavações foram realizadas através da exclusiva utilização de meios manuais (colherim, pico, enxada e pá), e o seu registo foi efectuado conforme metodologia própria definida em legislação específica sobre a matéria, nomeadamente, o Decreto-lei n.o 164/2014 de 4 de Novembro, Regulamento de Trabalhos Arqueológicos. A escavação das sondagens foi efectuada através da remoção das camadas geoarqueológicas, fundamentada nos preceitos teóricos estabelecidos por Barker (1989) e Harris (1991), obedecendo a um processo de decapagem dos depósitos por Unidades Estratigráficas (U.E.), pela ordem inversa à da sua deposição, com identificação e definição de contextos (camadas, estratos, depósitos, estruturas em positivo e negativo). Procedeu-se à crivagem seletiva de sedimentos sempre que considerado necessário. Efectuámos o registo individual de cada U. E., em

fichas devidamente numeradas de modo sequencial, segundo a sua ordem de identificação dentro de cada sondagem (ex: sondagem 1 – [100], [101]; sondagem 15 – [1500]; [1501] ou, no caso das Regadas, Plataforma A [600], [601] e Plataforma B [1800], [1801], etc), onde se descreveram as características próprias de cada estrato, assim como a sua localização e correlação física com outras U. E. .

A localização das áreas intervencionadas foi implantada num sistema de quadrícula sobre a área de escavação ligada à Rede Geodésica Nacional. Foi efectuado o levantamento topográfico destas áreas, com base numa estação colocada com coordenadas e altimetria real, à escala 1/100, com estações fixas de apoio topográfico devidamente ligadas à Rede Geodésica Nacional, para utilização como sistema de medidas georreferenciadas. No caso específico das Plataformas A e B das Regadas, como a extensão total da área a intervencionar era significativa, criámos uma malha quadriculada de campo, dividida em quadrados de 2m x 2m, convencionando o X enquanto o eixo Oeste – Este e o Y o eixo Sul – Norte. Partindo deste princípio, adotou-se como designação para cada quadrado, os últimos 3 dígitos de coordenada geográfica real (sistema Datum 73), quer latitude como longitude, a partir do canto inferior esquerdo de cada quadrado, por exemplo: 489/980.

Após a área escavada nas fases I e II, afecta diretamente ao Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua, as sondagens arqueológicas de diagnóstico d'A Pedreira foram implantadas a cotas superiores, ao longo das vertentes Sul e Este da elevação onde foram identificados vestígios arqueológicos. Realizámos um total de 19 sondagens. A sua distribuição obedeceu a critérios de presença/ausência desses vestígios e teve em conta as áreas de maior concentração de achados de superfície. A escavação foi realizada até se atingir o substrato geológico de base, com exceção dos casos em que o desmonte de estruturas implicaria o alargamento da área de sondagem, ação que, como já referimos, acabou por não ser possível realizar.

No caso das Regadas, foram implantadas inicialmente 25 sondagens, obedecendo igualmente a critérios de presença/ausência de vestígios arqueológicos e avaliação do potencial sedimentar, ao longo das vertentes Norte, Sul e Oeste do outeiro. A área leste

do outeiro, ou seja, aquela que se constitui como área escarpada voltada diretamente ao Tua, pese o facto de aí terem sido identificados alguns abrigos na fase de prospecção, não reunia condições de segurança para realizarmos sondagens, por um lado, e por outro não oferecia grande expectativas de conservação de níveis sedimentares antigos. Posteriormente, na segunda fase de trabalhos, foi realizado o alargamento da superfície de escavação, incluindo a escavação em área das Plataformas A e B. No final, ambas as fases totalizaram 665,75m2 de área intervencionada no sítio arqueológico das Regadas. Nas áreas intervencionadas das Regadas a escavação foi sempre realizada até se atingir o substrato geológico de base.

A recolha de espólio foi realizada de forma integral em ambos os sítios, tanto de artefactos como de ecofactos, sempre devidamente integrada no respectivo contexto estratigráfico, através do preenchimento de fichas manuais, que incluíam a sua descrição sumária, localização e referenciação, sendo ainda realizada a georreferenciação tridimensional de enquadramento do espólio mais significativo. Foram realizadas recolhas de sedimentos do interior de estruturas e de níveis considerados preservados visando a sua salvaguarda para reserva futura e ainda realizadas algumas amostras de sedimento íntegro, nos estratos considerados preservados, objecto de análises realizadas no âmbito do Estudo geoarqueológico e micromorfológico dos socalcos do Vale do Tua, integrado no EHEVT (Tente & Duarte, 2017). No caso das Regadas, foram ainda realizadas, a partir dos cortes estratigráficos mais duas amostras, na Plataforma A e B, para reserva futura.

O registo dos trabalhos e seus resultados foi efectuado através de memória descritiva, registo gráfico (escala 1:20) de todos os planos, perfis e estruturas documentadas, devidamente georreferenciados, e ainda, registo fotográfico (registo em formato digital) de todos os planos, perfis e estruturas documentadas, assim como da própria evolução dos trabalhos. Os pontos de cota representados nos desenhos são expostos com valores de altimetria absoluta relativamente ao nível do mar. No caso da Plataforma A das Regadas mantivemos duas banquetas para leitura estratigráfica, em posição ortogonal entre si, uma no sentido norte-sul e outra no sentido este-oeste.

## 2.2. Metodologia de aproximação à ocupação dos povoados d'A Pedreira e Regadas: o estudo da estética/imagética decorativa do conjunto cerâmico da Pré-história recente

### 2.2.1. Objectivos

O objetivo geral deste trabalho centra-se na análise a micro escala de alguns dados dos povoados d'A Pedreira e Regadas, por forma a tecer discursos melhor sustentados de caracterização das ocupações do Baixo Tua e seu enquadramento a nível regional.

Neste processo, o estudo da imagética plasmada na decoração dos recipientes cerâmicos, e representação quantitativa destes, teve como objetivos mais específicos:

1) a problematização do faseamento da ocupação das plataformas A e B das Regadas – através da busca de regularidades, transformações e rupturas no conjunto cerâmico em articulação com contextos arqueológicos e sequencias estratigráficas escavadas – ambicionando a compreensão da cronologia interna de ocupação do sítio;

2) a colmatação, a partir da matriz do estudo das Regadas, das fragilidades dos dados, de natureza mais fragmentada d'A Pedreira almejando chegar pelo menos a um esboço do faseamento da ocupação deste sítio através de regularidades, transformações e rupturas, entre os poucos níveis conservados da Pré-história recente;

3) a ponderação de possíveis articulações entre a imagética da decoração do recipiente e o seu uso/significado associado;

4) a problematização da questão identitária das comunidades à luz da forma como decoram os seus recipientes. Há somente um fundo comum regional? Há variações que expressam identidades à escala de um povoado e entre povoados próximos? A ideia de identidade é aqui entendida na linha desenvolvida por António Carlos Valera (2006), isto é "... enquanto processo de estruturação e agência de coletivos, que foi produto e viabilizou a sua organização social num determinado espaço e durante uma determinada diacronia." (Valera, 2006 p.569) e onde a identificação individual e grupal, enquanto processo de associação e diferenciação, é um processo estrutural da vida e do mundo (Valera, 2006,p.568).

### 2.2.2. O porquê das cerâmicas decoradas e algumas considerações em torno da ideia de estética e imagética das manifestações gráficas na Pré-história recente.

*"...uma panela de barro, entre os wayana, (..) pode ser considerada um ser, que nasce, vive e morre, assim como os seres humanos, que também precisam ser fabricados e embelezados para se apresentarem de maneira correta aos membros de sua sociedade e às entidades sobrenaturais" (vanVelthem, 1998, op.cit. Gallois, 2003, p.30)*

Tentando enquadrar uma metodologia de trabalho que nos permitisse cumprir o máximo de objetivos num tempo considerado razoável para a sua realização e redação da presente dissertação, desde logo percebemos que teríamos de nos focar no estudo de um conjunto restrito de materiais, e de variáveis dentro destes, que potenciasse o estabelecimento de pontes de comparação quer entre as duas plataformas das Regadas, quer entre este povoado e a vizinha Pedreira. A decoração das cerâmicas afigurou-se-nos de imediato, e neste contexto, como o conjunto de dados que melhor poderia ser trabalhado quer nesta escala micro, quer na sua articulação regional, de média escala. Esta última, conta com uma relativamente boa estrutura de estudos prévios ao nosso, que permite aceder a um fundo comum regional já relativamente bem caracterizado, sendo assim mais fácil problematizar rupturas, continuidades e derivações que podem indicar especificidades na micro escala dos povoados do baixo Tua.

Além do mais, e não podendo dissociar desta afinidade o nosso próprio histórico pessoal de estudos no âmbito da arte rupestre, as imagens depostas e incorporadas num recipiente, a par dos gestos associados ao modo de as fazer e usar/manipular afiguram-se-nos como veículos *per se* de comunicação intencional, e expressiva de tradições, de comportamentos, sociais e estéticos, e de códigos partilhados por uma e/ou várias comunidades. E, escrevendo isto, automaticamente nos ressoa na memória o "their meanings and our meanings" de Ian Hodder (1999) e na forma como este autor sugere que a ponte de relação entre estes dois pólos aparentemente intangíveis um ao outro reside na ideia de que "we learn how to behave in the practical world through practice and routinization" e no facto de que "...the routines we learn are embedded within social convention" e que nesse sentido "...are at least partly the product of the objective

conditions within which we live." (Hodder, 1999, pp.77-78). Neste contexto, este mesmo autor havia já enfatizado a ideia dos recipientes cerâmicos enquanto mecanismos de comunicação socialmente ativos (Hodder, 1986). Mas podemos ainda abordar o potencial comunicativo dos recipientes, neste contexto identitário, também enquanto agentes de memória, particularmente se nos detivermos na consideração das diacronias longas que normalmente subjazem ao seu estudo. Que significado tem na memória dos grupos que habitaram os povoados que estudamos as permanências, as persistências, as recorrências ou as rupturas e as inovações? E de que forma estas podem ter sido manipuladas até do ponto de vista "politico"? Estudos relativamente recentes sobre materialidades[2] e memória têm-se debruçado precisamente na forma como as práticas sociais criam memórias e em como estas são efetivamente criadas e não apenas experienciadas (Mills & Walker, 2008). Estes autores enfatizam ainda que esta problematização em torno do que eles designam de "Memory work" não é só sobre "the material traces left behind (...) it is also about understanding the materiality of thoses practices or the interaction of humans and materials within a set of social relationships." (Mills & Walker, 2008, p.4). A corrente da "Arqueologia Simétrica" e da "Ecologia Política" vem precisamente perspectivar as relações sociais entre humanos e não humanos enfatizando a simetria entre o material e o social, partindo de uma base ontológica comum a ambos (Neumann, 2008). Segundo esta perspectiva, não distinguindo o humano do artefato "... podemos perceber os vínculos que eles estabelecem na constituição de um mundo comum (um coletivo)" (Neumann, 2008, p.83). Neste sentido supera-se a "ausência" dos artefatos no discurso da Arqueologia pós-processual, uma vez que "...os vestígios arqueológicos não são mais identificados com o "refugo" ou o "reflexo" de "sociedades" extintas. Uma vez que os não-humanos entram em igualdade no debate político da formação do coletivo, matérias-primas, ambientes, alimentos, todos figuram como propostas aceitas (ou negadas) na produção daquele coletivo específico. A partir da análise dos artefatos, dos padrões de assentamento, dos hábitos alimentares, enfim, dos produtos destas associações, vemos que os vestígios arqueológicos registram densamente os princípios de associação

[2] No âmbito destes trabalhos o termo "materialidade" aparece como um importante e intencional afastamento do termo tradicional "cultura material" (Mills & Walker, 2008, p.14)

vigentes em dado momento – o que nos permite, mesmo após o processo ter se encerrado, acompanhar os procedimentos de consideração e ordenamento levados a cabo – e, com isto, registram a história de antigos coletivos" (Neumann, 2008, p.93).

Entrelaçada com a questão da memória social, não podemos deixar de voltar à questão da identidade citando de novo o trabalho de Valera: ... num quadro conceptual que perspectiva a identidade como uma permanente construção em interação social, a cultura material surge como agente identitário preponderante, que ajuda a gerar e ao mesmo tempo que expressa identidade. Ela estabelece-se, forma-se e comunica-se com as materialidades e através delas, numa relação recursiva." (Valera, 2006, p. 621) Assim, no estudo das decorações cerâmicas, podemos perspectivar que o predomínio e a persistência de determinados tipos decorativos, por contraste ao menor interesse por outros, não pode ser menosprezado enquanto escolhas que refletem normas sociais, nomeadamente processos de identificação ou distanciamento.

Pessoalmente, gostaríamos ainda de abordar a ideia da relação inter-constitutiva das pessoas e das comunidades com os recipientes cerâmicos, neste caso específico os decorados, seja no momento de fabrico, de uso/manipulação, fragmentação, deposição ou até descarte, como um comportamento estético, sendo esta uma ideia que fomos em grande parte beber à antropologia e que compreendemos que seja de uso controverso. Esta controvérsia tem sobretudo que ver com a concepção ocidental clássica de Estética que coloca "o belo" como atributo do objeto em si e, embora Kant, na sua "Crítica da razão pura" tenha introduzido a subjectividade no atributo do belo, a experiência estética no mundo ocidental está ainda presa à concepção da obra de Arte, enquanto conceito não universal e não transversal a todas as culturas e sociedades, distinguindo-a, por exemplo, do artesanato – campo para o qual são tradicionalmente remetidos os objetos das sociedades indígenas, nomeadamente. Não por acaso, é talvez no âmbito da antropologia brasileira que encontramos discussões mais vivas em torno da estética e da antropologia da estética. A este propósito, citamos uma autora, que num artigo sobre a estética em Heidegger refere que "Do surgimento da Estética Moderna até á sua consolidação como disciplina filosófica não encontramos um conceito estável para o termo "estética". Além disso, com o seu desenvolvimento somente vemos se agravarem

suas aporias. Seja a estética tratada como a "ciência do sentir" ou como "filosofia da arte"..." (Pereira, 2013, p.233). E é precisamente Heidegger n' "A origem da Obra de Arte" que "desabafa" também "Onde e como é que há arte? A arte não é mais do que uma palavra a que nada de real já corresponde." (Heidegger, (2007)[1977], p.11). Mas é também em Heidegger que encontramos um olhar sobre a arte que se aproxima, parece-nos, do sentido que a própria antropologia e a etnografia procuram. Diz então ainda este filósofo, na mesma obra, "A obra de arte é, de certo, uma coisa produzida, mas ela diz ainda um outro algo diferente do que a mera coisa propriamente é (...). A obra dá a conhecer abertamente um outro, manifesta outro: ela é alegoria." (Heidegger, (2007)[1977], p.43). Esta ideia de alegoria é, parece-nos, bastante pertinente quando olhamos, por exemplo, para algumas produções indígenas, como por exemplo entre os Wayana, e percebemos que o que aos nossos olhos saltaria à partida apenas como "decoração" são efetivamente formas que expressam entidades sobrenaturais e conceitos cosmológicos mais amplos (vanVelthem, 2003). Lucia vanVelthem, tem de resto realizado todo um trabalho que relaciona elementos ditos técnicos e funcionais com os que ela entende como valores e comportamentos estéticos, mostrando-nos "...como as técnicas decorativas instrumentalizam diferentes modos de reintroduzir os eventos e personagens do tempo mítico das origens. (...) a arte wayana é antes para VER do que para SER VISTA (...). nessas sociedades, a arte não representa nem apenas significa; ela produz comunicação e motiva a interação com o belo, nos múltiplos campos da alteridade que lhes são pertinentes." (Gallois, 2003, pp.31-33)

Se considerarmos todos estes aspectos, e outros tantos que não temos espaço para aqui debater, percebemos que afinal o uso de termos como arte ou o emprego de conceitos como estética não são afinal mais problemáticos do que, por exemplo, o termo decoração, este último transversalmente difundido na literatura arqueológica, e por nós usado também, sem que, aparentemente, levante grandes discussões. Talvez não fosse descabido falarmos, ao invés de decoração, de "manifestações gráficas", sejam estas sobre recipiente cerâmicos, sobre dispositivos rupestres ou sobre tantas outras formas que não chegaram até nós (como eventualmente as pinturas/tatuagens corporais, cestaria, máscaras, etc). De uma forma que não é exclusiva nossa, o uso do termo

estética e de comportamentos estéticos associados a formas de expressão imagéticas é algo que pessoalmente nos agrada e que nos parece que transmite a forma como as questões já referidas de identidade, memória, modelos sociais, cosmológicos, etc, estão em jogo na manipulação destas formas de expressão. Só assim as podemos entender no seu potencial comunicativo e na forma como, nomeadamente, a sua "produção" não parece estar tão dependente da criatividade subjetiva mas sim de estruturas, normas e modelos espacial e até temporalmente tão amplos. Como refere um outro autor que se debruçou sobre estas questões da antropologia da estética: "The process of socialization, the production of moral values, and the construction of identity all draw heavily on aspects of a cultural aesthetic." (Sharman, 1997, p.189).

Neste contexto gostaríamos de clarificar um pouco o sentido em que usaremos os vários termos. Com "organizações decorativas" referir-nos-emos aos tipos metodologicamente criados para estudar formalmente as decorações das cerâmicas. É a designação mais crua, digamos assim. É a gramática/sintaxe (as normas de organização, seja dos motivos entre si, seja deles no corpo do vaso ou a sua disposição relativa); A "imagética decorativa" refere-se no geral aos elementos gráficos utilizados para compor os desenhos/organizações. A distinção entre a organização decorativa e a imagética, nos termos que aqui se entendem, não é estanque e são conceitos que muitas vezes "se tocam" no discurso. Contudo, as organizações decorativas referem-se estritamente ao modo formalizado usado para sistematização do estudo da cerâmica, criado em trabalhos prévios e aqui seguido e adaptado sempre que necessário. A imagética são as imagens visuais/desenhos criados evocados no discurso num sentido mais flexível onde, por exemplo duas organizações decorativas distintas, se podem entender semelhantes na sua imagética[3]. Por fim, a ideia de estética é, no contexto do nosso trabalho, entendida no sentido da estética dos comportamentos isto é, a estética de produção/uso das cerâmicas, que envolve não só a decoração (ou a opção pela não decoração) como todo

[3] Consideremos, como exemplo, um recipiente exibindo uma banda paralela ao bordo constituída de pequenas incisões verticais em contraste com um outro recipiente apresentando uma banda de impressões de espátula verticais. No primeiro caso, segundo a nossa tabela de organizações decorativas, estaríamos perante uma organização decorativa III1f(BP) e, no segundo caso, perante uma organização III2a. Contudo, em termos imagéticos, poderiam tratar-se de duas decorações absolutamente semelhantes na sua imagem/desenho.

o processo de manufactura, as formas, os usos e até o descarte ou a eventual fragmentação intencional e deposição. No fundo refere-se à estética de toda a relação entre as pessoas/comunidade e o "objecto" desde o seu nascimento à sua morte.

Estes são, em todo o caso, aspetos considerados no enquadramento dos problemas subjacentes ao trabalho realizado, que consideramos de grande relevância e pertinência desenvolver, mas aos quais não foi possível dar aqui o "espaço" necessário para uma mais adequada discussão, esperando-se que esta se possa vir a enquadrar em trabalhos futuros.

### 2.2.3. O método

A abordagem realizada assentou primeiramente na escolha do conjunto cerâmico a analisar. Não sendo exequível a análise da totalidade do conjunto cerâmico decorado das Regadas e d'A Pedreira tivemos que proceder à seleção de uma amostra que potencialmente pudesse melhor responder aos objetivos definidos para este trabalho. No caso das Regadas a seleção do conjunto das Plataformas A e B foi óbvia e imediata. Trata-se das duas zonas escavadas em área no povoado, as mesmas que permitiram uma melhor interpretação de contextos, estratigrafias e faseamentos da ocupação. No caso d'A Pedreira selecionamos o conjunto cerâmico decorado integrado na Fase III dos trabalhos, correspondente à realização das sondagens de diagnóstico, dado que da escavação integrada nas fases I e II, a uma cota inferior na encosta e em contexto de obra, resultou um conjunto cerâmico menor e pior conservado, tratando-se assim de dados mais fragmentados e de articulação ainda mais difícil do que o conjunto da Fase III.

O conjunto estudado das Regadas contou assim com 1756 fragmentos de recipientes da Plataforma A e 685 fragmentos da Plataforma B, perfazendo um total de 2441 fragmentos decorados. No caso d'A Pedreira o conjunto cerâmico decorado estudado, relativo às sondagens realizadas na Fase III da intervenção, perfez um total de 702 fragmentos. Foi assim, na totalidade, estudado um conjunto de 3143 fragmentos de recipientes decorados.

| Fragmentos de recipientes decorados analisados e sua proveniência | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Sítio | | Nº de frag. decorados | | % no conjunto total decorado | Total frag. analisados |
| REGADAS | Plataforma A | 1756 | 2441 | 79% | 3143 |
| | Plataforma B | 685 | | | |
| A PEDREIRA | | 702 | | 100% (Fase III) | |

*Tabela 1: Fragmentos de recipientes decorados analisados e sua proveniência*.

Estes materiais arqueológicos haviam sido já sumariamente analisados no âmbito dos relatórios de escavação produzidos (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016 ; Teixeira et alli, 2016). No que à decoração dizia respeito estavam somente classificados quanto à técnica decorativa tendo sido igualmente preenchido, na base de dados então realizada, um campo descritivo relativo à decoração observada. No trabalho que agora realizámos, além de termos revisto, fragmento a fragmento, os dados anteriormente sistematizados[4], nomeadamente quanto à técnica, classificámos os fragmentos quanto à organização decorativa. Com base na reinterpretação de toda a estratigrafia e do faseamento que já havia sido esboçado (Teixeira et alli, 2016) integramos cada unidade estratigráfica num momento de ocupação.

As organizações decorativas, organizadas em tipos e subtipos, são já bem conhecidas do método de estudo destes materiais arqueológicos e no fundo resultam de uma classificação, primeiramente desenvolvida para a região por S.O.Jorge (1986), que integra nas suas categorias a(s) técnica(s) decorativa(s) e a sua distribuição/desenhos criados no corpo do recipiente. Nesta classificação seguimos fundamentalmente, e por motivos óbvios, a matriz de organizações decorativas desenvolvida para os sítios da Pré-história Recente já estudados do Vale do Tua, o Crasto de Palheiros (Barbosa, 1999;

[4] Dado o volume total de materiais arqueológicos exumados destas escavações, a par da necessidade do seu estudo sumário para elaboração de relatórios em tempos compatíveis com o contexto de obra em que se inseriam, esta primeira análise havia sido realizada por uma equipa de arqueólogos sob orientação da direção dos trabalhos, que a signatária integrava. Nesta nova abordagem, fragmento a fragmento, pela mesma pessoa, procedeu-se compreensivelmente a alguns ajustes na informação anteriormente sistematizada.

VVAA, 2008; Perez-Iglesias, 2018) e o Buraco da Pala (Sanches, 1997), que haviam já seguido o trabalho de S.O.Jorge. Nos casos em que considerámos haver alguma ambiguidade nas classificações anteriormente estabelecidas tentamos fazer alguns ajustes conciliando as perspectivas dos trabalhos que já referenciamos e muitas vezes tentando também estabelecer pontes com as classificações usadas no sítio neolítico do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2011), em Vila Nova de Foz Côa, por, a par do Buraco da Pala, ser o único sítio, na região mais alargada, que sistematizou informação para esse período. As ambiguidades que se notam são no fundo decorrentes da(s) especificidade(s) dos sítios, como sendo a existência de uma coleção substantiva de desenhos ou sua incompletude, a possibilidades de uma maior ou menor reconstituição de formas e da organização gráfica da decoração nos recipientes, a má definição/má compreensão do que são os princípios organizadores dos motivos, etc. São ambiguidades que decorrem da necessária adaptabilidade do método aos problemas que o estudo de cada sítio levanta. Por outro lado é necessário manter a melhor fidelidade possível a esse método, pelo menos ao nível regional, para que os dados entre sítios possam ser comparados. Nesse sentido, sempre que considerámos relevante fazer ajustes ao nosso caso específico, tentámos rastrear, na medida do possível, as designações da organização decorativa em causa nos trabalhos prévios. Nas situações em que nos deparámos com organizações decorativas para as quais não encontramos referência nos trabalhos anteriores criámos, pois então, novos tipos ou subtipos decorativos. A tabela com as organizações decorativas presentes nas cerâmicas estudadas para os povoados das Regadas e Pedreira, bem como as respectivas notas explicativas, é apresentada em anexo (Anexo V).

A nossa base de dados geral tomou pois a seguinte configuração:

| NºInv. | Sond.Plat. | Quadrado | U.E. | Momento Ocupação | Fragmento/ Categoria | Morfologia | Técnica Decorativa | Decoração/Descrição | Organização decorativa | Observações |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 36356 | B | 443/023 | 1850 | 2 | Bordo | Forma aberta | Incisão | 2 linhas de incisões curtas e verticais, paralelas ao bordo | III1f3 | Bordo redondo; direito |

*Fig. 4: Aspeto da base geral de dados produzida, com exemplo de um fragmento*

A partir desta base de dados geral realizada para cada sítio, Pedreira e Regadas, produziram-se tabelas de contagem geral de tipos decorativos[5], primeiramente por unidade estratigráfica (UE) e depois por momento de ocupação (ver tabelas em anexo, Anexo VI e VII) que serviram, nomeadamente, para a produção de gráficos analíticos (Anexos VIII, IX, X, XI e XII). A análise à escala da UE foi feita sobretudo para ponderar alguns casos em que somente pela estratigrafia não conseguíamos com segurança adscrever determinada UE a determinado momento de ocupação. Uma vez bem definidos os momentos de ocupação passaram a ser estes a nossa principal escala de análise.

O discurso produzido realizou-se, em parte, à escala do tipo decorativo, ou organização decorativa, singular. No entanto, a dada altura, para escalas de análise mais amplas, entre as plataformas A e B das Regadas ou entre ambos os sítios Pedreira e Regadas, com base também no conhecimento que entretanto já tínhamos de algumas afinidades imagéticas entre tipo decorativos, ou daqueles que pela sua singularidade ou potencial informativo para o nosso caso de estudo específico deveríamos manter destacados, agrupámos as organizações decorativas, tornando-se assim também a leitura dos gráficos mais facilitada nomeadamente pelo uso de cores. Críamos assim os grupos dos "Triângulos", "Incisas variadas", "Impressas variadas", "Impressas barrocas", "tipo Regadas", "bordos denteados", "Incisas espinhadas", "Penteadas", "Campaniformes", "Metopadas e incisas complexas", "Plásticas" e "Outras".

Por fim gostaríamos de fazer uma breve referencia à questão das cerâmicas lisas, isto é, não decoradas, em contraste com as decoradas. O nosso objecto de estudo foi, como explicámos, e no contexto da metodologia definida, a imagética associada aos recipientes decorados, nos seus desenhos e organizações. No entanto, o não decorar um recipiente é uma opção tão enquadrada no comportamento estético de uma comunidade como a opção de decorar e, nesse sentido, são duas variáveis intrinsecamente ligadas. Desta forma, pese o método e a discussão desenvolvidos se centrarem nos recipientes decorados, realizámos também para A Pedreira e Regadas, uma ponderação da

[5] Usámos também frequentemente no nosso discurso o termo "tipo decorativo" para nos referirmos às organizações decorativas.

proporção das cerâmicas decoradas e não decoradas no conjunto de cada sítio - no caso das Regadas ao longo dos vários momentos de ocupação em cada plataforma e no caso d'A Pedreira por sondagem realizada. Estas proporções foram estabelecidas através de contagens por fragmento, isto é, considerando a totalidade dos fragmentos decorados e não decorados independentemente de permitirem ou não serem distinguidos como um recipiente individualizado; e por bordos. Neste segundo método, por bordos, considera-se que a cada bordo individualizado corresponde um recipiente. Os resultados destas contagens são apresentados na forma de tabelas (Anexo IV).

# Capítulo 3. –A ocupação do sítio das Regadas sob a tónica da imagética decorativa das cerâmicas pré-históricas das Plataformas A e B

## 3.1. Nota prévia

Fazemos neste ponto algumas considerações prévias que nos parecem pertinentes para um melhor entendimento do nosso processo interpretativo e da metodologia utilizada:

1) A sequência estratigráfica das plataformas A e B das Regadas é de leitura extremamente complexa dado o facto de, desde a Pré-história e novamente em tempos modernos, aqueles espaços terem sido sucessivamente reocupados e transformados.

A tónica da ocupação pré-histórica parece ter-se desenhado como uma sucessão de reocupações onde as ocupações posteriores mexiam, limpavam, arrasavam e eventualmente reconstruíam as estruturas de momentos anteriores. Apesar de estas plataformas se situarem em duas áreas do povoado já de si naturalmente mais espraiadas na encosta e com declives mais suaves que as restantes (An.II, Fig.1) - sobretudo na plataforma A - , um assentamento que não se restringisse a pequenas estruturas adossadas aos barrocos naturais necessitava obrigatoriamente da construção e manutenção de estruturas de contenção da própria plataforma. Estas estruturas seriam regularmente afetadas de deslizes, deslocamentos e desmoronamentos que implicavam frequentes reconstruções e reformulações. Cremos que parte das estruturas seriam construídas com materiais perecíveis, sobre embasamentos pétreos, exigindo também a sua constante manutenção. Temos por isso que ter em mente que estamos, ainda na Pré-história, perante realidades construtivas extremamente plásticas onde momentos de destruição-reconstrução se deveriam constantemente interligar. Assim sendo, facilmente se percebe que a natureza destes contextos se traduz numa estratigrafia já de si difícil de interpretar. Ora, tudo se torna mais difícil ainda quando, em tempos mais recentes, e no contexto do aproveitamento agrícola do outeiro, são construídas novas estruturas de contenção (curiosamente parecendo aproveitar as plataformas mais antigas) por forma a

se definirem socalcos de cultivo, que vão revirar sedimentos e abrir valas que, passe-se a expressão, "cortaram o sítio arqueológico às fatias" e nos truncaram a leitura horizontal entre muitos dos contextos escavados. Desta forma gostaríamos de deixar claro em nota prévia que a nossa tentativa de faseamento destas ocupações será seguramente muito redutora da forma como efetivamente a ocupação do sítio terá ocorrido. Em todo o caso é necessário que este exercício tenha sido feito, e que vá sendo construído à medida que se vão estudando os materiais, por forma a tornar o sítio pré-histórico inteligível para nós.

2) Tomamos assim como base o faseamento anteriormente proposto e procedemos à sua reinterpretação, reajustando algumas incongruências e tentando superar algumas fragilidades à luz do que o estudo das cerâmicas decoradas permitiu.

O faseamento da ocupação apresentado assenta em momentos crono-estatigráficos. Primeiramente distinguimos a ocupação entre Fase I e Fase II, onde a Fase I se refere à ocupação pré histórica do sítio e a Fase II se refere a todo o conjunto de ações e transformações pós Pré-história. Esta Fase II integra fundamentalmente ações levadas a cabo em período Moderno/Contemporâneo embora também as devam ter ocorrido ainda em período Medieval. Dentro da Fase I, o vários "Momentos" são definidos pela interpretação estratigráfica da escavação onde, entre as várias UE estabelecemos relações de anterioridade, contemporaneidade ou posteridade. Num mesmo "Momento" integram-se assim as unidades (sedimentares e estruturas) que julgamos serem contemporâneas. Os submomentos criados (por ex. Momento 1 a e Momento 1b da Plataforma A) mantêm-se como ocupações estratigraficamente distintas mas que partilham afinidades. No exemplo referido para o Momento 1a e 1b da Plataforma, estes constituem os dois grupos de unidades estratigráficas que não continham cerâmicas. Entre o momento 2b e 3a/3b da mesma plataforma ocorre uma grande reestruturação construtiva da área ocupada e por isso consideramos que essa ruptura justificava a diferença entre um Momento 2 e um Momento 3.

3) Paralelamente à descrição dos momentos e principais contextos associados, falaremos da imagética decorativa a eles associadas. Falaremos, nomeadamente, sobre tipos decorativos que num determinado momento aparecem ou desaparecem. Mas,

sobre isto, cremos também ser importante tecer algumas considerações prévias. Se determinados tipos decorativos que "desaparecem" num determinado momento não voltarem a ocorrer nos momentos subsequentes podemos efetivamente considerar que ocorreram apenas no momento em que foram identificados ou, eventualmente, num anterior. Se voltarem a ocorrer em momentos posteriores não podemos garantir que no momento em que se regista a sua "ausência" esta não seja só aparente, porquanto algum dos recolhidos num momento posterior pode efetivamente provir de uma unidade mais antiga. Isto é, no contexto de plasticidade que caracterizou o sítio durante a Pré-história, com referimos atrás, efetivamente só as cerâmicas do primeiro momento de ocupação com cerâmicas, que será por exemplo o Momento 2a na Plataforma A ou o 2 da Plataforma B, são efetivamente exclusivas desse momento. O momento a seguir conterá inerentemente fragmentos cujo fabrico e uso remontará aos momentos anteriores, e assim sucessivamente.

## 3.2. PLATAFORMA A: Imagética decorativa e Reinterpretação do faseamento crono-estratigráfico da ocupação;

O faseamento crono - estratigráfico da ocupação, na sua reinterpretação, foi uma componente grande e essencial do nosso trabalho, enquanto base de todo o processo de estudo e interpretação contextual dos materiais cerâmicos decorados. Este faseamento é detalhadamente descrito em anexo (Anexo II). Porque se tratam de descrições extensivas, que implicam uma significativa associação de imagens, consideramos que efetivamente se adequavam melhor a um capítulo anexo. Assim, elaboramos para o corpo principal do texto, tabelas de síntese das unidades estratigráficas agrupadas em cada momento, que se tornam de leitura mais facilitada, porque esquematizada (Tabelas 2 a 9 ). Em associação a estas tabelas fazemos uma abordagem descritiva às decorações cerâmicas presentes em cada um dos momentos de ocupação cuja leitura se deve acompanhar das tabelas de organizações decorativas do Anexo VII.

| Regadas, Plat.A<br>Unidades estratigráficas integradas no faseamento de ocupação do sítio | | |
|---|---|---|
| **Momento de ocupação** | **Unidades estratigráficas** | **Obs.** |
| **Fase I, Momento 1a e 1b** | [696]<br>[695]<br>[699a] e [699b] | Momento de ocupação sem materiais cerâmicos |
| **Fase I, Momento 2a** | [693]<br>[697]<br>[694]<br>[612a]<br>[663]<br>[698a] e [698b] | Data Beta 468971 – Regadas_003: 2863-2503 cal. AC (sec. XXIX-XXVI cal. AC) |
| **Fase I, Momento 2b** | [687]<br>[689]<br>[684]<br>[688] | |
| **Fase I, Momento 3a** | Interface de limpeza; remoção de sedimentos. | |
| **Fase I, Momento 3b** | [613]<br>[612]<br>[666]<br>[607] e [608]<br>[690] e [691]<br>[640]<br>[661]<br>[662]<br>[671]<br>[634] – fossa 1<br>[670] – fossa 3<br>[683] – fossa 4<br>[668]<br>[675] | Data Beta-468969-Regadas_001: 2876-2628 cal.AC (XXIX-XXVII cal AC)<br><br>Data Beta-468970, Regadas_002: 2874-2621 cal.AC (Séc. XXIX-XXVII cal. AC) |
| **Fase I, Momento 4x** | [627]<br>[664]<br>[659]<br>[628]<br>[604] | |
| **Fase I, Momento 4y** | [638] | |
| **Fase II** | [600], [601], [602], [626], [620], [622], [623], [624], [625], [651], [652], [603], [637], [641], [645], [646], [647], [648], [649], [629], [630], [654a], [605], [619], [636] e [654] | Unidades associadas ás transformações moderno-contemporâneas da plataforma. |

*Tabela 2: Faseamento da ocupação da Plataforma A. Tabela de síntese das UE associadas a cada Momento. As setas identificam as relações estratigráficas de sobreposição direta. A verde diferenciam-se as relações estratigráficas associadas ao Momento 3a, que se definiu como um interface.*

### 3.2.1. Plat.A, FASE I /Momentos 1a e 1b

Tratam-se estes dos momentos de ocupação conservados mais antigos da Plataforma A. Dado não conterem materiais cerâmicos, apresentamos somente uma tabela descritiva da natureza das UE associadas.

| **Regadas, Plat.A<br>Momento 1a e 1b – caracterização sumária das UE** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[696]** | Lajeado? Embasamento? | Elementos pétreos em granito, com alguns de menores dimensões em xisto, concentrados na área sudoeste. |
| **[695]** | Empedrado. Embasamento. | Elementos pétreos de pequena a média dimensão em granito. |
| **[699a]** | Estrutura subcircular muito destruída? | |
| **[699b]** | Estrutura? | Concentração estrurada de elementos pétreos em xisto. |

*Tabela 3:Plataforma A, Momento 1a e 1b, caracterização sumária das UE.*

### 3.2.2. Plat.A, FASE I /Momento 2a

| **Regadas, Plat.A<br>Momento 2a – caracterização sumária das UE** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[693]** | Unidade sedimentar. Estrato de regularização? | Data Beta 468971 – Regadas_003: 2863-2503 cal. AC (sec. XXIX-XXVI cal. AC) |
| **[697]** | Elementos pétreos aparentemente estruturados. Estrutura subcircular? | Elementos pétreos maioritariamente em granito com algumas concentrações de elementos em xisto. |

| | | |
|---|---|---|
| **[694]** | Estrutura? Embasamento? | |
| **[663]** | Sedimento com elementos pétreos que regulariza o substrato rochoso. | |
| **[698a]** | Vestígio de estrutura (tipo cistoide?) | |
| **[698b]** | Vestígio de estrutura (tipo cistoide?) | |
| **[612a]** | Pequeno alinhamento pétreo. Murete de contenção? | |

*Tabela 4: Plataforma A, Momento 2a, caracterização sumária das UE.*

O estudo do material cerâmico decorado, num total de 32 fragmento para este momento (ver Anexo VII e An.IX, Gráfico 1), revelou um conjunto claramente dominado pelas cerâmicas impressas de onde se destacam desde logo as cerâmicas impressas segundo a técnica de ziguezague, que à frente discutiremos enquanto marca identitária deste povoado (ver Cap.5 ) e que por isso muitas vezes designamos também de decoração "tipo Regadas" (organizações decorativas XXXVII, XXXVIIa e XXXVIIb). De entre as impressas, destacamos ainda as decorações unguladas (XXIIa) bem como um bordo denteado (III3a) ou ainda um fragmento apresentando impressões circulares vulgarmente designadas como impressões de caule ou cana (XXIIIa)[6]. Ocorrem ainda as técnicas decorativas caracterizadas por sucessões de linhas horizontais de impressões/puncionamentos arrastados ou não (III2a, III2a1, III2b e III2b1). Destacamos também os primeiros fragmentos decorados com triângulos, segundo as organizações II1d e II1e. Particular ênfase damos porém a dois fragmentos de recipientes com o tipo decorativo XXXVI. Trata-se de uma decoração que consiste num banda decorativa paralela ao bordo, associada a uma leve carena, e definida no topo e na base por uma linha de puncionamentos (com punção grosso) entre as quais, e partindo dos puncionamentos, se realiza uma banda de incisões verticais, subverticais ou mesmo oblíquas. Os dois recipientes aqui identificados são os únicos no conjunto das duas plataformas . Um deles provém da [693]. O outro resulta da colagem de 5 fragmentos, um dos quais provém da [617-2a] associada a este momento 2a e os

[6] É vulgar caracterizar a impressão presente neste tipo decorativo como de caule ou cana. Consideramos que na verdade talvez sejam múltiplas as possibilidades de matrizes a serem usadas nesta decoração, nomeadamente vértebras de peixe (Dumas & Price, 2017).

restantes da [689][7]. Estes dois recipientes geram uma interessante discussão porquanto que o único paralelo regional que conhecemos ocorre na Fraga d'Aia, facto que, contudo, discutiremos melhor adiante. As cerâmicas incisas, além das XXXVI que, embora apresentem uma técnica mista, agrupámos no gráfico às incisas por acharmos que as incisões são o destaque maior do tipo decorativo, apresentam linhas simples paralelas ao bordo ou, no caso de um fragmento, ocorre a decoração XXXIIb que consiste numa banda paralela ao bordo de incisões caneladas verticais alongadas ou levemente oblíquas. Semelhante a esta, aparece também o tipo XXXIIIc, onde as caneluras são curvas e que constitui aparentemente também uma decoração de fundo antigo que nas Regadas ocorre ao longo de todas as fases. Ocorre ainda a organização III1f(BP) que consiste em linhas incisas curtas verticais ou levemente oblíquas. Regionalmente podemos considerar estas como decorações de fundo antigo que no Buraco da Pala ocorrem apenas no nível IV, como discutiremos também adiante. De destacar ainda um recipiente com decoração Io(VS), organização essa que no povoado da Vinha da Soutilha foi agrupada no conjunto das metopadas. A nós parece-nos uma forma de métopa antiga, no fundo derivada da III2b1, mas onde os espaços em branco são realçados com linhas incisas, dando-lhe assim um destaque de métopa. Esta organização decorativa ocorre também no momento 3a da plataforma B.

### 3.2.3. Plat.A, FASE I /Momento 2b

| **Regadas, Plat.A<br>Momento 2b – caracterização sumária das UE** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[687]** | Unidade sedimentar com elementos pétreos dispersos. | Incêndio? |
| **[689]** | Unidade sedimentar com elementos pétreos dispersos. | Incêndio? |
| **[684]** | Unidade sedimentar com | |

[7] Quanto realizamos colagens de fragmentos proveniente de diferentes unidades estratigráficas associamos, obviamente, o recipiente à de cronologia mais antiga.

| | | |
|---|---|---|
| | elementos pétreos dispersos. | |
| **[688]** | Unidade sedimentar com elementos pétreos dispersos. | |

*Tabela 5: Plataforma A, Momento 2b, caracterização sumária das UE.*

No que diz respeito ao estudo das decorações cerâmicas, podemos dizer que as tipologias identificadas têm, no geral, grande afinidade com o que se havia registado no precedente momento 2a. Registando-se aqui contudo um pequeno decréscimo das cerâmicas impressas, quer das impressas variadas, quer das "tipo Regadas", embora surjam pela primeira vez as que designamos como impressas barrocas (ver Anexo VII e An.IX, Gráfico 2). Ainda assim os tipos decorativos impressos mantêm-se em maioria. Os bordos denteados desaparecem (na verdade só os voltaremos a encontrar nos níveis associados aos revolvimentos modernos, designados como Fase II da ocupação). Os triângulos mantêm-se numa proporção semelhante à anterior e ocorre um pequeno incremento das incisas. De registar ainda também um considerável aumento das cerâmicas cuja organização decorativa não é possível de determinar e que atingem cerca de ¼ do conjunto. Talvez este aumento espelhe o grau de destruição destes níveis, associado quer a um momento de abandono, potenciado ou não por um momento de incêndio, quer às posteriores ações de limpeza e assentamento de novas ocupações[8]. Efetivamente constata-se mesmo que é na [687] e na [689], de coloração mais negra, que a taxa de indeterminadas é mais elevada.

O conjunto cerâmico decorado do momento 2b refere-se a um total de 133 fragmentos de recipientes. Ao nível das cerâmicas impressas mantêm-se todas as anteriormente registadas no momento 2a, com exceção da XXIIIa, da XXXVIIb e dos bordos denteados. Em 2b regista-se no entanto uma maior variabilidade, aparecendo novos tipos como o III2d e o III2f (decorações pontilhadas muito finas), as unguladas de organização dispersa XXII, a XXXI e as de tipo "barroco" III2e. A decoração XXXI, caracterizada por linhas de puncionamentos na vertical, ocorre num único fragmento e

[8] Considerando aqui que a um aumento de fragmentos sobre os quais não se consegue estabelecer a organização decorativa há-de sempre estar sempre mais ou menos diretamente associado o grau de fragmentação das cerâmicas e a conservação das suas superfícies.

apenas neste momento de ocupação da plataforma A.

No que diz respeito às decorações com triângulos a proporção mantém-se semelhante, como referimos, ao momento anterior. Desaparece o tipo decorativo II1d, mantém-se o II1e e aparecem dois novos tipos, o II1b1 e o II1a, que se manterão bem representados até ao final da ocupação.

Relativamente às cerâmicas incisas que, como referimos, aumentam a sua proporção no conjunto relativamente ao momento anterior, vemos que a este aumento corresponde também uma maior variabilidade de tipos, como parece ser de resto a tónica geral deste momento face ao anterior. Mantêm-se assim os tipos III1f(BP), XXXIIIb e XXXIIIc. O III2a2 não ocorre, mas ocorre o similar III2a1. São identificados pela primeira vez as organizações III1g, III1h, e III1j, que são várias variantes de linhas incisas curtas e verticais, assim como a III1i que consiste numa linha quebrada horizontal muito similar na imagética à XXXV que ocorre também pela primeira vez neste momento. Aparecem ainda novos tipo de XXXIII, como sendo a XXXIIId, XXXIIIe e XXXIIIf. De registar ainda um fragmento apresentando a decoração XXXIX(I4a) que consiste na combinação de linhas incisas horizontais com bandas de linhas oblíquas formando espinhados. Este tipo decorativo, nas várias variantes, não é em número muito significativo nesta plataforma. No total somam-se nove fragmentos. De registar contudo que os restantes oito fragmentos ocorrem somente nos níveis destruídos e revolvidos da Fase II o que nos leva a crer que esta tende a ser uma decoração tardia no contexto da ocupação pré-histórica da Plataforma B. Nesta linha de pensamento será de estranhar a sua singular ocorrência no momento 2b (mais precisamente na UE 689). A quadrícula de onde o mesmo supostamente proveio, 483/982, trata-se de uma área onde o assentamento da estrutura de contenção [612] e suas várias reconstruções causou alguma turbação dos sedimentos. Poderá este fragmento ser uma intrusão de um nível mais recente? Por outro lado não podemos deixar de considerar a hipótese do erro humano, seja no momento de escavação, na etiquetagem ou nos processos posteriores de lavagem, acondicionamento e marcação. Por último há sempre que admitir que esta seja efetivamente uma organização decorativa que, sendo pouco frequente na plataforma, ocorre neste nível pela primeira

vez.

Podemos assim referir que no momento 2 da ocupação Pré-histórica da Plataforma A, a dominância destaca-se nas cerâmicas impressas, segundo várias técnicas e matrizes. Entre o momento 2ª e o momento 2b assinala-se um pequeno aumento das decorações incisas e sobretudo, no geral, uma maior variabilidade de tipos decorativos. Importa referir que no momento 2 estão ausentes as cerâmicas penteadas e as decorações plásticas, aspectos que distinguem, no que à imagética decorativa diz respeito, este momento dos posteriores.

### 3.2.4. Plat.A, FASE I /Momento 3a

Trata-se de um momento de interface, corresponde a ações de limpeza e remoção de sedimentos (ver Tabela 1 e Anexo II).

### 3.2.5. Plat.A, FASE I /Momento 3b

| **Regadas, Plat.A<br>Momento 3b – caracterização sumária das UE** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[607]** | Alinhamento pétreo em arco que se adossa à [608] | |
| **[608]** | Estrutura ovalada? | |
| **[612]** | Estrutura de contenção da plataforma. | |
| **[666]** | Estrutura adossada ao afloramento rochoso | |
| **[613]** | Unidade sedimentar; nível de circulação | |
| **[690]** | Alinhamento pétreo em arco | |
| **[691]** | Alinhamento pétreo em arco | |
| **[640]** | Empedrado de regularização so substrato? | |
| **[661]** | Embasamento pétreo? | |
| **[662]** | Estrutura cistoide | |
| **[671]** | Unidade sedimentar; nível de circulação | |
| **[634] – fossa 1** | Estrutura negativa: fossa | Data Beta-468969- |

| | | |
|---|---|---|
| | | Regadas_001: 2876-2628 cal.AC (XXIX-XXVII cal AC) |
| **[670] – fossa 3** | Estrutura negativa: fossa | |
| **[683] – fossa 4** | Estrutura negativa: fossa | Data Beta-468970, Regadas_002: 2874-2621 cal.AC (Séc. XXIX-XXVII cal. AC) |
| **668** | Buraco de poste | |
| **675** | Buraco de poste | |

*Tabela 6: Plataforma A, Momento 3b, caracterização sumária das UE.*

Passemos agora às considerações sobre as cerâmicas decoradas associadas a este momento 3b e que somam um conjunto de 191 elementos (ver Anexo VII e An.IX, Gráfico 3). No contexto da ocupação da plataforma A durante a Pré-história recente, o momento 3b, no que às decorações cerâmicas diz respeito, destaca-se dos anteriores pois é nesta altura que aparecem pela primeira vez as cerâmicas penteadas - representação de 12% no conjunto. Ocorre igualmente a decoração plástica, mas reduzida a um único fragmento. Também com a expressão de um único fragmento ocorre pela primeira vez a decoração IVa, agrupada nas metopadas e incisas complexas, que se trata de um decoração reticulada fina. As decorações com triângulos aumentam um pouco a sua proporção relativamente aos momentos anteriores. As decorações incisas, nos seus variados tipos, mantêm uma proporção semelhante ao momento anterior 2b. As cerâmicas impressas no geral veem a sua proporção diminuir, em grande parte pelo peso que as penteadas passam a ter. No entanto, se o grupo das impressas variadas reduz em grande parte o seu peso tornando-se até um pouco menos expressivas que as incisas, já as impressas complexas, de "tipo Regadas" ganham uma ligeira maior expressão neste momento 3b relativamente ao 2b. As cerâmicas sobre as quais não conseguimos avançar com o tipo decorativo mantêm-se em proporção semelhante ao momento anterior, ou seja, em cerca de ¼ do conjunto.

Os tipos decorativos com triângulos diversificam-se, ocorrendo todos os que já se haviam registado no momento 2 ( II1b1, II1a, II1d e II1e) aparecendo pela primeira vez os tipos II1b5 e II1k.

Nas cerâmicas incisas mais simples a única que aparece pela primeira vez é a XXXIIIa que podemos considerar um tipo regionalmente antigo pois remete-nos para o nível IV do Buraco da Pala. Aliás, tal como já acontecia em 2b, o grupo das incisas que evoca tipos antigos, como as de tipo XXXIII e a XXXV, estão bem representadas. Além destas mantém-se a III1h, a III1f(BP) e as linhas incisas horizontais (III1a1 e III1a2).

No que diz respeito aos tipos impressos é curioso notar que pese o facto de este grupo ter perdido representatividade face ao momento anterior, ocorre em 3b um ligeiro aumento de variedade de tipos. Aparecem assim pela primeira vez, ainda que apenas com um exemplar para cada, os tipos III2b2, III2b3 e III2c. Os dois primeiros referem-se variações de linhas horizontais de puncionamentos com interrupções verticais. A III2c refere-se a uma combinação de bandas impressas com uma linha incisa paralela ao bordo. Pela primeira vez ocorre também, num recipiente, o tipo IX(VS) que se trata de uma decoração impressa configurando grinaldas semelhante à decoração conhecida para a Vinha da Soutilha. A partir daqui, a sua presença, ainda que tímida, ocorrerá nos subsequentes momentos Mantém-se, relativamente ao momento 2 (a e b) as impressas complexas III2e e de tipo Regadas (nas variantes XXXVII e XXXVIIa), a XXIIa, a XXIIIa e os tipos mais simples de bandas horizontais impressas/puncionadas III2a, III2a1, III2b e III2b1.

Quanto às decorações penteadas, o tipo V2b é o mais expressivo. Ocorrem ainda os tipos V2a, V3h, V4b1, V6, V16b e V19. Registam-se ainda 6 fragmentos classificados como V(ind) dado que os conseguimos incluir nas cerâmicas penteadas mas não temos suficiente informação para as classificar num tipo mais específico.

De notar ainda que nas UE em torno das quais parece estruturar-se em grande medida o espaço do Momento 3b, como sendo a [613], a [612], a [671] e a [661], o conjunto cerâmico é vasto e no geral apresenta os vários tipos decorativos que caracterizam este momento, nomeadamente os primeiros fragmentos de cerâmicas penteadas.

Neste ponto temos que voltar à questão da estrutura [666] (ver descrição detalhada do Momento 3b em anexo – AnexoII). Com efeito, por entre os elementos pétreos do

seu topo foram recolhidos seis fragmentos de recipientes decorados, todos eles com decoração penteada. Com as questões em torno desta estrutura, que discutimos previamente, não podemos garantir que estes se enquadrem efetivamente no momento 3b. Pessoalmente acreditamos que há grande probabilidade de pertencerem e que a sua concentração deverá ter que ver com funções/associações/significados intrínsecos que cada tipo, ou pelo menos determinados tipos, decorativos pode ter. Não podemos contudo considerar a possibilidade de esta estrutura e este conjunto de fragmentos penteados se relacionarem com um momento posterior nomeadamente até com a UE 638 que, como se discutirá à frente, parece estar associada a um momento de explosão das decorações penteadas, onde estas ganham uma expressão de 56% do conjunto decorado. Até pode ser, dado que as cerâmicas se encontravam praticamente sobre o que restou da [666], que a estrutura se enquadre no momento 3b e as cerâmicas aí tenham sido depositadas intencionalmente no momento posterior. Não temos como saber. Em todo o caso, no que às ilações possíveis de se fazer, a partir do conjunto cerâmico decorado para cada fase, diz respeito, os 6 fragmentos associados à [666] não introduzem alterações significativas. O momento 3b continuaria a ser aquele onde os tipos decorativos penteados surgem pela primeira vez. O seu número decresceria somente de 22 para 16 recipientes. Caso os fragmentos associados à [666] se relacionem com os posteriores momentos 4x e 4y, o que aconteceria é que teríamos um ligeiro acréscimo de peso das penteadas no conjunto (de 25 para 31 fragmentos no caso do 4x, e de 93 para 99 fragmentos, no caso do 4y).

Ainda no contexto do estudo das decorações presentes nos contextos associados ao momento 3b perece-nos pertinente discutir um pouco aquelas identificadas nas fossas e na estrutura [662] (ver An.X, Gráficos 1, 2 e 3),. Não se trata de um conjunto muito grande. No total destas estruturas obtivemos 20 fragmentos de recipientes decorados.

Na [662] tivemos vestígios de apenas 3 recipientes decorados, contudo um era de grandes dimensões. Das fossas, a fossa 4 foi a que forneceu mais fragmentos (12), também porque se tratava da única que estava completa. A fossa 1 e a fossa 3, truncadas pelas valas de cultivo, forneceram 4 e 1 fragmentos, respectivamente. Há contudo uma coerência ao nível do conjunto destas estruturas que não podemos deixar de fazer notar

e que se prende, sobretudo, com o peso que a imagética associada à figura dos triângulos tem (55% no conjunto destas estruturas)[9], destacando-se também depois os tipos decorativos impressos. Mais ainda podemos fazer notar que, de entre as decorações com triângulos, as organizações onde os triângulos se definem por e são preenchidos com linhas incisas (II1b1, II1a, II1b5) assumem particular expressão (ver A.X, Gráfico 4) – que não tem correspondência nas demais escalas de análise dos contextos da plataforma (An.X, Gráfico 6). De entre estas decorações chamamos a atenção para a II1b5. Esta organização decorativa conta, no total, com 4 fragmentos de recipientes na plataforma A. No conjunto das fossas com a estrutura [662] contam-se dois recipientes. Ainda no momento 3b, na UE 661, contamos um terceiro, sendo que o quarto ocorre nos contextos perturbados pelas ações modernas/contemporâneas. Parece-nos contudo significativo, porque se trata de um tipo muito particular e pouco frequente, que 3 dos 4 recipientes identificados se encontrem neste momento 3b, o que dá coerência ao momento enquanto tal, entre as fossas e a estrutura cistoide com o momento 3b e nomeadamente do que diz respeito à contemporaneidade entre estas estruturas. Parece-nos também relevante fazer notar que este tipo decorativo corresponde a uma associação da impressão em ziguezague "tipo Regadas" aos triângulos, figurando estes com o vértice para cima[10], o que torna esta associação às fossas/estrutura [662] ainda mais significativa porquanto estas imagéticas se parecem conectar com a expressão identitária das Regadas, como discutiremos mais à frente.

Relativamente ainda à estrutura cistoide [662] gostaríamos de acrescentar que um dos recipientes detectados (nº 36960) é de muito grande dimensão (terá tido um diâmetro máximo de cerca de 40 a 50cm) Também de relativamente grande dimensão é o recipiente com decoração II1b5. Cremos que esta estrutura poderia assim servir de

[9] Não podemos deixar de considerar relevante que, no total de organizações decorativas baseadas em triângulos registadas na plataforma A, no somatório de todos os momentos de ocupação, os fragmentos identificados nestas pequenas estruturas (fossas + [662]) representam 11,1% desse conjunto. Já no que diz respeito somente ao Momento 3b, podemos dizer que no conjunto total de recipientes com triângulos registado, aqueles identificados nas fossas e estrutura [662] representam 47,8% desse conjunto.

[10] Além da decoração II1b5, também a decoração II1l se caracteriza pelo desenho dos triângulos com o vértice voltado para cima (ver AnexoV). Esta forma de composição com o vértice para cima parece-nos ser característica dos povoados do baixo Tua, dado que nos paralelos regionais mais próximos a forma comum de desenhar os triângulos no corpo do recipiente é com o vértice para baixo.

suporte a recipientes de maiores dimensões, possivelmente até inamovíveis, pelo menos quando cheios, que seriam parcialmente removidos e substituídos quando perdiam a sua funcionalidade.

### 3.2.6. Plat.A, FASE I /Momento 4x[11]

| Regadas, Plat.A<br>Momento 4x – caracterização sumária das UE | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[604]** | Unidade de sedimentos e blocos pétreos. Condenação das unidades associadas ao momento 3b? Derrubes? | |
| **[664]** | Derrube da estrutura de contenção[612] | |
| **[659]** | Derrube da estrutura de contenção[612] | |
| **[628]** | Semelhante à [604]. Deve equivaler-se. Está truncada desta por uma vala de cultivo moderna. | |
| **[627]** | Abandono/ destruiçãoo do empedrado [661]? | |

*Tabela 7: Plataforma A, Momento 4x, caracterização sumária das UE.*

Ao nível da análise das cerâmicas decoradas das UE integradas neste momento podemos dizer que em todas se encontram conjuntos coerentes e similares. No total, foram contabilizados para o momento 4x 172 recipientes/fragmentos decorados. O conjunto das cerâmicas impressas (variadas, barrocas e tipo Regadas) mantém alguma dominância - ganham até um pouco de expressão face ao momento 3b, quer pelo aumento da impressas variadas quer talvez pela pequena perda de expressão das decorações com triângulos e pelo decaimento do número de tipos indeterminados que descem de 24% para 16% (ver Anexo VII e An.IX, Gráfico 4). As cerâmicas penteadas conhecem um ligeiro aumento, passando a constituir 15% do conjunto. As decorações

[11] Sobre a problemática associada à definição dos momentos 2x e 4y atente-se ao Anexo II.

plásticas continuam a marcar presença mas de forma residual. Relativamente ao momento 3b desaparece a categoria das metopadas e incisas complexas que, naquele momento temporal, estava representada por um recipiente apresentando decoração reticulada.

Pese as pequenas variações de que acabamos de dar conta, podemos dizer que o conjunto cerâmico de 4x é extremamente coerente com o anterior momento 3b. Podemos aliás dizer que ao nível da análise geral dos tipos decorativos na forma agrupada (gráficos, Anexo VIII) entre os vários momentos de ocupação definidos para a plataforma A, os que possuem conjuntos que mais se assemelham são o 3b e o 4x.

Analisemos então com mais detalhe as decorações presentes nas UE integradas no momento 4x. Relativamente às decorações com triângulos perde-se aparentemente alguma variabilidade face ao momento anterior. Mantêm-se os tipos II1b1, II1a e II1e e surge um novo tipo, que corresponde na verdade a um exemplar único na plataforma, o II1b2 = XIII.

No que diz respeito às incisas variadas mantém-se, relativamente ao momento anterior, a III1a1, a III1a2, a III1f(BP), a III1h e, no grupo das XXXIII, a XXXIIIa, a XXXIIIb, a XXXIIIc, a XXXIIId e reaparece a XXXIIIf. O subtipo XXXIIIe não ocorre. No que ainda se refere às incisas destacamos o surgimento, pela primeira vez, da III1f3 que se trata no fundo de uma variante da III1f(BP).

Em relação às cerâmicas impressas mantêm-se as III2a, III2a1, III2b, III2b1, III2b2, XXIIa, XXIIIa e IX(VS). Reaparece a organização XXII e aparecem duas novas decorações, que são de resto ambas exemplares únicos na plataforma A: a III2c1 que é uma combinação de linhas impressas/puncionadas com uma incisa mas onde a incisa ocorre em posição inferior relativamente às impressas/puncionadas; e a XXXVIII que se trata de uma decoração com a impressão de circunferências que se distingue das comumente designadas de cana ou caule pela sua grande dimensão (+ de 1cm de diâmetro). Mantêm-se ainda as cerâmicas de tipo barroco III2e e as impressões em ziguezague, tipo Regadas, XXXVII e XXXVIIa.

No que diz respeito às cerâmicas penteadas mantêm-se as decorações V2a, V2b e

V3h. Registam-se pela primeira vez as organizações V2e, que consiste em bandas penteadas justapostas e a V5a/V3a que se trata de uma organização em bandas paralelas de penteado muito fino. Cinco fragmentos com decoração penteada ficaram classificados como V(ind).

Como já referimos, as decorações plásticas que tinham surgido pela primeira vez no momento anterior com um fragmento decorado com um cordão, aparecem neste momento 4x, ambas na unidade [628][12], nas formas XXIV1a e XXIV2c.

### 3.2.7. Plat.A, FASE I /Momento 4y (UE638)

| Regadas, Plat.A<br>Momento 4y – caracterização sumária das UE | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[638]** | Unidade sedimentar | Terá sido já parcialmente afectada peças acções modernas/contemporâneas |

*Tabela 8: Plataforma A, Momento 4y, caracterização sumária das UE.*

As cerâmicas penteadas adquirem no Momento 4y uma expressão de 56% num conjunto total de 166 elementos decorados (ver Anexo VII e An.IX, Gráfico 5). Todos os outros grupos decaem, as incisas e as impressas drasticamente, os triângulos decrescem também o seu peso, embora um pouco menos. As "tipo Regadas" decrescem para 1% e as barrocas não ocorrem neste nível. As decorações plásticas, ainda que até aqui só vestigialmente tenham ocorrido, neste momento 4y são ocorrem de todo. Ocorre sim, pela primeira vez, um fragmento de tipo campaniforme.

Vejamos então com mais detalhe os tipos decorativos presentes na [638]. No que diz respeito às decorações com triângulos estão presentes a II1b1, a II1a, II1d e II1e. Nas cerâmicas incisas variadas temos as linhas incisas horizontais III1a1 e III1a2, as

[12] Talvez seja relevante referir que o fragmento identificado no momento 3b ocorre precisamente na [661], sob a [628]. Em todo o caso os fragmentos não colam nem aparentam pertencer ao mesmo recipiente.

verticais III1f(BP), III1f3 e as de tipo XXXIII (XXXXIIIb, XXXIIIc e XXXIIId). De destacar que ocorrem aqui dois tipos pela primeira vez, e única, na plataforma: o III1c, que consiste em linhas incisas paralelas ao bordo com interrupções verticais e a III1f4, que é na verdade uma decoração muito particular e complexa, que consiste na combinação gráfica de linhas incisas verticais entre horizontais com uma banda penteada, não se conhecendo outro exemplar nem neste sítio, nem noutros. Ao nível dos tipos impressos ocorre a III2a, a III2b, a III2b1, a III2b2, a XXIIa, a IX(VS), a XXXVII e a XXXVIIa. Detecta-se ainda pela primeira vez a III2g, que consiste no tipo impresso com concha, do qual recolhemos outro exemplar de recipiente nos níveis revolvidos da fase II. É também nesta UE que identificamos um fragmento que classificamos como XXXV', isto é, de tipo campaniforme. Como discutiremos adiante identificamos quer nas Regadas, quer na Pedreira, um conjunto de fragmentos classificáveis nos moldes clássicos do campaniforme, mas também um outro conjunto que nos parecem derivações locais desse tipo decorativo. No que diz respeito às cerâmicas penteadas, que são de facto as que caracterizam esta camada, os tipos identificados são o V2a, V2b, V2e, V4b1, V5a/V3a e pela primeira vez as bandas rectilíneas interrompidas verticalmente V3d. Vinte e seis fragmentos permaneceram classificados como V(ind). Ocorre ainda também o caso, único na plataforma, da V3i - bandas onduladas com espaços verticais, sendo que aqui as faixas verticais "em branco" são definidas pela técnica da incisão canelada. Curioso que, se considerarmos estas formas V3d e V3i em articulação com a III1c, que ocorre também somente na [638], e ainda até com a III2b2 podemos assumir que estas decorações com interrupções verticais assumem aqui algum destaque.

### 3.2.8. Plat.A, FASE II: A utilização moderno-contemporânea do espaço

| **Regadas, Plat.A<br>Fase II – caracterização sumária das UE** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |

| | | |
|---|---|---|
| **[600], [601], [602] e [626]** | Unidades sedimentares. Camadas humosas e de superfície. | |
| **[620], [622], [623], [624], [625], [651] e [652]** | Estruturas murarias associadas à construção de socalcos/ plataformas agrícolas | |
| **[603], [637], [641], [645], [646], [647], [648] e [649]** | Unidades sedimentares associadas ao enchimento dos socalcos modernos. | |
| **[629], [630] e [654a]** | Interfaces negativos: valas de cultivo modernas | |
| **[605], [619], [636] e [654]** | Unidades sedimentares que preenchiam as valas de cultivo | |

*Tabela 9: Plataforma A, Fase II, caracterização sumária das UE.*

Como facilmente se compreende, dada a natureza das unidades que definem a Fase II, os materiais arqueológicos integrados nestas unidades revolvidas espelham todas a diacronia de ocupação da plataforma. Contudo, se compararmos o gráfico de organizações decorativas desta fase (An.IX, Gráfico 6) com os dos vários momentos das fases anteriores, percebemos que a informação que nos traz esta fase II é mais do que a soma das partes pelo que, embora contenha em si materialidades que remontarão, possivelmente, aos primeiros momentos de ocupação, não podemos deixar de considerar que uma parte considerável da informação que contém deverá provir de momentos de ocupação possivelmente posteriores ao 4x/4y e dos quais não se conservaram estratigraficamente vestígios. Só assim se entende esta constatação de que o conjunto decorativo que apresenta possui singularidades cuja raíz não se deteta nos momentos anteriores.

No total integra-se nesta Fase II um conjunto de 1062 fragmentos[13]. As incisas variadas mantêm aqui uma proporção reduzida, relativamente aos momentos anteriores, redução essa que já se tinha registado em 4y. Relativamente a 4y regista-se um aumento das decorações impressas, aproximando-se a proporção do conjunto impressas variada/ tipo Regadas e barrocas do que se tinha registado em 3b. Relativamente a 4y

[13] Não podemos deixar de considerar relevante que este valor represente quase 2/3 do total de cerâmicas decoradas da Plataforma A. Com feito, a Fase I totaliza apenas 694 fragmentos.

reaparecem, com uma expressão semelhante à que vinham tendo desde 2b, as impressas barrocas. Reaparecem também, com um peso de 2%, os bordos denteados que, até então só tinham ocorrido no momento 2a. As cerâmicas penteadas mantêm aqui um peso maioritário relativamente aos outros grupos e que se mantém bem maior que as expressões em 3b e 4x, substancialmente mais tímidas, estando longe contudo da expressão maioritária no conjunto que adquiriram em 4y – falamos, agora para a Fase II, de um peso de 30%. Ocorrem ainda na Fase II mais alguns fragmentos de tipo campaniforme (2 fragmentos) e um fragmento dito de campaniforme nos moldes clássicos. Ocorre pela primeira vez um recipiente com decoração metopada e oito fragmentos com decoração incisa nas variações espinhadas que até então só tinha ocorrido num fragmento do momento 2b que inclusivamente colocamos em causa a sua correcta atribuição à UE 689. Facto particularmente relevante, e que pesa nas considerações que fizemos anteriormente, é o peso que as cerâmicas com decoração plástica têm neste conjunto da fase II e que não tem paralelo com nenhum dos momentos anteriores onde apareceram (apenas no 3b e no 4x) sempre de modo vestigial (1 fragmento no 3b e dois no 4x). Na fase II foram detectados 59 fragmentos de recipiente – se as proporção tivesse correspondência com as anteriores seriam expectáveis 12 fragmentos.

Analisando com mais detalhe os tipos decorativos presentes temos, no caso das imagéticas com base nos triângulos, a II1b1, a II1a, II1b5, II1d, II1e, II1k e, pela primeira vez na plataforma ocorre o tipo II1m onde, a partir de uma linha incisa horizontal, se definem triângulos incisos preenchidos com impressões mas onde os triângulos ocorrem alternadamente com o vértice voltado ora para cima, ora para baixo.

Ao nível das cerâmicas incisas registamos as organizações III1a1, III1a2, III1f(BP), III1f(CP), III1f3, III1g, III1h, XXXV e as de tipo XXXIII (a, b, c, d e XXXIIIe). Pela primeira vez ocorre a III1k que se trata de um tipo muito singular e único (Fotografia...) e a III1ia.

Nas cerâmicas impressa ocorrem os tipos III2a, III2a1, III2b, III2b1, III2b2, III2b3, III2c, III2d, III2f, III2g, XXII, XXIIa, XXIIIa, IX(VS), III2e, XXXVII e

XXXVIIa. Os bordos denteados ocorrem aqui em todas as variantes definidas, quer para as Regadas, quer para a Pedreira: bordos denteados, digitados e puncionados, associados ou não a outras decorações, incisas ou impressas: III3a, III3b, III3c, III3d e III3e.

As decorações penteadas apresentam nesta fase um grande variabilidade de tipos. Além da V2a, V2b, V2e, V3d, V3h, V4b1, V5a/V3a e V6, ocorrem pela primeira vez os tipos V19, V19a, V20 e o tipo combinado V+III2e. Os tipos V19 e 19a referem-se a um tipo de penteado designado "arrastado" ou com paragens. O V20 designamos um tipo de penteado canelado pois é realizado com um pente de pontas largas e com uma incisão leve. Como V(ind) permaneceram classificados 142 fragmentos.

As cerâmicas campaniformes ocorrem, como já havíamos referido, nos tipos XXV e XXV'.

Nas cerâmicas incisas espinhadas registamos as organizações XXXIX(I4a) e XXXIX(I4c).

As decorações plásticas ocorrem em quase todas as variantes: XXIV1a, XXIV1b, XXIV2a e XXIV2c.

Ocorrem ainda dois fragmentos com uma decoração de tipo exciso, que designamos XL, e que somente aparecem na fase II.

## 3.3. PLATAFORMA B: Imagética decorativa e Reinterpretação do faseamento crono-estratigráfico da ocupação;

Transpondo para aqui as considerações efetuadas no início do ponto 3.2 e remetendo para o Anexo II uma descrição mais detalhada das unidades que definem cada momento de ocupação da Plataforma B, apresentamos então a tabela sintética desses Momentos /UE.

| Regadas, Plat.B<br>Unidades estratigráficas integradas no faseamento de ocupação do sítio | | |
|---|---|---|
| **Momento de ocupação** | **Unidades estratigráficas** | **Obs.** |
| **Fase I, Momento 1** | [1852] e [1853] | Momento de ocupação sem materiais cerâmicos |
| **Fase I, Momento 2** | [1851]<br>[1849]<br>[1841]<br>[1850]<br>[1840] | |
| **Fase I, Momento 3a** | [1813]<br>[1839]<br>[1814]<br>[1847]<br>[1842] | Data BETA-468973, Regadas_005: 2863-2503 cal. AC |
| **Fase I, Momento 3b** | [1812], | |
| **Fase I, Momento 4** | [1845] | |
| **Fase II** | [1800], [1801], [1808], [1848], [1804], [1809], [1810], [1817], [1854] e [1805] | Unidades associadas ás transformações moderno-contemporâneas da plataforma. |

*Tabela 10: Faseamento da ocupação da Plataforma B. Tabela de síntese das UE associadas a cada Momento. As setas identificam as relações estratigráficas de sobreposição direta.*

### 3.3.1. Plat.B, FASE I /Momento 1

Trata-se este do momento de ocupação conservado mais antigo da Plataforma B. Dado não conter materiais cerâmicos, apresentamos somente uma tabela descritiva da natureza das UE associadas.

| Regadas, Plat.B<br>Momento 1 – caracterização sumária das UE | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1852]** | Estrutura pétrea circular. Fundo de cabana? | Elementos pétreos maioritariamente em granito e quartzo, com alguns elementos de menores dimensões em xisto, |
| **[1853]** | Unidade sedimentar com dispersões de elementos | . |

| | | |
|---|---|---|
| | pétreos. Unidade de assentamento da [1852]. | |

*Tabela 11: Plataforma B, Momento I, caracterização sumária das UE.*

### 3.3.2. Plat.B, FASE I /Momento 2

| Regadas, Plat.B<br>Momento 2 – caracterização sumária das UE | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1851]** | Unidade sedimentar. | |
| **[1849]** | Estrutura. Alinhamento pétreo em arco que possivelmente configurava uma estrutura circular. | |
| **[1841]** | Elementos pétreos semi estruturados | Não é com certeza incluída neste momento. |
| **[1850]** | Núcleo pétreo estruturado. | |
| **[1840]** | Estrutura cistoide | |

*Tabela 12: Plataforma B, Momento 2, caracterização sumária das UE.*

No que diz respeito então ao momento 2, o conjunto de cerâmicas decoradas é composto apenas de 2 fragmentos: um fragmento com decoração incisa de tipo III1f3 (proveniente da [1850] e uma impressa III2b (proveniente da estrutura [1841] só hipoteticamente incluída neste momento (ver Anexo VII e An.XI, Gráfico 1). Apesar de o nosso estudo se ter debruçado sobre as cerâmicas decoradas não podemos neste ponto deixar de considerar a informação das cerâmicas não decoradas. Com efeito sendo a mancha de ocupação deste momento 2 semelhante à posterior 3a, que lhe sobrepõe (ver plantas, AnexoII), que significado poderá ter este número tão reduzido de fragmentos? Claro que uma das questões que logo se levanta é se esta escassez se refere apenas às cerâmicas decoradas ou se se trata de facto de um conjunto efetivamente reduzido. Na verdade se considerarmos apenas as UE 1851, 1849 e 1850, que são aquelas indubitavelmente incluídas no momento 2, verificamos que ocorre um total de 18 fragmentos, um dos quais com decoração incisa. Se a estes adicionarmos aqueles associados à estrutura [1841] que hipoteticamente, mas sem certeza, incluímos neste momento, então teríamos mais 34 fragmentos, um dos quais decorado (o fragmento com

decoração III2b). Neste caso teríamos então um total de 52 fragmentos, dois dos quais decorados. Só na 1813, que ocupa a mesma área, no momento posterior, temos um total de 824 fragmentos, 59 dos quais decorados. Assim sendo, e mesmo que seja certa a adstrição da [1841] ao momento 2, percebe-se que há uma grande diferença, em quantidade, relativamente às cerâmicas que contém. Se tivermos em consideração apenas a mancha associada ao nível [1851] e suas estruturas, com um total de 18 fragmentos, esta diferença agudiza-se ainda mais.

### 3.3.3. Plat.B, FASE I /Momento 3a

| **Regadas, Plat.B<br>Momento 3a – caracterização sumária das UE** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1813]** | Unidade sedimentar associada a uma grande dispersão de elementos pétreos, dando-lhe um carácter de empedrado. Unidade de destruição? Embasamento? | Incêndio? |
| **[1839]** | Sedimento que cobria a estrutura [1840]. | Data BETA-468973, Regadas_005: 2863-2503 cal. AC |
| **[1814]** | Estrutura. Lajeado muto destruído? | |
| **[1847]** | Empedrado subcircular | |
| **[1842]** | Unidade sedimentar de regularização do substracto rochoso. | Na área sul da plataforma. |

*Tabela 13: Plataforma B, Momento 3a, caracterização sumária das UE.*

No que diz respeito ao estudo das cerâmicas decoradas verifica-se que o momento 3a, que apresenta um conjunto de 93 fragmentos de recipientes decorados, é claramente dominado pelas cerâmicas impressas (ver Anexo VII e An.XI, Gráfico 2). Impressas variadas em conjunto com barrocas, tipo Regadas e bordos denteados têm um peso de 63% no conjunto. Seguem-se as decorações incisas com uma expressão de 14% do conjunto e os triângulos com 3%. De destacar ainda neste momento a ocorrência de um fragmento de recipiente com decoração no grupo das incisas espinhadas e outra com

uma decoração puncionada organizada em métopas.

Vejamos então com detalhe os tipos decorativos presentes: os triângulos ocorrem pela primeira vez e com os tipos II1b1, II1e e II1l. Ao nível das incisas está presente o motivo inciso horizontal paralelo ao bordo III1a1 e depois os vários tipos com linhas incisas verticais ou oblíquas III1f(BP), III1f3, III1h e XXXIIIc. Ocorre também um fragmento inciso espinhado do tipo XXXIX(I4a). De entre os tipos impressos ocorrem os tipos mais comuns e simples de linhas horizontais de impressões ou puncionamentos III2a e III2b bem como o tipos similar aos anteriores mas com impressões/puncionamentos arrastados III2b1. Das impressões/puncionamentos em linhas horizontais, mas desta feita com interrupções verticais não decoradas, temos o tipo III2b2. Aparecem ainda as bandas impressas combinadas com uma linha incisa paralela ao bordo III2c, os puncionamentos extremamente finos, designados pontilhados, III2f e a decoração ungulada XXIIa. Note-se que as III2c e III2f são exclusivas deste momento. No caso dos tipos impressos mais complexos, temos a III2e e os vários tipos de impressões em ziguezague, tipo Regadas, XXXVII, XXXVIIa e XXXVIIb. Além destas registou-se ainda um bordo de tipo III3d. Como já havíamos referido ocorre neste nível um fragmento com decoração classificada como metopada, correspondente ao tipo Io identificado no povoado da Vinha da Soutilha, daí o termos designado Io(VS).

### 3.3.4. Plat.B, FASE I /Momento 3b

| **Regadas, Plat.B<br>Momento 3b – caracterização sumária das UE** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1812]** | Unidade sedimentar | Momento de sedimentação e abandono? |

*Tabela 14: Plataforma B, Momento 3b, caracterização sumária das UE.*

O Momento 3b terá resultado em grande parte de fenómenos de abandono, e degradação de estruturas do momento anterior, verificando-se nomeadamente uma

grande coerência das decorações que apresenta com as anteriormente registadas mantendo-se, nomeadamente um grande predomínio das cerâmicas impressas, ainda que com uma ligeira diminuição das barrocas, que somam um total de 69% do conjunto (ver Anexo VII e An.XI, Gráfico 3). Há ainda a registar um ligeiro aumento das decorações com base em triângulos, embora estas se remetam para um único tipo decorativo, e uma leve diminuição das incisas. Neste conjunto associado ao momento 3b, e que é constituído por 91 fragmentos, não ocorrem contudo, relativamente ao 3a, decorações nos grupos das incisas espinhadas, metopadas ou bordos denteados.

Atentando com mais detalhe nos tipos decorativos, registamos então as decorações com triângulos que desta feita ocorrem apenas segundo o tipo II1e, já presente no momento anterior. No que diz respeito ao motivos incisos registámos, em continuidade com o momento 3a, a III1a1, a III1f(BP), a III1f3 e a III1h. Ocorre de forma única neste momento a decoração III1i , que se trata de uma linha incisa quebrada paralela ao bordo. De entre as variações do tipo XXXIII ocorrem desta feita as decorações XXXIIIa e XXXIIIb.

Relativamente às decorações impressas ocorrem aqui também a III2a, a III2b, a III2b1 e a XXIIa. De novo, relativamente a 3a, aparece a impressão/puncionamento arrastado numa linha única paralela ao bordo III2a1 e as impressões circulares de pequena dimensão XXIIIa. No que diz respeito às decorações impressas mais complexas identificam-se, em continuidade com o momento anterior, a III2e, a XXXVII, a XXXVIIa e a XXXVIIb.

### 3.3.5. Plat.B, FASE I /Momento 4

| **Regadas, Plat.B<br>Momento 4 – caracterização sumária das UE** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1845]** | Unidade sedimentar | Na área sul da plataforma |

*Tabela 15: Plataforma B, Momento 4, caracterização sumária das UE.*

Além das cerâmicas penteadas, ocorrem neste momento as cerâmicas impressas que, em conjunto com as impressas barrocas, constituem outros 40% do conjunto e ainda o grupo das incisas variadas, com um peso de 15% (ver Anexo VII e An.XI, Gráfico 4). Os triângulos estão ausentes e as impressas complexas tipo Regadas também. Este é contudo um conjunto pequeno de materiais pelo que, sendo indicativo, sobretudo pelo significado que as penteadas têm na interpretação do conjunto, a par de outras considerações passíveis de se fazer em paralelo com os resultados do estudo da Plataforma A, não poderá ser tomado como absolutamente representativo do que possa ter realmente sido o momento 4.

Atentando com mais detalhe nos tipos decorativos verificamos a ocorrência das decorações III1a1 e III1f(BP) no grupo das incisas, as decorações III2a, III2b e III2e no grupo das impressas e impressas barrocas e por fim então, as que constituem "novidade" no contexto da plataforma, as penteadas, com os tipos V2b e V3h representados a que se soma um fragmento sobre o qual não foi possível discernir o tipo decorativo.

### 3.3.6. Plat.B, FASE II

| **Regadas, Plat.B<br>Fase II – caracterização sumária das UE** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1800] e [1801]** | Unidades sedimentares. Camadas humosas e de superfície. | |
| **[1808] e [1848]** | Estruturas murarias associadas à construção de socalcos/ plataformas agrícolas | |
| **[1804], [1809], [1810] e [1817]** | Unidades sedimentares associadas ao enchimento dos socalcos modernos. | |
| **[1854]** | Interface negativo: vala de cultivo moderna | |
| **[1805]** | Unidade sedimentar que preenchia a vala de cultivo | |

*Tabela 16: Plataforma B, Fase II.*

No que concerne aos materiais pré-históricos identificados nas camadas integradas na Fase II estes reflectem, como já havíamos considerado para a plataforma A, toda a diacronia de ocupação da área, dados os revolvimentos de sedimentos, escorrências, etc, sendo expectável que expressem ainda mais os níveis mais recentes da ocupaçãoo pré-histórica que, ao estarem numa posição estratigraficamente superior ficaram mais expostos às ações do tempo e às de carácter antrópico levadas a cabo nesta fase.

À luz destas considerações, destacamos no conjunto das cerâmicas decoradas, que perfazem um total de 484 fragmentos, a expressão mantida pelas cerâmicas penteadas (20%) e o aparecimento, pela primeira vez das cerâmicas campaniformes, bem como das decorações plásticas (ver Anexo VII e An.XI, Gráfico 5).

Relativamente aos tipos decorativos com triângulos ocorrem nesta fase todas os anteriormente registados, acrescidos do tipo II1f, que são aqueles definidos apenas por linhas de puncionamentos, isto é, sem linhas incisas a definir o seu contorno.

No que diz respeito às cerâmicas incisas variadas mantém-se tipos já anteriormente ocorridos e surge pela primeira vez a III1f(CP), que combina linhas paralelas ao bordo com uma bandas de outras verticais ou oblíquas, e uma variação da XXXIII, a XXXIIId, que combina duas linhas de incisões verticais curvas. Nas incisas complexas ocorre pela primeira vez o reticulado.

No que concerne às decorações impressas ocorrem os tipos já mais frequentes dos outros momentos e surge apenas pela primeira vez a impressão de concha III2g.

Em relação aos tipo penteados mantém-se, relativamente ao momento 4, o tipo V2b; desaparece o tipo V3h e surgem os tipos V2e, V4b1 e V19.

Como havíamos referido nesta Fase II fica também atestada a presença das cerâmicas campaniformes nesta área do povoado. Com feito recolheram-se 5 fragmentos decorados nas formas mais clássicas do campaniforme e 4 que consideramos extrapolações locais destas. Paralelamente às campaniformes esta fase vem também atestar a presença das decorações plásticas.

Volta ainda a aparecer nesta fase a XXXIX(I4a) que se havia igualmente identificado no momento 3a da Fase I.

## 3.4. O estudo da imagética decorativa das cerâmicas das plataformas A e B e seu contributo para a problematização da ocupação do sítio das Regadas

O trabalho que realizamos deu-nos novas ferramentas quer para afinar as propostas anteriormente esboçadas de faseamento da ocupação (Teixeira et ali, 2016), quer para avaliar novas variáveis ao longo da diacronia de ocupação da Pré-história recente deste povoado, permitindo, nomeadamente, um estudo comparativo mais integrado das duas plataformas.

Tentaremos assim de seguida fazer um balanço geral da imagética decorativa e sua evolução ao longo da ocupação para cada plataforma, cruzando em seguida os dados para ambas as plataformas, A e B. Este capítulo articula-se com as tabelas anexas (Anexo VII e Anexo VIII) que detalham para cada momento temporal das plataformas escavadas o número de fragmentos/recipientes para cada organização decorativa bem como com os gráficos dos anexos IX, XI e XII.

Na plataforma A, após o primeiro momento de ocupação que, como vimos, não apresentou materiais cerâmicos, ocorre o momento 2, claramente dominado pelas cerâmicas impressas, com ligeiras variações entre os momentos 2a e 2b. Entre 2a e 2b podemos dizer que há um mesmo fundo imagético ocorrendo, sobretudo de 2a para 2b, uma diversificação de tipos decorrente possivelmente da passagem do tempo e das pequenas transformações que inevitavelmente a relação das pessoas, e das experiências que vão acumulando com o materiais, os modos de fazer e a própria experiência estética vão sofrendo . É também no momento 2 que os motivos impressos mais complexos (as designadas barrocas e de tipo Regadas) têm maior expressão muito embora esta se mantenha de uma forma relativamente constante na ocupação, com exceção do momento 4y, associado à UE 638. No momento 2a pode contudo notar-se uma franca maior expressão do “tipo Regadas”.

Alguma ruptura/ transformação parece ocorrer do momento 2, para o momento 3. Sendo o 3a definido como um interface estratigráfico e contextual, do momento 2b para o 3b a diferença manifesta-se no aparecimento, e com expressão que se pode considerar significativa, das cerâmicas penteadas. E estas sobressaem sobretudo fazendo recuar o peso das impressas variadas dado que as incisas parecem manter o seu peso, grosso modo, nos mesmos termos. Os triângulos até adquirem uma expressão mais marcada (sobretudo pelos contextos associados às fossas, como já tivemos oportunidade de discutir) e as impressas complexas mantêm-se nos mesmos moldes relativamente a 2b, aumentando até ligeiramente as de tipo Regadas. Aparecem também em 3b as decorações plásticas, ainda que se mantenham, daqui para a frente, somente de forma vestigial em todas as estratigrafias conservadas da Pré-história. A esta transformação ao nível das decorações cerâmicas parece corresponder todo um conjunto de ações reformuladoras e reestruturantes do espaço da plataforma. Diríamos, com as devidas ressalvas[14], que o momento 3 se terá caracterizado por uma ocupação de maior escala ou, pelo menos, maior impacto arquitectónico.

Entre o momento 3 e o 4x a continuidade ao nível das decorações cerâmicas é grande, ocorrendo apenas pequenas variações entre alguns grupos. Se no estabelecimento das fases de ocupação tivéssemos apenas em consideração a imagética decorativa das cerâmicas, não teríamos dúvidas em designar o momento 4x como momento 3c. Contudo, e como já discutimos, as ações associadas a 4x distinguem-se estratigraficamente e têm, aparentemente, um caráter diferente ao parecer configurar uma condenação, pelo menos parcial, da plataforma. Se 4x se tratar efetivamente de uma condenação então poderá fazer sentido que 4y se lhe associe. Falamos obviamente da explosão das cerâmicas penteadas em detrimento de todos os outros tipos, incluindo as incisas variadas que, até então, viam a sua representação em valores relativamente estáveis. De notar também que, exceção no contexto de toda a ocupação, as impressões

[14] Com as devidas ressalvas pois não podemos na verdade avaliar, com total segurança, o grau de destruição da ocupação dos momentos posteriores, particularmente do 3, relativamente aos vestígios da ocupação associada ao momento 2; nem podemos avaliar com segurança de que modo terá sido ocupada e estruturada a plataforma nos momentos posteriores ao 4, dado que não temos deles estratigrafias conservadas.

em ziguezague de tipo Regadas quase desaparecem. Até pode ser que o mesmo grupo, ou até a mesma geração, presente na ocupação 3b tenha levado a cabo as ações associadas a 4x e a 4y, sendo o carácter excepcional de 4y explicado pelas associações de determinado tipo cerâmico, neste caso as penteadas, a determinadas ações/contextos ou significados específicos que tenham tido lugar nesse momento. Mas facto é que estas rupturas, sejam de que carácter forem, são as que nos permitem criar pontos de referencia no cruzamento de dados – seja ao nível da plataforma, seja entre diferentes plataformas ou até entre diferentes sítios. Efetivamente 4y não pode deixar de ser relevado nesse contexto, destacando-se ainda o aparecimento da decoração campaniforme. No que diz respeito às penteadas, dir-se-ia que nas ocupações posteriores a 4y, das quais não restaram níveis conservados, as penteadas terão mantido uma boa expressão, com base na análises das decorações presentes nos níveis de revolvimento. Parece-nos também que, nessas ocupações posteriores, as decorações plásticas terão tido um peso bastante maior do que o até então registado.

Integrando agora estes dados com os da Plataforma B, podemos, logo à partida, estabelecer em moldes semelhantes à Plataforma A, uma separação entre os momentos de ocupação sem cerâmicas penteadas e o momento a partir do qual estas surgem. Note-se que, pese o espaço escavado na Plataforma B ser consideravelmente menor e a sucessão de ocupações ser estratigraficamente menos complexa, porquanto, praticamente só se conservaram os níveis mais antigos, o estudo das temáticas decorativas das cerâmicas permitiu perceber uma grande coerência entre as duas plataformas, possibilitando o estabelecimento de pontes entre os vários momentos das duas plataformas que, como se terá percebido, foram estabelecidos de forma independente. Ao nível de factos/ rupturas no conjunto dos materiais arqueológicos temos, além do aparecimento das cerâmicas penteadas, a conectar o momento 3b da plataforma A com o momento 4 da plataforma B, as unidades estratigráficas mais antigas de ambas as plataformas - de onde estão ausentes os materiais cerâmicos. Ao nível de eventos temos, em ambas as plataformas, a provável ocorrência de um incêndio: na plataforma A possivelmente no término do momento 2b, associado às unidades [687] e [689] e, na Plataforma B, associado à unidade [1813] do momento 3a.

Para esta situação temos a considerar duas hipóteses: 1) que estes dois incêndios coincidem no tempo, tendo como argumento o facto de que, e sendo 3b da Plataforma B um momento de abandono, há a coincidência de estes momentos marcarem o último momento de ocupação pré surgimento das cerâmicas penteadas; 2) que estes dois incêndios não ocorrem simultaneamente, sendo possível conectar mais estreitamente o momento 3a da Plataforma B com o momento 2a da Plataforma A do que com o 2b. Tal é possível se dermos ainda mais importância cronológica ao peso maioritário que as cerâmicas impressas têm, e muito em particular das "tipo Regadas", se dermos significado cronológico à presença da decoração Io(VS) e se considerarmos as datas absolutamente coincidentes das duas sementes datadas (uma do momento 2a da Plataforma A e outra do momento 3a da Plataforma B). Por outro lado se dermos importância à presença de um fragmento de cerâmica incisa espinhada do tipo XXXIX(I4a) então até temos novamente uma maior conexão entre a 3a da Plataforma B com a 2b da Plataforma A. Efetivamente há nuances nas gramáticas decorativas de cada plataforma pelo que não podemos tentar chegar a uma minúcia que os dados não permitem. Ambos os momentos temporais 2a e 2b, da plataforma A partilham afinidades com os momentos 3a e 3b da plataforma B.

Se o incêndio nas duas plataformas corresponde a um evento único ou díspar no tempo, a diferença é que no primeiro caso as ocupações 2b da Plataforma A e 3a da Plataforma A são então absolutamente contemporâneas. No segundo caso o incêndio na Plataforma B acontece primeiro, sendo esta ocupação contemporânea de 2a na Plataforma A. Este é um nível de precisão a que não podemos ousar chegar. O que podemos seguramente afirmar, com base nos materiais e nas datações obtidas, é que os níveis 2a e 2b da Plataforma A e 3a e 3b da Plataforma B marcam o fim do período pré-penteadas e que terá decorrido entre 2863-2503 cal.AC (Séc.XXIX e XXVI cal.AC), valor que, pelos intervalos estatísticos a considerar, não deixa um grau de precisão superior a c. de 250 anos de calendário.

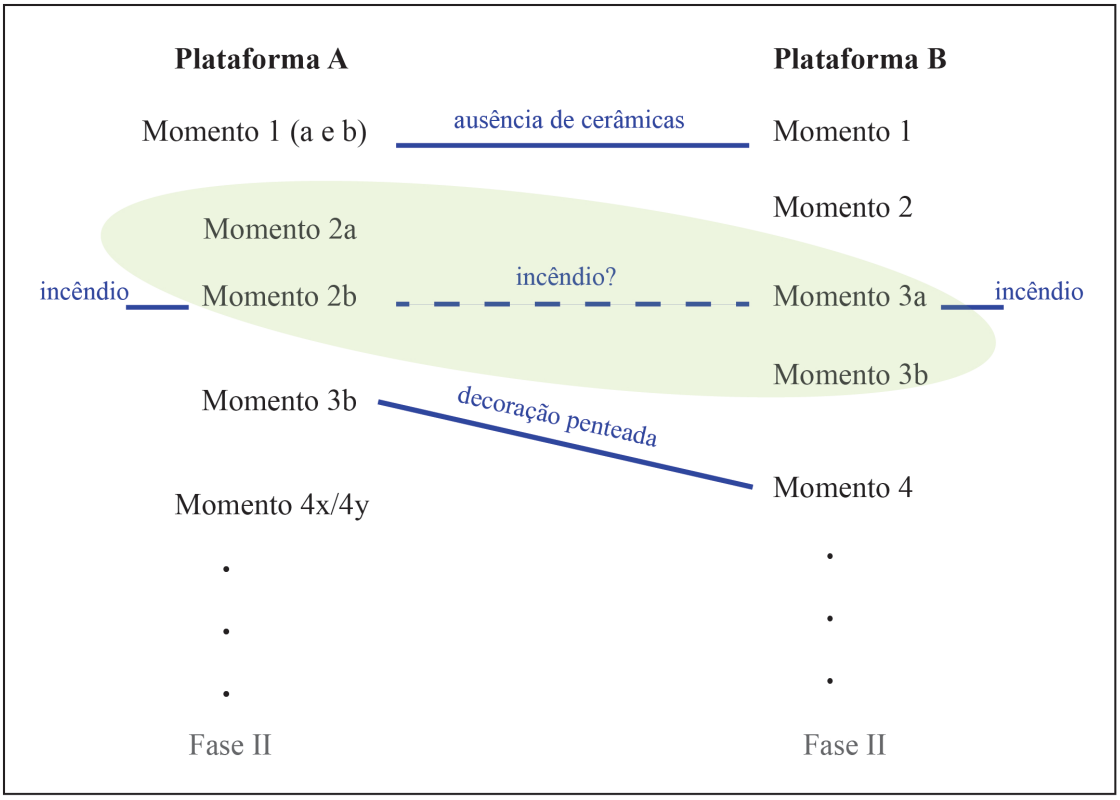



*Fig. 5: Esquema interpretativo da articulação das ocupações das Plataformas A e B das Regadas.*

Analisemos então agora com mais detalhe o comportamento das decorações cerâmicas na Plataforma B ao longo do tempo de ocupação.

Dos contextos associados ao momento 2 só temos, como vimos anteriormente, dois fragmentos decorados, um com decoração incisa III1f3 e outro com decoração impressa III2b. É muito difícil fazer elações sobre esta realidade. Será apenas algo circunstancial, relacionado com os tipos de contexto em causa, suas funcionalidades e sua preservação ainda em período pré-histórico? Ou será este um momento que após o Momento 1, onde parece não ocorrerem cerâmicas, traduz um outro em que a sua produção e subsequente uso ainda não ocorria aqui em grande escala? Poderemos assim estar a falar de um momento temporal consideravelmente mais antigo que os posteriores? Estas são questões que terão de permanecer em aberto ainda que no capítulo final se tente consubstanciar um pouco mais a discussão. O que podemos dizer

é que nas realidades escavadas na plataforma A não identificámos paralelo para este nível.

O momento 3, a e b, da Plataforma B, é caracterizado por uma extremamente marcada dominância das cerâmicas impressas onde as de tipo Regadas têm uma expressão que é a maior no contexto das duas plataformas. Aliás pode notar-se que estas cerâmicas têm, no contexto geral da imagética decorativa dos recipientes, efetivamente uma expressão um pouco maior na Plataforma B que na Plataforma A.

Pelo contrário, as incisas variadas, ou nas suas formas gerais mais comuns, mantêm, até à explosão das penteadas, uma expressão mais significativa na Plataforma A que na B[15]. Na plataforma B, como referimos anteriormente, o único nível preservado que plasma o aparecimento das penteadas é constituído por um conjunto relativamente pequeno de fragmentos. Se ele for representativo do que realmente terá sido o momento 4, podemos considerar que há, à semelhança da Plataforma A, uma explosão das penteadas, ainda que não atinja as percentagens da Plataforma A e não se verificando uma redução percentual nas impressas como o verificado na A. Na verdade há até um aumento percentual das barrocas, embora as tipo Regadas desapareçam de todo, parecendo que é à custa destas que as penteadas adquirem um peso tão grande. Note-se, em todo o caso, que situação similar ocorre na plataforma A onde as tipo Regadas no momento 4x, o da explosão das penteadas (que em todo o caso já ocorriam desde 3b), reduzem-se a um nível vestigial. Note-se em ambas as plataformas estes dois momentos constituem assim exceção dado que as tipo Regadas são, no geral, presença marcada, constante e relativamente expressiva, ao longo de todos os momentos de ocupação[16].

No caso da Plataforma A, ao momento da explosão das cerâmicas penteadas (não ao momento do aparecimento) está também associada a primeira ocorrência de cerâmica

[15] Claro que estas observações devem ser entendidas sempre mais em termos indicativos e com algum relativismo porquanto o peso estatístico do conjunto da Plataforma A é muito mais significativo que o da Plataforma B, que apresenta uma coleção muito menor. Por outro lado, este aspecto pode até ser contrabalançado por alguma maior fiabilidade representativa que os níveis da Plataforma B possam ter, uma vez que esta não acusa os contextos de constantes reformulações e intervenção sobre níveis mais antigos, ainda durante a Pré-história, que o registado na Plataforma A, sobretudo entre os momentos 2b e 3b.

[16] Na plataforma B é também exceção o momento 2, mas esse, como já discutimos, tem outras questões a si associadas.

de tipo campaniforme. No caso da Plataforma B esta só está registada nos níveis revolvidos associados à Fase II sendo que, em todo o caso, o conjunto destas decorações na Plataforma B é um pouco mais expressivo. No que diz respeito às decorações plásticas estas só ocorrem igualmente nos níveis da Fase II, o que corresponde também ao constatado na Plataforma A onde, pese o facto de vestigialmente terem ocorrido nos momentos 3b e 4x, num total de 3 fragmentos de recipientes, é nos momentos mais recentes que não ficaram preservados estratigraficamente que estas decorações tiveram uma significativa expressão. No caso da Plataforma B, contudo, as decorações nunca chegam a atingir valores que se possam considerar relativamente expressivos.

Passemos agora a tecer algumas considerações acerca de alguns tipos decorativos específicos e sua ocorrência entre as duas plataformas.

Há organizações que são recorrentes ao longo dos vários momentos e fases, algumas desde os primeiros níveis de ocupação. Como exemplo, temos a III1f(BP), que consiste numa linhas paralela ao bordo de incisões curtas, verticais ou levemente oblíquas. Esta organização decorativa está presente em todos os momentos quer da Plataforma A, quer da Plataforma B[17] e, curiosamente, têm exatamente o mesmo peso, 2%, no conjunto geral das cerâmicas decoradas da plataforma A e da Plataforma B (Anexo XII, Gráficos 3 e 4). Na Plataforma A, ainda no grupo das incisas, destaca-se a imagética associada à decoração de tipo XXXIII (Anexo XII, Gráficos 7, 8, 9 e 10), com particular destaque para a XXXIIIb e XXXIIIc que estão presentes ao longo de toda a ocupação da plataforma A. Na plataforma B o tipo XXXIII está presente em todos os momentos, com exceção do 4 onde, como sabemos também, o conjunto cerâmico não é vasto, sendo que o tipo XXXIIIc ocorre logo no momento 3a. A XXXIIId parece trata-se de uma variação da XXXIIIc, que, não se tendo registado no Momento 2a, ocorre dali em diante em todos os momentos pelo que a consideramos também expressiva no contexto da Plataforma. Os subtipos "e" e "f " parecem também variações em torno deste tipo decorativo que ocorrem apenas na Plataforma A, mas de uma forma mais residual. Na Plataforma A os subtipos b, c e d da XXXIII têm um peso

[17] Destas considerações vamos excluir o Momento 2 da Fase I da Plataforma B pois, com os seus dois únicos fragmentos decorados, não a podemos considerar com representação a este nível.

de 4% no conjunto, destacando-se mais a XXXIIIc. Na plataforma B destaca-se igualmente a XXXIIIc, sendo que o peso de b e d não chega a 1% cada. No total têm um peso de 2% no conjunto, corroborando que este tipo decorativo tem uma pequena maior expressão na Plataforma A. No entanto, no conjunto das organizações decorativas incluídas no grupo "Incisas Variadas" é notória a expressão do tipo XXXIII. Estas organizações que referimos, III1f(BP) e tipo XXXIII podem ser consideradas decorações de fundo antigo ao nível regional.

Ao nível da decoração com triângulos destaca-se sobretudo a variante II1e que na Plataforma A é transversal a todos os momentos (tendo um peso total de 3%) e na Plataforma B ocorre em todos com exceção do 4 (tendo um peso total de 2%) (Anexo XII, Gráficos 1, 2, 13 e 14). Na Plataforma A os tipos II1b1 e II1a, não ocorrendo no nível 2a, são constantes nos momentos daí em diante. Na plataforma B o II1b1 também ocorre mas apenas no Momento 3a e na Fase II.

As linhas horizontais com impressões ou puncionamentos, arrastados ou não, são também tipos transversais na ocupação das Regadas (Anexo XII, Gráficos 5 e 6). A organização III2a, consistindo numa única linhas de impressões/puncionamentos não arrastados paralela ao bordo ocorre em todos os momentos de ocupação de ambas as plataformas. A variante III2b, semelhante à anterior, mas consistindo em duas ou mais linhas é igualmente transversal à ocupação de ambas as plataformas incluindo mesmo, na Plataforma B, o momento 2. Na sua variante arrastada, III2b1 ocorre também em todos os momentos da Plataforma A e excetua-se do momento 4 na plataforma B. A variante arrastada consistindo numa só linha III2a1 não foi registada no momento 4y da Plataforma A, sendo que na B ocorre apenas no 3b e na Fase II. Se considerarmos numa única organização, separando apenas impressões simples das arrastadas, os tipos III2a/III2b e III2a1/III2b1 vemos que o segundo caso torna-se também transversal da Plataforma A e na B falha apenas o momento 4, embora tenha até um pouco mais de expressão percentual nesta plataforma. Com efeito III2a/III2b tem um peso de 10% na Plataforma A e de 15% na B. As variações arrastadas III2a1/III2b1 têm um peso de 4% na Plataforma A e de 6% na Plataforma B.

De entre as decorações impressas, as impressões unguladas são também uma constante ao longo dos vários momentos da Plataforma A, sendo que na B está omissa apenas do momento 4. Em todo o caso a sua expressão na Plataforma B (4%) é o dobro do que na A (2%).

No que diz respeito às impressas barrocas III2e estas ocorrem em todos os momentos da Plataforma B, sendo que na A não foram registadas no 2a e no 4y(na Plataforma A têm uma expressão geral de 3% e na Plataforma B de 4%). Com base em argumentos que ainda desenvolveremos estas decorações cerâmicas são por nós entendidas como uma marca identitária destas comunidades do Baixo Tua em conjunto com as impressões em ziguezague "tipo Regadas". Estas últimas ocorrem de forma transversal aos vários momentos de ocupação da Plataforma A, sendo que na B apenas não se registaram no momento 4 que, como já referimos algumas vezes, pode não ser totalmente representativo do momento, dado que se refere a uma única UE, com um número reduzido de fragmentos decorados. Ainda assim, percentualmente estas organizações ocorrem com um pouco mais de expressão no conjunto da Plataforma B (15% na B e 6% na A). Identificadas como XXXVII, as "tipo Regadas" têm uma particularidade no seu tipo XXXVIIb (a variante onde as impressões são largas e leves, fazendo lembrar caneluras): é que este ocorre apenas nos momentos mais antigos de ambas as plataformas. No momento 2a da Plataforma A e nos 3a e 3b da Plataforma B – momentos estes que se não forem contemporâneos se situarão em balizas cronológicas muito próximas. Em todo o caso, note-se, todas as três variantes estão presentes desde os momentos mais antigos em ambas as plataformas. A XXXVIIb, por algum motivo, parece ter sido abandonada (talvez por não ter o impacto visual que caracteriza XXXVII e XXXVIIa?).

Estivemos até aqui a nomear e a analisar as organizações que independentemente do peso da sua expressão no conjunto, têm um registo permanente na ocupação do sítio, podendo de alguma forma assim considerar-se como um fundo comum da ocupação deste povoado. Passemos agora a analisar a ocorrência de alguns tipos excepcionais, que ocorrem de forma aparentemente pontual e de que forma se traduzem, nalguns casos, em nuances que distintivas das duas plataformas ou, noutros casos, em particularidades

que as conectam.

No que diz respeito a decorações com base em triângulos, destacamos na Plataforma A uma organização, a II1b5, pelo facto de parecer estar associada particularmente com o momento 3b com estruturas negativas e a cistóide. Esta organização não ocorre na Plataforma B. Na plataforma B, por seu lado, parece tem algum destaque a organização II1l que na plataforma A quase não tem expressão.

No grupo das cerâmicas incisas gostaríamos de destacar o caso da organização III1f3 que na Plataforma B tem presença em todos os momentos excluindo o 4 mas, contudo, ocorre até no 2. Essa decoração trata-se de uma variante da III1f(BP) onde estão presentes, ao invés de apenas uma, duas ou mais linhas de incisões curtas, verticais ou levemente oblíquas. O facto que gostaríamos de salientar é que, se na Plataforma B esta parece ser de facto uma decoração antiga que acompanha a continuidade da ocupação; no caso da Plataforma A ela surge somente a partir da 4x, podendo até parecer que se trataria de uma variação mais recente.

O tipo decorativo XXXVI, sobre o qual já nos debruçamos aquando da descrição do momento 2a da plataforma A, parecendo ser uma organização antiga com paralelo na Fraga d'Aia (Jorge, Baptista & Sanches, 1988) não foi identificado na Plataforma B, sendo assim os dois recipientes da Plataforma A, no momento 2a, os únicos identificados.

A decoração impressa arrastada de uma matriz de concha, de tipo cardial, ocorre no povoado das Regadas, integrada na organização III2g. Mais à frente teceremos algumas considerações sobre este tipo que, noutros contextos, se associa a ocupações antigas. No caso das Regadas este tipo ocorre em ambas as plataformas: na plataforma A no momento 4y e nos sedimentos revolvidos da fase II e na plataforma B ocorre apenas nos sedimentos associados à fase II.

A decoração em grinaldas IX(VS) ocorre somente na Plataforma A, marcando presença a partir do momento 3b.

No caso dos bordos decorados tem também pertinência considerar que o aparecimento de um exemplar no momento 2a da Plataforma A tem repercussão no

momento 3a da Plataforma B, embora segundo uma organização decorativa diferente. Este manter-se-á como o único fragmento da plataforma B. Já no caso da A, estes reaparecem, até em maior número, mas nos sedimentos revolvidos da fase II.

As decorações metopadas estão praticamente ausentes das plataformas estudadas das Regadas. Temos um caso da organização I1 na fase II da Plataforma A, uma metopada clássica, e o caso da Io(VS) no momento 2a da Plataforma A e no 3a da Plataforma B, sendo que, na nossa opinião, este tipo não deixa de ser uma variação do tipo III2b2, apesar do facto de que a presença das linhas incisas lhe dar sim um maior caráter de métopa.

O caso das campaniformes já foi referido anteriormente. Em ambas as plataformas ocorrem os exemplos mais clássicos, de tipo XXV e aqueles que consideramos terem afinidades óbvias, formais e técnicas, mas que se percebe que são variações regionais do tipo decorativo e que distinguimos como XXXV'[18]. Em ambas as plataformas estes fragmentos aparecem associados à fase II, com exceção do fragmento que ocorre associado ao momento de explosão das penteadas na Plataforma A, o 4y. Desta forma diríamos que possivelmente este tipo decorativo apareceu nas Regadas no momento em que as penteadas começaram a ganhar expressão significativa e tendo ocorrido sobretudo nas fases mais tardias da ocupação pré-histórica deste sítio, das quais não restaram contextos preservados.

As decorações espinhadas não são um grupo com grande expressão nas Regadas. Curiosamente, tendo ocorrido na plataforma A com maior peso nos sedimentos da Fase II e, anteriormente a esses, apenas no caso único da organização XXXIX(I4a) no momento 2b, pusemos até em causa a sua correta adscrição a este momento. Contudo, verificada a sua ocorrência no momento 3a na plataforma B, sendo ambos dos momentos mais antigos da ocupação, consideramos então que este pode ter sido de facto um tipo que no início da ocupação do sítio deverá ter ocorrido de forma pontual e,

[18] O facto de estarmos perante fragmentos de pequena dimensão não nos permitiu avançar com a classificação de subtipos dentro das organizações campaniformes.

de forma igualmente pontual poderá ter ocorrido nos momentos mais tardios[19].

Debrucemo-nos por fim no caso das penteadas e seus subtipos, tecendo uma análise comparativas dos resultados de ambas as plataformas. Cremos, pelo que já dissemos anteriormente, que dadas as correspondências passíveis de serem feitas entre os níveis 2a e 2b da Plataforma A e 3a e 3b da Plataforma B, as penteadas terão sido usadas no momento posterior a estes em ambas as plataformas. Se assumirmos as datações feitas nas fossas como extrapoláveis para o momento 3b da Plataforma A, sendo que não podemos ter certeza deste facto pois as datas das fossas só podem indicar que estas são "posteriores a", podemos então enquadrar o aparecimento das penteadas numa cronologia ainda adentro da primeira metade do III milénio. Na verdade, considerando a coerência entre as datas das duas fossas bem como o facto de, excetuando a introdução das penteadas, com consequente recuo das impressas variadas, haver uma grande coerência entre a imagética decorativa das cerâmicas dos momentos 2a, 2b e 3b, não nos parece estranho admitir que estes momentos de ocupação possam ter ocorrido em cronologias próximas e que se situem todos de facto no intervalo de tempo considerado, isto é entre os Séc. XXIX e XXVI AC. Mas estes aspectos só poderão melhor ser considerados numa discussão integrada a nível regional (Capítulo 6).

Analisando o grupo das cerâmicas penteadas em ambas as plataformas verifica-se que a variabilidade de subtipos entre elas é discrepante (Anexo XII, Gráficos 11 e 12). Em todo o caso tal pode ser relativizado pela diferença entre os conjuntos em número (492 fragmentos na Plat.A e 102 fragmentos na Plat.B), associado também ao facto de a área escavada em A ser substancialmente maior que na Plataforma B. Em todo o caso, avaliando estatisticamente as amostras, parece certo que a expressão percentual destas cerâmicas na Plataforma B terá efetivamente sido um pouco menor que na A. De alguma forma parece ter havido algum "jogo de forças" entre penteadas e impressas, e

[19] Pelos factos que anteriormente já considerámos relativamente à mistura que poderá sempre ter ocorrido dos fragmentos mais antigos nas camadas posteriores não podemos garantir que os fragmentos identificados nos sedimentos da Fase II não possam provir de níveis mais antigos. Mas quando estas ocorrências particulares se expressam de modo similar em ambas as plataformas, tendemos a considerar que haja uma maior margem de certeza nas elações que fazemos a partir delas.

nomeadamente, ou particularmente até, entre penteadas e barrocas/tipo Regadas, que de alguma forma parece terem "resistido" um pouco mais na plataforma B. Eventualmente, e atentando em paralelo também na expressão das decorações plásticas que, como referimos anteriormente, na plataforma B não chega a ocorrer de forma significativa, contrariamente à A, poderá isto significar que em B a ocupação não se prolonga até tempos tão tardios como em A e que assim certas decorações associadas a essas fases mais tardias não chegaram em B a ter tanta expressão? Com efeito, se considerarmos o facto de que muitos dos subtipos de penteadas que não ocorrem em B e ocorrem em A, ocorrem nesta plataforma apenas nos sedimentos revolvidos da Fase II, talvez esta perspectiva possa parecer válida. Na verdade, dos subtipos V5b/V3a, V19, V19a, V20 e V+III2e, que ocorrem em A somente na fase II, apenas o V19 ocorre na Plataforma B, num único fragmento. Os demais não ocorrem na plataforma B. Da mesma forma, todos os subtipos de penteadas que registámos na Plataforma B correspondem a subtipos que apareceram na Plataforma A desde o primeiro momento de aparecimento das penteadas, o momento 3b - com exceção somente do tipo V2e que não aparece logo no momento 3b da plataforma A, mas aparece no imediatamente seguinte, o 4 (x ou y) – ou seja podemos considerar que na Plataforma B o conjunto das penteadas é "conservador" no contexto deste povoado. No que diz respeito à expressão das várias organizações penteadas nos conjuntos das plataformas, verifica-se que em ambas há um peso grande daqueles fragmentos que não conseguimos classificar quanto ao subtipo. O subtipo V2b, correspondente às bandas horizontais de penteado ondulado, é claramente dominante em ambas as plataformas. Além das indeterminadas e das V2b, o conjunto da Plataforma A multiplica-se em subtipos com pesos percentuais menores, mas onde ainda conseguem ter algum destaque as organizações V2e, V4b1, V5a/V3a e a V20. No caso da Plataforma B, ocorre ainda com algum destaque o subtipo V4b1, com menor o V2e e depois as organizações V3h e V19 têm uma expressão muito reduzida.

# Capítulo 4. –A ocupação do sítio d' A Pedreira sob a tónica da imagética decorativa das cerâmicas pré-históricas

Para o sítio d'A Pedreira, à semelhança do procedimento adotado no capítulo anterior, para o caso das Regadas, remetemos igualmente para anexo (Anexo III) uma descrição mais detalhada das realidades identificadas nas várias sondagens. Assim, no corpo de texto principal faremos para cada sondagem recurso a quadros de síntese das UE's integradas na ocupação pré-histórica e sua caracterização sucinta.

## 4.1. Sondagens 15, 16, 17 e 18

### 4.1.1. Sondagem 15

| A Pedreira<br>Sond.15 | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1505]** | Enchimento do possível buraco de poste [1504] | |
| **[1504]** | Buraco de poste? | |
| **[1503]** | Camada de assentamento/ nivelamento do terreno. | Sedimento com abundantes elementos pétreos de pequena a média dimensão. |

*Tabela 17: A Pedreira, Sondagem 15, UE integradas na ocupação da Pré-história recente.*

Considerando o facto de que o gráfico de organizações decorativas para a totalidade da sondagem 15 é praticamente igual ao da unidade que integramos em cronologia Pré-histórica cremos que estará aqui representado um único momento de ocupação (Anexo XIII, Gráficos 2 e 3). Ao nível das cerâmicas o conjunto é claramente dominado pelas cerâmicas impressas onde, na unidade [1503] o conjunto das barrocas e de tipo Regadas tem um peso de 25% no conjunto. As impressas variadas ocorrem com um peso percentual de 33% e as incisas com um peso de 17%. No conjunto geral da sondagem foi identificado um fragmento com decoração com triângulos, sendo esse de resto o único tipo decorativo que não ocorre representado no nível conservado [1503].

De resto estão representados os tipos incisos III1a1, III1a2, III1f(BP) e XXXIIIc. De entre as impressas foram identificadas a III2a, a III2a1, a III2b, a III2b1 e a III2b2; os tipos mais complexos III2e, III2e1, XXXVII, XXXVIIa e ainda um bordo decorado III3a.

#### 4.1.2. Sondagem 16

| A Pedreira<br>Sond.16 | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1604]** | Camada de assentamento/ nivelamento do terreno | Sedimento com abundantes elementos pétreos de pequena a média dimensão. |

*Tabela 18: A Pedreira, Sondagem 16, UE integradas na ocupação da Pré-história recente.*

A totalidade dos fragmentos cerâmicos provieram dessa UE 1604, num total de seis fragmentos apresentando decorações impressas do tipo III2a, XXXVII e XXXVIIa (Anexo VIII, Tabela de organizações decorativas), tratando-se assim de um conjunto parco mas em todo o caso coerente com a realidade detectada na sondagem 15.

#### 4.1.3. Sondagem 17

| A Pedreira<br>Sond.17 | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1703]** | Camada de assentamento/ nivelamento do terreno | Sedimento amarelado, compacto, com elementos pétreos de pequena a média dimensão. |

*Tabela 19: A Pedreira, Sondagem 17, UE integradas na ocupação da Pré-história recente.*

No que respeita à imagética decorativa presente nesta sondagem, ocorre, com exceção de uma decoração plástica XXIV1b, somente cerâmicas impressas ( III2a1,

III2b, III2b1 e III2c) e uma incisa (III1a1) (Anexo VIII, Tabela de organizações decorativas) . Quase todos os fragmentos são provenientes da UE interpretada como conservada, com exceção de dois dos elementos III2b1.

#### 4.1.4. Sondagem 18

| A Pedreira<br>Sond.18 | | | |
|---|---|---|---|
| **Momento/Unidade estratigráfica** | | **Caracterização** | **Obs.** |
| **18IIa** | **[1821]** | Unidade sedimentar | |
| **18IIb** | **[1822]** | Estrutura pétrea subcircular | |
| | **[1819]** | Unidade sedimentar | |
| **18IIc** | **[1818]** | Estrutura negativa tipo fossa | |
| | **[1810]** | Estrutura subcircular tipo cistoide. | |
| | **[1812]** | Empedrado | |
| **18IIe?** | **[1805/1807]** | Unidade sedimentar | |

*Tabela 20: A Pedreira, Sondagem 18, UE integradas na ocupação da Pré-história recente.*

**18IIa** - trata-se do nível mais antigo detectado. Da UE 1821 não resultaram contudo fragmentos cerâmicos decorados, tendo-se dela recolhido apenas dois bordos não decorados.

**18IIb** – Deste momento foi recolhido somente um fragmento decorado, com decoração XXXIIIc.

**18IIc** –Da estrutura [1810] gostaríamos de salientar o facto de que no espólio exumado desta estrutura se destaca um conjunto significativo de fragmentos que remetem para recipientes de grandes dimensões e de paredes relativamente espessas. Estariam associados a armazenamento? Além do mais os motivos a eles associados, no caso dos decorados, apresentam uma coerência que não podemos deixar de registar: dos cinco fragmentos decorados do enchimento da [1810] (Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 6), 3 referem-se a organizações com triângulos (2 recipientes II1b2=XIII e um II1l). Do interior da fossa [1818], resultaram apenas dois fragmentos cerâmicos decorados: um com uma decoração incisa indeterminada e um outro com uma decoração reticulada

IVe, num tipo muito peculiar e único no conjunto dos povoados das Regadas e Pedreira.

Deste momento resultou um conjunto cerâmico um pouco maior, num total de 33 fragmentos decorados (Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 5), onde se destacam, com um peso de maioria, as decorações impressas (III2a, III2b, III2b1, III2b2, III2c, III2f e o tipo barroco III2e1). O tipo III2e1, que também foi identificado na sondagem 15, é um tipo muito particular criado especificamente para o fragmento que nos apareceu nesta sondagem e que seria então depois também, identificado noutras d'A Pedreira. Trata-se de uma banda de impressões de tendência linear vertical com um certo efeito ziguezague/ ondeado entre as linhas, criando um efeito muito complexo.

Além das cerâmicas impressas ocorrem neste momento com algum destaque os triângulos, particularmente aqueles associados à estrutura [1810], nas organizações II1b2=XIII, II1e II1l. As incisas estão representadas nas variantes III1a2, III1f(BP) e III1f3 sendo ainda de destacar a presença do fragmento IVe, ao qual já nos referimos acima e uma incisa complexa na forma XXXIX(I4c).

**18IIe?** –O conjunto cerâmico deste nível volta a a ser reduzido, num total de 8 fragmentos. Todos os materiais arqueológicos identificados neste nível são pré-históricos. Em 6 dos 8 fragmentos, o conjunto cerâmico decorado deste nível é perfeitamente coerente com os anteriores, apresentando decorações como III1a2, XXXIIIc, III2b, III2b1 e XXIIIa. No entanto apresenta um fragmento com uma decoração metopada que poderá até ser tipo penha, parecendo com isso afastar-se um pouco dos momentos anteriores.

No conjunto destas sondagens realizadas no topo do povoado gostaríamos de salientar a afinidade notada particularmente entre o nível conservado das sondagem 15, [1503] e o nível 18IIc da sondagem 18, partilhando até o tipo decorativo III2e1. Todo este conjunto nos parece muito compatível com os conjuntos pré-penteadas analisados nas Regadas[20], facto que se torna ainda mais evidente se atentarmos no gráfico conjunto

[20] O conjunto cerâmico decorado d'A Pedreira foi estudado posteriormente ao das Regadas, por opção metodológica, tal como referimos anteriormente. Este conjunto das sondagens da área superior do povoado, pese o facto de estas serem neste texto as primeiras a ser descritas, foram na verdade os penúltimos a ser classificados. Consideramos interessante referir que, no âmbito de uma percepção

destes níveis. Por extrapolação, também o estrato [1604] nos parece ser coerente com os anteriores, embora o seu parco conjunto decorado tenha que ser tido em conta com a devida ressalva. O estrato conservado da sondagem 17, [1703], apresentando igualmente um conjunto decorado reduzido, no geral poderia enquadrar-se nos das sondagem 15 e 18. Apresenta contudo um fragmento com decoração plástica - que nas Regadas não surge antes das primeiras penteadas, sendo que por isso colocamos também algumas ressalvas à sua plena integração com os anteriores.

## 4.2. Sondagens 1, 2, 6, 10 e 19

### 4.2.1. Sondagem 1

| A Pedreira<br>Sondagem 1 | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[114]** | Unidade sedimentar | |
| **[111]** | Unidade sedimentar | |
| **[123]** | Estrutura negativa. Fossa. | Data (Pedreira003): 2863-2503 cal. AC (Séc. XXIX-XXVI AC). |
| **[127]** | Estrutura negativa. Fossa. | Data: (Pedreira002): 1633-1501 cal.AC (Sec. XVII – XVI AC) |

*Tabela 21: : A Pedreira, Sondagem 1, UE integradas na ocupação da Pré-história recente.*

De acordo com os trabalhos já anteriormente realizados (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016) o dado mais impressivo que de imediato se retira da análise sumária dos materiais arqueológicos provenientes das três fossas da Sondagem 1 é a presença de uma significativa maior quantidade de materiais cerâmicos e líticos na fossa [123]. Se, neste aspecto, a comparação em termos absolutos com a quantidade de materiais da fossa [141] é matizada pela menor volumetria desta, entre as fossas [127] e [123], com volumetrias semelhantes, a diferença adquire particular ênfase. Esta diferença é

pessoal, prévia a qualquer elaboração de contagens finais ou gráficos, chegamos a este conjunto e sentimos realmente uma afinidade grande e imediata com os conjuntos das Regadas que, nas outras sondagens d'A Pedreira, ainda não tínhamos sentido de uma forma tão coerente.

também notável quando nos restringimos às cerâmicas decoradas. Com efeito, foram recolhidos 38 fragmentos decorados da [123], contra 3 da [127] e 8 da [141]. A [123] apresenta, além das decorações com triângulos já referidas, as decorações impressas III1a2, III2b, III2b1, XXIIa e a barroca III2e. Apresenta ainda duas reticuladas IVa e duas incisas complexas (XXXIX(14a) e XXXIX(14c)). A fossa [127] possui apenas uma decoração incisa III1f3, sendo as duas restantes indeterminadas. A fossa [141] apresenta um fragmento inciso III1g, dois impressos III2a e III2b e uma espinhada XXXIX(I3a) (Anexo VIII e An.XIII, Gráficos 8 e 10).

Analisando os recipientes das unidades [114], [111] e [124], das quais não temos certeza da sua adscrição à pré-história, não deixa de ser surpreendente a dominância das organizações decorativas com triângulos, fazendo-nos retomar a questão da cronologia das fossas (Anexo XIII, Gráfico XI) e, no âmbito da discussão que fizemos, levantar a hipótese de estes sedimentos acusarem a influência da adição de depósitos originais das fossas. Estas unidades apresentam na totalidade somente 8 fragmentos. Além dos triângulos regista-se um fragmento com decoração III1a2 e um outro com decoração penteada indeterminada.

O conjunto geral de decorações presentes nesta sondagem será feito em conjunto com a vizinha sondagem 2, dado que esta ultima apresenta somente 13 fragmentos, com as mesmas gramáticas decorativas da 1.

#### 4.2.2. Sondagem 2

| **A Pedreira<br>Sondagem 2** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[203]** | Unidade sedimentar relacionada com a ocupação pré-histórica? | |

*Tabela 22: A Pedreira, Sondagem 2, UE integradas na ocupação da Pré-história recente.*

O conjunto geral das sondagens 1 e 2 caracteriza-se por uma grande variabilidade onde todos os grupos decorativos se encontram representados (Anexo XIII, Gráfico 7). Destaca-se, além da presença da cerâmica penteada no fragmento que havíamos referido, a presença de um fragmento de tipo campaniforme. Além das incisas variadas, das impressas variadas e dos triângulos destacamos o peso das incisas espinhadas. As cerâmicas presentes no grupo das metopadas e incisas complexas, tratam-se na verdade todas de incisas do tipo reticulado (IVa).

**4.2.3. Sondagem 6**

| A Pedreira<br>Sondagem 6 | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[605/612]** | Unidade de nivelamento/ empedrado | |
| **[613]** | Unidade de nivelamento/ empedrado | |
| **[610/611]** | Unidade de nivelamento/ empedrado? Estrutura? | |
| **[615]** | Macha de carvões. Antigos? | |

*Tabela 23: A Pedreira, Sondagem 6, UE integrada na ocupação da Pré-história recente.*

No que diz respeito às cerâmicas decoradas da sondagem 6, a análise dos estratos interpretados como pertencendo a cronologias antigas mostram-nos um conjunto onde as incisas e as impressas detêm um peso semelhante, destacando-se ainda as decorações com triângulos (Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 12 e 13). Falamos então das decorações II1e e II1f, no que se refere aos triângulos; nas decorações III1a1, III1f(BP), III1f5 e XXXIIIc, no que diz respeito às incisas; das decorações III2a, III2b, III2b1, XXIIa, no que diz respeito ás impressas; do tipo Regadas XXXVIIa e das incisas espinhadas XXXIX(I4c). Considerando os totais da sondagem, juntando a estes os níveis considerados revolvidos, acresce então os triângulos II1l; as incisas XXXV; as impressas XXXI, III2e e XXXVII; a metopada I1 e a reticulada IVa; a penteada V19, a espinhada XXXIX(I4a) e a decoração plástica XXIV2a.

Em jeito de balanço comparativo, poderíamos dizer que se nota alguma afinidade

entre as cerâmicas das UE conservadas da sondagem 6 com o momento 18IIc da sondagem 18. No que diz respeito ao conjunto total da sondagem ele parece aproximar-se um pouco da sondagem 1+2 mantendo no entanto uma dominância maior das impressas.

#### 4.2.4. Sondagem 10

Nesta sondagem não se detetou nenhum nível arqueológico tendo-se exumado poucos materiais, não estando estes, na sua grande maioria, em bom estado de conservação. Não ocorreram cerâmicas decoradas.

#### 4.2.5. Sondagem 19

| A Pedreira<br>Sondagem 19 | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1905]** | Unidade de embasamento/ nivelamento | |

*Tabela 24: A Pedreira, Sondagem 19, UE integrada na ocupação da Pré-história recente.*

As afinidades do conjunto das cerâmicas decoradas da sondagem unidade estratigráfica [1905] com o da [1503], que havíamos analisado anteriormente, foi logo notória para nós (Anexo VIII e An.XIII, Gráficos 14 e 15). Por extrapolação, também com o momento 18IIc. Mas de facto as semelhanças com a 15 foram desde logo sentidas até no que se refere a uns fragmentos com impressões de espátula que quase pareciam dos mesmos recipientes – todavia não eram. No momento das contagens e análise final esta impressão empírica veio a confirmar-se. Trata-se de um conjunto não muito variado, onde predominam largamente as impressões, nas quais as barrocas e de tipo Regadas também se destacam. Apresenta um fragmento na categoria "outras" referente ao tipo XLII, que se trata de um tipo decorativo misto, de que este é o único exemplar no conjunto das Regadas e Pedreira e que consiste numa organização onde após quatro linhas de puncionamento arrastado tipo boquique  se segue uma banda de linhas incisas verticais. Além desta estão então presentes as decorações com triângulos

II1e; as incisas III1f(BP) e III1f3, as impressas III2a, III2b, III2b1, III2b2 e XXIIa as barrocas III2e e as de tipo Regadas XXXVII e XXXVIIa. Ao analisarmos o conjunto todo da sondagem, isto é, incluindo os níveis superficiais, esses sim, inequivocamente revolvidos, a diferença que ocorre no conjunto é a introdução das penteadas, não tendo sido possível determinar o seu subtipo.

Cremos assim que estamos aqui perante um nível conservado de facto bastante similar às realidades que identificamos no topo do povoado e que já foram referidas bem como com os níveis pré-históricos igualmente identificados na sondagem 6 e ,na verdade, ainda com aos níveis 2a e 2b da Plataforma A e 3a e 3b da Plataforma B das Regadas. A variação que o aparecimento das penteadas nos níveis revolvidos da sondagem 19 introduz no conjunto torna-o mais próximo do momento 3b da Plataforma A das Regadas.

## 4.3. Sondagens 7, 8, 9, 11, 12 e 14

Neste conjunto de sondagens verificamos então que somente na sondagem 8 associada eventualmente aos resultados da sondagem 9, se pareceu comprovar a existência de um nível de ocupação preservado, no seu embasamento, em torno de um conjunto de batólitos graníticos à superfície. Admitimos ainda que na sondagem 11 e 14 se possam ter igualmente detectado níveis de embasamento de cronologia pré-histórica. Ainda que o conjunto decorado da sondagem 8 nos levante as questões que enunciamos atrás, cremos que este se aproxima das realidades detectadas em 18IIc ou na sondagem 6.

### 4.3.1. Sondagem 7

A sondagem 7 não permitiu aferir realidades pré-históricas preservadas. Foi contudo recolhidos materiais da pré-história recente, nomeadamente 26 fragmentos de recipientes decorados. Analisando o mesmo, percebemos um conjunto muito variado, acusando possivelmente os fenómenos de vertente de que é subsidiário, onde o conjunto das Impressas variadas com barrocas e de tipo Regadas só timidamente se assume

maioritário sobre um conjunto muito significativo de fragmentos com decoração plástica (Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 16). Estão então presentes as decorações II1d, III1f3, III2b, III2b1, III2c, III2e, XXXVIIa, I1, V5a/V3a, a decoração tipo campaniforme XXV' e as decorações plásticas XXIV1a, XXIV2a e XXIV2b.

#### 4.3.2. Sondagem 8

| A Pedreira<br>Sondagem 8 | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[803]** | Unidade de embasamento/ nivelamento | Constituída de sedimento e elementos pétreos de pequena a média dimensão. |
| **[805]** | Lareira? | |
| **[804]** | Unidade de embasamento da plataforma | Constituída de sedimentos e elementos pétreos de média e alguns de grande dimensão. |

*Tabela 25: A Pedreira, Sondagem 8, UE integrada na ocupação da Pré-história recente.*

Da [804] não resultaram fragmentos decorados, da [803] proveio um conjunto de 41 fragmentos de recipientes decorados que se revelou um conjunto que nos coloca algumas interrogações (Anexo VIII e An.XIII, Gráficos 17 e 18). Com efeito não fosse a presença da decoração XXV', que designámos como variações locais de tipo campaniforme, e todo o conjunto seria próximo, por exemplo, ao momento 18IIc ou com as unidades conservadas da sondagem 6. Se considerarmos o conjunto total da sondagem, num total de 71 fragmentos, a única alteração significativa é a presença das decorações com triângulos, o que ainda reforça a consideração anterior. A presença das tipo campaniforme, num total de 2 fragmentos, é que de facto nos parece "estranha" no conjunto porquanto normalmente estas parecem associar-se a contextos onde decorações como as penteadas ou as decorações plásticas ou as metopadas clássicas, já estão presentes. Que pode querer isto dizer então? 1) que afinal a [803] não se trata de um estrato conservado e o seu conjunto resulta de escorrências. Pessoalmente custa-nos

a aceitar esta hipótese pois uma conjunto característico deste tipo de situação é, por exemplo, o detetado na sondagem 7, que ainda por cima se situa num patamar acima desta 8, logo seria expectável que um conjunto da mesma natureza que o da 7 apresentasse características mais próximas deste. 2) Que as cerâmicas de afinidades ao campaniforme podem afinal ter aparecido um pouco mais cedo do que, até á análise desta sondagem, as realidades pareciam indicar. 3) que, tratando-se de classificações XXV', e logo não as campaniformes clássicas, terá havido exagero da nossa parte ao acentuar-lhe as afinidades ao campaniforme, podendo assim tratar-se somente de um tipo de impressos finas onde as possíveis semelhanças se devem apenas a um factor casual.

Cremos que estaremos perante as hipóteses 2 e 3 mas não conseguimos no entanto com segurança defender uma ou outra situação, pelo que serão questões que permanecem em aberto, até que outros dados possam no futuro vir a ser cruzados com estes..

#### 4.3.3. Sondagem 9

Nesta sondagem não foram detectados contextos arqueológicos inequivocamente preservados. O conjunto cerâmico decorado da Pré-história desta sondagem é contudo coerente com um momento pré-penteadas e nomeadamente até com o conjunto da sondagem 8 que se localiza a cota um pouco superior pelo que considerámos que, mesmo provindo de escorrências poderá ser um conjunto subsidiário de uma ocupação que efetivamente tenha existido em torno dos barrocos graníticos aos quais se adossava a sondagem 8 (Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 19).

#### 4.3.4. Sondagem 11

| **A Pedreira<br>Sondagem 11** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1103]** | Unidade de embasamento/ nivelamento? | Constituída de sedimentos e elementos |

| | | |
|---|---|---|
| | | pétreos de média e alguns de grande dimensão. |

*Tabela 26: A Pedreira, Sondagem 11, UE integrada na ocupação da Pré-história recente.*

Da UE [1103] só provieram contudo dois fragmentos decorados: uma incisa metopada tipo Penha e uma espinhada de tipo XXXIX(I4a). No conjunto total obtivemos desta sondagem somente 10 fragmentos decorados, pertencentes a grupos decorativos variados, parecendo no geral um conjunto subsidiário de um momento de ocupação onde as cerâmicas penteadas, as decorações plásticas e as metopadas de tipo I1, já estão presentes (Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 20). É assim um conjunto que se distingue das sondagens 8 e 9.

#### 4.3.5. Sondagem 12

A estratigrafia desta sondagem resume-se a níveis de regularização da plataforma do socalco onde esta se insere e não foram identificados níveis Pré-históricos preservados. O conjunto cerâmico resume-se a 10 fragmentos dos quais metade não permitem definir o tipo decorativo e os demais se tratam de decorações incisas e impressas simples, destacando-se uma metopada de tipo I1 e uma reticulada IVa (Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 21).

#### 4.3.6. Sondagem 14

| **A Pedreira<br>Sondagem 14** | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[1405]** | Unidade de embasamento/ nivelamento? | Constituída de sedimento e elementos pétreos de pequena dimensão. |

*Tabela 27: A Pedreira, Sondagem 14, UE integrada na ocupação da Pré-história recente.*

Esta sondagem revelou vestígios de um nível de empedrado/nivelamento do afloramento granítico, semelhante ao que se identificou em várias sondagens da intervenção e que enquadramos na Pré-história recente, a UE [1405]. Este estrato,

contudo, não forneceu materiais cerâmicos decorados. As unidades que se lhe sobrepunham apresentaram um conjunto parco, em todo o caso compatível com a realidade revolvida também identificada na vizinha sondagem 7(Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 22).

## 4.4. Sondagens 3, 4, 5 e 13

### 4.4.1. Sondagem 3

Desta sondagem resultou um único fragmento decorado muito corroído, de tal forma que nem da técnica decorativa se conseguiu concluir com certeza.

### 4.4.2. Sondagem 4

| A Pedreira<br>Sondagem 4 | | | |
|---|---|---|---|
| **Momentos/ Unidade estratigráfica** | | **Caracterização** | **Obs.** |
| **4IIb** | **[412]** | Unidade sedimentar | |
| **4Ib** | **[419]** | Estrutura negativa. Fossa. | |
| **4IIIa** | **[406]** | Unidade sedimentar | |
| **4IIa** | **[408]** | Estrutura cistoide | |
| **4Ia** | **[407]** | Embasamento da plataforma | Unidade constituída de sedimento e blocos pétreos de grande dimensão. |

*Tabela 28: A Pedreira, Sondagem 4, UE integradas na ocupação da Pré-história recente.*

Com exceção do momento 4IIIa todos os conjuntos cerâmicos dos momentos que definimos são muito reduzidos pelo que não é fácil perceber até que ponto podem ser representativos. Do momento 4Ia (An.XIII, Gráfico 24) resultaram 13 fragmentos decorados. Trata-se de um conjunto onde o grupos dos triângulos está representado, onde as incisas e impressas têm um peso semelhante, onde não ocorrem barrocas e tipo Regadas e onde está presente um fragmento tipo XXV', isto é, uma variação de campaniforme, duas cerâmicas incisas espinhadas e uma decoração mamilada. O

momento seguinte, 4IIa, seria aquele associado à estrutura cistoide. Ora do enchimento desta estrutura retiramos só um fragmento com decoração incisa simples sendo que ainda por cima no momento da sua escavação ficamos convencidos de que o enchimento daquela estrutura havia ocorrido após o seu tempo de uso. Assim sendo, fizemos a análise conjunta do momento 4IIa com o 4IIIa, somando assim um conjunto de 63 fragmentos decorados (An.XIII, Gráfico 25). Encontrámos assim um conjunto dominado pelas impressas onde estas, em conjunto com as ziguezague tipo Regadas, têm um peso de 39%. As incisas têm um peso de 14%, as incisas espinhadas 9% e depois, os demais grupos representados, como sendo as penteadas, as tipo campaniforme, as plásticas e os triângulos têm pesos mais residuais. No caso da parte superior da sondagem a fossa possuía apenas 2 fragmentos decorados pelo que tivemos que optar pela mesma estratégia e analisar em conjunto os momentos conservados 4Ib e 4IIb, que somam um total de 7 fragmentos mantendo-se pois, ainda assim, também um conjunto demasiado reduzido para se assumir com segurança a sua representatividade (An.XIII, Gráfico 26). Em todo o caso este expressa uma dominância das cerâmicas incisas, 43%, ocorrendo depois em partes iguais as impressas variadas, as tipo Regadas e os triângulos. Estão ausentes as penteadas, as metopadas(nas formas I1), as campaniformes e as plásticas que, de alguma forma tendem, no conjunto d'A Pedreira em paralelo com as Regadas, a ser um indicador de cronologia relativa.

Se tomarmos em consideração a análise geral do conjunto da sondagem 4 (Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 23), incluindo os sedimentos revolvidos e potencialmente reveladores de momentos de ocupação posteriores vemos que se trata de um conjunto muito diversificado que sugere um término da ocupação próximo daquele identificado na plataforma das sondagens 1 e 2 ou mesmo da 6, mas se tomarmos em atenção os tipos decorativos dos níveis conservados da parte a verificamos que com exceção dos tipos III2b3, XXXI, I1 e XXIV1b todos os demais estavam já representados nos níveis conservados de "a" (exceptuando os III1a1 e III1f3, representados nos níveis conservados da parte b. De salientar que a metopada I1 se trata de um fragmento tipo Penha.

Se considerarmos que o conjunto reduzido da parte b da sondagem pode ser

indicativo então diríamos talvez que a ocupação se terá dado em primeiro lugar nesta parte superior, correspondendo a parte a um momento em que precisamente os tipos penteados, plásticos ou variações de campaniforme já ocorrem. E diríamos que precisamente dado o facto de estes níveis da parte "a" conterem já praticamente todos os tipos decorativos do geral das sondagem, que a ocupação desta terá grosso modo coincidido com o término da ocupação desta área. É contudo muito difícil interpretar o conjunto da sondagem 4 nestes moldes. Se o parco conjunto da parte b não for representativo então, talvez toda a ocupação desta área seja contemporânea..

#### 4.4.3. Sondagem 5

| A Pedreira<br>Sondagem 5 | | |
|---|---|---|
| **Unidade estratigráfica** | **Caracterização** | **Obs.** |
| **[505]** | Vestígio de estrutura? | |
| **[508]** | Unidade de embasamento/ nivelamento | Constituída de sedimento e elementos pétreos de pequena dimensão. |

*Tabela 29: A Pedreira, Sondagem 5, UE integradas na ocupação da Pré-história recente.*

O conjunto cerâmico decorado das duas unidades 505 e 508, com um total de 22 fragmento revela uma pouco usual dominância de decorações com triângulos (27%) (An.XIII, Gráfico 28). De seguida distinguem-se as impressas variadas, com 14% e as metopadas de tipo I1 com 9% de peso no conjunto. Ocorrem ainda incisas variadas e incisas de tipo espinhado. Quando passamos para a análise do conjunto total da sondagem (Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 27), com um total de 53 fragmentos, a alteração mais notória é a perda de expressão dos triângulos que passam a representar 11% do conjunto (isto na verdade porque a totalidade de fragmentos de recipientes com triângulos provém efetivamente das UE 505 e 508. Além deste aspecto destaca-se o aparecimento de um fragmento com decoração penteada.

#### 4.4.4. Sondagem 13

Com um total de 28 fragmentos, o conjunto cerâmico desta sondagem revelou-se bastante simples remetendo-nos para os conjuntos associados mais a cronologias pré-penteadas/plásticas, campaniformes ou metopadas (Anexo VIII e An.XIII, Gráfico 29). Em todo o caso não é um conjunto particularmente grande e não ocorrendo níveis preservados não o conseguimos melhor contextualizar. Ocorrem decorações com triângulos, incisas variadas e impressas, dominando as impressas.

## 4.5. O estudo da imagética decorativa das cerâmicas da Pedreira: balanço final

O conjunto cerâmico decorado d'A Pedreira, correspondente a 702 fragmentos, se analisado transversalmente às várias sondagens é muito diversificado e, no geral encontra-se mal conservado, facto também patente na percentagem de fragmentos indeterminados para o seu tipo decorativo (39%), acusando também o seu elevado grau de fragmentação e estado das superfícies. Julgamos que este facto estará relacionado também com aspectos associados às dinâmicas de vertente, que neste sítio são acentuadas, e seus efeitos ersosivos. A percentagem de indeterminadas tende a diminuir um pouco na grande parte dos contextos que consideramos conservados.

Trata-se de um conjunto onde as cerâmicas impressas têm o maior peso percentual (25% impressas variadas + 3% impressas barrocas + 2% impressa tipo Regadas + 1% bordos denteados), seguidas das incisas variadas com 13% de expressão. As decorações com base em figuras triangulares tem um peso percentual de 6%, seguidas das incisas espinhadas com 4% de expressão. Com 3% de expressão ocorrem as metopadas e incisas complexas. As decorações plásticas possuem um peso de 2% e depois, com 1% de peso percentual, ocorrem as cerâmicas penteadas e campaniformes. Com um peso residual ocorrem ainda outros dois tipos inseridos na categoria "outras". De entre as cerâmicas impressas os tipos mais frequentes são as linhas de impressões/puncionamentos paralelas ao bordo. O tipo maioritário é a versão com linhas multiplas o III2b (com um peso de 37%), seguido da forma arrastada III2b1 (com

23%). A organização consistindo numa só linha impressa III2a também ocorre com bastante frequência (14%). A impressão ungulada tem igualmente uma boa expressão no conjunto (9%). De entre as incisas destacam-se as III1f(BP), com 26%, seguida das formas com linhas paralelas ao bordo III1a1 e III1a2 (com 23 e 24% de peso percentual, respectivamente). Além destas ocorrem com algum destaque XXXIIIc e a III1f3. Estas são portanto as organizações decorativas mais comum e que ocorrem na maioria das sondagens realizadas.

Prestando agora mais atenção aos contextos preservados identificados, o estudo das cerâmicas decoradas d'A Pedreira dá-nos, basicamente, conta de duas realidades: 1) momentos de ocupação onde o conjunto decorado é mais simples, no sentido de menos variado, e onde os grupos que assumem mais destaque são as impressas variadas (podendo depois as impressas complexas - barrocas e tipo Regadas - ter mais ou menos peso) e as incisas variadas. Os triângulos podem aparecer com mais ou menos peso, mas com tendência a estarem presentes. Além destas podem casualmente estar representadas as decorações tipo espinhadas ou as incisas complexas. Estão nestes casos a sondagem 15, o momento 18IIc, da sondagem 18, o nível conservado da sondagem 6, o nível conservado da sondagem 19, o nível conservado da sondagem 8 (embora com as ressalvas associadas à presença de um fragmento classificado como XXV', como demos conta), o momento 4Ib+4IIb da sondagem 4, a sondagem 9, muito embora não se tenha concluído nela da existência segura de um nível conservado, e o conjunto da sondagem 13, onde porém não foi igualmente detectado um nível conservado; 2) momentos de ocupação que se refletem num conjunto de cerâmicas decoradas muito variado, de que parecem ser testemunho os momentos 4IIa+4IIIa e 4Ia da sondagem 4. Com efeito, parecem refletir uma fase onde há espaço para uma multiplicação de grupos e tipos decorativos em detrimento, por vezes, de uma redução de peso dos grupos que nos outros casos possuem mais expressão, as impressas, as incisas ou até os triângulos. Surgem normalmente nestes conjuntos as decorações penteadas, campaniformes, metopadas tipo I1 e as plásticas. Da fase que se associa a estes conjuntos mais diversificados, julgámos que só temos seguramente conservados os referidos contextos da sondagem 4. No entanto, tal como acontecia na Fase II das Regadas, estes momentos

de ocupação acabam por surgir bem expressos nos gráficos gerais das sondagens, mesmo das que possuem níveis mais antigos como a 18, onde se percebe que entre o conjunto das decorações dos momentos mais antigos e o conjunto total que inclui os níveis revolvidos algumas diferenças se estabeleceram. No caso das Regadas, estas diferenças parecem ocorrer associadas ou a partir do momento de explosão das penteadas no contexto das cerâmicas decoradas. No caso d'A Pedreira não há essa explosão das penteadas, nem parece haver de qualquer outro tipo. Ao invés, o conjunto simula uma abertura a uma variabilidade grande de motivos e decorações

O conjunto conservado da sondagem 1 tem uma expressão bastante particular. Estaremos aqui possivelmente, como discutimos atrás, perante contextos com origens na primeira metade do III milénio que podem depois ter sido reutilizados, ou somente violados (embora a sua colmatação tenha sido feita de modo cuidado), no II milénio AC – ver estas questões detalhadamente problematizadas no Anexo III, ponto 3. Considerámos a hipótese de a fossa [123] ter sido só parcialmente remexida e, com efeito, se analisarmos o conjunto das cerâmicas decoradas desta fossa excetuando delas os níveis [160/161] hipoteticamente conservado do III milénio, vemos como este se aproxima do conjunto da fossa [141], que nos deu a data para o II milénio.

# Capítulo 5. – Discussão integrada dos resultados: a imagética decorativa das cerâmicas das Regadas e d'A Pedreira nas suas semelhanças e dissemelhanças. Discutindo rupturas e conexões.

Na área do baixo Tua estes dois povoados, A Pedreira e Regadas, estão à partida conectados pela sua proximidade e pelo facto de, pelo menos em determinados momentos do III milénio, terem sido contemporâneos um do outro podendo até, como hipótese, nalguns destes momentos se terem articulado estreitamente dentro de um modelo de ocupação do território, ou de *dwelling*. As Regadas localiza-se um pouco a norte d'A Pedreira (Anexo I, Figs 2 e 3), sendo que o tempo a pé entre os dois povoados seria de cerca de 1h, de acordo com os territórios de exploração calculados (Anexo I, Fig. 3). Note-se que, em linha recta, os sítios não distarão mais de 2km . É contudo pelos relevos acentuados do vale que o tempo de deslocação entre eles se vê mais moroso. Ainda em termos de distância "a pé", podemos dizer que o sítio mais próximo d'A Pedreira é as Regadas. No entanto, o sítio mais próximo das Regadas não é A Pedreira, mas sim o Castro do Piolho, dado que interceptam os seus territórios de exploração de 1h, unindo-os também o curso da Ribeira de São Mamede.

A Pedreira e as Regadas são povoados que, nas suas estruturas e nas suas arquiteturas, possuem diferenças e semelhanças. Fundamentalmente a grande questão que pessoalmente colocamos foi: até que ponto as diferenças ou as semelhanças estariam relacionadas com rupturas ou conectividades entre grupos ou se, tratando-se dos mesmo grupos ou de grupos próximos na sua identidade, as diferenças se relacionariam com diferentes atividades em que cada povoado se pode ter especializado.



*Fot. 3: Os sítios das Regadas, mais próximo, e Pedreira, mais a jusante, no Vale do Tua. Vista de Norte para Sul.( Foto de R.P.Barbosa)*

A abordagem às decorações cerâmicas foi só mais um exercício na tentativa de melhor problematizar esta questão uma vez que, desde os tempos de escavação dos sítios, nos íamos apercebendo de estreitas conexões à medida que os fragmentos cerâmicos nos iam surgindo por entre os sedimentos e as estruturas, bem como de nuances que nos faziam desde logo sentir "isto não é bem bem a mesma coisa". E seriam então afinal estas rupturas somente o reflexo de desencontros cronológicos entre os sítios? Até ao ponto em que iniciamos o presente trabalho, o estudo sumários dos materiais, a par das datações que foram feitas, apenas nos permitia assumir uma cronologia geral para ambos os sítios adentro do III e inícios do II milénio AC.

Como já tivemos oportunidade de referir, dado a escavação d'A Pedreira ter sido realizada de um modo tão fragmentado no espaço, reduzida a sondagens de diagnóstico onde não houve lugar a alargamentos, a informação que este sítio forneceu não é tão

coesa e passível de ser articulada como no caso das Regadas. Também pelas piores condições naturais do terreno, em grande parte da área bastante declivoso, as estruturas e áreas de assentamento poderiam ter tido logo à partida um carácter mais frágil e /ou de menor escala, quando comparadas com as plataformas A e B das Regadas e, por conseguinte, não se terem conservado. Desta forma é sobretudo sempre mais por comparação com as Regadas que se tentará dar sentido ao estudo inerentemente mais fragmentado d'A Pedreira.

Nas Regadas, no que à imagética das cerâmicas diz respeito, uma das coisas que desde logo nos foi "saltando à vista" desde as primeiras intervenções foi a presença das impressões em ziguezague apertado que mais tarde começamos a denominar de "tipo Regadas" (ver Anexo V e Anexo VI, Estampas 20, 21, 22 e 23). Era um tipo decorativo cujo aparecimento na escavação se foi tornando recorrente, por vezes sob formas muito finas e esteticamente apelativas e que nos levantava interrogações pois não tínhamos memória de ter visto algo assim em escavações ou publicações de sítios com cronologias semelhantes. A própria técnica decorativa, o modo de fazer, em causa foi algo que foi gerando discussão e à qual não foi imediato consensualizar. Mais tarde, quando percebemos que, pelo menos ao nível regional, não era um tipo decorativo que ocorresse, e muito menos sequer com a expressão que tem nas Regadas, percebemos que era uma decoração que imbuía o conjunto cerâmico de uma tónica distintiva. Por esse motivo começamos a ousar chamá-lo de "tipo Regadas". Trata-se então de uma ou mais bandas de uma impressão em ziguezague de uma matiz alongada, realizada com grande mestria, onde variações na matriz ou diferentes pressões aplicadas no gesto de imprimir a mesma podem resultar em diferentes efeitos finais. Noutros casos há bandas parcialmente sobrepostas que parecem até entrançar-se. Notámos ainda que há uma variedade de matrizes usadas para produzir esta decoração ou seja, não é a matriz que define o tipo decorativo, mas sim o gesto. Admitimos contudo que algumas delas, particularmente até as que criam efeitos mais "finos" possam ter sido espinhas de peixe ou eventualmente ossos de animais muito pequenos, como roedores[21].

[21] Cremos até que noutros fragmentos se possam ter usados matrizes de esqueleto de peixe, como

Assumimos este tipo decorativo (designado como XXXVII e admitindo as variações XXXVIIa e XXXVIIb) como um forte traço identitário no povoado das Regadas. O peso que com isto lhe atribuímos baseia-se na sua não existência noutros povoados conhecidos da região, e até de outras regiões (ou será pelo menos tão raro que o seu conhecimento não chegou até nós), associado à representatividade que tem no conjunto das Regadas, em ambas as plataformas estudadas. Com efeito, não sendo um tipo decorativo maioritário no conjunto, é omnipresente de uma forma relativamente expressiva e o seu peso estatístico, pese a introdução de novidades correspondendo a outras organizações, vai-se mantendo de uma forma relativamente constante ao longo da ocupação. Além da organização decorativa XXXVII, a impressão em ziguezague "tipo Regadas" está presente também no tipo II1b5 que associa estas bandas impressas ao desenho de triângulos com o vértice voltado para cima (Anexo V, Fig.2; Anexo VI, Estampa 2).

A este motivo decorativo rapidamente se juntou outro, por ambos serem no fundo impressões complexas, o tipo III2e - que começamos a denominar de decorações "barrocas" por se caracterizarem pela adição de impressões com diferentes matrizes ou pelo uso de matrizes complexas criando efeitos para os quais realmente o termo "barroco" foi o que rapidamente nos surgiu, podendo por vezes também criar efeitos tipo "rendilhados" (Anexo VI, Estampas 16, 17, 18 e 19). Além da organização decorativa III2e, a impressão barroca registou-se também, com alguma frequência, no preenchimento interno de figuras triangulares (Anexo VI, Estampa 1), embora não se tenha criado um subtipo novo para esses recipientes – mantiveram-se incluídos nas variante pré-existentes de triângulos incisos preenchidos com impressões ou puncionamentos. Registámos ainda um recipiente, na Fase II da Plataforma A das

---

sendo o caso das impressões circulares, vulgarmente designadas "de cana" ou as impressões observadas em alguns outros fragmentos (por ex. Anexo VI, Estampa 10, frag.4 ou Estampa 12, frag.3) que nos parecem semelhantes a um resultado de arqueologia experimental realizado para as decorações cerâmicas de uma área do Golfo do México (Dumas & Price, 2017). Mas melhor consubstanciarmos esta hipótese teríamos contudo que realizar um trabalho semelhante no âmbito da arqueologia experimental.

Regadas, onde esta impressão barroca se associou a uma banda penteada e classificámos a sua decoração como V+III2e.

Quando percebemos que estes tipos decorativos, particularmente as impressões em ziguezague, também ocorriam n'A Pedreira, logo estabelecemos o que julgamos ser um ponto forte de conexão identitária entre os dois sítios. Porém, estes não têm aí a expressão e sobretudo a constância ou transversalidade que têm nas plataformas das Regadas, embora a tenham pontualmente sobretudo nos casos da sondagem 15, no momento 18IIc da sondagem 18, ou na sondagem 19.

Outro aspecto bastante distintivo entre os conjuntos d'a Pedreira e Regadas diz respeito às cerâmicas penteadas (Anexo VI, Estampas 24 e 25) que, do que se conhece até hoje, não chegam a ter n'A Pedreira a expressão quantitativa que conheceram nas Regadas adquirindo uma expressão muito significativa na Plataforma B e claramente maioritária na Plataforma A. No sítio da Pedreira as expressões das penteadas são sempre muito tímidas e no conjunto do sítio têm um peso somente de 1%, contrastando com os 28% e os 14,8% que adquirem nas plataformas A e B das Regadas, respetivamente..

Por outro lado, há outros tipos decorativos que parecem adquirir uma maior expressão n'A Pedreira do que nas Regadas. São sobretudo as incisas espinhadas, que nas Regadas ocorriam de modo vestigial, bem como também as metopadas e as incisas complexas, sendo que, neste grupo, o seu peso maior assenta sobretudo na expressão que as metopadas de tipo I1 - que incluem nomeadamente as "tipo Penha" - adquirem no contexto d'A Pedreira (ver Anexo VI, Estampa 28).

No fundo comum, isto é, nos tipos decorativos mais frequentes e transversais no conjunto destes povoados, estes partilham grandes afinidades, nomeadamente em relação à recorrência dos tipos III2a e III2b, nas cerâmicas impressas, ou dos tipos III1f(BP) e XXXIIIc nas cerâmicas incisas.

Como problematizar agora estas nuances em termos de momentos de ocupação? No que às Regadas diz respeito, o marco estabelecido com a presença das cerâmicas penteadas permitiu-nos distinguir muito bem uma fase pré penteadas e uma fase pós

penteadas. Como pudemos contar com algumas, ainda que insuficientes, datações, conseguimos sabemos que há um leque cronológico, que inclui as fase pré-penteadas e penteadas, de c. de 250-300 anos (entre o séc. XXIX e XXVI AC), não sendo assim possível precisar com mais rigor o período de surgimento das penteadas. Daí para a frente não pudemos estabelecer uma cronologia de término da ocupação, percebendo-se que ela se prolonga além do momento de explosão das penteadas onde outros tipos decorativos, como as de tipo campaniforme ou a metopadas ganham também alguma expressão.

Como viemos referindo, há conjuntos decorativos em níveis preservados d'A Pedreira que parecem enquadrar-se com os conjuntos dos momentos pré-penteadas das Regadas. Falamos muito particularmente da sondagem 15, e por associação do momento 18IIc, da sondagem 18, bem como também do nível conservado da sondagem 6, o nível conservado da sondagem 19 e, com algumas ressalvas do nível conservado da sondagem 8. Poderemos assim, por comparação, e como hipótese, propor assim uma cronologia adentro da primeira metade do III milénio para estes contextos. Esta hipótese sai também um pouco reforçada pela data obtida para a fossa [123] no contexto das ponderações que fizemos em torno na mesma (ver Anexo III, ponto 3), admitindo que sobretudos os sedimentos do seu fundo possam efetivamente corresponder à data obtida, nomeadamente pelas comparações que se podem estabelecer ao nível da temática decorativa com os recipientes das fossas das Regadas, bem como da estrutura [662] onde os triângulos, e também as impressas, adquirem uma significativa expressão.

Sabemos também que n'A Pedreira, embora o surgimento das penteadas seja tímido, a sua ocorrência está associada a uma diversificação de tipos, de que os momentos 4IIa+4IIIa da sondagem 4 são um excelente exemplo conservado ou mesmo os níveis revolvidos associados à sondagem 6, 18 ou 1. São momentos onde a par das penteadas surgem também os tipos campaniformes, plásticos, metopados clássicos e onde as espinhadas parecem adquirir maior expressão. Este facto também se verifica nas Regadas embora estes tipos não se tornem tão expressivos como n'A Pedreira, talvez por serem retraídos pela forte presença das penteadas.

Sabemos ainda que n'A Pedreira a fossa 147 foi construída/usada ou somente

reaberta e colmatada algures na primeira metade do II milénio.

Como equacionar então estes factos? Será que algures no momento de aparecimento e explosão da expressão das penteadas nas Regadas a ocupação da Pedreira, pelo menos nas áreas intervencionadas, terá sido interrompida e retomada mais tarde? Ou será que esta nuance ao nível das penteadas está somente relacionada com os significados intrínsecos que este tipo decorativo possa ter tido e que, no contexto das atividades e formas de ocupação d'A Pedreira, não deu lugar a que estas tivessem uma maior expressão?

Temos vindo a considerar os dados relativos à imagética das cerâmicas decoradas. Faremos contudo agora uma breve alusão ao contraste entre os recipientes decorados e os não decorados. As contagens realizadas encontram-se sintetizadas nas tabelas do Anexo IV. Em primeiro lugar gostaríamos de fazer notar a grande diferença percentual entre as contagens por bordos e por fragmentos. É por certo expectável que haja diferença entre estes dois métodos porquanto, não sendo os recipientes decorados em todo o seu corpo, as porções lisas gerarão maior quantidade de fragmentos que as que exibem decoração. Contudo, e aliando os dados da relação entre fragmentos decorados e não decorados ao conhecimento que temos dos recipientes que nos permitiram uma melhor reconstituição do seu corpo e decoração, cremos que a diferença acentuada entre as contagens por fragmentos e por bordos enfatiza que o conjunto cerâmico destes sítios é decorado maioritariamente ao longo de uma faixa junto ao bordo. Neste sentido, podemos dizer que a contagem por bordos nos dará uma muito boa aproximação à percentagem real de recipientes decorados nos povoados d'A Pedreira e Regadas e que o valor obtido será pelo menos um valor mínimo. A percentagem de recipientes decorados é, no geral mais baixa nas sondagens d'A Pedreira que nas plataformas A e B das Regadas. Contudo, e curiosamente, verifica-se que são em três dos quatros casos d'A Pedreira que mais proximamente relacionamos com a realidade das Regadas que se identificaram percentagens de recipientes decorados mais altas e, precisamente, mais aproximados aos momentos de ocupação preservados das Regadas. São essas as sondagens 15, 18 e 6 d'A Pedreira. Temos assim valores de recipientes decorados que,

nas Regadas, oscilam entre os 29,7% e 44,4%[22] e, n'A Pedreira, entre 11,1% e 41,1%.

Para tentar problematizar um pouco mais os aspectos que temos vindo a desenvolver, e as questões que perspectivamos, teremos agora que nos deslocar um pouco da nossa escala micro do baixo Tua e buscar pontos de apoio e comparações nos dados regionais por forma a que se possa consubstanciar o desenvolvimento desta discussão.

[22] Excluímos daqui o Momento 2 da Plataforma B, somente com 10% dado que o reduzidíssimo número de fragmentos, nomeadamente de bordos, não poderá ser considerado conclusivo. Além do mais a interpretação deste momento, nomeadamente em termos cronológicos, no contexto da ocupação do sítio deixa ainda muitas questões em aberto. Trata-se de um momento posterior àquele que não apresenta materiais cerâmicos mas não sabemos o quão distanciado cronologicamente poderá estar dos momentos que lhe sucedem e para os quais temos datações absolutas.

# Capítulo 6. – *Zoom out*: a ocupação pré-histórica do Baixo Tua, no contexto da ocupação regional.

## 6.1. Em torno das cronologias e afinidades na imagética decorativa dos recipientes cerâmicos

No Capítulo anterior analisamos as ocupações d'A Pedreira e Regadas, de forma comparativa, à luz da imagética decorativa dos seus recipientes e estabelecendo as relações possíveis ao nível da cronologia da ocupação destes sítios.

Numa base semelhante, tentaremos expandir esta análise à escala regional.

No contexto regional, gostaríamos de salientar, em primeiro lugar, a imagética de tradição antiga patente nas motivos associados às cerâmicas dos povoados estudados do baixo Tua. Com variações entre eles, é certo, e ao longo da sua diacronia, mas esta é uma tónica que persiste aparentemente durante toda a ocupação destes sítios – ainda que seja, de forma expectável, mais evidente nos níveis de ocupação mais antigos. Esta tradição é tão marcada, parece-nos, que se encontra desde logo evidenciada ao nível dos tipos decorativos que consideramos os mais expressivos do fundo comum aos dois povoados: III2a e III2b nas cerâmicas impressas, ou dos tipos III1f(BP) e XXXIII nas cerâmicas incisas.

As decorações de tipo III2, baseadas em linhas horizontais de impressões/puncionamentos são de longa pervivência cronológica e cultural desde finais do VI milénio AC, onde aparecem na estação do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2011), nos sítios de Quebradas e Quinta da Torrinha, igualmente em Vila Nova de Foz Côa (Carvalho, 1999), ou associadas desde inícios do IV milénio a alguns monumentos megalíticos do noroeste peninsular e da Beira Alta (Sanches, 1997, vol.I, pag.121). No caso do Buraco da Pala são igualmente tipos decorativos com expressão maioritária nos níveis IV, III e II, cedendo apenas essa expressão para aquelas baseadas em linhas penteadas no nível I desse abrigo (Sanches, 1997). Estão também presentes no Crasto de Palheiros, onde adquirem nalguns contextos maior expressão e noutros são suplantadas pelas penteadas (Perez-Iglesias, 2018, pag.168). São, contudo, organizações de presença

constante e identificadas como parte de um "fundo calcolítico mais antigo e mais frequente em Trás-os-Montes Oriental", a par das decorações com triângulos (tipo II) e com linhas incisas paralelas ao bordo (tipo III1) (Sanches & Pinto, 2008, p.127). Com efeito, encontram-se igualmente representadas no Cemitério dos Mouros, em Abreiro (Figueiral e Sanches, 1998-1999, p.85) , nos povoados de Chaves-Vila Pouca de Aguiar – Vinha da Soutilha, São Lourenço e Castelo de Aguiar (Jorge, 1986), ou ainda nos povoados do Barrocal Alto (em ambos os níveis, logo numa cronologia que vai da primeira metade do IV milénio a meados o III milénio AC), ou do Cunho (Sanches, 1997, vol.II, p.285). Sendo, assim pois, um tipo decorativo de raiz regionalmente muito antiga, mas também de longa sobrevivência ao longo do III e até II milénio AC, não seria por si só um indicador cronológico. Nota-se, no entanto, uma tendência regional para uma expressão muito significativa nos conjuntos, como acontece nos níveis mais antigos do Buraco da Pala ou naqueles d'A Pedreira e Regadas, até ao momento em que as penteadas se destacam e assumem muitas vezes pesos estatísticos maioritários.

Mas se a ocorrência dos tipos III2a pode ser considerada de longa sobrevivência e presença generalizada nas ocupações pré-históricas regionais, os tipos III1f(BP) e XXXIII são organizações não tão recorrentes e que nalguns contextos são exclusivas de momentos de ocupação mais antigos. São, com efeito, tipos que ocorrem no Buraco da Pala, mas apenas no nível IV, datado da primeira metade do V milénio ao 3º quartel do IV milénio e que não ocorrem, por exemplo, no Crasto de Palheiros. O tipo III1f(BP) ocorre num fragmento do sítio Neolítico de Quebradas (Vila Nova de Foz Côa) (Carvalho,1999,Fig.8-2, p.48) e parece ocorrer no Castelo de Aguiar, integrada no tipo decorativo II deste sítio (Jorge, 1986, vol.I, Fig.5, p.602) onde autora nota a presença de organizações decorativas "...cuja provável origem neolítica comum revela uma ampla sobrevivência temporal " (Jorge, 1986, volI, p.622).

O tipo XXXIII, referente a decorações com caneluras verticais ou levemente curvas dispostas em banda horizontal abaixo do bordo, estão presentes em sítios atribuídos ao Neolítico como as Quebradas ou o Tourão da Ramila, em Vila Nova de Foz Côa (Carvalho, 1999, 2003) e ainda o Prazo, no mesmo concelho, onde é identificada como organização decorativa V (Monteiro-Rodrigues, 2011, p.232). No

Buraco da Pala é, como já referimos, uma decoração exclusiva do nível IV (Sanches, 1997,vol.II, p.145). No Crasto de Palheiros desconhecemos a sua ocorrência mas foi identificada num recipiente do Cemitério dos Mouros, em Abreiro, na forma XXXIIIb (Figueiral & Sanches, 1998-1999, pp.85-86). Nas Regadas e Pedreira ocorre segundo todos os subtipos, predominando em todo o caso a variante XXXIIIc - caneluras levemente curvas (Anexo VI, Estampa 6 -1). A variante XXXIIId parece ser uma variação local deste tipo decorativo XXXIIIc, dado que só a identificamos n'A Pedreira e Regadas. Trata-se de um subtipo onde ocorrem duas, e não somente uma, linhas de caneluras de tendência curva criando um efeito tipo "folha de palmeira".

Vimos até agora como as imagéticas decorativas transversalmente mais comuns aos dois povoados estudados no baixo Tua evocam uma estética regionalmente antiga e radicada no Neolítico. Além destas organizações mais comuns, há depois outras cuja ocorrência é pontual, mas que corroboram a tónica "conservadora" do conjunto cerâmico destes sítios.

Gostaríamos aqui de destacar os dois recipiente com decoração XXXVI identificados no momento de ocupação 2a da Plataforma A das Regadas e que consiste numa banda decorativa paralela ao bordo, definida no topo e na base por uma linha de puncionamentos entre as quais se realiza uma banda de incisões verticais, subverticais, ou mesmo oblíquas. Esta banda decorada ocorre no espaço definido por uma leve carena no recipiente (Anexo VI, Estampa 8 -1 e 2). O único paralelo regional que encontrámos para estes recipientes foi no sítio da Fraga d'Aia, em São João da Pesqueira, onde foi identificado um recipiente igual a estes dois das Regadas (Jorge, Baptista & Sanches, 1988, Fig.3:4), ocorrendo ainda outros dois cuja decoração/forma do recipiente parece manter também afinidades com o tipo XXXVI (Jorge, Baptista & Sanches, 1988, Fig.3:1 e 3). A ocupação deste abrigo, à luz de novas datas realizadas, foi reinterpretada posteriormente por M.J.Sanches, valorizando aquelas obtidas para uma das lareiras identificadas, e que levam esta investigadora a considerar possível que "...o início da ocupação , ou eventualmente frequência esporádica do abrigo (...) tivesse tido lugar pelo menos na primeira metade do V milénio, ou nos meados desse milénio." (Sanches, 1997, volI, p.150), admitindo, com base nas restantes datações, que este abrigo possa

ter sido "...frequentado, sazonalmente (ou periodicamente), de modo contínuo ou descontínuo durante o V e a primeira metade do IV milénio..." (Sanches, 1997, volI, p.150). No que diz respeito aos recipientes cerâmicos decorados da Fraga d'Aia que relacionamos com os nossos XXXVI das Regadas, não deixa de ser notório, no contexto da argumentação que temos vindo a fazer, que M.J.Sanches os relacione com a decoração XXXIII e III1f (nossa III1f(BP)) do Buraco da Pala (Sanches, 1997, volI, p.151). Mais recentemente, no âmbito do estudo do Abrigo da Foz do Tua, um pouco a jusante dos povoados d'A Pedreira e Regadas, uma provável relação desta área do baixo Tua com o abrigo da Fraga d'Aia havia já sido estabelecida. Partindo da análise do painel pintado da Foz do Tua, nomeadamente na semelhança dos antropomorfos nele identificados com o antropomorfo da cena de caça a um cervídeo do painel central de Fraga d'Aia (Jorge, Baptista & Sanches,1988: Figs. 6 e 7), admitimos o recuo cronológico deste painel de Foz Tua ao Neolítico inicial ou antigo regional, ou, porventura, ao Mesolítico (VIII mil. a.C.[23]) (Teixeira & Sanches, 2017).

Ainda no que diz respeito à decorações mais marcantemente de fundo antigo, não podemos deixar de referir a presença de fragmentos decorados a concha, tipo cardial. Trata-se de três fragmentos, dois na plataforma A e um na plataforma B das Regadas, exibindo bandas horizontais de impressões arrastadas (Anexo VI, Estampa 13). A cerâmica cardial tem, tradicionalmente, um peso grande enquanto "fóssil diretor" do Neolítico antigo. Todavia, este enquadramento tem vindo a ser entendido em moldes menos restritos, porquanto a par de um alargamento geográfico da sua ocorrência, há também um alargamento da sua amplitude cronológica, ocorrendo em cronologias já dos finais do VI milénio e adentro do V milénio AC (Monteiro-Rodrigues, 2011, p. 359). No sítio do Prazo recolheu-se aquele que, por ora, seria o fragmento mais a norte

[23] Com efeito, uma das datas da Fraga d'Aia admite o início da ocupação ainda no VIII milénio AC. No entanto, pelo facto de o respetivo carvão se ter encontrado sob a camada 3, e sobre o solo estéril de base, M.J.Sanches admitiu como possível a sua ocorrência casual e como tal considerou na altura mais parcimonioso valorizar as outras datas que colocavam a ocupação entre o V e a primeira metade do IV milénio (Sanches, 1997, vol.I, p.150). Os dados regionais, nomeadamente ao nível da arte rupestre, onde se integra o Abrigo da Foz do Tua, a par de novos olhares analítico-interpretativos, nomeadamente sobre as pinturas da Faia no Vale do Côa (Bueno et alii 2007; Santos et alli, 2018) parecem agora admitir que se volte a ponderar esta data mais antiga da Fraga d'Aia (Sanches & Teixeira, no prelo).

do interior português, no sector VII desta estação, datado de meados/segunda metade do V milénio AC (Monteiro-Rodrigues, 2011, p.359). Recentemente foi descoberto um recipiente tipo "garrafa" com impressão cardial na Cova Eirós, em Triacastela – Lugo (Fábregas Valcarce et alli, 2019) interpretada como uma "deposição" do neolítico antigo, sendo comparado, nomeadamente, com recipientes do mesmo tipo ocorridos em território português, em Santarém e Casével (Carvalho, 2011). Os fragmentos identificados nas Regadas ocorrem associados ao momento 4y da Plataforma A, um deles, e aos sedimentos revolvidos da Fase II das Plataformas A e B, os outros dois. Não podemos assim considerar estas cerâmicas em contexto conservado. No caso do recipiente 684 esta decoração ocorre aposta a um recipiente cuja forma é parcialmente passível de se determinar. Tanto se pode tratar de um recipiente de tipo globular de colo estrangulado como efetivamente de um tipo "garrafa", semelhante à de Cova Eirós ou às de Santarém e Casével (Anexo V, recipiente 684). No enquadramento da discussão que temos vindo a fazer, dando conta de uma raíz neolítica da imagética associada às cerâmicas das Regadas e Pedreira, podemos, pelo menos, considerar que ainda que estas cerâmicas tenham sido produzidas e usadas em cronologias adentro do III milénio, evocam, tal como as demais que temos vindo a referir, essa tradição de cariz conservadora. Note-se contudo ainda que, na Plataforma B das Regadas, a decoração com impressão de concha aparece também associada à decoração campaniforme em moldes muito semelhantes aos recipientes campaniformes identificados em O Regueiriño, Pontevedra (Prieto-Martínez, 2010) – ver Anexo VI, Estampa 26: 7.

Falemos agora um pouco das cerâmicas com impressão em ziguezague, "tipo Regadas". Esta decoração aparece, como já referimos desde os momentos mais antigos, com cerâmica, das Regadas e Pedreira. Não conhecemos, como também já referimos anteriormente, paralelos exatos para este tipo decorativo. Todavia, há uma decoração exclusiva do nível III do Buraco da Pala, que, no desenho, nos lembra as formas mais simples da "tipo Regadas": trata-se da decoração XXXV do Buraco da Pala (Sanches, 1997, vol.II, p.144). Inicialmente chegámos até a considerar as "tipo Regadas" como subtipos da XXXV mas, quando concluímos que o modo de as fazer assentava exclusivamente em gestos de impressão, contrariamente à XXXV, que é descrita como

uma incisão, optámos então por alterar e criar o tipo XXXVII para distinguir as nossas impressões em ziguezague. Nas Regadas ocorrem de resto alguns outros fragmentos com incisões em ziguezague que, a essas sim, atribuímos a organização XXXV. Não podemos contudo deixar de registar as semelhanças ao nível gráfico entre estas duas decorações (embora a XXXVII atinja uma complexidade nos detalhes, sobretudo nalgumas impressões mais finas ou com matrizes mais complexas, impossíveis de se atingir com a incisão) pelo que de alguma forma podemos até perspetivar a "tipo Regadas" como uma complexificação/sofisticação gráfica da XXXV. No Crasto de Palheiros não temos registo desta decoração. Contudo, no Cemitério dos Mouros foi encontrado um fragmento ao qual foi atribuída a organização decorativa XXXV, descrita como "...incisões que avançam em movimento de vai-vém..." (Figueiral & Sanches, 1998-1999, pp.85-86).

De registar ainda que no Castelo de Aguiar foi identificado um recipiente decorado "...com filas horizontais de incisões curvilíneas em forma de "chama" (Fig.5, decoração IIj). Este motivo, de origem neolítica, encontra-se representado em recipientes do dólmen de corredor de Alcogulo 2, Cabeço dos Milhares, Portalegre e um outro na Orca dos Juncais (Beira Alta)" (Jorge, 1986. Vol.I, p.621). Atentando na descrição e no desenho deste tipo decorativo, parece-nos que corresponde claramente à organização decorativa XXXV do Buraco da Pala, saindo assim reforçada a ideia da sua raíz numa estética neolítica.

Desde modo, tendo em conta o contexto antigo onde parece radicar-se a grande parte da imagética decorativa dos recipientes das Regadas e Pedreira e sublinhando ainda que a decoração XXXVII: 1) se afirma desde os momentos mais antigos de ocupação nestes sítios e estabelece-se como uma marca identitária dos mesmos; 2) apresenta familiaridades gráficas com a decoração XXXV que, considerando os dados do Buraco da Pala e do Castelo de Aguiar, ocorre regionalmente desde meados do IV milénio (Sanches, 1997, vol.I, p.119; Jorge, 1986, volI, p.624), ou em contextos tumulares mais antigos do centro interior do país; cremos que temos dados crono-culturais e espaciais para sustentar que a decoração "tipo Regadas", tem na sua génese conceptual uma tónica Neolítica.

As decorações "tipo Regadas" adquirem em muitos dos recipientes desenhos muito complexos e "barrocos", como também já tivemos oportunidade de referir, o que as torna aparentadas também do tipo III2e, que também designamos muitas vezes, enquanto conjunto, pelas impressas "barrocas". Este barroquismo não deixa também de nos remeter para os tradicionais conjuntos neolíticos altamente decorados. Até mesmo o conjunto da estação do Prazo ocorrem muitas organizações que misturam várias técnicas e desenhos. Em todo o caso, não são estes os únicos conjuntos cerâmicos a exibir barroquismo. As cerâmicas metopadas de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Jorge, 1986) são marcadamente barrocas; as complexas formas decorativas à base de penteadas do nível I do Buraco da Pala e aquelas do Crasto de Palheiros, são também decorações barrocas (Sanches, 1997; Sanches & Pinto, 2008) e, as transfigurações de penteadas com outras técnicas que se registam no Castelo Velho de Freixo de Numão, em Vila Nova de Foz Côa (Lopes, 2019) são inegavelmente barrocas[24] .

O que queremos com isto salientar é que não é o barroquismo em si de algumas decorações dos povoados do Baixo Tua que é distintivo em contextos do III milénio. Trata-se mais do carácter, da estética, desse barroquismo que, no caso destes povoados assenta em formas impressas e na combinação e gosto pela exploração de variadas e diferentes matrizes. Gostaríamos ainda de salientar que quando caracterizamos estes tipos das Regadas e Pedreira como barrocos não nos estamos propriamente a referir a grandes extensões decorativas no corpo do recipiente – como é o caso dos recipientes "barrocos" do Castelo Velho ou das penteadas do Buraco da Pala/ Crasto de Palheiros onde, em muitos casos, a decoração se estende à totalidade do corpo do recipiente. Estamos, na grande parte dos casos, a falar de uma faixa decorada paralela ao bordo mas que é constituída por essa sobreposição de marcas impressas de diferentes matrizes, criando por vezes até efeitos quase "rendilhados" e complexos.

Esta exploração de formas impressas tem, segundo a nossa interpretação, maior familiaridade com os tipos neolíticos do que com as dos casos referidos para o III

[24] Embora seja de salientar a presença de um recipiente com decoração que designamos como V+III2e, encontrado nos sedimentos revolvidos da Fase II da Plataforma A das Regadas, e que parece aproximar-se às transfigurações das decorações penteadas tão comuns no Castelo Velho.

milénio regional. Integramos ainda nesta aproximação à estética neolítica os bordos denteados ou puncionados que têm alguma expressão no baixo Tua, que não ocorrem no Crasto de Palheiros, que aparecem no Buraco na Pala, enquanto tipo III1e apenas no nível IV, que se registaram na Fraga d'Aia, nomeadamente em associação ao tipo XXXVI e que são tónica recorrente em organizações decorativas descritas para o sítio do Prazo.

Com exceção dos momentos de ocupação I das Plataformas A e B das Regadas, aqueles nos quais não se recolheram materiais cerâmicos, e do Momento 2 da Plataforma B, sabemos que as ocupações subsequentes não são anteriores ao III milénio. Deste modo, ainda que os seus materiais cerâmicos evoquem imagéticas com raiz no Neolítico, as ocupações em causa ocorrem em cronologias plenamente calcolíticas. Como interpretar então isto? Terá havido uma ocupação mais antiga destes sítios, ou trata-se esta apenas de uma tradição conservadora regional? Curiosamente, e ainda sem o conjunto de dados de que agora dispomos para discutir este tema, aquando da redação do texto do EHEVT na componente da Pré-história, já levantávamos a questão da possível raiz antiga destas ocupações destacando, a par do carácter conservador do conjunto cerâmico (do qual já nos tínhamos apercebido embora sem uma base de sustentação tão grande como a que dispomos agora[25]), um conjunto de micrólitos geométricos em material silicioso, exumado n'A Pedreira (Teixeira, 2017, p.114), que partilham semelhanças, ao nível da tipologia e da matéria-prima, com os dos monumentos megalíticos da região, como sejam a Anta da Fonte Coberta (Carvalho & Gomes, 2000), em Alijó, ou a mamoa d'Alagoa (Sanches & Nunes, 2004).

Neste ponto não podemos deixar de fazer algumas considerações sobre os momentos de ocupação I de ambas a plataformas das Regadas. No conjunto de materiais líticos associados a esses momentos, verificou-se a existência de elementos de produção em pedra lascada, como núcleos, lascas, restos de talhe e esquírolas quer sobre quartzo de filão, quer sobre seixos de quartzo ou quartzito. O seixo de anfibolito também se encontra presente. Salientamos ainda a ocorrência de peças multifuncionais,

[25] Aquando da elaboração do texto do EHEVT, decorria ainda o estudo sumário do material, para elaboração dos relatórios finais.

como núcleos/percutores, destacando-se também um fragmento de movente/bigorna sobre seixo de granito e outro somente movente, percutores, um alisador/amolador/polidor e um possível fragmento de instrumento polido em anfibolito. Destaque ainda para a presença de um nódulo de grafite, que não cremos ser, pelo menos regionalmente, comum, mas que poderia por certo constituir matéria-prima para obtenção de pigmento negro. Resta ainda acrescentar que alguns seixos apresentam alteração térmica. Todo este conjunto, que em todo o caso não é grande, deveria ser alvo de um estudo mais profundo, nomeadamente com recurso à lupa binocular. Gostaríamos de o ter feito mas, dado que fugia ao âmbito definido para este trabalho, foi necessário tomar opções e não tivemos oportunidade de o concretizar. A observação destes materiais foi assim realizada a olho nu e de forma sumária[26].

Articulando a presença destes momentos de ocupação em ambas as plataformas com os demais aspetos que temos vindo a desenvolver, consideramos plausível interpretar estas ocupações como testemunhos da ocupação do povoados das Regadas em cronologias adentro do Neolítico, provavelmente durante o V milénio ou até mesmo anteriores. Cremos que podem ser testemunho de assentamentos periódicos ou até sazonais relacionados com atividades nas quais o uso de recipientes cerâmicos não fosse necessário, ou integrados ainda em cronologias em que o uso e transporte destes recipientes acontecia ainda a uma escala muito reduzida e daí não terem chegado vestígios deles até nós.

Mais ainda, supomos que a estreita relação formal que, em termos gerais, podemos estabelecer entre a imagética decorativa dos recipientes dos momentos 2a/2b da Plataforma A e 3a/3b da Plataforma B com os níveis IV e III do Buraco da Pala (além das outras relações estabelecidas com os sítios do Prazo e da Fraga d'Aia, etc) nos podem sugerir que estas ocupações das Regadas poderão ter ocorrido em continuidade com momentos de ocupação que aí tenham ocorrido durante o V/IV milénio e que, por questões tafonómicas, ablações antrópicas relacionadas com reocupações sucessivas ou fenómenos de erosão, não se tenham mantido preservadas. Poderá o momento 2 da

[26] Não poderíamos deixar de agradecer a ajuda e disponibilidade do Prof. Sérgio Monteiro-Rodrigues que observou conosco este conjunto de peças.

Plataforma B testemunhar um desses momentos?

Também em moldes muito semelhantes com o verificado no Buraco da Pala podemos dizer que, no baixo Tua, a primeira transformação na estética dos conjuntos cerâmicos ocorre com a presença das cerâmicas penteadas. Se atentarmos aos gráficos da Plataforma A, que nos permitem perceber estas alterações de um modo mais faseado, percebemos que, por si só, o aparecimento das penteadas no momento 3b não induz outras alterações decorativas no conjunto. É sobretudo após, ou eventualmente a par, do momento da sua explosão estatística que também uma maior variabilidade de novos tipos começa a aparecer.

No âmbito regional é na região de Chaves, mais precisamente no povoado da Vinha da Soutilha, que estas decorações primeiramente aparecem ainda na segunda metade do IV milénio AC (Jorge, 1986). Note-se que, previamente a esta cronologia, há o registo de um recipiente decorado a pente arrastado da Fraga d'Aia (Jorge, Baptista & Sanches, 1988, Fig 3:2), mas com uma aparência que não coincide bem com o conjunto de cerâmicas penteadas que posteriormente caracterizará as ocupações calcolíticas da região[27], tal como salienta M.J.Sanches (Sanches, 1997, volI, p.150).

No Buraco da Pala este tipo decorativo ocorre apenas no nível I onde surgem com uma expressão claramente dominante do conjunto e segundo organizações complexas que incluem metopadas penteadas. Se contabilizadas em conjunto, penteadas segundo bandas predominantemente horizontais ou organizadas em métopas, o conjunto das penteadas totaliza um valor de 77% do conjunto decorado (Sanches, 1997, volI, p. 127). Nos povoados do baixo Tua a expressão maior atingida pelas penteadas ocorre no momento 4y onde têm uma expressão de 56% do conjunto decorado[28]. No Buraco da

[27] De registar que também no território interior do Alto Mondego, na área contígua ao Alto Távora/Fraga d'Aia, as cerâmicas penteadas terão igualmente surgido pela primeira vez ainda no Neolítico (Penedo da Penha e Buraco da Moura de S. Romão), seguindo-se um interregno no seu uso e reaparecendo, ainda com representatividade baixa, na primeira metade do III milénio. A sua expressão maior acontece depois,na segunda metade do milénio (a par do aparecimento da metalurgia), evidência que A.C.Valera interpreta como sendo uma abertura dos povoados em causa à influência da bacia do Alto Douro (Valera, 2006, p.319; 643).

[28] As % aqui indicadas, referentes aos povoados do baixo Tua, referem-se sempre ao montante de determinado tipo decorativo ou de certas técnicas, no conjunto das cerâmicas decoradas (e não no total da cerâmica do sitio arqueológico).

Pala, e de modo possivelmente simultâneo no Crasto de Palheiros, o aparecimento das penteadas terá ocorrido algures entre 2800-2500 AC. Este intervalo cronológico inclui no Buraco da Pala os níveis II e I, isto é, ainda um nível pré-penteadas e o nível do aparecimento das penteadas. Este é, em moldes semelhantes, genericamente o intervalo de tempo que nos forneceram as datas da Plataforma A das Regadas da Plataforma A para os níveis 2a e 3b (momento do aparecimento das primeiras penteadas). Não podemos contudo deixar de voltar a referir a assimetria entre a representação das penteadas nas Regadas e n'A Pedreira onde a expressão das penteadas é sempre muito tímida e, no conjunto do sítio, têm somente um peso de 1%. Por outro lado, n'A Pedreira adquirem maior expressão do que nas Regadas as incisas espinhadas, e também as metopadas e as incisas complexas, sendo que, neste ultimo grupo, o seu peso maior assenta sobretudo na maior expressão das incisas metopadas "tipo Penha".

Curiosamente ocorrem assimetrias semelhantes no Crasto de Palheiros evidenciadas entre a Plataforma Superior Norte e as demais áreas do Crasto (Perez Iglesias, 2018, p.89-90). Com efeito, na Plataforma Superior Norte as cerâmicas penteadas não adquirem a preponderância que se verifica nas restantes áreas do Crasto (Perez Iglesias, 2018, p.87), muito embora se posicionem percentualmente em segundo lugar, o que está longe do verificado n'A Pedreira. No Buraco da Pala as incisas metopadas, "tipo Penha" não ocorrem. Ao invés, são altamente exploradas as métopas com base na técnica penteada (Sanches, 1997, vol.II, p.132).

Partindo da análise que fizemos do caso específico dos povoados do baixo Tua, em inícios/meados do III milénio, parece-nos que a estética da produção cerâmica estaria ainda muito "fechada", no sentido de radicada, em tradições neolíticas e pouco abertas à inovação advinda do exterior ou das relações exteriores. A partir do momento em que as cerâmicas penteadas começam a ganhar mais expressão, nuns sítios, e as incisas complexas noutros, a par de outros tipos como os campaniformes ou decorações plásticas, parece que começa a haver uma maior abertura desses sítios a influências da zona de Chaves e eventualmente mais litorais[29]. A afinidade específica desta ou aquela

[29] Um quadro de complexas nuances e assimetrias entre as relações do interior norte , aparentemente mais conservador nas suas dinâmicas sociais, com as regiões mais litorais, onde se notam ocorrer mais cedo

comunidade com este ou aquele tipo decorativo, relacionada com as suas questões identitárias internas e/ou ligações de parentesco, a par dos significados "funcionais" e sociais atribuídos à imagética dos tipos decorativos, pode ter ditado a heterogeneidade registada na expressão destes. Esta heterogeneidade pode notar-se não só entre sítios como dentro de um mesmo sítio, de que o Crasto de Palheiros é exemplo. Questões cronológicas a uma micro escala à qual as datações não nos permitem chegar também poderão estar aqui por certo envolvidas, se pensarmos que estamos a considerar aqui diacronias que envolvem vários séculos e, por conseguinte, várias gerações (com tudo o que isso implica, nomeadamente em termos de casamentos e negociações inter comunitárias que se vão complexificando cada vez mais ao longo do III milénio).

A par do aparecimento e, no caso das Regadas, grande expressão adquirida pelas penteadas ocorre também, como já referimos, uma multiplicação de novos tipos onde, além das metopadas incisas e maior expressão das incisas espinhadas (no caso d'A Pedreira), ocorrem também alguns fragmentos associados ao "fenómeno" campaniforme. Este tema é alvo de grande debate que não cabe aqui desenvolver de modo profundo. Procuraremos assim apenas discutir os dados do baixo Tua à luz, sobretudo, dos trabalhos recentemente publicados e, esses sim, de forma desenvolvida, sobre o campaniforme no Norte de Portugal (Sanches & Barbosa, 2018a; 2018b). Estas investigadoras defendem uma cronologia longa de expressão do campaniforme neste território que poderá ter tido inícios em cerca de 2800/2700 AC (momento em que podem ter surgido no Crasto de Palheiros) até cerca de 1600/1500AC (Sanches & Barbosa, 2018a; 2018b).

Para o caso do Crasto de Palheiros, as autoras sublinham a ocorrência de recipientes campaniformes ditos "clássicos", a par de campaniformes incisos de tipo I1. Ocorrem ainda formas locais que incluem com grande expressão neste sítio, bem como no Buraco da Pala (onde não ocorre campaniforme "clássico"), decorações penteadas "imitando" as bandas impressas horizontais campaniformes e apostas nalguns casos a recipientes com morfologias normalmente associadas ao campaniforme (Sanches, 1997;

tensões sociais promotoras da ascensão de elites, sobretudo ao longo da segunda metade do III milénio foi recentemente proposto por S.Lopes e A. Bettencourt (2017)

Sanches & Pinto, 2008; Sanches & Barbosa, 2018a). Num contexto regional em que se verifica uma tendência de complexificação das cerâmicas penteadas à medida que transcorre o III milénio, há assim também "...uma tendência clara de associação da cerâmica campaniforme clássica a decorações complexas penteadas." (Sanches & Barbosa, 2018a, p.105). No caso d'A Pedreira e Regadas, pese o facto de grande parte das organizações decorativas penteadas não se conseguirem reconstituir[30], bem como as formas dos recipientes (que em todo o caso não entraram no âmbito específico do nosso estudo), não estamos seguramente perante as decorações barrocas, incluindo complexas metopadas penteadas, que ocorrem no Buraco da Pala ou no Crasto de Palheiros, se excetuarmos a Plataforma Superior Norte deste ultimo sitio. Com efeito, é com esta área do Crasto que a sequencia de As Regadas parece associar-se. A organização decorativa que domina largamente os tipos penteados das Regadas é a V2b, um tipo simples que consiste em bandas horizontais de penteado ondulado. Curiosamente este tipo nem ocorre n'A Pedreira, mas o conjunto cerâmico penteado deste sítio é reduzidíssimo, pelo que nem se pode tomar como comparação a este nível.

No que diz respeito aos fragmentos campaniformes, ou de imagética campaniforme, dos povoados do baixo Tua, dado o seu tamanho reduzido, não conseguimos chegar aos subtipos decorativos pelo que metodologicamente optámos por somente os classificar enquanto tipo XXV, no caso dos fragmentos que apresentavam a impressão campaniforme clássica, e enquanto XXV', nos casos em que reconhecemos uma aproximação decorativa à imagética campaniforme. Não lhes querendo chamar imitações, preferimos considera-los como derivações/ transformações /extrapolações ou, como referem M.J.Sanches e M.H.Barbosa (2018a) "estilos locais" da decoração campaniforme. E como referem ainda estas investigadoras, parece ser precisamente nos sítios da região do interior norte que a originalidade dos estilos locais mais se evidencia (Sanches & Barbosa, 2018a, p.121). No caso das Regadas identificamos na Plataforma A somente uma decoração em moldes clássicos do campaniforme e três fragmentos de recipientes que consideramos como desenvolvimentos locais deste tipo decorativo. Na

[30] Os fragmentos com decoração penteada que não permitiram chegar ao subtipo da organização decorativa ficaram classificados como V(ind.), a fim de que os pudéssemos contabilizar no nosso estudo.

Plataforma B, o peso percentual da estética campaniforme é maior, bem como a ocorrência de exemplares ditos clássicos. Assim, nesta plataforma, contamos 5 fragmentos de recipientes com a decoração clássica e quatro classificados como derivações locais. Um dos recipientes assim classificados (XXV') trata-se na verdade de três fragmentos que compunham um recipiente onde a impressão campaniforme clássica se articulava com bandas horizontais de impressão de concha. Como já referimos há um paralelo muito semelhante para este recipiente identificado em O Regueiriño, Pontevedra (Prieto-Martínez, 2010), pelo que talvez na verdade devêssemos ter assumido este recipiente como um tipo XXV clássico. No caso d'A Pedreira não identificámos impressões clássicas campaniformes, mas apenas oito fragmentos que interpretamos como desenvolvimentos locais deste tipo decorativo.

Relativamente à cronologia da expressão do campaniforme do baixo Tua não podemos tecer grandes considerações que contribuam para as sínteses regionais desenvolvidas (Sanches & Barbosa, 2018a; 2018b). Com efeito podemos apenas dizer que não surgem antes das penteadas e que, de acordo com o que o faseamento da ocupação da Plataforma A das Regadas evidencia, também não surgem imediatamente com as penteadas, mas sim eventualmente associadas ao momento em que essas ganham maior expressão e, daí para a frente, associadas à diversificação de tipos que parece ter ocorrido, tanto nas Regadas como n'A Pedreira. Com efeito, o fragmento associado ao momento 4y é o único nesta estação que não ocorre nos sedimentos revolvidos da Fase II.

## 6.2. Os modos de povoamento e atuação social na Pré-história recente do Vale do Tua. Um breve apontamento à luz dos dados d'A Pedreira e Regadas.

Evocamos neste ponto o título que atribuímos ao nosso estudo da Pré-história no âmbito do EHEVT (Teixeira,2017) no sentido de, agora munidos de uma nova análise de dados, re-olharmos criticamente o discurso que então produzimos e, dessa forma, o atualizarmos.

Como já tivemos oportunidade de salientar , o vale do Tua parece estruturar o povoamento desde finais do IV milénio. Alguns pontos chave do curso do rio, associados a espraiamentos do vale, confluências de linhas de água ou zonas de vau, evidenciam uma particular concentração de sítios. Os dois focos principais seriam o curso inferior do Tua, junto à foz deste, no Douro e o meandro de Abreiro. Já na altura (Teixeira, 2017) entendemos a densidade de povoamento nestes pontos, altamente estratégicos a várias escalas de análise, à luz de diacronias longas de ocupação continuada.

Em ambos os sítios escavados no âmbito do AHFT, Pedreira e Regadas, se registou uma ocupação de encosta, particularmente declivosa no caso da Pedreira, o que determinou uma diversidade de soluções construtivas e de organização do espaço, onde destacamos as soluções de contenção e regularização de plataformas nas vertentes, nomeadamente com a construção de muretes e bases pétreas, bem como de empedrados de terra e pedras para regularização das superfícies de assentamento. Estas soluções construtivas, e com morfologias semelhantes, estão presentes em ambos os povoados. No caso das Regadas, contudo, devido aos declives mais suaves, que permitiram a utilização de plataformas mais alargadas, estas bases de assentamento e contenção apresentaram-se como um palimpsesto complexo, denunciado sucessivas fases de ocupação denunciadoras de uma contínua reformulação e manutenção dos espaços. Os declives acentuados d'A Pedreira não permitiram (salvo, como hipótese, a plataforma das sondagens 1, 2 e 6) o assentamento em áreas aplanadas mais amplas. Definir-se-iam assim núcleos pequenos ao longo da encosta, aproveitando barrocos naturais e criando soluções de contenção de menor escala. Noutros casos, porém, como naquele identificado na sondagem 4, a criação de uma base de assentamento implicou o uso de blocos de dimensões consideráveis que terão provavelmente sido intencionalmente rolados encosta abaixo. Facto curioso de notar, para ambos os sítios, A Pedreira e Regadas, é que

muitas destas soluções de contenção de cronologia pré-histórica acabaram por servir elas próprias de base para assentamento dos socalcos mais recentes, como aconteceu, por exemplo, no caso das Plataformas A e B, das Regadas, ou nas sondagens 4, 11 e 18 da Pedreira. Podemos assim considerar que a antropização que marcou de forma tão característica as encostas do Tua durante os períodos Moderno e Contemporâneo, nomeadamente com a criação de plataformas em socalco, tem afinal origem em períodos muito mais antigos, embora nestes se manifeste numa menor escala.

Nestes povoados julgamos que as construções se desenvolveriam em altura nomeadamente com recurso a materiais perecíveis, de que o barro de construção recolhido, em alguns casos com negativos de ramagens, é testemunho. Além das estruturas de assentamento, foram reconhecidas estruturas negativas, tipo fossa, em ambos os povoados, bem como pequenas estruturas definidas por lajes pétreas de configuração cistoide. Identificaram-se ainda buracos de poste e vários vestígios de alinhamentos pétreos que provavelmente definiriam estruturas. No caso das Regadas conseguiu definir-se um provável fundo de cabana com um embasamento pétreo, num no Momento 1 da Plataforma B. Note-se, todavia, que o grau de destruição foi grande em ambos os sítios.

No caso das Regadas podemos dizer que, no caso específico das plataformas escavadas em área, A e B, os momentos de destruição ocorreram desde logo na Pré-história pois que os sucessivos assentamentos ao implicarem limpezas, renivelamentos do terreno, reformulações dos espaços e manutenção das estruturas de contenção, deixaram os vestígios anteriores reduzidos às suas bases. Mais tarde, talvez ainda em tempos medievais, mas sobretudo no contexto das transformações no terreno modernas/contemporâneas, estas áreas foram ainda decapadas e os seus sedimentos parcialmente revolvidos, criando camadas de enchimento dos socalcos então construídos, nos quais se abriram valas paralelas (possivelmente para plantio de vinha) que truncaram compassadamente

os níveis de ocupação antiga. Ainda assim, ante este cenário e contrariamente ao que poderíamos expectar, podemos dizer que, ao nível de materiais arqueológicos, particularmente dos cerâmicos, estes se encontram, no geral, em bom estado de conservação, o que aponta para que, de algum modo, todos estes processos tenham ocorrido de um modo rápido e em momentos "únicos", e não por exposição de forma continuada destes materiais aos agentes de erosão e degradação.

No caso d'A Pedreira, com exceção das estruturas negativas, mais uma vez os vestígios pré-históricos preservaram-se somente na forma de embasamentos e empedrados. Aqui, como fatores de destruição, à construção de alguns muros modernos, juntou-se a atividade mineira (Sanchez-Palencia et alli, 2017) e ainda, cremos, as condições erosivas proporcionadas pelos declives acentuados em grande parte da área do povoado, que terão imprimido uma ação erosiva mais continuada, nomeadamente sobre os materiais cerâmicos.

Com base nas datações absolutas de que atualmente já dispomos (Anexo II, Quadro 1 e Anexo III, Quadro 1) podemos afirmar que a máxima expressão da ocupação destes sítios terá ocorrido na primeira metade do III milénio AC e que pelo menos algures neste período a ocupação destes dois sítios, Pedreira e Regadas, deverá ter sido contemporânea. Uma ligação estreita entre os dois povoados parece de resto também ser sugerida pela similitude ao nível dos materiais arqueológicos, nomeadamente ao nível das cerâmicas, partilhando estes dois sítios tipos muito específicos de técnicas e organizações decorativas, como foi aqui discutido (cf.Capítulo 5).

A riqueza mineral da área d'A Pedreira parece ter sido reconhecida ainda na Pré-história , como indicia a presença de amostras de cassiterite (mineral de estanho) em contexto arqueológico, associada quer a fragmentos de quartzo de filão local, quer a fragmentos acusando rolamento fluvial (Teixeira, Barbosa e

Barbosa, 2016; Teixeira, 2017; Sanchez-Palencia et alli, 2017). Assinalável é igualmente o potencial para, nesta área, se explorarem mineralizações complexas capazes de fornecerem, além da cassiterite, a arsenopirite (com relevância para a produção de cobre arsenical, que pode ter ocorrido durante o III milénio), a pirite e a galena (Sanchez-Palencia et alli, 2017). Também o ouro poderá ter potencialmente sido explorado nesta zona. Durante algum tempo fomos colocando a tónica da ocupação d'A Pedreira se relacionar com a exploração da riqueza mineral local. Essa hipótese jogaria muito bem com o carácter da ocupação do sítio, associado a certa sazonalidade e a assentamentos centrados no desenvolvimento dessas atividades específicas de uma forma até cooperativa entre as várias comunidades do baixo Tua. Essa hipótese, a comprovar-se, poderia até bem justificar também as nuances ao nível da estética decorativa das cerâmicas entre A Pedreira e Regadas. Da investigação não resultaram contudo, até hoje, provas concretas da manipulação de metais, como temos vindo a dar conta (Teixeira, Barbosa e Barbosa, 2016; Teixeira, 2017) e os artefactos metálicos estão ausentes nos materiais recolhidos. Não dispomos assim de novos dados que sustentem esta possibilidade pelo que, se por um lado, não devemos insistir nesta ideia, por outro, consideramos pertinente mantê-la enquanto questão em aberto.

Estamos convencidas de que o grande contributo do trabalho que agora desenvolvemos para a problematização da ocupação do vale do Tua na Pré-história recente se prende, por um lado, com o atestar da antiguidade da ocupação desta área que, agora com mais base de sustentação, recuámos ao Neolítico (IV milénio AC), e admitimos a possibilidade de a podermos recuar pelo menos ao V, com base na estreita relação da imagética estilística do conjunto cerâmico estudado com os referentes regionais para o Neolítico antigo. Por outro lado, com o presente trabalho enfatizámos, cremos, o forte vínculo identitário que estas comunidades desenvolveram regionalmente e que mantiveram na longa duração,

enquanto tradições arreigadas manifestas nos seus comportamentos estéticos. Podemos fazer uma leitura da expressão identitária que se expressa no desenvolvimento interno de tradições, modos de fazer, etc., para a sua substanciação à escala do baixo Tua – e que se revela com o predomínio de motivos muito específicos, particularmente as tipo Regadas e as barrocas; mas podemos também avaliar esta expressão identitária na relação com o exterior onde a cerâmica, como artefacto excecional, poderia ter tido um papel comunicador entre comunidades mais móveis, e mais distanciadas espacialmente. Esta expressão identitária de escala mais alargada terá sido mais aberta em cronologias antigas, neolíticas, poderá ter-se fechado um pouco pelo final do IV e inicio do 3º mil. e logo, de novo, aberta, algures entre 2800 e 2500 AC, com variações várias de que se destacam as penteadas. O carácter mais fechado em torno dos finais do IV milénio pode, no caso do baixo Tua, ter precisamente estimulado o vínculo identitário à decoração "tipo Regadas" e "barrocas" fazendo com que localmente estas desenvolvessem um carácter tão específico e marcado que as tornou diferenciadoras.

Uma transformação desta estética, associada possivelmente a readaptações sociais relacionadas com a "abertura" a novas regiões e contactos, terá somente ocorrido, ou iniciado, quando começam a surgir as cerâmicas penteadas que, mesmo assim, podem ter sido seletivamente adoptadas ou associadas a contextos sociais e ações culturais específicas de que os contextos do Crasto de Palheiros ou do nível I do Buraco da Pala parecem ser testemunho – o que, como hipótese, poderá explicar a sua quase nula expressão n'A Pedreira. A par desta "abertura" e processo transformativo outras decorações parecem ganhar algum peso, como demos conta, sem que no entanto a antiga tónica identitária associada às decorações "tipo Regadas" e outras de raiz mais antiga se perca totalmente. Pelo contrário, parece que estas podem tangencialmente ter acompanhado a tónica transformativa como parece indicar a decoração V+III2e, onde a decoração

penteada se associa a impressões de tipo "barroco".

Esta identidade parece espelhar-se no contexto do Vale do Tua relacionada possivelmente com a rede de relações à escala micro regional que se terá então criado. No trabalho que agora realizámos estabelecemos, ao nível das decorações cerâmicas, novos pontos de relação com o sítio do Cemitério dos Mouros, um dos povoados que marca essa outra zona nodular do vale do rio Tua – o meandro de Abreiro. Curiosamente, ou não, este havia já sido um sítio com o qual já tínhamos estabelecido paralelos, particularmente para A Pedreira, relacionados sobretudo com o que parece também ter sido a "arquitetura" da forma de ocupação ao longo de uma encosta declivosa. Com efeito, o assentamento pré-histórico do Cemitério dos Mouros (Sanches, 1997, Sanches & Figueiral, 1998-1999) desenvolve-se ao longo da encosta nordeste de uma elevação sobre o vale do Tua, articulando-se as suas estruturas com os batólitos graníticos que ocorrem por todo o espaço e ao longo da vertente. De acordo com o que desde logo foi sublinhado pelas investigadoras, em termos arqueográficos o povoado poderia apontar, em virtude da sua cultura material bastante conservadora, contrastando por exemplo com a riqueza e diversidade das cerâmicas do Crasto de Palheiros, para cronologias mais antigas (Sanches & Figueiral, 1998-1999: 86). No entanto, uma datação realizada para a camada 1 do Cemitério dos Mouros II forneceu a data de 2460-1950 cal. A.C., levando as autoras a considerar aceitável esta data e a ocupação da estação na 2ª metade do III milénio e inícios do II milénio (Sanches & Figueiral, 1998-1999). Em todo o caso, desde logo a cronologia desta ocupação foi considerada como aberta a discussão, admitindo-se a sua contemporaneidade com o vizinho dólmen d'Arcã (Sanches & Figueiral, 1998-1999: 86). Com base na articulação que atualmente fazemos entre este sítios e os povoados escavados no baixo Tua cremos que a hipótese de uma cronologia do Cemitério do Mouros igualmente radicada no neolítico é bastante legítima, plausível e sai reforçada. Seria de resto de todo o interesse poder articular de

modo mais estreito o Cemitério dos Mouros ao nível regional com base numa escavação a maior escala do sítio. Note-se que este apresenta, de acordo com os resultados da intervenção realizada, um conjunto cerâmico dominado pelas cerâmicas lisas onde as decoradas parecem ter muito baixa expressão (Sanches & Figueiral, 1998-1999: 85). Neste sentido parece distanciar-se da tónica de significativa expressão dos recipientes decorados que se observa no Buraco da Pala e no Crasto de Palheiros, que não são contudo interpretados como "povoados" *strictu sensu,* ou nos povoados da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar. Ora, no caso d'A Pedreira e Regadas, se expressão identitária da imagética associada aos seus recipientes cerâmicos por um lado os distingue regionalmente pelo uso, criação e amplo desenvolvimento de certos tipos decorativos, como vimos, o peso expressivo dos recipientes decorados no conjunto integra-os regionalmente na tendência registada no Buraco da Pala e Crasto de Palheiros. Vemos assim, também aqui, a importância do "jogo" a escalas macro e micro de que falávamos nos pontos iniciais deste trabalho e que permite, nomeadamente, problematizar as escalas em que as identidades foram manipuladas e expressas – regional e localmente.

Acreditamos assim que, com este trabalho assente quer na reinterpretação do faseamento crono estratigráfico das ocupações dos povoados escavados no baixo Tua, quer no estudo da estética/ imagética associada aos seus recipientes cerâmicos, inserimos uma peça importante no puzzle da investigação da ocupação da região do Vale do Tua na Pré-história recente, perspetivando os recipientes cerâmicos, nomeadamente ao nível das decorações que exibem, enquanto materialidades identitária e socialmente expressivas.

Por fim não podemos deixar de considerar o gosto pessoal com que trouxemos estes dois sítios, A Pedreira e Regadas, à discussão regional na qual, cremos, se tornarão daqui para a frente incontornáveis e para a qual, esperamos, poderão ainda dar muitos contributos.

# Referências bibliográficas

ALVES, Francisco Manuel (1910-1947), *Memórias Arqueológico - Históricas do Distrito de Bragança,* vol. I a XI.

BARBOSA, Rui Pedro, PEREIRA, Elisabete, AZEVEDO, Marta, SILVEIRA, Nuno, FEREIRA, Nuno Miguel (2017), O Plano de Salvaguarda do Património do AHFT como ferramenta na minimização de impactos sobre o património – resenha das metodologias e resultados. , VVAA (2017), Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua, Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua, Concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor, CARVALHO, GOMES & MARQUES. (Coord. Científica ), EDP/Afrontamento, Porto, vol.III, pp 366-390

BARBOSA, Sandra. (1999), O Crasto de Palheiros -Murça. Contributo para o entendimento do fenómeno campaniforme em contexto doméstico no norte de Portugal.Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Portio, Porto, policopiada

BARKER, Philip (1989) Techniques of Archaeological Excavation, 2a Ed, Batsford, London.

BOTELHO, Henrique (1896), Antas e castros do concelho de Alijó, O Archeologo Português, vol. II, Lisboa, pp.264-266.

BOTELHO, Henrique (1898), Antas no concelho de Alijó, *O Archeologo Português,* vol. IV, Lisboa, pp.181-192.

BUENO RAMIREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, José J. (2007) — Style V dans le bassin du Douro. Tradition et changement dans les graphies des chasseurs du Paléolithique Supérieur européen. *L'Anthropologie*, 111, pp. 549-589.

CARDOSO, João Muralha (2007) Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa – Um Recinto Monumental do IIIo e IIo milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional, Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

CARVALHO, António F. (1999) Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.2, número 1, p. 39-70.

CARVALHO, A. F. (2003) O Final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa 1996-2000), Revista Portuguesa de Arqueologia, Vol.6, número 2, p. 229-273.

CARVALHO, A. F. (2004) O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa), Revista Portuguesa

de Arqueologia, Vol.7, número 1, p. 185-219.

CARVALHO, Pedro Sobral de; GOMES, Luís Filipe Coutinho (2000): O Dólmen da Fonte Coberta (Alijo, Vila Real), Estudos Pré-históricos vol. 8, 2000, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu, pp.19-47

CONTADOR DE ARGOTE, Jerónymo (1734), Memorias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga, TituloI, Tomo Segundo, Lisboa Occidental, Officina de Joseph Antonio da Silva

COSTA, António Carvalho da, (1706-1712), Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Lisboa, officina de Valentim da Costa Deslandes

DÓRDIO, Paulo (2015), O Plano de salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor (PSP do AHBS), 2010-2015, Côavisão, 17, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, pp. 132-139.

DUMAS, Ashley A., PRICE, Sarah E. (2017), A case study on the use of fish bones for decorating southeastern US pottery, La Tinaja, A newsletter of archaeological ceramics, volume 22, number 2.

FABREGAS – VALCARCE, Ramon, CARVALHO, A.F., LOMBERA HERMIDA, A, CUBAS M, LUCQUIN A, CRAIG, E.O, RODRIGUEZ-ALVAREZ, X.P (2019), Vaso con decoración cardial de Cova Eirós (Triacastela, Lugo), Trabajos de Prehistoria, 76, N.º 1, enero-junio 2019, pp. 147-160, I

FIGUEIRAL, I., & SANCHES, M. J. (1998-1999). A contribuição da antracologia no estudo dos recursos florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-história Recente. Portugália, nova série , XIX-XX, pp. 71-101.

FIGUEIREDO, Sofia S. de (2015), O estudo da arte rupestre, Côavisão, 17, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, pp. 159-162

FERREIRA, Narciso, Graciete Dias, Carlos A. P. Meireles e Maria Amália S. Braga (2000) Carta Geológica de Portugal, Noticia Explicativa da Folha 5 – D, Braga, Departamento de Geologia - Instituto Geológico e Mineiro, Lisboa.

GASPAR, Rita (2015), A Pré-história no Baixo Sabor. Ocupação de um território de transição entre o interior ibérico e o litoral,Côavisão, 17, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, pp. 140-144.

GALLOIS, Dominique (2003), Apresentação, vanVELTHEM, Lucia H. (2003), O Belo é a Fera, a Estética da Produção e da Predação entre os Wayana, Assirio & Alvim, Lisboa

HARRIS, Edward (1991) Principios de Estratigrafia Arqueológica, Barcelona, Crítica.

HODDER, Ian. (1986), *Reading the Past. Current aproaches to interpretation in Archaeology,* CUP, Cambrige

HODDER, Ian (1999), The Archaeological Process, an introduction, Blackwell, Oxford

HEIDEGGER, Martin (2007)[1977], A Origem da Obra de Arte, Edições 70, Lisboa.

JORGE, Susana O. (1986) Povoados da Pré-história Recente (IIIo - inícios do IIomilénios a.C.) da região de Chaves–Vila Pouca deAguiar (Trás-os-MontesOcidental),3vols, IAFLUP,Porto.

JORGE, Susana O. (1993) O Povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história recente do Norte de Portugal, actas do 1o Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto, 12-18 de Outubro de 1993, coord. Vitor Oliveira Jorge, vol.1, pp.179-197.

JORGE, Susana O. (2002): From "fortified settlement" to "monument": accounting for Castelo Velho de Freixo de Numão (Portugal), Journal of Iberian Archaeology, no4, pp. 75-82.

JORGE, Vítor O.; BAPTISTA, António M.; SANCHES, Maria de Jesus (1988)— A Fraga d'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira) – Arte rupestre e ocupação pré-histórica, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia,* 28, Fasc. 1-2.Porto: SPAE, pp.202-226.

JORGE, Vítor O., João M. Cardoso, Leonor S. Pereira e António S. Coixão (2003) Castanheiro do Vento, a Late Prehistoric Monumental enclosure in the Foz Coa Region, Portugal – Recent research (1998-2002) , JIA, Vol.5, pp. 137-149.

JORGE, Vítor O., CARDOSO, João M., VALE, Ana M., VELHO, Gonçalo L., & Pereira, Leonor S., 2006-2007. Problemática suscitada pelas escavações do sítio pré-histórico do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), sobretudo após a campanha de 2005. Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património, Porto, I série, Vol. V-VI, pp. 241-277.

JÚNIOR, J. R. S. (1933), "O abrigo pré-histórico da «Pala Pinta»", Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Vol. VI (1), Porto, pp.33-43.

JÚNIOR, J. R. S. (1940), "Arte Rupestre", in Congresso do Mundo Português, Publicações, Vol. I, Lisboa, pp.329-376.

LOPES, Susana Soares (2019) Revisitação da Periodização/Função de Castelo Velho na Pré-História Recente. Voltar a Castelo Velho de Freixo de Numão: pensar a reconfiguração cultural dum recinto Pré-Histórico do Alto Douro Português, digitAR – Extra número 1, Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp- 357-389.

LOPES, Susana Soares, BETTENCOURT, Ana (2017), Para uma periodização da Pré -história recente do norte de Portugal: da segunda metade do 4º milénio aos finais do 3º milénio AC, Arqueologia

em Portugal, 2017 – Estado da Questão, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

LUÍS, Elsa (2013) Dinâmicas de Interacção Cultural do Bronze Médio – A cerâmica decorada do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) como estudo de caso, Arqueologia em Portugal, 150 anos, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 573-579.

MILLS, B.J. e W.H. WALKER (2008). Introduction: Memory, Materiality and Depositional Practice, in B.J. Mills & W.H. Walker (ed.) Memory Work,A rchaeologies of Material Practices: 3-23. Santa Fe, New Mexico: SAR Press.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011) Pensar o Neolítico Antigo, Estudos Pré-Históricos, vol. XVI, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Viseu.

MURALHA, João, Ana M. Vale, Vitor O. Jorge, Leonor S. Pereira e Gonçalo L.

Velho (2005) Sítio Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Principais conclusões das escavações de 2005 , Portugália, Nova Série, Vol. XXVI, pp.41-52.

NEIVA, João Manuel Cotelo (1938), "O dólmen da Fonte Coberta (na Chã de Alijó)", Boletim da Associação da Filosofia Natural, 1 (5), Porto, pp.61-68

NEUMANN, M.A. (2008), Por uma Arqueologia Simétrica. Porto Alegre, Cadernos do LEPAARQ – textos Antropologia, Arqueologia e Património, vv, nº 9/10, Pelotas, RS, Editora da UFPEL.

PEREIRA, Viviane Magalhães (2013), Heidegger e a Estética: uma crítica à tradição?, Revista Electrónica de Filosofia, vol. 10, nº2, julho-dezembro, Centro de Estudos de Pragmatismo, Universidade Católica de São Paulo, p. 233-246

PEREZ-IGLESIAS, Andrea (2018), Estudo do material cerámico e os seus contextos na Plataforma Superior Norte do Crasto de Palheiros (Murça). Contribución para a interpretación da ocupación Calcolítica do Recinto Superior, Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

PRIETO-MARTINEZ, M.P.(2010), La cerámica de O Regueiriño (Moaña, Pontevedra). Nueva luz sobre el neolítico en Galicia., Galaecia, 29: 63-82.

RIBEIRO, Orlando, Hermann Lautensach e Suzane Daveau (1987) Geografia de Portugal I – a Posição Geográfica e o Território, Ed. João Sá da Costa, Lisboa.

RIBEIRO, Orlando, Hermann Lautensach e Suzane Daveau (1988) Geografia de Portugal II – o ritmo climático e a paisagem, Ed. João Sá da Costa, Lisboa. RIBEIRO, Orlando (1998) Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, 7a ed., Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa.

RODRIGUES, José, PEREIRA, Eurico (2008), Movimento e histórias geológica. O relevo

quartzítico do Carsto de Palheiros e a Geologia do NE Transmontano. In VA, & M. J. Sanches (Ed.), *Crasto de Palheiros. Fragada do Crasto.Murça-Portugal* (pp. 43-48). Murça: Municipio de Murça.

SANCHES, Maria de Jesus (1992), Pré-história Recente no Planalto Mirandês, Monografias Arqueológicas, 3, GEAP, Porto.

SANCHES, Maria de Jesus (1997): Pré-história recente de Trás-Os-Montes e Alto Douro (O abrigo do Buraco da Pala no contexto regional), 2vol., SPAE, Porto.

SANCHES, Maria de Jesus e Branca Santos (1987) Levantamento arqueológico do Concelho de Mirandela, Portugália, Nova Série, Vol.VIII, Porto, pp 17-84.

SANCHES, Maria. de Jesus. (2000). Reflexões sobre o povoamento do Neolítico inicial do Norte e Portugal (VI-IV mil. AC). *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. 3*, pp. 181-2001. Porto: ADECAP.

SANCHES, Maria de. Jesus. (2000a). As gerações, a memória e a territorialização em Trás-os-Montes (Vº-IIº mil. AC). Uma primeira aproximação ao problema. Atas do IIIº Congresso de Arqueologia Peninsular (3) (pp. 123-145). Porto: ADECAP.

SANCHES, Maria de Jesus e NUNES, Susana A. (2004): Resultados da escavação da Mamoa d'Alagoa (Toubres-Jou) – Murça (Trás-os-Montes), Portugália, Nova Série, Vol.XXV, pp. 5-42.

SANCHES, Maria de Jesus (2002). Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, Northern Portugal) in late prehistory. ARKEOS, 12, CEIPHAR , pp. 65-105.

SANCHES, Maria de Jesus. (2016), Animal bones, seeds and fruits recovered from Crasto de Palheiros. A contribution to the study of diet and commensality in the recent Pre-History and Iron Age of Northern Portugal. En Vilaça, R. e Serra, M. (Eds.), Matar a fome, alimentar a alma criar sociabilidades. Alimentação e comensalidades nas sociedades pré e proto- históricas, pp 85-126. Coimbra.

SANCHES, Maria de Jesus; SANTOS, Branca C. T. O. (1987), "Levantamento arqueológico de Mirandela", Portugália, Nova Série, Vol. XXXII, Instituto de Arqueologia, FLUP, Porto, pp. 17-58.

SANCHES, Maria de Jesus; BOTELHO, Iva; SILVA, Margarida Santos (1990/91): Mamoa 1 da Pedreira, S. Pedro de Vale do Conde (Marmelos, Mirandela), Escavação de emergência, Portugália, Nova Série, vol. XI-XII, pp.39-51

SANCHES, Maria de Jesus; GOMES, Izidro; MORAIS, Pedro Rafael (2001): Pedreira d'Alagoa, Toubres/Jou (Murça), relatório final de escavação e prospecção, apresentado à Tutela.

SANCHES, Maria de Jesus; NUNES, Susana A. (2004): Resultados da escavação da Mamoa d'Alagoa (Toubres-Jou) – Murça (Trás-os-Montes), Portugália, Nova Série, Vol.XXV, pp. 5-42.

SANCHES, Maria de Jesus; NUNES, Susana A.; SILVA, Margarida S. (2005): A Mamoa 1 do Castelo (Jou) – Murça (Trás-os-Montes): Resultados dos trabalhos de escavação e de restauro dum Dólmen de vestíbulo, Portugália, Nova Série, vol. XXVI, pp.5-39

SANCHES, M. J.; NUNES, S. A. (2005), "Monumentos pétreos do 4º e 3º mil. BC: suas formas, topografias e contextos na área central de Trás-os-Montes (Nordeste de Portugal)", Revista da Faculdade de Letras- Ciências e Técnicas do Património,4, Porto. pp. 53-82.

SANCHES, Maria de. Jesus., NUNES, S., & PINTO, D. (2007). Trás-os-Montes (Norte de Portugal)- As gentes e os ecossistemas, do Neolítico à Idade do Ferro. In VA, S. O. Jorge, A. M. Bettencourt, & I. Figueiral (Eds.), A Concepção das Paisagens e dos Espaços na Arqueologia da Peninsula Ibérica (pp. 189-206). Faro: CEP-UALG.

SANCHES, Maria de Jesus., PINTO, Dulcineia. (2008). O Faseamento em I, II e III: algumas palavras. In VA, & M. J. Sanches (Ed.), *Crasto de Palheiros. Fragada do Crasto.Murça-Portugal* (pp. 43-48). Murça: Municipio de Murça.

SANCHES, M. J., e Teixeira, J. C. (2013). An Interpretative approach to "devil claw" carvings: the case of River Tua Mouth Rock shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal). XXV Valcamonica Symposium: Art as a source of History, 20-26 de Setembro (pp. 59-68). Capo di Ponte, Itália: Centro Camuno di Studi Prehistorici.

SANCHES, Maria de .Jesus; MORAIS, P.R; TEIXEIRA, J.C. (2016), "Escarpas rochosas e pinturas na Serra de Passos/Sta. Comba (Nordeste de Portugal)", In IIª Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história à Proto-história. Estudos Pré-históricos 18 (2016). M. J. Sanches; D. J. Cruz. (eds), Viseu: CEPBA

SANCHES, Maria de.Jesus., e BARBOSA, H. (2018a), Campaniforme no Norte de Portugal. Perspectivas interpretativas instigadas pela leitura de dados recentes. PORTVGALIA, nova série vol.39, DCTP-FLUP, Porto.

SANCHES, Maria de .Jesus., e BARBOSA, H. (2018b), Chronology, pottery and context of a long term phenomenon in the Portuguese Douro Basin, Journal of Neolithic Archaeology, Institute of Pre and Protohistoric Archaeology, Kiel University, Kiel.

SANCHEZ-PALENCIA,Javier, ROMERO PERONA, Damián, BELTRÁN ORTEGA, Alejandro, PECHARROMÁN FUENTE, Juan Luis (2017), La Mineria Antigua en el Valle del Tua. , VVAA (2017), Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua, Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua, Concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor, CARVALHO, GOMES & MARQUES. (Coord. Científica ), EDP/Afrontamento, Porto, vol.III, pp 78-122

SANTOS, André T.; AUBRY, Thierry; BARBOSA, A. Fernando; GARCIA-DÍEZ, Marcos;

SAMPAIO, J. Davide (2018) — O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: A arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova Foz Côa). Portugália, Nova Série, 39, Porto, pp. 5-96

SENNA-MARTINEZ, J.C., J.M. Ventura e H.A. Carvalho (2005) A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de habitat do "Mundo Carrapatas" da Primeira Idade do Bronze em Trás- os-Montes Oriental, Cadernos Terras Quentes, noII, Macedo de Cavaleiros, Terras Quentes, pp.61-82.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; LUÍS, E.; REPREZAS, J. (2012) - A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). A campanha 9 (2011: primeira análise comparativa dos sectores A e M – 1.a Idade do Bronze/Bronze Final? Cadernos Terras Quentes, Macedo de Cavaleiros: ADPACMC.9.

SENNA-MARTINEZ, J.C. e LUÍS, Elsa (2015) - O Sítio Arqueológico da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros): A Campanha 11 (2013). Cadernos Terras Quentes. 12, Edições ATQ/CMMC

SHARMAN, Russel (1997), The Anthropology of Aesthetics: a cross-cultural approach, JASO 28/2

TAVARES, José Augusto (1895), "Archeologia do districto de Bragança", O Archeologo Português, vol. I, Lisboa, pp. 126-129.

TEIXEIRA, Joana Castro (2017), O tempo longo da Pré-história: algumas incursões nos modos de povoamento e atuação social, VVAA (2017), Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua, Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua, Concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor, CARVALHO, GOMES & MARQUES. (Coord. Científica ), EDP/Afrontamento, Porto, pp 46-169

TEIXEIRA, J. C.; BARBOSA, R. F. & BARBOSA, R. P. (2016) OP206 – Sítio Arqueológico da Pedreira, Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico Fase III, Relatório Final, Consórcio Arqueohoje&Palimpsesto, Foz Tua, policopiado.

TEIXEIRA, J. C.; ANTUNES, D., BARBOSA, R. F., BARBOSA, R. P. (2016) OP316 – Sítio Arqueológico das Regadas, Relatório Final, Consórcio Arqueohoje&Palimpsesto, Foz Tua, policopiado.

TEIXEIRA, J. C., VALDEZ-TULLETT, J., & SANCHES, M. J. (2016). O abrigo da Foz do Rio Tua - Alijó (Trás-os-Montes, Portugal). Identificação e estudo preliminar. In M. J. Sanches, & D. J. Cruz (Ed.), Atas da IIa Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história à Proto-história. Estudos Pré- históricos. 18. Viseu: CEPBA.

TEIXEIRA, Joana Castro ; SANCHES, Maria de Jesus (2017) — O abrigo rupestre da Foz do rio Tua no contexto da arte paleolítica e pós-paleolítica do Noroeste da Península Ibérica. Portugália, nova série, 38, pp. 9 – 48.

TENTE, Catarina, DUARTE, Carlos (2017), Estudo geoarqueologico e micromorfológico dos

socalcos do Vale do Tua. , VVAA (2017), Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua, Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua, Concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor, CARVALHO, GOMES & MARQUES. (Coord. Científica ), EDP/Afrontamento, Porto, Vol.III, pp 138-145

VALDEZ-TULLET, J. (2013). O Abrigo rupestre de Foz Tua - A ampla diacronia de um espaço significante. Actas das I Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero (pp.355-366), Zamora 2011.

VALE, Ana Margarida do (2012), Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma colina monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa, Diss. de Doutoramento, Porto, FLUP (poli- copiado).

VALERA, A.C. (2006), Calcolítico e Transição para a Idade do Bronze na Bacia do Alto Mondego, Estruturação e dinâmica de uma rede local de povoamento, tese de doutoremento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, policopiada.

vanVELTHEM, Lucia H. (2003), O Belo é a Fera, a Estética da Produção e da Predação entre os Wayana, Assirio & Alvim, Lisboa

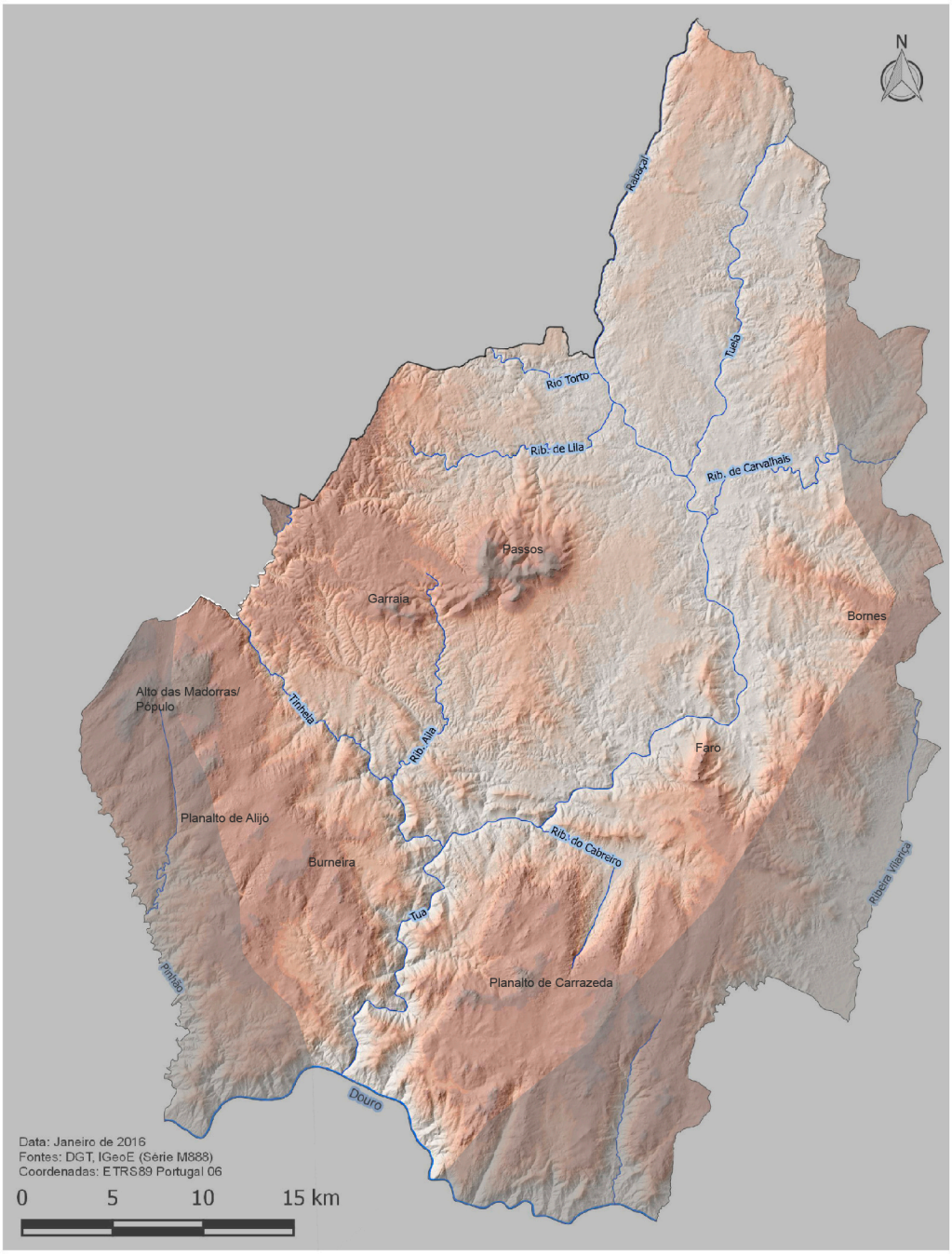
VIEIRA, Alexandra M. F. (2019) – Contributo para o Estudo dos Vestígios Arqueológicos do VI ao I milénio AC. Paisagens e Memórias na Bacia Hidrográfica do Douro, Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, AAP, Monografias, 7, Lisboa.

VVAA (2008), O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal, SANCHES, M.J. (Coord. Científica e editorial/Editor), Município de Murça, Murça

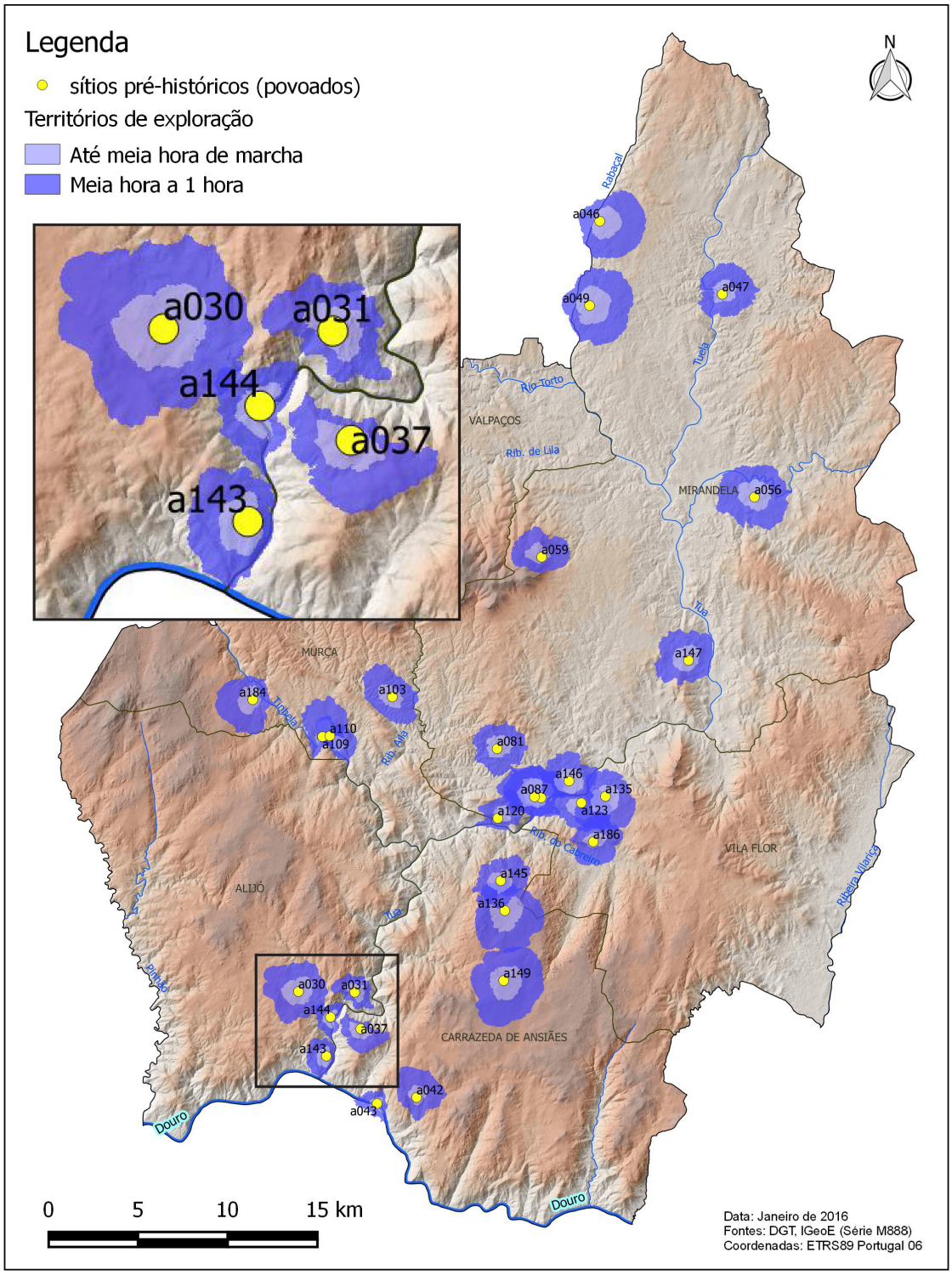
VVAA (2017), Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua, Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua, Concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor, CARVALHO, GOMES & MARQUES. (Coord. Científica ), EDP/Afrontamento, Porto

# ANEXOS

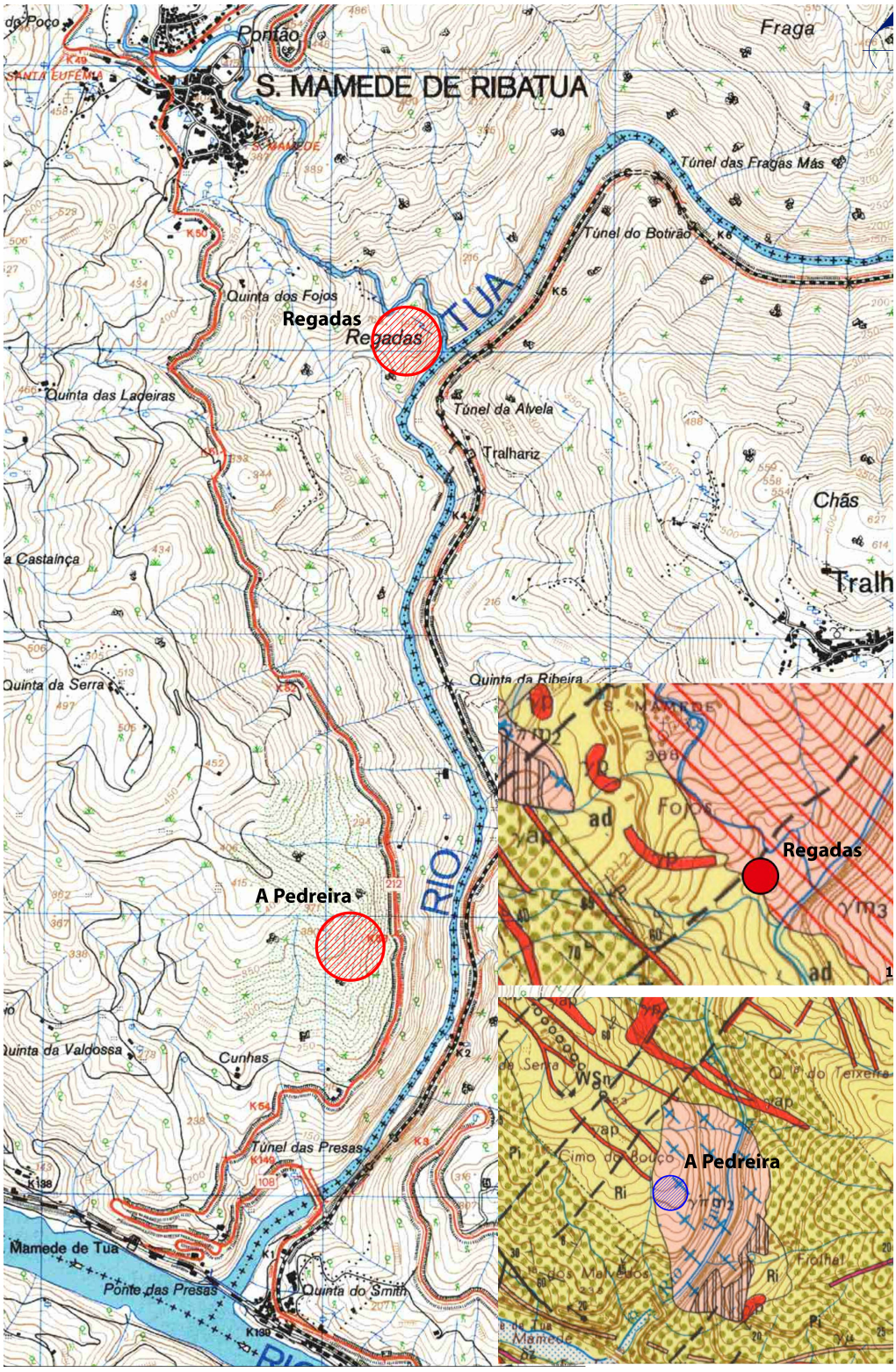
# Anexo I: Cartografia e mapas gerais




*An.I, Fig. 1: Vale do Tua, área do estudo. Adaptado de (Teixeira, 2017: Mapa 1).*

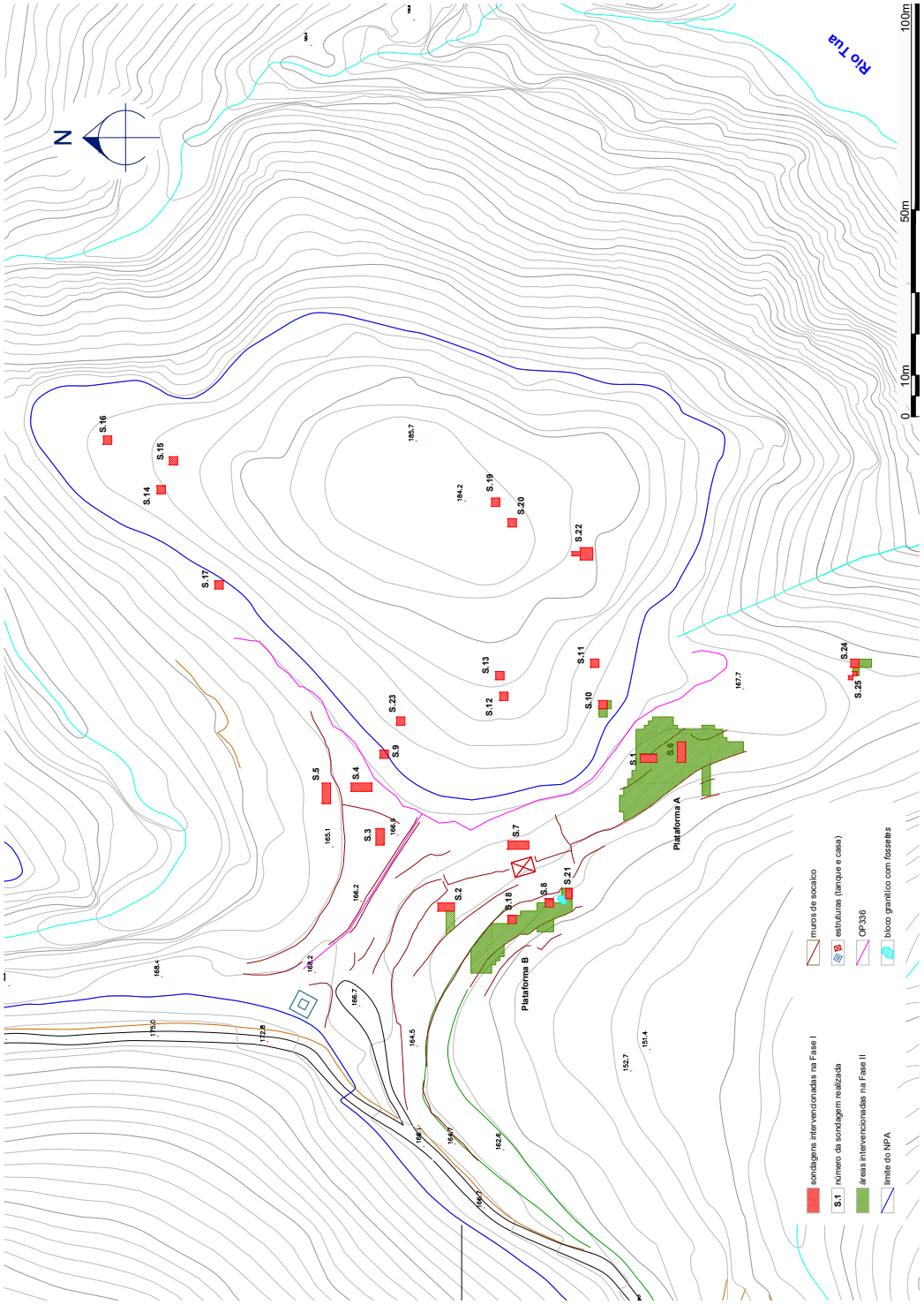



*An.I, Fig. 2: Territórios de exploração calculados para os povoados da área do vale do Tua, com destaque para os povoados a área do baixo Tua. Adaptado de (Teixeira, 2017, mapa 9). Para legenda ver Fig.2 do corpo de texto principal. Regadas (a144); A Pedreira (a143); Castro do Piolho (a030); Castelo de Safres (a031); e Monte das Chãs (a037).*




*An.I, Fig. 3: Localização dos povoados d'A Pedreira e Regadas sobre a Carta Militar de Portugal, escala 1:25000, folha 116, Alijó; e sobre a Carta geológica de Portugal, escala 1:50000, folha 10-D, Alijó.*

**Anexo II: A escavação do povoado das Regadas – reinterpretação do faseamento crono-estratigráfico da ocupação.**




*An.II, Fig. 1: Áreas intervencionadas no sítio das Regadas.*

## 1. Plataforma A

A Plataforma A, localizada na vertente sudoeste do outeiro das Regadas, abrangia uma área total de cerca de 369m2 e foi intervencionada em 3 momentos distintos. Inicialmente, com a realização das sondagens 1 e 6, posteriormente com um primeiro alargamento em torno destas e, por fim, estendendo-se a escavação ao que consideramos serem os limites naturais da plataforma, numa tentativa de melhor compreender os estratos e estruturas associadas aos contextos pré-históricos existentes no local.

A cota de superfície da área intervencionada situava-se em torno dos 164,60m de altitude absoluta.

Como a extensão total da área a intervencionar era significativa, tomou-se a opção de criar uma malha quadriculada de campo, dividida em quadrados de 2m x 2m, convencionando-se o X enquanto o eixo Oeste – Este e o Y o eixo Sul – Norte. Partindo deste princípio, adotou-se como designação para cada quadrado os últimos 3 dígitos de coordenada geográfica real (sistema Datum 73), quer latitude como longitude, a partir do canto inferior esquerdo de cada quadrado, por exemplo: 489/980.

Os contextos identificados na plataforma A refletem uma estratigrafia profundamente complexa, com informação arqueologicamente muito rica, pese o facto destes contextos se encontrarem em grande parte truncados pelas ações agrícolas mais recentes. Verificou-se deste modo a existência de níveis sedimentares e/ou interfaces de utilização, nomeadamente grandes valas eventualmente associadas a plantio de vinha, relacionados com a construção/utilização da plataforma de socalco moderna, e que, na maior parte das situações, alteraram e truncaram as realidades arqueológicas dificultando muito a sua leitura espacial. No entanto, a partir dos trabalhos realizados, apurámos igualmente a existência de estratos e estruturas que podemos integrar em realidades conhecidas, fundamentalmente, dentro do período temporal inserido no III milénio a.C. e que atestam um assentamento pré-histórico nesta área.

A interpretação estratigráfica realizada permitiu estabelecer uma estruturação ocupacional da área intervencionada que em seguida se apresenta. Note-se que este faseamento traduz o processo interpretativo possível, mediante os dados de que

atualmente dispomos. Futuros trabalhos mais exaustivos de análise dos materiais e relações estratigráficas entre eles poderão melhor afinar o faseamento que aqui propomos. Temos de resto noção de que as realidades que separamos em diferentes momentos correspondem a processos que não foram estanques no tempo e no espaço desde a pré-história até ao presente. Esta tentativa de faseamento é contudo, como sabemos, um exercício que deve ser feito para tornar a realidade arqueológica inteligível, permitindo o realizar de leituras e a construção de narrativas. Gostaríamos em todo o caso de sublinhar que a tónica geral, no que à ocupação pré-histórica desta plataforma diz respeito, é a de uma ocupação intensa enquadrada num processo contínuo de construção, reconstrução, manutenção e reformulação de estruturas e espaços.

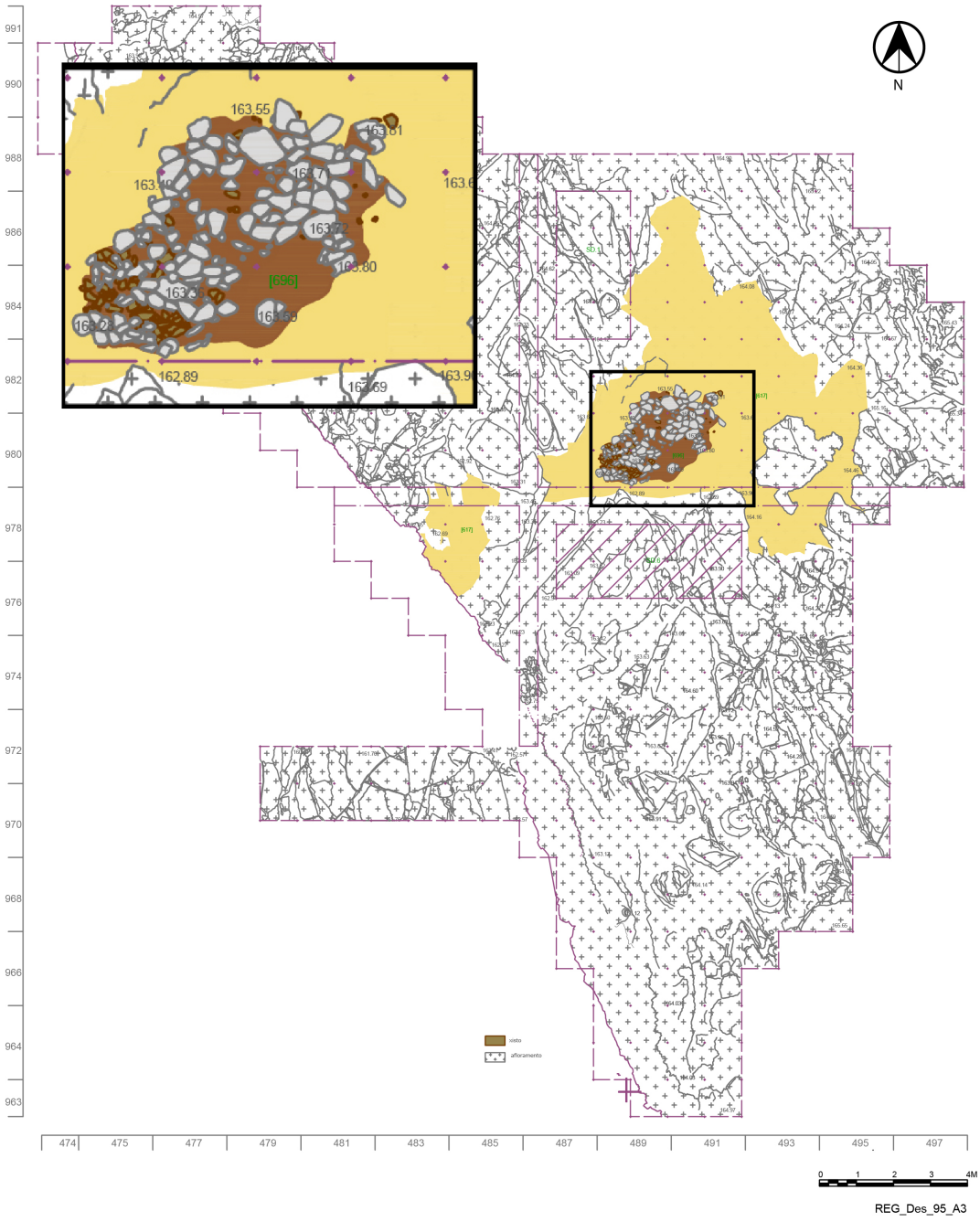
### 1.1. Plat. A , Fase I/ Momentos 1a e 1b

Ao Momento 1 (a e b) correspondem os contextos mais antigos da intervenção realizada, que se caracterizam por constituírem unidades estratigráficas onde não se identificaram materiais cerâmicos, mas apenas líticos. Ocorre pois material lítico talhado e, ainda que em número escasso, polido. Genericamente trata-se de material lítico incaracterístico, onde se destaca o uso de seixos rolados, quer para talhe, quer para percussão ou ainda acusando alterações térmicas. O facto de ocorrerem dois fragmentos de utensílios polidos, não nos remete para um período anterior ao Neolítico. Pode contudo, como hipótese, tratar-se de uma ocupação adentro deste período onde a manipulação de materiais cerâmicos, sobretudo em ocupações de carácter mais fugaz e eventualmente associadas a atividades específicas, fosse escassa e assim não se encontrarem representados nestes contextos.

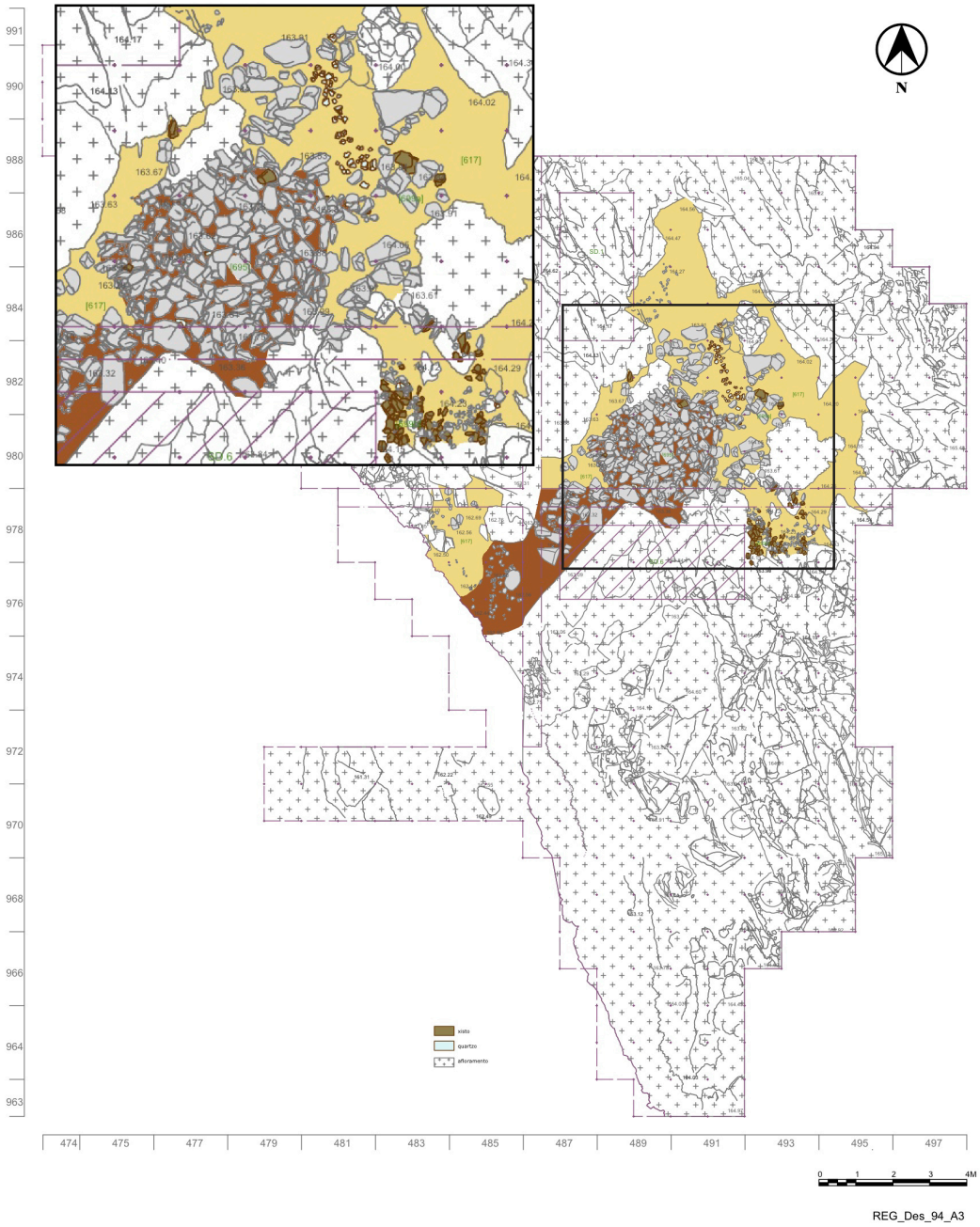
São assim, o Momento 1a e 1b, dois momentos associados a dois níveis empedrados [696] (Momento 1a) e [695] (Momento 1b) que regularizam e preenchem uma área depressionada no soco rochoso de base da área central da plataforma. Talvez a sua preservação face aos momentos de ocupação posteriores tenha ocorrido precisamente por se localizarem nesse covacho do afloramento.

A unidade [696], espacialmente circunscrita afigurou-se como um lajeamento

apresentando uma horizontalidade e organização significativas, sendo formado por pedras de pequeno e médio calibre em granito e xisto. Sobre este ocorre o estrato [695] , outro nível de empedrado, construtivamente concentrado e com uma destacada área central de formato circular, prolongando-se depois no sentido nordeste, onde o aglomerado pétreo parece definir uma área subcircular, adjacente à área central [699a], destacando-se ainda a sudeste uma outra concentração de elementos pétreos e xisto de pequena dimensão que ocorrem também de forma relativamente estruturada [699b]. Os empedrados são formados por calhaus maioritariamente em granito, ocorrendo parcos elementos em xisto, de pequena a grande dimensão e com algum sedimento nos seus interstícios. Julgamos que estamos aqui perante um nível de assentamento, desenvolvido em torno desse empedrado central.




*An.II, Fig. 2: Plataforma A, plano da escavação ao nível das UE que integram o Momento 1a.*




*An.II, Fig. 3: Plano de escavação ao nível das UE que integram o Momento 1b.*



*An.II, Fot. 1: Plataforma A , aspeto da UE [696]*

### 1.2. Plat. A , Fase I/ Momento 2a

O Momento 2 de ocupação Pré-histórica da Plataforma A distingue-se do anterior Momento 1 pela presença de cerâmica.

Na zona central da plataforma, que se caracteriza, como referimos anteriormente, por ser um pouco rebaixada relativamente à área circundante, verificou-se, sobre as UE já descritas para o Momento 1, um sedimento castanho amarelado, [693], no qual se dispersavam elementos pétreos – calhaus, maioritariamente de origem granítica, mas também de xisto, de pequena e média dimensão. Se alguns destes elementos pareciam constituir apenas um nível de empedrado, outros ocorriam de forma relativamente estruturada, parecendo constituir vestígios de estruturas. Com efeito, na zona central parece distinguir-se uma área organizada, subcircular onde se concentram elementos em xisto [697].

Relacionamos também com o Momento 2a um aglomerado de blocos graníticos

misturados com sedimento e que identificámos como [694]. Esta UE trata-se de um núcleo relativamente estruturado mas de difícil interpretação contextual, possivelmente por se encontrar em grande parte destruído. Admitimos que se trate, a par da [693], de um estrato de regularização e, neste caso, pela dimensão dos blocos que aí se encontram, até de uma contenção da plataforma, disposto por forma a nivela-la e a suste-la para posterior implantação de estruturas e circulação humana. Assim sendo, importa fazer notar a hipótese de que a construção de estruturas de contenção/assentamento de porte mais reduzido que a posterior [612], bem como, aparentemente, seguindo alinhamentos tendencialmente em arco, poderá ter caracterizado precisamente estes momentos de ocupação anteriores. De referir ainda que o estrato [693] e a estrutura [697] assentam em parte sobre a mais antiga [695] e em parte diretamente sobre a [617], o último nível sedimentar imediatamente anterior ao substrato rochoso.

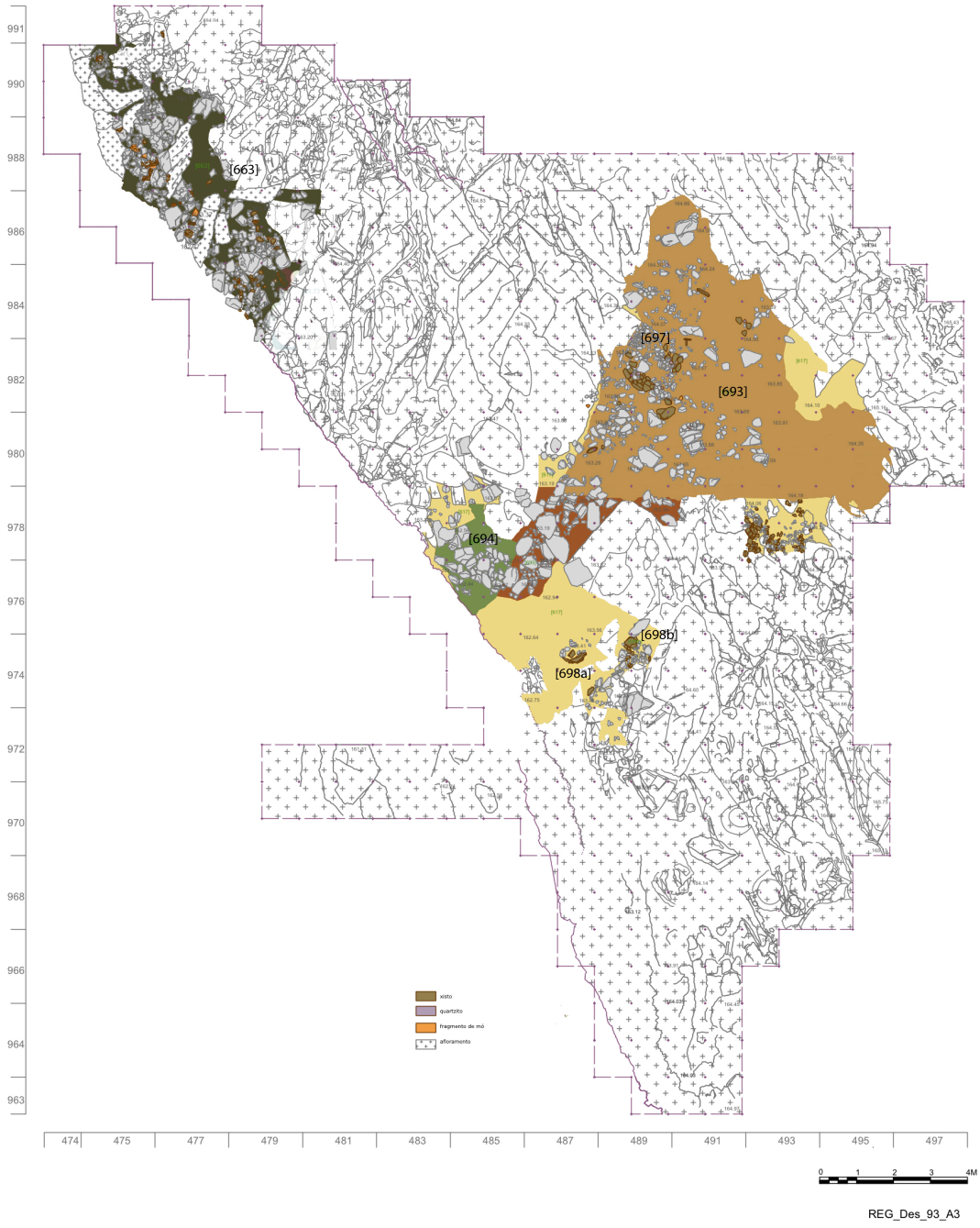
Na extremidade noroeste da plataforma ocorre ainda uma unidade estratigráfica que, ponderando os dados disponíveis, achamos poder integrar-se neste mesmo momento de ocupação, embora não tenhamos detetado uma relação horizontal direta com a [693]. Trata-se da unidade [663] que contém um nível pétreo em arco que, preenchendo os interstícios do afloramento rochoso de base, se define contra a rocha que ocorre nesta zona da plataforma a cota um pouco superior. Estratigraficamente, esta unidade ocorre sob a [612] (integrada no Momento 3b) e sob a [684], que por sua vez cobre parcialmente, podendo até equivaler-se, a [689] (ambas integradas no Momento 2b). Além destes dados apresenta uma coleção de fragmentos cerâmicos, o que a distancia aparentemente dos momentos anteriores 1a e 1b.

Da mesma forma julgamos que os vestígios de estruturas designados como 698a e 698b, que por conterem alguns fragmentos cerâmicos associados distanciamos igualmente do momento antecedente a este, se poderão relacionar também com o Momento 2a da ocupação.

Note-se que, num contexto de sucessivas reocupações do espaço, os vestígios das ocupações mais antigas, foram sucessivamente sofrendo efeitos de limpeza e remeximento pelas ocupações posteriores. Cremos assim que a área de ocupação deste momento, tal como no caso do anterior, se poderia alargar espacialmente na plataforma.

Ter-se –á , no entanto, melhor conservado em zonas de covacho e/ou melhor protegidas pelo próprio substrato rochoso.

Para a unidade [693] dispomos de uma datação absoluta obtida a partir de um conjunto de sementes. Trata-se da amostra Beta 468971 – Regadas_003, que deu uma datação de 2863-2503 cal. AC (Sec. XXIX – XXVI cal. AC).




*An.II, Fig. 4: Plano ao nível das UE que integramos no Momento 2a (UE realçadas a negro).*

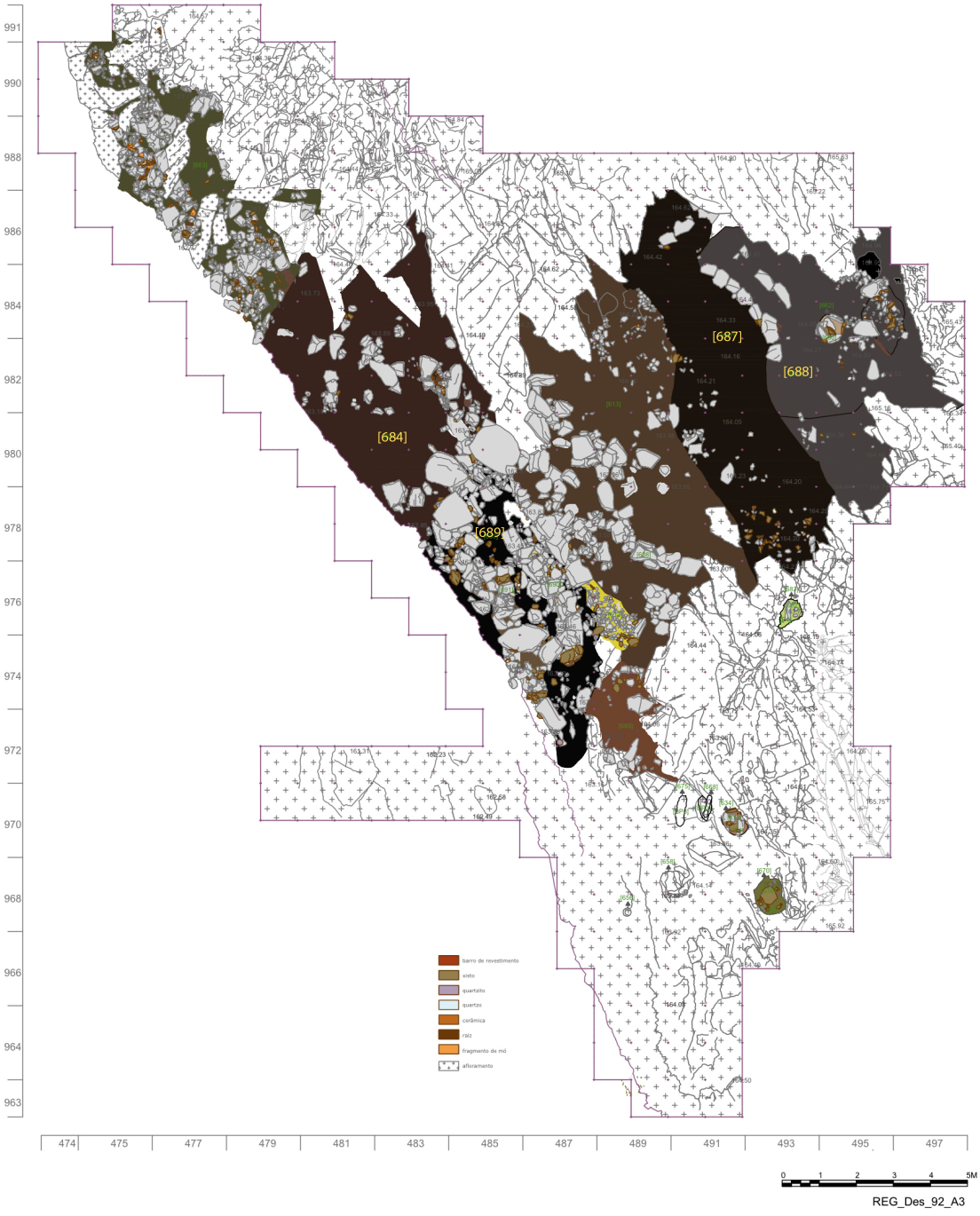
### 1.3. Plat. A , Fase I/ Momento 2b

Associamos a este momento os níveis que estratigraficamente sucedem aos níveis do momento anterior e que, no conjunto dos seus materiais, se distinguem também do momento que lhes sucederá.

As unidades estratigráficas que, na grande parte da área ocupada, separam o Momento 2 do Momento 3 são a [687], no interior da plataforma, a [689] que se desenvolve fundamentalmente no exterior da área definida pela estrutura [612] (relacionada com o Momento 3b) e a [684] sobreposto pela dita estrutura.

Por analogia das suas características e posição estratigráfica cremos que estas unidades estratigráficas serão contemporâneas podendo na verdade corresponder-se, encontrando-se apenas truncadas pelas ações intensas de limpeza e reformulação do espaço levadas a cabo no posterior Momento 3a e que culminaram com os assentamentos dos sedimentos e estruturas integrados no Momento 3b. Estas camadas ocorrem efetivamente sob o sedimento [613] do Momento 3b sendo que a [689] e a [684] são ainda parcialmente sobrepostas pela estrutura [612] , o que lhe confere a antiguidade relativamente à construção mencionada. Durante o estudo que agora levámos a cabo acabámos por integrar também neste momento uma camada sobre a qual se vinham mantendo algumas dúvidas desde o momento de escavação. Falamos da UE 688, de características semelhantes à [687], e que no fundo foi horizontalmente separada desta última, em grande parte da sua área, pelo posterior assentamento da estrutura [661], à qual também serve de embasamento, e que está integrada no Momento 3b. Relativamente à mancha definida com [687] podemos dizer que a [688] se distingue por apresentar um pouco mais de compacidade. A dúvida que mantínhamos era se esta seria de facto uma unidade estratigráfica equivalente e em continuidade com a [687] ou se teria sido deposta no conjunto de ações integradas no posterior Momento 3, neste caso específico de preparação ao assentamento da estrutura [661]. Ponderando a informação estratigráfica com o estudo dos materiais consideramos que esta unidade [688] tem efetivamente maiores afinidades com o Momento 2b do que com os que lhe sucedem. Posteriormente, aquando da restruturação e re-nivelamentos da plataforma realizada no subsequente Momento 3, esta unidade mantem-se exposta e vai servir de base às estruturas então construídas (daí possivelmente a sua maior compacidade

relativamente à UE 687).




*An.II, Fig. 5: Plataforma A , plano intermédio de escavação onde destacamos (a amarelo) as UE que integramos no Momento 2b.*

Julgamos que este Momento 2b estará, no seu término, relacionado com o abandono/destruição da ocupação que define o Momento 2. A coloração enegrecida dos

sedimentos [687] e [689] parece poder relacionar-se com um episódio de incêndio ou representar apenas um enriquecimento orgânico do solo, pela atividade antrópica intensa e continuada, incluindo também o uso de fogo. Os elementos pétreos e pequenos aglomerados dispersos integrados nestas camadas podem ser o que resta das estruturas associadas a este Momento 2 de ocupação mas que, dado o seu grau de destruição, não permitiram qualquer interpretação.

### 1.4. Plat. A , Fase I/ Momento 3a

O momento definido como 3a trata-se na verdade de um interface entre o Momento 3 e o Momento 2 onde é possível perceber, pelo menos na área central da plataforma, algumas ações de limpeza/remoção de sedimentos e, eventualmente, elementos pétreos, nomeadamente aquela ação que supomos que remove parte do sedimento [687] e que permite o posterior assentamento do nível [613] nessa área – possuindo ele próprio características do revolvimento/remeximento dos sedimentos/estruturas anteriores. De um modo lógico, podemos supor que ações semelhantes tenham ocorrido um pouco por toda área da plataforma, nomeadamente na reformulação da contenção da plataforma com a construção de uma mais imponente estrutura, a [612].

Não terá sido seguramente este o único momento de limpeza, revolvimento, reformulação e reconstrução do espaço da plataforma A. Como já tivemos oportunidade de referir cremos que este tipo de ações terão sido a tónica geral da ocupação deste sítio e terão ocorrido muito frequentemente. No entanto, as que ocorrem neste momento devem ter sido a uma maior escala e talvez de uma forma mais concertada e planeada para a plataforma como um todo pelo que se tornaram estratigraficamente mais evidentes. Tal pode ter sido de resto motivado pelas consequências do possível momento de incêndio no término da ocupação do momento anterior.

### 1.5. Plat. A , Fase I/ Momento 3b

A este momento corresponderão os contextos de ocupação pré-histórica

relacionados com as estruturas [607], [608], [612] e [666], e pelo piso de circulação correspondente ao interface de utilização [618], face superior do estrato [610=613]. Previamente ao estudo que agora realizámos, havíamos considerado que a UE 613 marcaria o último nível preservado dos revolvimentos modernos/contemporâneos, pese o facto de o seu topo ter sido já afectado pelo traçado das valas de cultivo. Com o trabalho que agora realizámos de estudo dos materiais cerâmicos viemos a admitir que a [638], Momento 4y, que se sobrepõe à [613], ainda será testemunho pelo menos parcialmente intacto de um momento de ocupação antigo. Desenvolveremos contudo este tema mais à frente.

Parece-nos possível que as unidades [610=613]/ [618][1] se pudessem prolongar de um modo mais abrangente pela área "interior" da plataforma, isto é, pela área a leste da [612], pelo menos até à delimitação constituída pelo empedrado [661], cobrindo também nessa área a [687]. Inicialmente pensamos que teriam sido as ações mais recentes a promover uma decapagem deste nível de ocupação, no âmbito da preparação da plataforma para cultivo. À luz da perspectiva da [638] ser testemunho de mais um momento de ocupação pré-histórica, posterior a este 3b, então algum arrasamento da ocupação estabelecida com a [613] poderá ter aí ocorrido.

O nivelamento da área central da plataforma, após as limpezas equacionadas para o Momento 3a, através do depósito [613] terá sido uma das primeiras ações a ser levada a cabo neste Momento 3b, a par da construção da grande estrutura de contenção [612].

A edificação [612] foi interpretada como estrutura de contenção da plataforma, ou seja, uma estrutura que deu suporte à regularização da plataforma natural, ampliando a base de implantação das estruturas no seu interior. Apresenta uma destruição significativa, principalmente na fração noroeste, mas ainda assim conseguimos perfeitamente perceber o seu traçado e a sua dimensão. Tendo sido cortada pela execução da vala [630], ficou horizontalmente truncada da realidade interior da plataforma, sobretudo no seu topo, não permitindo, ou dificultando, o estabelecimento

[1] Daqui para a frente referir-nos-emos a estas unidades apenas como [613]. [610] era a designação desta UE a quando da realização da sondagem 6, na fase de diagnóstico do sítio, sendo posteriormente estabelecida a correspondência desta UE à [613]. O designado interface [618] refere-se ao topo compactado da [613] atestando que esta se constituiu como um nível de base da ocupação no momento 3b.

de relações com outras estruturas e/ou estratos. Apresenta um alinhamento Sudeste-Noroeste e é composta por sedimento de características argilosas envolvendo grandes blocos de granito e lajes de xisto, bem como calhaus mais pequenos de formas irregulares. Aparentemente estão dispostos em camadas sucessivas de sedimento e elementos pétreos, no entanto não se dispõem em fiadas uniformes, embora na sua parte central, junto à estrutura [690], apresente uma parede externa faceada, adquirindo uma forma de muro. É possível que este faceamento tenha ocorrido numa extensão maior mas que não se tenha conservado. Em todo o caso esta é uma estrutura que acusa claramente ao longo do seu traçado, pelo carácter não uniforme do seu aparelho e método construtivo, vários momentos de intervenção e até reformulação. Com efeito, dada a importância da sua função contrariando a pendente natural, seria uma estrutura que requeria uma constante manutenção e reparação, ou mesmo o seu alteamento. A remoção dos níveis de derrube permitiu observar que a oeste da estrutura [612] ocorriam outros dois alinhamentos pétreos que poderiam estar associados a esta construção, embora não fosse possível estabelecer uma relação direta, inequívoca, com ela. No entanto, se a edificação [612] se trata de uma estrutura de contenção, estes dois novos alinhamentos identificados, a [690] e a [691], levemente em arco relativamente à estrutura principal [612] e a cota ligeiramente inferior, acompanhando a pendente, poderão com toda a lógica tratar-se de estruturas de suporte à construção principal[2]. Estas estruturas, [690] e [691] assentam na camada [689] associado, como vimos anteriormente, ao Momento 2b. Vejamos: toda a ocupação do povoado das Regadas terá, pela topografia natural do terreno, que ter contado com estruturas de contenção. Apesar da área da plataforma B ser à partida já uma pequena plataforma natural, a ocupação da mesma terá que, deste sempre, ter contado com pequenas estruturas de contenção, como de resto é sugerido pelos vestígios pétreos e alinhamentos detetados desde os primeiros momentos de ocupação e que inclusivamente servem eles próprios de pré-embasamento da [612]. No Momento 2a identificámos um pequeno murete, que designamos com [612a] com uma extensão aparentemente menor mas seguindo o

[2] Poderiam tratar-se de pequenos muretes arqueados que, ao ajudarem a conter os sedimentos na pendente mantivessem uma espécie de talude de suporte à estrutura [612] e que podem até ter sido construídos na sequência de reparações de cedências e derrubes que se percebem ter acontecido ao longo do tempo na estrutura principal..

mesmo alinhamento da [612] que sobres ele assentou posteriormente. Obviamente que estas estruturas se terão sempre bem articulado com os elementos naturais, seja do afloramento rochoso seja dos barrocos graníticos que vão polvilhando o sítio. No Momento 3b a reformulação do espaço parece-nos que é contudo feita a uma maior escala e com maior investimento numa estrutura de maior dimensão, cobrindo todo o limite da plataforma, e mais possante. A estrutura de contenção [612] assenta diretamente no substrato geológico em grande parte do seu lado exterior, no entanto, em parte do seu troço norte assenta na [663] e na [684] e na sua parte central na [689] e no alinhamento [612a]. Pelo seu lado interior assenta na unidade [687].

Gostaríamos ainda de fazer notar o prolongamento da [612] para noroeste, adossada ao afloramento rochoso. Com efeito, este faz-nos considerar, com verosimilhança, a hipótese da ocupação se poder ter estendido por esta área. No entanto, dado o facto do substrato rochoso se encontrar mais à superfície e a sedimentação ter sido menor, é de supor que as intervenções mais recentes na plataforma, de construção de socalcos e cultivo, tenha arrasado qualquer vestígio de estrutura, ou estrato preservado, que aqui pudesse ter existido. O revolvimento do solo até à rocha de base, precisamente no enfiamento do mesmo soco rochoso, ficou de resto comprovado com os resultados da Sondagem 1. Também o aglomerado pétreo estruturado definido como [640] adossado precisamente ao afloramento do quadrante noroeste da plataforma pode configurar uma pequena estrutura de regularização que permitisse o assentamento sobre esta área.

Por toda a mancha da [613] identificamos aglomerações pétreas que parecem sugerir a existência de diversas estruturas dentro desta zona interna, mas que não conseguimos melhor interpretar dado o seu grau de destruição.

Dos alinhamentos pétreos [607] e [608], identificados já a quando da realização da sondagem 6, observam-se somente as linhas de base, assentando sobre a [687]. A [608] parece configurar uma estrutura ovalada. A [607] trata-se de um segmento em arco que adossa à estrutura anterior, bem como ao afloramento rochoso. É de resto possível que ambos os alinhamentos pétreos fossem parte integrante da mesma construção. Não foi possível aferir as relações diretas das estruturas [607] e [608] com a estrutura [612] pelo facto de se encontrarem apartadas desta pela execução de vala de

cultivo [630].

Ligeiramente separada mas no mesmo alinhamento que a [612] identificámos ainda a estrutura [666] que, tal como as construções anteriores, sofreu alterações com as ações destrutivas das valas [630] e da [631]. Apresenta uma forma subcircular, constituída maioritariamente por granitos e lajes de xisto dispostas horizontalmente, adossando ao próprio substrato rochoso sobrelevado, que parece ser assim integrado na estrutura. A estrutura [666] assenta sobre a [685] que parece funcionar de embasamento e em parte sobre o nível sedimentar imediatamente anterior ao substrato rochoso, a [617]. Esta zona do troço da [612] e da [666] levanta contudo alguns problemas que não conseguimos destrinçar com clareza. Trata-se de uma área truncada, na parte interna da plataforma pela vale de cultivo moderna/contemporânea, como já referimos, sendo que na parte externa a própria estrutura [612] parece ter sofrido uma série de derrubes e reformulações que não conseguimos reconstituir nem perceber a sua relação com a [666]. Em continuidade com a [685] que serve de embasamento à estrutura ocorre uma unidade que entendemos como um derrube da [612], ou parte da [612] destruída: a [665]. Por esta área percebem-se de resto também vários alinhamentos que não compreendemos totalmente mas que, por entre derrubes, apontam para uma zona onde a configuração da [612] terá sido mais complexa e reformulada. O facto de, desde logo em campo, e tendo sido este um assunto debatido entre os diretores dos trabalhos e com os restantes colegas, não termos chegado a compreender com certeza a relação da [685] com a [665] nomeadamente relativamente à anterioridade ou não da [685] ou se na verdade estas UE se equivaliam e se a [685] seria um rearranjo da [665] para assentamento da [666], não nos permitiu enquadrar devidamente esta realidade relativamente à sua articulação com a [612] e dentro do Momento 3b. Assim sendo, para este contexto abrem-se várias hipóteses:

1) A [666] é construída em relação direta com a [612], em termos de arquitetura da plataforma, e logo no mesmo momento, não havendo assim relação entre a [685] e a [665], sendo esta última um posterior momento de derrube.

2) após um momento de destruição da [612] faz-se um rearranjo da área que passa pela construção da [666] sobre um embasamento arranjado a partir do anterior derrube da estrutura de contenção [665]. Neste caso o enquadramento desta ação no Momento

3b torna-se dúbio, podendo na verdade este tratar-se de um submomento ou estar associado a outro momento de ocupação pós momento 3b.

3) analisando os vários alinhamentos que se percebem nesta área, e sendo esta a minha percepção pessoal da realidade em campo, a configuração inicial da estrutura de contenção [612] admitia aqui uma entrada desde a encosta e para o interior da plataforma. A [666] seria o remate superior sul dessa entrada, podendo definir até uma espécie de plataforma sobrelevada articulada com o afloramento (algo hipoteticamente semelhante ao que nalguns casos é denominado de "torreão"). A partir da encosta o acesso à entrada era feito a partir de pequenos patamares de que os alinhamentos pétreos em arco, alguns deles ainda com raíz no momento anterior podendo denotar assim uma tradição continuada de acesso por esta zona, são testemunho. A dada altura esta entrada parece ter sido estreitada e posteriormente mesmo encerrada. Em termos de momentos de ocupação, à semelhança da hipótese 2, levantam-se aqui problemas pois não conseguimos enquadrar todas estas reformulações. Podemos estar de facto perante submomentos adentro da ocupação 3b ou algumas destas ações se remeterem a um momento posterior. O encerramento da entrada poderá associar-se, por exemplo, ao momento posterior relacionado com a [604]. Em todo o caso, segundo esta hipótese 3, a estrutura [666] enquadrar-se-ia no Momento 3b.

Julgamos que relacionado ainda com o Momento 3b de ocupação está a estrutura [661]. Não possuindo elementos que permitam determinar em concreto a sua "funcionalidade", nem sequer o seu traçado completo, colocamos a hipótese de se tratar de um embasamento de delimitação ou assentamento de estruturas, possivelmente com materiais perecíveis. Este empedrado e a estrutura cistóide [662] encostam, pelo que terão funcionado em articulação. Esta estrutura, [662], constitui-se como um caso particular e único nesta plataforma embora se verifiquem semelhanças morfológicas de cariz construtivo com a estrutura [1840] identificada na plataforma B, que descreveremos adiante. Encontra-se encaixada, mas descentrada, num corte circular realizado no substrato rochoso  e é formada por blocos graníticos e placas de xisto de média dimensão, dispostos verticalmente, possuindo uma base de lajes de xisto horizontalizadas e sobrepostas. A estrutura não se encontrava completa, isto é, estava parcialmente destruída. O enchimento era constituído por três níveis sedimentares

distintos (onde se identificaram partes de vários recipientes cerâmicos, alguns de dimensões relativamente grandes) até se atingir o substrato rochoso. No último estrato foi identificado in situ um pote fragmentado, incompleto, de dimensão considerável (recipiente nº36933, da [681]). Esta construção cortou o nível de relacionado com a ocupação anterior [688], que serviu de base a este momento de ocupação, e o estrato geológico.

As unidades [613], [671] e [688] correspondem aos estratos que terão sido utilizados como níveis de circulação/ocupação associados às estruturas mencionadas anteriormente.

O estrato [671] revelou um conjunto de pequenos calhaus, de origens distintas, tendencialmente dispostos horizontalmente, o que leva a pressupor a interpretação de um nível de circulação da ocupação antiga do local.

Às unidades atrás mencionadas encontravam-se associadas diversas estruturas negativas, três das quais interpretadas como fossas – designadamente a [634] (ou fossa 1), a [670] (ou fossa 3) e a [683] (ou fossa 4) – e duas como buracos de poste ( [668] e [675]). As estruturas [634] – fossa 1, [670] – fossa 3 e [668] sofreram um corte realizado pela execução da vala de cultivo [630]. Deste modo só pudemos analisar o que delas se conservou, sensivelmente metade das estruturas mencionadas. Pelo mesmo motivo perdemos a relação horizontal destas com outros estratos, pelo que a sua integração no faseamento da ocupação só se pode fazer numa base interpretativa. Contrariamente, as estruturas [675] e [683] -- fossa 4 encontraram-se intactas, destacando-se esta última por se encontrar selada por um topo estruturado, de formato oval, constituído por lajes de xisto fincadas e dispostas horizontalmente, designado como [679] e preenchido/coberto por um sedimento cinzento escuro [677]. Esta fossa [683] –fossa 4 permite-nos, em particular, tecer algumas considerações. Com efeito, para o sedimento que a preenchia no fundo [682] dispomos de uma datação (Beta-468970, Regadas_002) de 2874-2621 cal.AC (Séc. XXXIX-XXVII cal. AC), isto é, da primeira metade do III milénio AC. Sendo uma data de enchimento intencional da fossa significa apenas, numa interpretação estrita e isolada que pelo menos o enchimento da estrutura negativa, designada por fossa 4, é igual ou posterior a essa data. Esta estrutura estava preservada e selada no seu topo de uma forma estruturada inequívoca. A

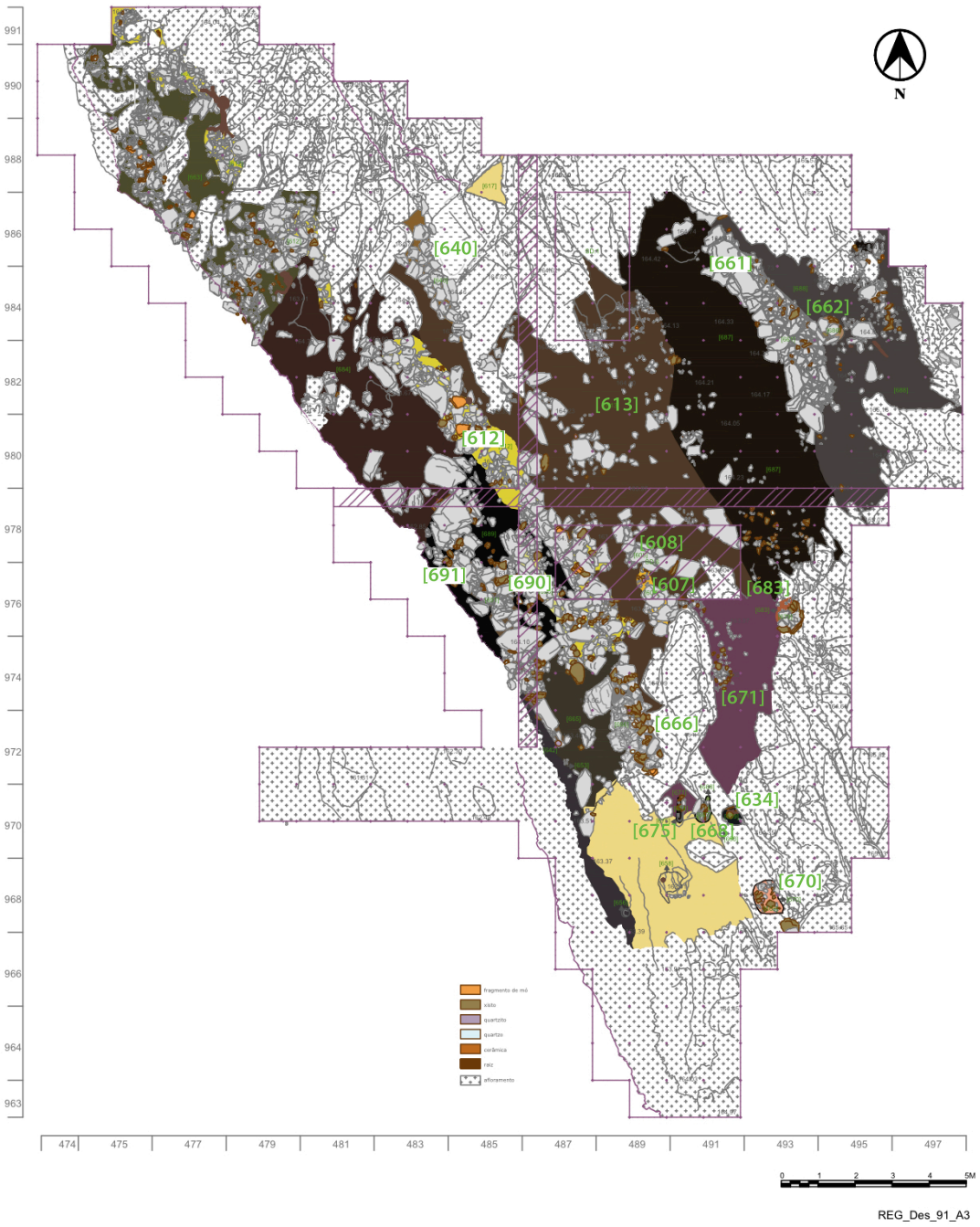
estrutura que a sela [679] define-se ao nível, e encosta, à [671] e por isso relacionamos a fossa 4 com este momento de ocupação. Ora, dá-se ainda o caso de que um recipiente tipo taça hemisférica, com decoração incisa formando triângulos de traço múltiplo, e que se encontra cerca de 40% completo, resultou da colagem de fragmentos exumados da [682] e da [671]. Isto quer dizer que: i) ao nível de uso da [671] o recipiente cerâmico foi fragmentado e, intencionalmente ou por acaso, parte do recipiente acabou depositado no fundo da fossa ou ii) o fundo da fossa foi colmatado com sedimento proveniente da [671], integrado no qual estaria parte do recipiente. Em qualquer dos casos, e ainda que se admita uma mínima margem para outras hipóteses, consideramos que há uma grande probabilidade de a data obtida para a [682] se poder estender assim à [671]. E ponderando estes dados com a relação estratigráfica entre a selagem da estrutura e a [671] cremos então que com bastante segurança[3] se pode considerar a hipótese de que o nível [671] e a fossa 4 (ou [683]) sejam contemporâneos e datem da primeira metade do III milénio AC ou, considerando mais restritamente a data obtida, do segundo/terceiro quartel da primeira metade do III milénio AC.

Para o sedimento [673] da base da fossa 1, ou fossa [634], foi realizada também uma data C14 sobre uma amostra de carvão. A datação obtida (amostra Beta-468969-Regadas_001) aponta para 2876-2628 cal.AC (séc. XXIX-XXVII CAL. AC). A fossa 1 encontrava-se truncada no seu topo pela abertura da vala [630]. No entanto, pela sua localização, e se fizermos o exercício de recomposição do terreno pré destruição pela vala, percebemos que, com grande probabilidade, o seu topo andaria, tal como a anterior, ao nível da [671], relativamente à qual esta fossa se localiza em posição marginal. Esta data é, em sentido estrito, e tal como considerado para o caso anterior, uma data post quem. Contudo, articulando-a com a ponderação sobre os dados obtidos para a fossa 4 e sua relação com a [671], e dada a coerência entre ambos os resultados, cremos que a hipótese interpretativa que integra estas fossas, este estrato e, por conseguinte, o Momento 3 na primeira metade do III milénio AC sai reforçada. Por outro lado não podemos deixar de ter em consideração que estas duas datas obtidas para as estruturas negativas são também coincidentes com a data obtida para o Momento 2a.

[3] Pesa aqui também, obviamente, a interpretação integrada das datações obtidas para o sítio, tal como discutiremos adiante.

Isto pode, por um lado significar que toda esta sucessão de momentos até agora discutidos decorreu ao longo do segundo/terceiro quartel da primeira metade do III milénio AC ou então que os carvões datados das fossas provêm foram aí depositados misturados com sedimentos provenientes da ocupação do Momento 2b e, nesse caso, a ocupação que agora se discute para o Momento 3b ser posterior. Também não podemos deixar de considerar a possibilidade de as fossas se relacionarem com o Momento 2 e não com o Momento 3b pois na verdade ao nível dos materiais nelas identificado não há nada que torne inviável esta hipótese – temos somente na fossa 4 o registo de um fragmento penteado, mas no nível de topo do seu enchimento, podendo por isso perfeitamente aí se ter depositado posteriormente. A hipótese de reutilização das fossas ao longo de vários momentos de ocupação é também algo que não podemos deixar de considerar. Analisando contudo todos os elementos, quer estratigráficos (neste caso apenas entre a [671] e a fossa 4) que ao nível das materialidades exumadas (como debateremos mais à frente para o caso das cerâmicas decoradas) consideramos como mais provável a sua integração neste Momento 3b.

As estruturas negativas interpretadas enquanto buracos de poste localizam-se no limite sudeste da área identificada com nível [671], cortando parcial ou totalmente o mesmo, dependendo da estrutura em questão. No que diz respeito às fossas, gostaríamos ainda de acrescentar que a estratigrafia observada revelou que o enchimento foi executado de forma organizada, entre níveis de sedimentos intercalados por estratos de calhaus de dimensão e origem variada. Já para os buracos de poste o enchimento é homogéneo, registando-se um único depósito onde se identificam elementos líticos fincados verticalmente junto ao limite externo.




*An.II, Fig. 6: Plataforma A, plano intermédio de escavação onde se destacam (a verde) as UE integradas no Momento 3b da ocupação.*



*An.II, Fot. 2: Plataforma A, alçado da estrutura de contenção da plataforma [612]. Vista de sudoeste para nordeste.*



*An.II, Fot. 3: Plataforma A, estrutura cistóide [662]. Destaque para o grande pote com o fundo ainda preservado na estrutura.*

### 1.6. Plat. A , Fase I, nota prévia à descrição dos Momentos 4x e 4y

Relativamente ao estudo sumário dos materiais arqueológicos anteriormente realizado (Teixeira et ali, 2016), que a par da interpretação estratigráfica nos permitiu avançar, como já referimos, com uma primeira proposta de faseamento da ocupação da Plataforma A, o estudo que agora realizamos permitiu-nos reinterpretar as unidades [638] e [637] no contexto da sucessão da ocupação entre os momentos 3b, anteriormente analisado, e a Fase II relativa aos contextos associados às intervenções pós pré-históricas na plataforma, reformulando-se consequentemente o Momento 4 da Fase I tal como o tínhamos na altura interpretado.

Com efeito, pelo facto de nas UE 638 e 637 terem ocorrido cerâmicas a torno (no entanto apenas um fragmento na UE 638), estas unidades haviam sido adstritas à Fase II de ocupação[4]. Contudo, ao realizarmos a análise das cerâmicas decoradas, a [638] chamou-nos desde logo à atenção pela coerência das decorações, pelo estado geral de conservação dos fragmentos e, sobretudo, pela expressão que nela adquiriam as cerâmicas penteadas – rompendo claramente com os conjuntos dos momentos anteriores onde, pese já se registarem decorações penteadas a partir do Momento 3b, estavam longe de adquirir a expressão maioritária aqui exibida. Estes aspectos levaram-nos desde logo a questionar a posição desta unidade no faseamento do sítio e a admitir que ainda que a sua posição estratigráfica, já relativamente exposta às intervenções modernas na plataforma, pudesse ter determinado algum remeximento da mesma, esta espelharia ainda de modo expressivo um contexto da ocupação pré-histórica.

A [637] apesar ter alguma coerência com a [638], mantendo-se nomeadamente muito expressiva relativamente às decorações penteadas, acusava uma maior heterogeneidade relativamente à conservação dos fragmentos e às decorações apresentadas, sendo mais diversificada. Aí, novas organizações, como por exemplo as plásticas, adquiriam mais expressão, parecendo assim afastar-se um pouco quer da [638] quer do Momento 4 que tínhamos anteriormente definido.

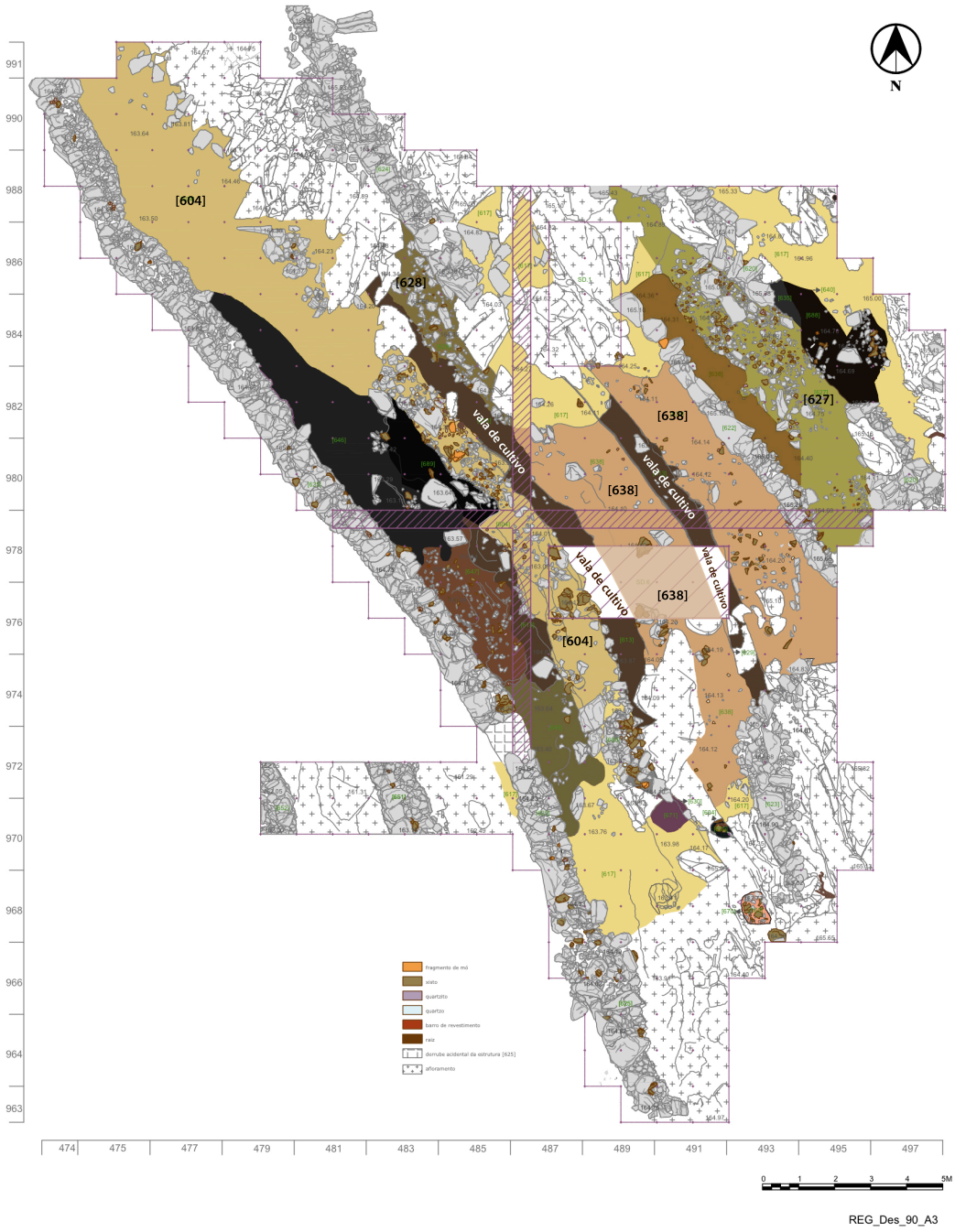
No momento de contagens e balanço final da informação que o estudo das

[4] Muito embora, aquando da interpretação dos resultados da sondagem de diagnóstico 6, prévia à escavação em área, estas unidades terem sido interpretadas como de possível cronologia pré-histórica.

decorações dos fragmentos nos proporcionou foi efetivamente possível verificar que relativamente ao conjunto de UE enquadradas no Momento 4 da Fase I da ocupação a [638] se distinguia claramente pela expressão das penteadas que passam a representar a maioria do conjunto, bem como pelo subsequente decaimento da expressão de outros tipos decorativos. Registámos ainda nesta UE o aparecimento de um fragmento de tipo campaniforme, que pela primeira vez aparece na sucessão de momentos de ocupação que temos vindo a descrever. Por outro lado, comparando os tipos decorativos da [638] com aqueles presentes nas UE integradas na Fase II, afetadas pelas ações modernas no espaço, verificámos que a [638] não apresenta a variabilidade de tipos que caracteriza a dita Fase II. Note-se que, dada a natureza remexida dos sedimentos da Fase II, estes reúnem elementos de toda a história de ocupação pré-histórica da plataforma, mas incluem também os vestígios de momentos de ocupação pré-históricos posteriores aos que se preservaram. Este facto é, nomeadamente, sugerido pelas características do conjunto cerâmico que apresenta tipos, ou que expressa um peso de tipos decorativos, que se demarca dos momentos preservados, ou semi preservados. Ora, neste entendimento, há na unidade [638] uma expressão das penteadas que não tem correspondência nem com os momentos anteriores, nem com os posteriores.

Já no caso da [637] podemos verificar que, havendo uma dominância das penteadas, estas perdem expressividade relativamente ao verificado na [638], assemelhando-se muito mais ao conjunto das restantes UE integradas na Fase II onde, nomeadamente, as decorações plásticas ganham mais expressão (relativamente aos momentos da Fase I).

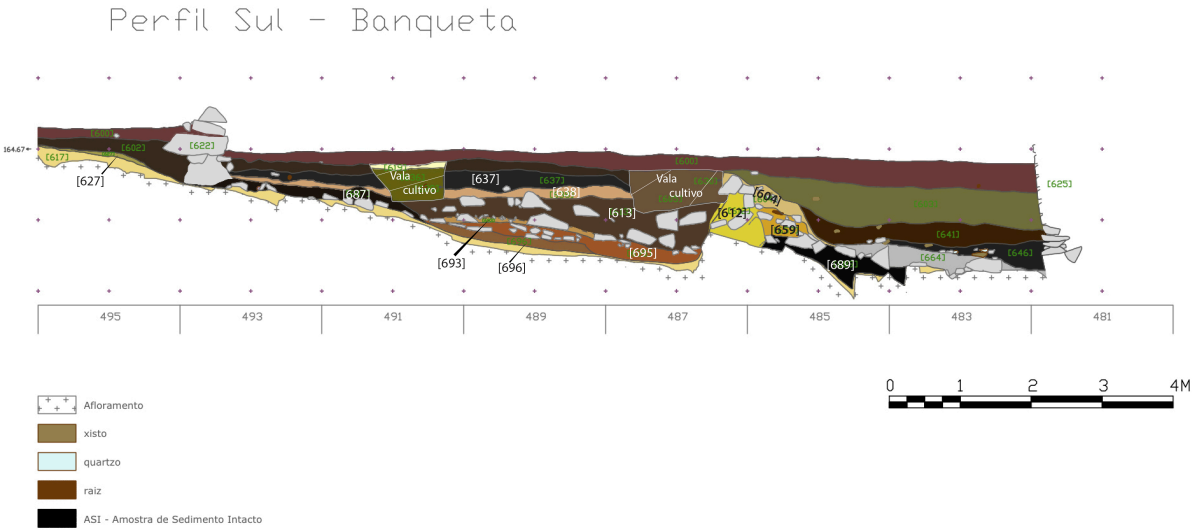
Ponderando estes aspectos decidimos manter a [637] na Fase II de ocupação, afetada pelos remeximentos modernos, ou até medievais, no sítio, ainda que, quer pela afinidade obviamente mantém com a [638] quer pela sua posição estratigráfica sobre essa UE, nos pareça que é uma camada em grande parte subsidiária da [638].




*An.II, Fig. 7: Plataforma A, plano intermédio de escavação onde se destacam as UE associadas ao Momento 4 (4x e 4y).*

No que diz respeito à [638], a grande questão que se nos levantou, após as análises finais dos fragmentos cerâmicos, foi se a deveríamos incluir no Momento 4 da ocupação pré-histórica, tal como o tínhamos anteriormente caracterizado, ou se

assumiríamos que, pela sua singularidade, ela representaria um possível momento distinto. Acabámos por assumir aqui um compromisso de meio termo. Vejamos: estratigraficamente não é possível estabelecer uma relação direta entre a [638] e as UE que agrupámos no Momento 4 anteriormente definido ([604], [659], [664], [627] e [628]). Tal facto ocorre devido às valas e aos muretes que truncaram as relações espaciais e estratigráficas entre grande parte das unidades da plataforma (An.II, Fig.6). Horizontalmente parece haver alguma continuidade entre a [638] e as UE do momento 4, nomeadamente com a [627] e a [604], embora não saibamos se ocorreu algum arrasamento da [638] num momento posterior ao 4, ainda na Pré-história ou posteriormente, que induza erro nesta leitura[5]. Ambas as unidades [638] e [604] assentam sobre aquelas agrupadas no momento anterior 3b. A [638] assenta sobre a [613] e a [604] sobre a [612], entre outras. Assim, se por um lado ao nível dos materiais cerâmicos a [638] parece distinguir-se claramente do Momento 4 anteriormente definido, planimetricamente pode admitir-se uma relação de contemporaneidade entre estas UE.




*An.II, Fig. 8: Perfil estratigrafico sul da banqueta este-oeste.*

Além do mais, nunca podemos deixar de ter em consideração que à especificidade do conjunto cerâmico da [638] não tem necessariamente que se associar uma questão

[5] Com efeito a [604] atinge nalguns troços cotas um pouco superiores e, analisando o corte estratigráfico até pode ser levemente sugerido que esta unidade poderia ter coberto a [638].

cronológica pois tal pode apenas ter-se relacionado com um contexto ações específicas onde a cerâmica penteada ocupava um papel de relevo face às demais decorações.

Em todo o caso, a não serem contemporâneas todas estas UE, parece-nos mais parcimonioso admitir que a [638] se sucede no tempo às UE do Momento 4 mas, pelos motivos indicados, não podemos ter certeza de que assim seja. Tentando assim uma ponderação dos dados e suas fragilidades optamos por subdividir o Momento 4 da Fase I de ocupação da plataforma A em Momento 4x (que no fundo corresponde ao anterior Momento 4) e Momento 4y (correspondente à UE 638), rompendo com as designações que até aqui fizemos para os submomentos e em que usamos as letras a e b implicando uma sucessão de acontecimentos de a para b. Queremos assim mostrar que desconhecemos a sucessão cronológica entre os momentos 4x e 4y, por não nos podermos apoiar em dados estratigráficos seguros, ou mesmo que, em última instância, se admite que 4x e 4y constituem um momento único.

### 1.6.1. Plat. A , Fase I/Momento 4x

A este momento correspondem então os níveis que parecem por um lado associados a um decaimento natural de parte das estruturas associadas ao anterior Momento 3b e por outro, sobretudo pela interpretação da [604], eventualmente associadas a uma sua condenação intencional.

As unidades estratigráficas [664] e [659], onde a segunda cobre a primeira, parecem testemunhar momentos de algum derrube exterior, e alguma acumulação de sedimentos, posteriores à construção da estrutura de contenção [612]. Estas unidades ocorrem cobertas por um extensa camada, designada por [604], que consiste num estrato de características saibrosas e marcada coloração amarela, envolvendo blocos de granito e xisto, que parece, por um lado, condenar toda a estrutura [612] e avançar, pelo menos parcialmente, por sobre a área de ocupação interior da plataforma. Nesse sentido pode marcar um momento de término ou abandono de ocupação[6]. Pode representar, por outro

[6] Quando nos referimos a momentos de término ou abandono não temos necessariamente implicada uma ideia de abandono, no tempo longo, da ocupação. Podemos estar perante de um abandono sazonal e/ou de um término marcado pela reformulação estrutural do espaço. Temos noção de que estes momentos terão ocorrido de forma recorrente ao longo de toda a ocupação pré-histórica e que não os conseguimos perfeitamente isolar estratigraficamente quer pela sua natureza imbricada no próprio processo de habitar

lado, ou pelo menos em parte, parte de um topo em materiais perecíveis e argamassas que assentasse sobre a [612] de que o barro de construção/revestimento identificado na escavação podem ser testemunho[7]. O facto da estrutura de contenção [612] se encontrar bastante destruída, principalmente na fracção que se prolonga para Noroeste, muito devido à abertura, provavelmente em período moderno, da vala [630=616], ação que terá ainda colocado outros sedimentos por cima da estrutura mencionada, deixa-nos a sua leitura bastante truncada e logo ainda mais dificultada. A execução dessa vala também truncou a possibilidade de leitura da relação horizontal entre a estrutura [612] e a unidade [604] com a UE 628, constituída por sedimento e blocos pétreos (An.II, Fig,6). A [628] possui características muito semelhantes à [604] podendo na verdade, e com grande probabilidade, representar um prolongamento da [604] de encontro ao afloramento rochoso que delimita a parte norte da plataforma, sobre o empedrado [640] relacionado com o anterior Momento 3b. Associamos ainda ao momento 4x a [627] que consiste num estrato formado por sedimento e pedras de pequena dimensão, juntamente com uma considerável quantidade de material arqueológico, e que parece ser o resultado do abandono/destruição da estrutura associada ao empedrado [661] bem como, possivelmente, à estrutura cistóide [662] integrados no Momento 3b.

### 1.6.2. Plat. A , Fase I/Momento 4y (UE638)

Este momento é marcado, e foi definido por, tal como discutimos anteriormente, por uma explosão do peso das cerâmicas penteadas no conjunto. Na unidade [638], que define o Momento 4x, tendo-se identificado alguns blocos pétreos e pequenos aglomerados pétreos, não detectamos quaisquer vestígios de estruturas. Cremos mesmo que esta unidade estratigráfica terá sido parcialmente revolvida e arrasada pelas ações levadas a cabo em períodos mais recentes, não deixando contudo de testemunhar, pela especificidade dos materiais que contém, um momento de ação na ocupação pré-histórica.

---

do sítio, quer pelas vicissitudes impostas pelas alterações pós-deposicionais, sejam estas naturais ou antrópicas.

[7] Não excluímos também a hipótese de que algum deste sedimento possa ter sido revolvido no momento de abertura da vala [630] que se definiu de forma adjacente ao traçado da [612].

### 1.7 Plat.A, FASE II: A utilização moderno-contemporânea do espaço

Às estratigrafias observadas, integradas nesta fase cronológico-cultural, correspondem os estratos e estruturas relacionadas com a construção/utilização da plataforma de socalco em período cronológico de época moderno-contemporânea. Estas ações resumiram-se, em termos genéricos, à construção de alguns muros de contenção, associadas à re-deposição de sedimentos para regularização do espaço cultivável e à realização de grandes valas longitudinais na plataforma, tendencialmente paralelas entre si, destinadas ao plantio, possivelmente de vinha.

Na realidade, integram este conjunto as camadas de superfície, [600], [601], [602] e [626], todas as estruturas murárias de socalco, [620], [622], [623], [624], [625], [651] e [652], e, os estratos que estarão relacionados com a utilização do espaço para a agricultura, tais como [605], [619], [636] e [654]. As últimas unidades referidas preenchem interfaces de valas executadas para a colocação de vinha, designadamente [629], [630] e [654a], que ocorrem, grosso modo, paralelas entre si e às estruturas murárias recentes, e que cortaram diversos estratos, desde camadas integradas na construção/utilização do socalco a outras relacionadas com a ocupação antiga do local. Com efeito, e genericamente, romperam a estratigrafia desde o topo até ao nível pré-histórico [638], afectando ainda parcialmente este último. Os sedimentos, consequentemente revolvidos, retirados na abertura das valas foram nalguns casos re-depositados sobre as camadas de término/abandono pré-históricas, complexificando ainda mais a percepção dos diferentes momentos de ocupação pré-histórica.

Relacionadas com contexto de depósitos de solos/sedimentos para regularização da plataforma de socalco, estarão as unidades [603], [637], [641], [645], [646], [647], [648] e [649]. Esta análise interpretativa fundamenta-se no facto de estes estratos revelarem diversas perturbações e heterogeneidade sedimentar, aliadas a uma contextualização material diversa, entre materiais enquadráveis na Pré-história recente, na sua grande maioria, e outros integráveis no período moderno-contemporâneo.

Julgamos que as ações que envolveram esta transformação da Plataforma A numa área de cultivo com patamares modernos terá decapado e revolvido momentos de ocupação Pré-históricos posteriores aos que descrevemos atrás.

## 2. Plataforma B

A Plataforma B abrangeu uma área total aproximada de 166m2. Na fase de diagnóstico das Regadas foram realizadas nesta área as sondagens 8, 18 e 2. Face aos resultados obtidos, houve posteriormente lugar ao alargamento destas sondagens e, por fim, a escavação em área da plataforma. Esta desenvolvia-se a uma cota altimétrica média de 161,60 metros, na encosta oeste do outeiro, um pouco a noroeste da plataforma A.

Na sua configuração moderna, a plataforma B localizava-se entre dois muros de socalco, cuja construção permitiu espraiar a área em torno dos afloramentos graníticos pré-existentes, horizontalizando o terreno, de modo a permitir o trabalho e produção na lavoura, quer de vinha como de laranjal.

Como a extensão total da área a intervencionar era significativa, criámos, à semelhança da metodologia adoptada para a Plataforma A, uma malha quadriculada de campo, dividida em quadrados de 2m x 2m.

Os contextos identificados na plataforma B refletem, em consonância com o observado na plataforma A, uma estratigrafia heterogénea e complexa. Verificam-se grandes níveis sedimentares e/ou interfaces de utilização associados à construção/utilização da plataforma de socalco em tempos mais recentes e que, na maior parte das situações, alteraram e truncaram as realidades arqueológicas. Foi, ainda assim, possível identificar níveis e estruturas de cronologia pré-histórica atestando uma sequência de momentos de uso/construção/ocupação, que tentaremos em seguida interpretativamente descrever, assumindo algumas dúvidas, e seguindo um esquematização em Fases/Momentos temporais nos mesmo moldes anteriormente seguidos para a Plataforma A.

A plataforma B, tal como o que se havia registado para a Plataforma A, tem duas grandes fases ocupacionais, sendo que a primeira, mais antiga, se divide em momentos crono- estratigráficos distintos. A segunda corresponde ao aproveitamento moderno/contemporâneo do espaço.

### 2.1. Plat.B, FASE I /Momento 1

A este momento correspondem as unidades estratigráficas de cronologia mais antiga de ocupação da plataforma B. Tudo indica que tem correspondência crono-cultural com o momento mais antigo igualmente definido para a Plataforma A (Fase I / Momento 1a e 1b, da Plataforma A).

Assim, sob a [1851], que marca o Momento 2 da ocupação, e selado por esta, foi identificada a estrutura [1852]. Esta estrutura parece configurar um círculo, embora acuse uma ligeira deslocação de parte dos seus elementos, devido possivelmente a fenómenos naturais de cedência dos sedimentos no sentido da pendente. A [1852] é composta por elementos pétreos de granito e quartzo e, dada a sua forma, induz-nos a colocar a hipótese de constituir um fundo de cabana, não obstante a ausência de vestígios contundentes que comprovem esta teoria. Os elementos pétreos encontravam-se bastante imbricados entre eles e formavam uma plataforma mais ou menos regular, a qual assentava sob um sedimento heterogéneo com uma coloração cinza amarelado identificado como [1853]. Deste sedimento, no qual a estrutura [1852] assentava, exumaram-se somente artefactos líticos, tendo-se verificado a ausência de espólio cerâmico, estabelecendo-se assim, como já referimos, o paralelo com o momento 1 da Plataforma A. Por toda a área onde identificamos a camada [1853] detectaram-se outros aglomerados pétreos, com elementos de menores dimensões, sugerindo alguma estruturação e que por certo se tratam de vestígios de outras estruturas associadas a este momento de ocupação. Estes níveis assentavam diretamente no substrato geológico.




*An.II, Fig. 9: Plataforma B, plano de escavação ao nível das unidades estratigráficas integradas no Momento 1 da ocupação.*



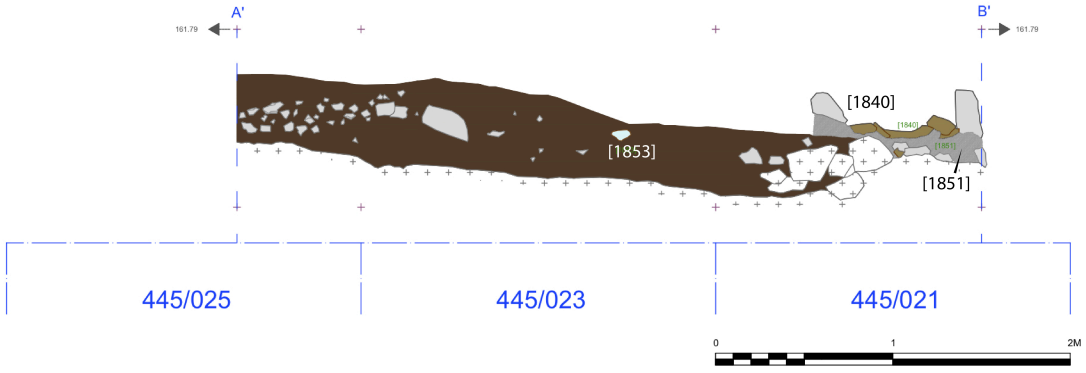
*An.II, Fot. 4: Plataforma B, aspeto da estrutura [1852] – Momento 1.*

### 2.2. Plat.B, FASE I /Momento 2

O momento 2 da ocupação pré-histórica associa-se ao depósito [1851], de características arenosas e tonalidade cinzenta com algumas manchas mais amareladas. Destaca-se, assente sobre a [1851], um alinhamento pétreo em arco, muito bem definido, identificado como unidade [1849] e que com grande probabilidade configuraria uma grande estrutura circular. Sem certezas, porque não temos relações estratigráficas diretas na reinterpretação do espaço que agora fizemos, admitimos a hipótese de os elementos pétreos identificados como [1841] se relacionarem com este e estarem até em continuidade com a [1849], se imaginarmos um traçado circular para a mesma. A [1850], igualmente assente na [1851], tratava-se do troço de um alinhamento pétreo, já bastante destruído, formado por calhaus graníticos de médio e grande porte, de aparelho irregular, mas apresentando faces em ambos os lados. Poderia ser alguma estrutura que se adossasse à anterior. Além destas estruturas registam-se aglomerados pétreos sugerindo alguma estruturação, em todo o caso difícil de caracterizar. Tentamos

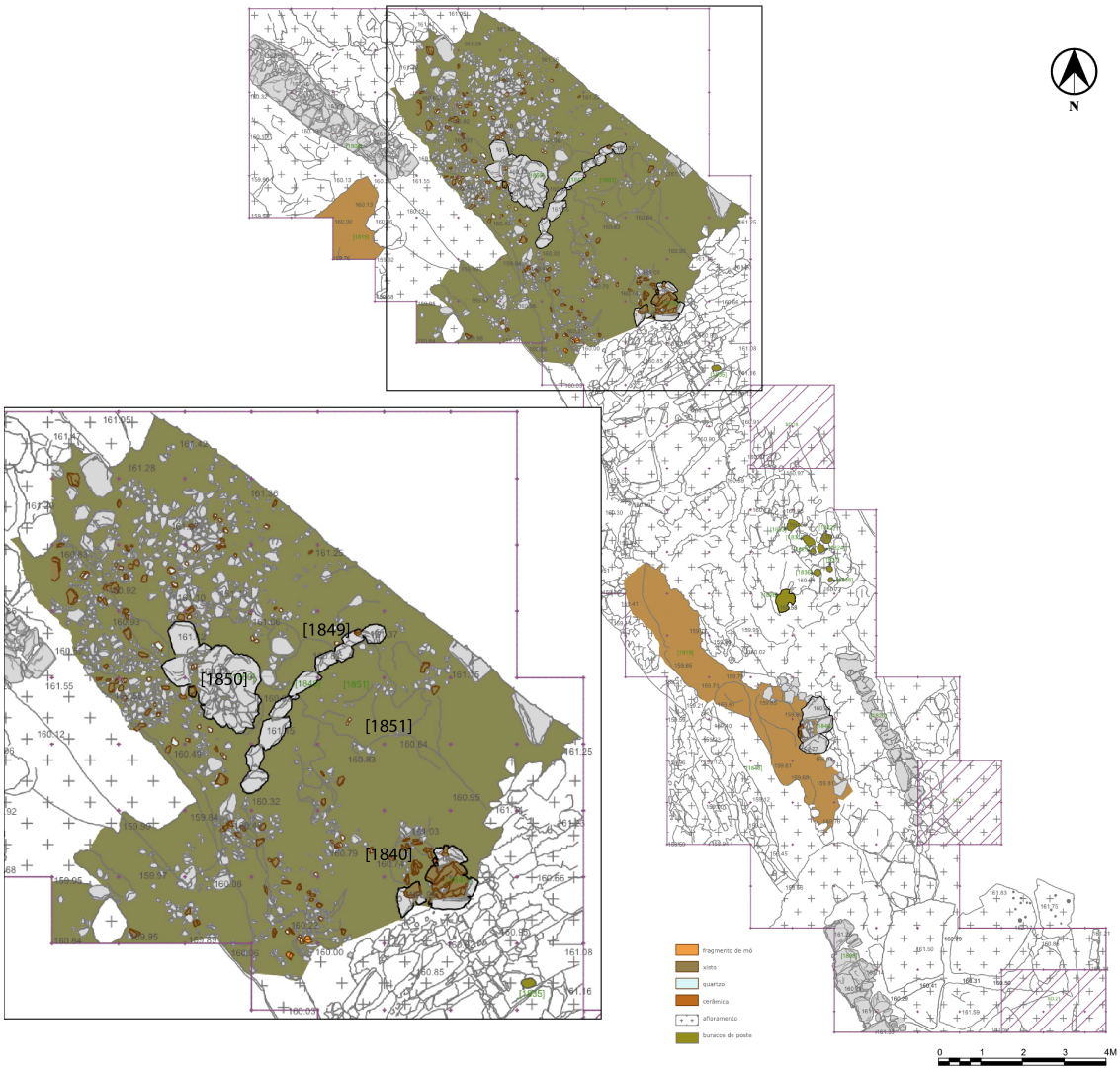
fazer uma datação deste momento a partir de um fragmento de osso recolhido da [1851]. No entanto, por não ter sido possível extrair colagénio preservado do mesmo, não foi possível avançar com a análise.

Atentemos agora na estrutura [1840]. Esta estrutura tem uma forma semicircular e assemelha-se formalmente a uma pequena cista. Foi contudo afectada pela vala [1854] que destruiu parcialmente a sua face lateral e inferior, sendo que da base restavam somente algumas lajes em xisto. No enchimento do seu interior identificaram-se várias sementes carbonizadas. A estrutura possui elementos pétreos que aparentam ter sofrido ação do fogo. O topo das lajes que definem do seu contorno aflora ao nível da [1812]. Como tal, se esta fosse uma estrutura totalmente negativa poderíamos considerar que estaria associada ao momento3b da ocupação. Dado contudo que, como veremos adiante, o momento 3b nos parece plasmar um momento de abandono e de alguma sedimentação do anterior 3a, então talvez o momento de construção e utilização desta estrutura estivesse associado ao estrato [1813]. Note-se que o sedimento que preenchia o interior desta estrutura, [1839], tinha características muito semelhantes ao sedimento de [1813] e que as sementes que continha no seu interior apareceram também espalhadas na [1813] ao redor da estrutura. No entanto não podemos ignorar o facto da sua aparente relação horizontal com as estruturas do momento 2, particularmente com a [1849], parecendo ocorrer no centro desta (An.II, Fig.10) Assentando no nível inferior, a sua base estaria ainda rebaixada relativamente ao nível [1851] mantendo-se o seu rebordo parcialmente em positivo na camada (An.II, Fig.9).




*An.II, Fig. 10: Plataforma B, estrutura cistoide [1840] em corte, evidenciando-se o seu assentamento na [1851]. Perfil norte - sul.*

Desta forma, assumimos que esta estrutura com grande probabilidade se possa ter tido a sua génese no momento 2, ainda que no momento posterior se mantivesse em utilização ou, estando aberta, fosse preenchida pelos sedimentos a ele associados. Poderá haver ainda aqui mais nuances que serão em todo o caso debatidas mais à frente. Ainda que, como cremos, esta estrutura se associe ao momento 2, o seu conteúdo está pelo menos revolvido em conjunto com os sedimentos associados ao 3a pelo que adscrevemos os 4 fragmentos que compõem os seu enchimento a esse momento (o que de resto não introduz grande variação ao conjunto).




*An.II, Fig. 11: Plataforma B, plano de escavação ao nível das unidades integradas no Momento 2.*

### 2.3. Plat.B, FASE I /Momento 3a

O Momento 3 é definido por um potente empedrado que se manteve conservado por toda a área noroeste da plataforma, sobre a unidade [1851] e estruturas a este estrato associadas. A tónica anteriormente dada à [1813] (Teixeira et alli, 2016) era a de unidade estratigráfica que serviu de assentamento às estruturas [1847] (um empedrado bem definido, subcircular) e à [1814] (um aparente lajeado). Como tal a configuração de empedrado da [1813] ter-se-ia relacionado com um nivelamento e embasamento da ocupação, após um possível momento de incêndio, cujo nível de circulação, digamos assim, ocorreria na [1812]. Não abandonando esta ideia, colocamos atualmente a tónica maior no incêndio, isto é, na destruição da [1813], hipótese na altura também devidamente levantada, enquanto nível de ocupação ele próprio, estando o momento seguinte possivelmente mais conectado com um tempo de abandono e alguma sedimentação.



*An.II, Fot. 5: Plataforma B, aspeto da UE 1813.*

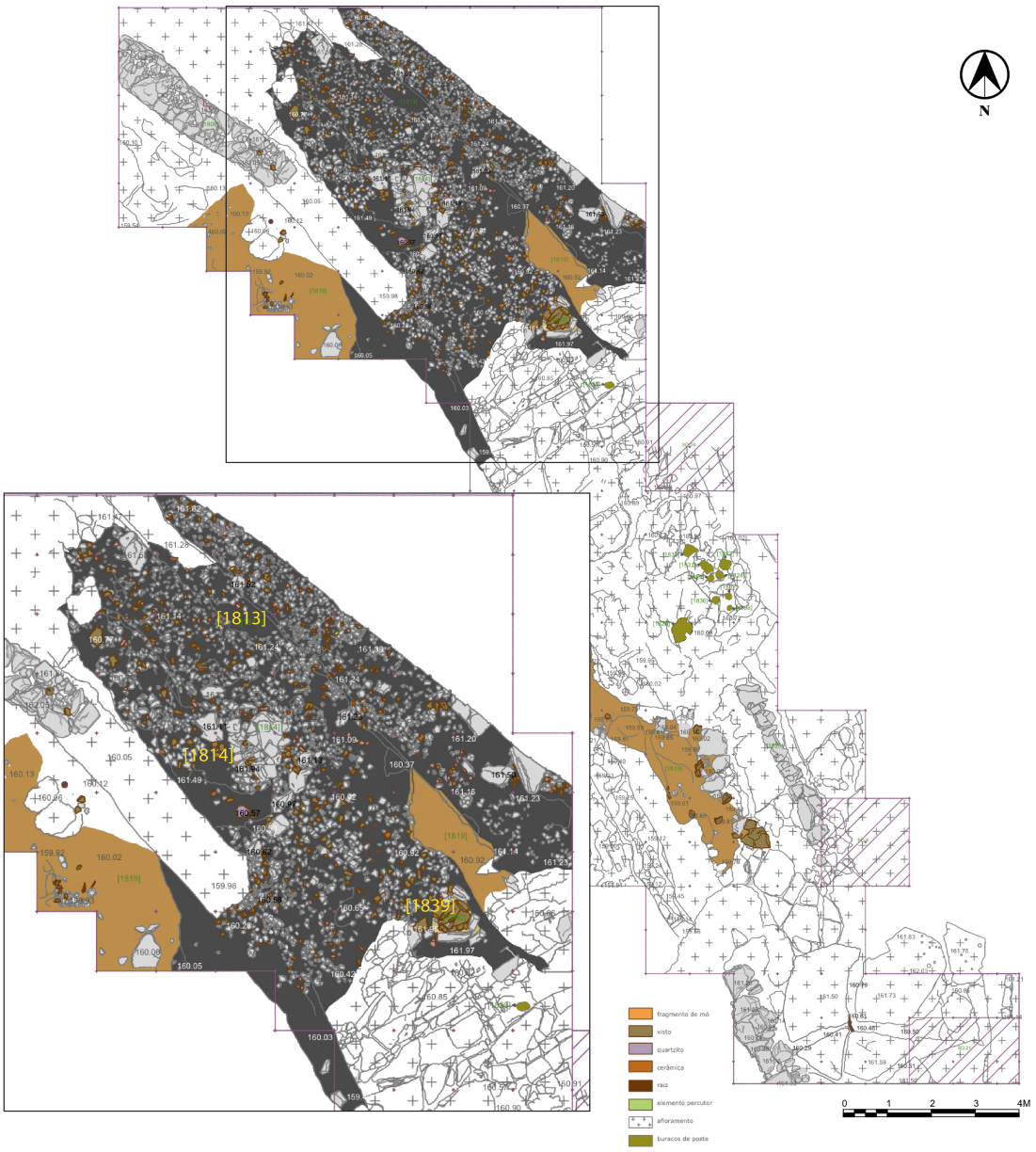
Com efeito, o sedimento associado à unidade estratigráfica [1813] era caracterizado por uma intensa cor negra. Tal como já tínhamos ponderado para a

plataforma A, numa situação similar, não excluímos a hipótese que tal coloração também se possa dever a uma intensa atividade antrópica, com manipulação de materiais orgânicos e a manipulação de fogo. No entanto a frequência de elementos pétreos alterados pelo fogo, a intensidade do negro do sedimento e o aspecto de grande destruição levam-nos agora a considerar a [1813] num contexto de grande destruição associada a um episódio de incêndio. Cremos assim que muitos destes elementos pétreos, de pequena a média dimensão, deveriam provir de estruturas derrubadas, possivelmente construídas com materiais perecíveis e argamassas de pedra e argila[8]. Ressalve-se contudo que só uma análise micromorfológica associada a estes sedimentos poderia fornecer dados mais seguros.

No que diz respeito à estrutura cistoide [1840], e voltando à discussão feita para o Momento 2, consideramos dúbia a atribuição segura do seu momento de utilização visto que, enquanto estrutura ela pode relacionar-se tanto com o momento 2 como com o 3a. No entanto, como referimos, e pelas razões que enumeramos, assumimos que o seu conteúdo, definido como UE 1839, se relacionaria com o momento 3a, talvez num contexto de reutilização, porquanto o conteúdo do interior da estrutura, parcialmente destruída, se notou espalhado em associação ao sedimento da [1813]. Assim os seus parcos materiais foram associados a este momento. Ora, as sementes identificadas no interior da estrutura e que, como referimos, ocorriam semelhantes já no sedimento [1813] forneceram uma data C14 de 2863-2503 cal. AC (BETA-468973, Regadas_005) que deverá assim datar este nível de ocupação.

Relacionamos ainda com este momento a unidade [1842], que regularizava o afloramento na área sul da plataforma, sob a [1845].

[8] Refira-se que de entre as várias unidades estratigráficas associadas à ocupação pré-histórica a [1813] é a que possui maior quantidade de barro de revestimento. Da mesma forma é rica em vestígios ósseos de fauna quando comparada, nomeadamente, à [1812].




*An.II, Fig. 12: Plataforma B, plano intermédio de escavação ao nível da [1813].*

## 2.4 Plat.B, FASE I /Momento 3b

A ocupação pré-histórica desta plataforma assoma com a unidade estratigráfica [1812]. Esta foi identificado abaixo dos estratos [1809], [1804] e [1805], associados aos momentos de cultivos mais recentes da plataforma, considerando-se que foi pelo menos parcialmente afectada por estas realidades, tendo inclusivamente sido cortada pela vala [1854] e pela construção do muro pós-filoxérico [1808]. Se houve contextos de

ocupação pré-histórica posteriores a este momento, terão sido assim completamente destruídos por essas ações integradas na Fase II. No seguimento do que discutimos relativamente ao momento anterior, entendemos atualmente o Momento 3b mais como um momento de interregno pós eventos associados a 3a do que como um contexto de ocupação propriamente dito. Terá assim resultado em grande parte de fenómenos de abandono, degradação de estruturas e alguma sedimentação.

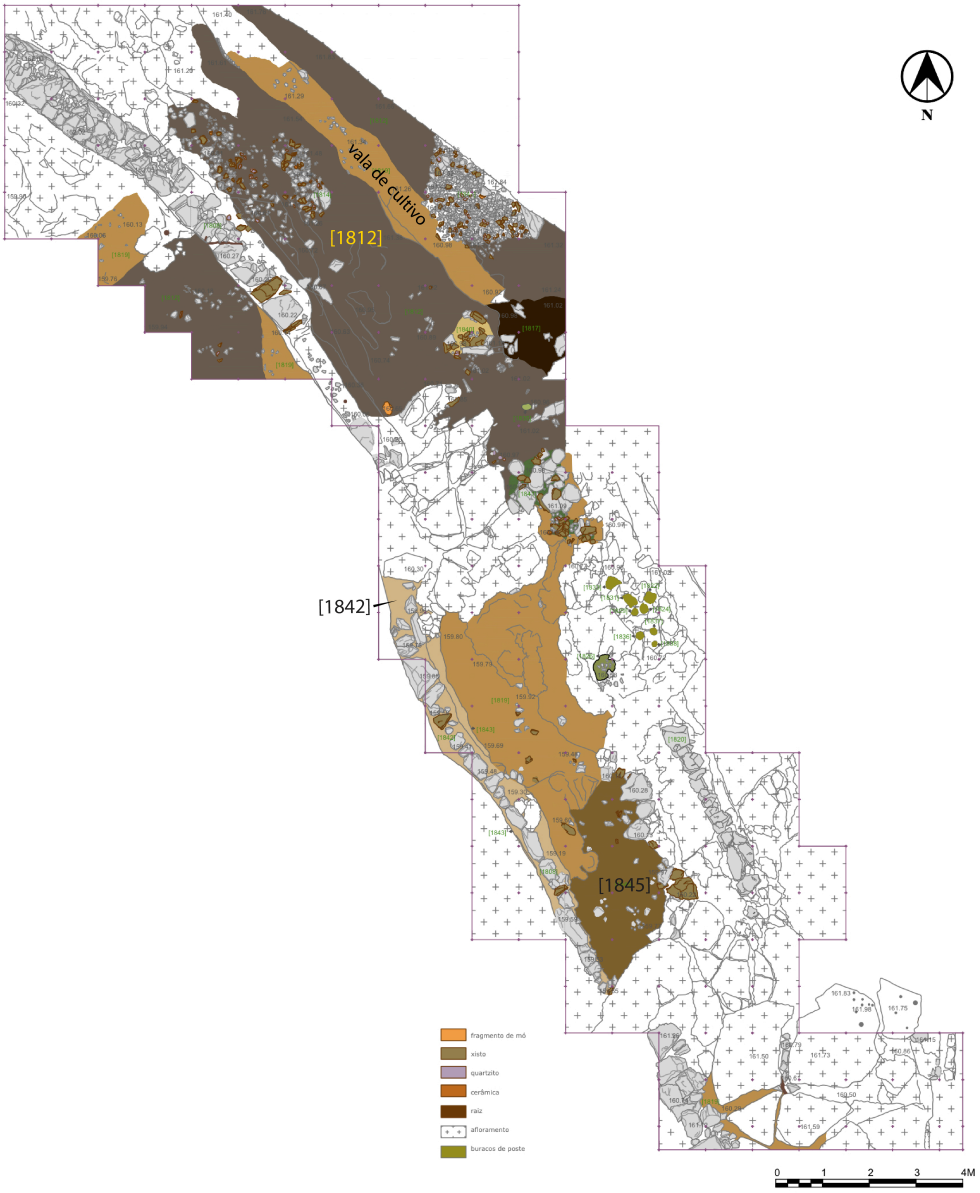
### 2.5 Plat.B, FASE I /Momento 4

A definição deste momento, enquanto momento estratigraficamente conservado, é subsidiaria do estudo que realizámos em torno dos fragmentos decorados. Com efeito sabíamos que ocorriam cerâmicas penteadas nesta plataforma nos sedimentos integrados na Fase II.

A unidade estratigráfica [1845] , na área sudeste da plataforma já havia sido considerado como de possível cronologia pré-histórica. No entanto, por ausência de relações estratigráficas com a sequência de estratos que temos vindo a tratar, não conseguíamos integrar a [1845] na sequencia crono-estratigráfica da ocupação. Com efeito, a partir do centro, e no sentido sul, as intervenções mais recentes (Fase II) decaparam os sedimentos praticamente até ao substrato rochoso, truncando assim as relações estratigráficas entre a área sul e a área norte.

Na unidade estratigráfica [1845], após o estudo cerâmico que realizamos, verificou-se uma expressão muito significativa de cerâmicas penteadas (40% do conjunto, que em todo o caso é parco, uma vez que é formado apenas por 15 fragmentos decorados). Este estrato tornou-se assim no único nível conservado onde ocorrem as cerâmicas penteadas. Dado que a [1845] se sobrepõe à [1842], onde não identificámos cerâmicas penteadas, e dado que nas UE associadas aos vários momentos já descritos para a Plataforma B não ocorrem penteadas que, depois sim, ocorrerão nos níveis superiores revolvidos e afectados pela Fase II, consideramos razoável integrar esta unidade [1845] num momento posterior aos anteriormente definidos. Definimos assim o Momento 4 – caracterizado então pelo aparecimento deste tipo decorativo. Note-se que nos servimos aqui também da analogia com a Plataforma A onde estratigraficamente se

comprova que as cerâmicas penteadas só aparecem a partir do momento 3b. Sabemos, contudo, que todas estas analogias devem ser feitas com as devidas ressalvas. No caso da Plataforma B, a associação das cerâmicas penteadas à unidade [1845] poderá ter-se relacionado unicamente com funções/significados específicos associados a esta decoração e não necessariamente a uma sucessão cronológica entre os momentos anteriormente descritos e esta UE. Ponderando porém todo o conjunto de dados não nos parece contudo insustentada a hipótese de um Momento 4 aqui tenuemente conservado.




*An.II, Fig. 13: Plataforma B, plano intermédio de escavação. Destaca-se a [1812] associada ao Momento 3b e, na área sul, a [1842] que associamos ao Momento 3a e a [1845] que associamos ao 4.*

### 2.6 Plat.B, FASE II

Às estratigrafias observadas integradas nesta fase cronológico-cultural correspondem os estratos e estruturas relacionadas com a construção/utilização das plataformas de socalco em período cronológico de época moderno-contemporânea e que terão sido responsáveis pelo significativo impacto destrutivo verificados sobre as estruturas e níveis da ocupação da Pré-história recente. Os contextos conectados com a presente periodização prendem-se fundamentalmente com estruturas murárias de socalco, correspondendo às [1808] e [1848], e aos estratos associados a estas plataformas: [1800], [1801], [1804], [1809], [1810] e [1817], bem como à vala [1854] e ao seu enchimento [1805]. No que concerne à sua diacronia, podemos assumir que os muros de socalco são de época Contemporânea. A sua tipologia apresenta características pós-filoxéricas. Trata-se de construções em pedra seca e de panos verticalizados elevados, alternando a matéria- prima entre o granito e o xisto. A plataforma de época Contemporânea estava assim moldada pelos dois muros, definindo um espaço amplo e horizontalizada para a prática agrícola. Assinale-se, no entanto, que a base da estrutura [1808], na sua zona sudoeste reaproveitou uma estrutura murária anterior[9].

[9] Nos trabalhos até então desenvolvidos (Teixeira et ali,2016), e refletindo a opinião maioritária da direção da escavação, os vestígios de estrutura murária mais antiga, reaproveitada pelo muro [1808] seria uma estrutura pré-filóxérica de período moderno. Não invalidando essa hipótese pessoalmente admito a possibilidade de se tratar , pelo menos ao nível da sua base, de um vestígio de estrutura de contenção mais antiga, associada aos níveis de ocupação pré -históricos, que, ao definir ela própria uma primeira plataforma artificial, se tornaria num embasamento preferencial a futuras construções . Tal verificou-se na Plataforma A onde o muro mais recente não assentando diretamente sobre a estrutura de contenção [612] aproveita, encostando-se, parte do talude e derrubes a partir da mesma. Note-se que, aqui na plataforma B era absolutamente necessária a existência de uma estrutura de contenção pré-histórica (como foi nos momentos posteriores!) dado o declive natural do terreno, que é bem mais acentuado que na Plataforma A – esta última é definida naturalmente por uma plataforma mais ampla. Claramente que na área onde a sequencia estratigráfica de níveis antigos é maior, e permitiu a definição dos vários momentos de ocupação da Fase I, com exceção do 4, a estrutura de contenção associada a estes momentos terá a dada altura cedido ou mesmo ruído. Tal é evidente no grau de inclinação que os estratos apresentam e que denota que terão descido um pouco na encosta. Neste troço a dita estrutura teria uma localização avançada relativamente ao muro de socalco [1808] porquanto que os níveis pré-históricos [1851], [1813] e [1812] se prolongavam para oeste deste. No caso da área sudoeste da plataforma a base do troço murário mais antigo que terá servido de suporte ao posterior [1808] tem claramente um alinhamento diferente deste, assenta numa fundação onde só ocorrem materiais pré-históricos e parece conformar os níveis pré-históricos que, contrariamente ao troço noroeste, não se prolongam além dele.

## 3. Datações absolutas realizadas para o povoado das Regadas

| Id. | Ref. Lab. | Plat. | Amostra | UE | Data convencional | Calibração | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | 1 sigma (68,2% probabilidade) | 2 sigma (95,4% probabilidade) |
| Regadas_001 | Beta-468969 | A | Carvão | 673 | 4150±30 | (48,5%) 2777-2671 cal.BC 4726-4620 cal.BP<br>(14,3%) 2867-2836 cal.BC 4816-4785 cal.BP<br>(5,4%) 2816-2804 cal.BC 4765-4753 cal.BP | (76,6%) 2824-2628 cal.BC 4773-4577 cal.BP<br>(18,8%) 2876-2829 cal.BC 4825-4778 cal.BP |
| Regadas_002 | Beta-468970 | A | Carvão | 682 | 4140±30 | (23,2%) 2712-2660 cal.BC 4661-4609 cal.BP<br>(19,6%) 2759-2717 cal.BC 4708-4666 cal.BP<br>(14%) 2864-2833 cal.BC 4599-4584 cal.BP<br>(5,5%) 2819-2806 cal.BC 4768-4755 cal.BP | 2874-2621 cal. BC 4823-4570 cal.BP |
| Regadas_003 | Beta-468971 | A | Carvão | 693 | 4100±30 | (53,6%) 2678-2579 cal.BC 4627-4528 cal. BP<br>(14,6%) 2840-2814 cal.BC 4789-4763 cal.BP | (62,3%) 2707-2571 cal.BC 4656-4520 cal.BP<br>(22%) 2863-2807 cal.BC 4812-4756 cal.BP<br>(9,9%) 2759-2717 cal.BC 4708-4666 cal.BP<br>(1,1%) 2513-2503 cal.BC 4462-4452 cal.BP |
| Regadas_005 | Beta-468973 | B | Semente | 1840 | 4100±30 | (53,6%) 2678-2579 cal.BC 4627-4528 cal. BP<br>(14,6%) 2840-2814 cal.BC 4789-4763 cal.BP | 62,3%) 2707-2571 cal.BC 4656-4520 cal.BP<br>(22%) 2863-2807 cal.BC 4812-4756 cal.BP<br>(9,9%) 2759-2717 cal.BC 4708-4666 cal.BP<br>(1,1%) 2513-2503 cal.BC 4462-4452 cal.BP |

*An.II, Quadro 1: Datações absolutas realizadas para o povoados das Regadas.*

Para o povoado das Regadas selecionamos um conjunto inicial de seis amostras para datação por carbono 14. No entanto, duas delas, relativas às UE [696], da plataforma A e [1851] da plataforma B, por se tratarem de amostras de osso que não forneceram colagénio conservado, não prosseguiram para análise. A calibração das datas foi realizada com o programa Oxcal v. 4.2.4 (Bronk Ramsey, 2009; Bronk Ramsey & Lee, 2013), com a curva IntCal 13 (Reimer et al., 2013).

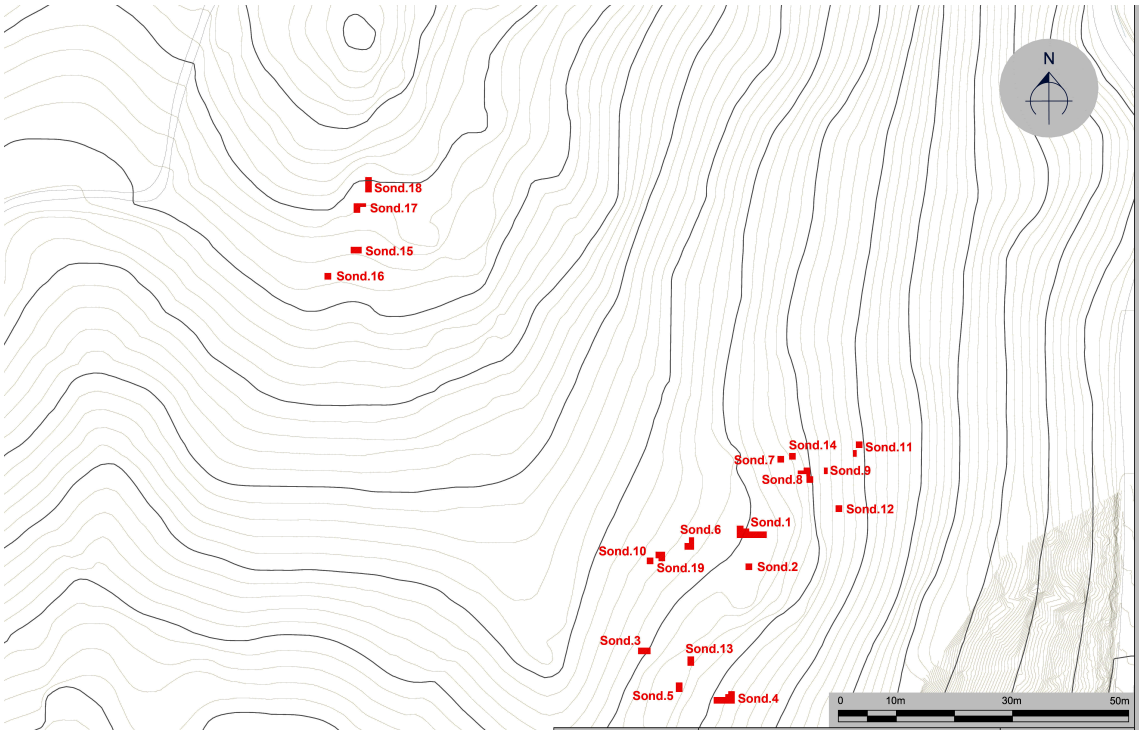
# Anexo III: A escavação d'A Pedreira

## 1. Nota prévia

A realidade da intervenção, e do tipo de ocupação n'A Pedreira é distinta do caso das Regadas. Com efeito, e ainda que tal tivesse sido defendido pela direção dos trabalhos, para algumas áreas específicas e com base nos resultados das sondagens, não houve aqui lugar a escavação em área. Por outro lado, estando neste sítio perante encostas bastante declivosas, não se tendo identificado plataformas tão amplas quanto as A e B das Regadas, cremos que as ocupações se fariam em áreas mais pequenas. Além do mais, estamos n'A Pedreira perante potências estratigráficas no geral bastante baixas onde, nomeadamente, e com exceção das sondagens 4 e 18, não é sequer possível distinguir algum faseamento de ocupação. Mesmo no caso das sondagens 4 e 18, nas quais conseguimos perceber mais do que um momento de ocupação, a interpretação da sequência é extremamente limitada precisamente pelo facto de não termos realizado alargamentos às mesmas.

Nas restantes sondagens, com exceção das fossas da sondagem 1 e dos vestígios de estruturas na 6, os níveis pré-históricos conservados resumem-se a embasamentos de elementos pétreos e sedimento que julgamos terem sido essencialmente níveis de regularização do terreno que permitissem o assentamento de estruturas.

Desta forma, e no contexto deste trabalho, cremos que não será pertinente proceder a uma descrição exaustiva de todas as sondagens e unidades estratigráficas mas somente dos contextos a que se atribuíram a cronologias pré-históricas. A estratigrafia observada nas sondagens deste sítio são de resto bastante simples onde, além das unidades associadas a cronologias antigas, nos casos em que as encontramos, se registam apenas unidades de depósito de vertente ou de enchimento de socalco.




*An.III, Fig. 1: Plano das sondagens realizadas na Fase III da intervenção no sítio d'A Pedreira.*

## 2. Sondagens 15, 16, 17 e 18

Numa área mais elevada, próxima do topo da elevação realizámos as sondagens 15, 16, 17 e 18. Tratava-se de uma área onde ocorria um significativo número de materiais de superfície, sem possibilidade de resultarem de fenómenos de escorrência. O terreno estava estruturado segundo três pequenos patamares contidos por barrocos graníticos bem como por dois pequenos muretes, formando uma área relativamente ampla e abrigada.

### Sondagem 15

A sondagem 15, com uma área de 7m², permitiu-nos identificar um estrato compacto de nivelamento [1503], com abundantes elementos pétreos, semelhante aos que ocorrem em várias das sondagens realizadas e que interpretamos como sendo de cronologia pré-histórica – camadas de assentamento/ nivelamento do terreno. Com efeito, a [1503] assentava diretamente no afloramento rochoso, preenchendo as suas

irregularidades. A U.E. [1503] salientou-se também pela presença de grande quantidade de cerâmica manual, em posição horizontalizada, e bastante barro de revestimento. De salientar ainda um possível buraco de poste aberto na [1503], o [1504], preenchido com um sedimento mais escuro e com carvões [1505].

**Sondagem 16**

Sondagem de 4m2, localizada igualmente na área de topo da mancha de ocupação detectada n'APedreira, não nos permitiu concluir da presença inequívoca de um nível arqueológico preservado, embora, por comparação com as demais sondagens realizadas, possamos considerar a forte possibilidade do estrato [1604], morfologicamente semelhante às unidades de nivelamento que ocorrem noutras sondagens, incluindo a 15 que lhe é próxima, ser aqui também testemunho da ocupação da Pré-história recente do sítio. A unidade [1604] assentava diretamente sobre o aforamento granítico.

**Sondagem 17**

Sondagem aberta inicialmente com uma área de 6m2, e na qual posteriormente se fez um alargamento de 2m2 para leste, perfazendo um total de 8m2. Identificámos nesta sondagem unidades estratigráficas que atribuímos à ocupação da Pré-história recente, não tendo sido no entanto possível caracteriza-las de forma a permitir uma correta interpretação. Na parte Sul da sondagem registamos a ocorrência de afloramento granítico praticamente à superfície que, no seu rebordo norte e nordeste se apresenta antropicamente cortado e picado/afeiçoado, dando-lhe uma configuração arredondada.

Nesta sondagem, a [1703] foi interpretada como um nível arqueológico, semelhante a outros nivelamentos já identificados, nomeadamente na vizinha sondagem 15 : sedimento amarelado, compacto, com elementos pétreos de pequena a média dimensão. Na base desta unidade identificamos ainda umas concentrações pétreas de natureza antrópica, na sua quase totalidade de xisto, estruturadas, com alguns elementos de moagem e seixos, que preenchem pequenas depressões no substrato e assentam diretamente sobre este.

**Sondagem 18**

A sondagem 18, localizada um pouco acima da sondagem 17, com uma área de 10m2, revelou uma das estratigrafias mais complexas da intervenção na Pedreira, onde se identificaram níveis e estruturas associadas a diferentes momentos da ocupação da Pré-história recente na estação. Esta seria uma sondagem que inequivocamente deveria ter sido alvo de alargamento, tal como foi defendido pela equipa técnica mas que, por decisões superiores não foram realizados. Uma melhor compreensão dos níveis e estruturas desta área poderia dar-nos uma muito melhor leitura do sítio d'A Pedreira. Resta-nos contudo tirar a ilações possíveis de uma estratigrafia complexa numa realidade truncada.

A existência de mais do que um nível de ocupação havia sido desde logo constatada (Teixeira, Barbosa & Barbosa..). A proposta de faseamento que fazemos foi somente desenvolvida no âmbito do trabalho que agora apresentamos.

**18IIa** - Momento associado ao estrato [1821]. Trata-se da UE mais antiga detectada nesta sondagem. Foi identificada no extremo sul da área, sob o sedimento [1819], associado ao momento posterior. Tratava-se de uma camada de terras pretas, que se estendia por debaixo dos blocos que se localizavam no lado Sul e que se estendiam para além do limite da sondagem. Metodologicamente considerámos incorreto desmontar estes elementos sem alargamento em área. É possível assim que pudesse ainda ser detectado um nível anterior ao 18IIa, caso a escavação desta área pudesse ter sido devidamente concluída.

**18IIb** – Momento de ocupação associado ao depósito [1819] que, segundo as análises micromorfolóficas realizadas, se tratava de um "depósito antropogénico que esteve exposto" (Duarte & Tente, 2015). Sobre esta unidade desenvolviam-se mais uma série de alinhamentos e aglomerados pétreos que configuravam estruturas e outras potenciais estruturas que, dado nos encontrarmos confinados à área escavada da sondagem, e sem a possibilidade de realizar alargamentos, não nos foi possível melhor caracterizar. Na situação concreta da estrutura [1822], esta assumia uma planta subcircular .

**18IIc** – este momento de ocupação estava associado à UE 1812 que se tratava de um espesso nível de sedimento amarelado, com bastantes elementos pétreos de pequena a média dimensão que configuravam um compacto nível de empedrado, com maior expressão na área em torno da estrutura [1810]. A este empedrado associava-se uma grande quantidade de material cerâmico, nomeadamente um recipiente inteiro, liso, de pequeníssima dimensão. Esta camada apresentava, no geral, as características morfológicas dos estratos de nivelamento/empedrados, já observadas em várias outras sondagens desta intervenção e o carácter antrópico do seu assentamento viu-se comprovado pelos resultados das análises micromorfológicas realizadas (Tente & Duarte, 2015)[1]. A estrutura [1810] possuia formato subcircular, com cerca de 80cm de diâmetro e era definida por lajes alongadas de granito fincadas. Do seu enchimento considerámos que a [1814] e a [1815] estariam de facto a ela associadas

Além da [1810] identificámos, aberta no nível [1812], uma estrutura negativa, tipo fossa, de pequena profundidade, a estrutura [1818]. Possuía configuração circular com um diâmetro de cerca de 60cm. Apresentava um enchimento intencional com um sedimento arenoso alaranjado e blocos ([1817]), colmatado com um fecho em cúpula constituído por lajes de xisto, em maioria, e alguns de blocos de granito. Na verdade o seu fundo batia no alinhamento pétreo que definia a estrutura inferior [1822] e cremos que terá sido esse o motivo pelo qual não pôde ser mais aprofundada.

**18IIe?** – trata-se momento associado à UE[1805/1807] que no momento de

[1] Dada a particular relevância das análises geoarqueológicas realizadas nesta sondagem consideramos pertinente citar na íntegra uma parte do relatório realizado (Duarte & Tente, 2015): "A u.e. [1819], adscrita à ocupação pré-histórica (…) permite assumir-se que se trata de um depósito antropogénico que esteve exposto, sugerindo uma superfície de ocupação nas imediações que terá sofrido revolvimento (mecânico e biológico) após o abandono. A u.e. [1812], correspondente ao depósito que cobriu a superfície de ocupação [1819], contem abundantes clastos empilhados interpretados como nivelamento ou empedrados antrópicos. Associadas a este nível existem estruturas antrópicas, de um momento correspondente a uma segunda ocupação. (…) Sendo indiscutível a mão antrópica na estrutura [1810], sustenta-se uma origem antrópica para a u.e. [1812] e para o empedrado. Sobre este depósito e sobre aquele que cobre ditas estruturas está a u.e. designada [1803], que foi interpretada como preenchimento recente. Microscopicamente, a u.e. [1803] possui características similares a [1819] no que toca à micro-estrutura, micromassa de natureza marcadamente orgânica, incluindo, novamente, fitólitos, abundantes carvões, e bioturbação desenvolvida (…), distanciando-se da génese coluvionar dos preenchimentos recentes e lembrando mais um segundo nível superficial, que teve lugar num momento de relativa estabilidade da vertente, sobre os depósitos, provavelmente coluvionares, que cobriram as estruturas antrópicas associadas a [1812]" (Duarte e Tente, 2015, p.24).

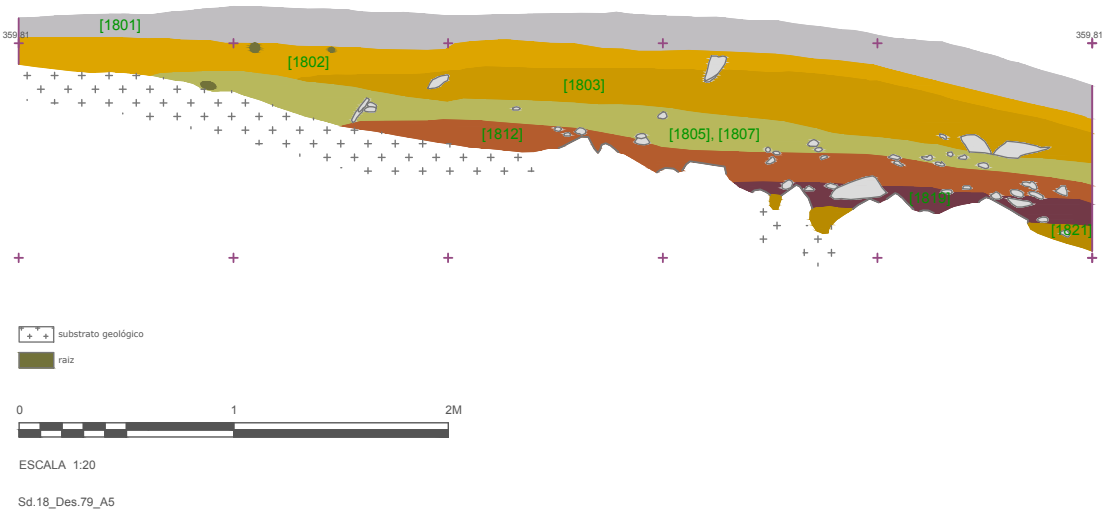
escavação interpretamos como correspondendo ao término/abandono do momento de ocupação associado às estruturas [1810] e [1818]. Para a U.E. [1805] obtivemos contudo, posteriormente, uma datação que não corroborou plenamente esta ideia porquanto nos forneceu uma data de 1039-1210 cal. AD (Pedreira004).



*An.III, Fot. 1: Recipiente liso de pequeníssima dimensão que se encontrava na UE [1812].*



*An.III, Fot. 2: Aspeto da escavação ao nível unidade estratigráfica [1812] e das estruturas que integram o momento 18IIc. Estrutura tipo cistóide à direita e estrutura que encerrava a fossa, à esquerda.*




*An.III, Fig. 2: Sondagem 18, corte estratigráfico leste.*

## 3. Sondagens 1, 2, 6, 10 e 19

As sondagens 1, 2, 6, 10 e 19 foram implantadas numa plataforma a meia encosta, que pelas suas características (plataforma mais ampla delimitada e sustentada por barrocos graníticos naturais articulados com muretes de contenção antrópicos), pelos materiais identificados à superfície, pela sua localização na área de afetação próxima da obra de instalação dos postes de média tensão, bem como pela sua proximidade às áreas de exploração mineira, consideramos que poderia ser um local preferencial a fim de aferir o potencial arqueológico da área e, mediante os resultados, potenciar uma escavação mais alargada que nos permitisse obter um conjunto de dados integrados e bem contextualizados que nos ajudasse na interpretação d'A Pedreira.

### Sondagem 1

A sondagem 1 foi escavada uma área total de 26m2.

Nesta área, sob um conjunto de camadas de depósito relacionadas com transformações modernas/contemporâneas do sítio, identificaram-se níveis associados à ocupação do sítio na Pré-história recente. Julgamos que o primeiro possa ser a U.E. [114], um sedimento arenoso, castanho claro e homogéneo que se encontrava sob o muro [104] e que foi cortada por outras unidades atribuídas a momentos mais recentes. Tratava-se de um depósito contendo bastante material cerâmico e lítico e que parece relacionar-se com o momento imediatamente posterior ao uso e fecho das estruturas negativas (fossas) que nesta área se identificaram – e nesse sentido pode representar já um momento de abandono, porquanto sobre estas não foi detectada nenhuma unidade estratigráfica correlacionável com a ocupação antiga do sítio (embora, como hipótese, se admita que outros níveis ou estruturas possam também ter sido destruídos pelas transformações mais recentes do terreno). Com efeito, sob a [114], abertas no topo da [111] (um sedimento arenoso, grosseiro sobre o afloramento granítico) e rompendo o substrato rochoso, escavamos três fossas: [123], [127] e [141]. Estas estruturas negativas são as únicas que aqui se preservaram da ocupação pré-histórica. De uma forma resumida, podemos dizer que se tratam de estruturas que se prolongam em profundidade pelo substrato rochoso atingindo aproximadamente 1m nos dois primeiros casos, [123] e [127], e 55cm, no caso da fossa [141].

No fundo destas fossas escavou-se um sedimento areno-siltoso, muito micáceo, muito compacto e de cor cinzenta (contendo manchas mais escuras e outras mais claras). Este sedimento, cuja natureza não conseguimos, de momento, totalmente aferir, formava um conglomerado constituído por nódulos solidificados que, numa análise a olho nu muito difícil de realizar, dada a forma como todo este sedimento e nódulos se encontravam impregnados e aderidos entre si, pareceram desde logo conter componentes de argila, minerais de rocha alterada e muitos óxidos de ferro, a par de inúmeros carvões. No caso da fossa [127], sob este conglomerado, e cheia de concreções deste, assentava no fundo uma grande laje de xisto, afeiçoada, de configuração circular, que parecia constituir uma base nesta estrutura. Na fossa [123] ocorreu uma laje semelhante, embora já um pouco deslocada do fundo, e tão alterada que foi impossível conservá-la, dado que se desfazia em pequenas lascas. A este sedimento associavam-se alguns fragmentos cerâmicos e mesmo partes de recipientes, apresentando nas suas paredes e embebendo a própria

pasta, concreções morfologicamente semelhantes aos nódulos do estrato cinzento ou com tonalidades mais dentro dos óxidos ferruginosos. Estas concreções mostraram-se mais tarde de remoção extremamente difícil, e impossível na sua totalidade, através do método convencional de lavagem dos fragmentos cerâmicos. Na tentativa de melhor compreender a natureza deste conglomerado tão compacto, afigurando-se mesmo quase como um tipo de "cimento", foi realizada a análise petrográfica e mineralógica da concreção aderida a um fragmento cerâmico pelo geoarqueólogo Carlos Duarte (Duarte, 2016). Saliente-se ainda que estas estruturas, particularmente a [127] e a [123] apresentavam partes da sua parede interna aparentemente algo "vitrificadas", sugerindo a possibilidade de exposição a temperaturas altas. Mediante os resultados da análise petrográfica e mineralógica, matizamos posteriormente um pouco esta consideração, conscientes da complexidade dos processos naturais aí em causa, e que ainda não compreendemos na totalidade, mas que podem eles próprios ter igualmente provocado essa alteração, à semelhança da formação do conglomerado. Grande parte das lajes e blocos do enchimento, particularmente na [127], acusavam contudo alteração térmica na parte inferior, ou seja, na parte que assentava voltada para o fundo da fossa, o que mais uma vez nos sugeriu a possibilidade do fundo da fossa estar quente aquando do momento da condenação/fecho. A sustentar esta hipótese pode estar em todo o caso a ocorrência abundante de carvões, dispersos por este sedimento.

Todas estas fossas apresentaram um enchimento intencional e cuidado. No geral, podemos dizer que sobre o compacto conglomerado da base, se sucediam camadas de sedimentos e blocos pétreos, muito bem colocados, definindo níveis selados, ora com blocos e lajes de maior dimensão, ora com blocos de tamanho médio. Por entre estes, foram aparecendo alguns fragmentos cerâmicos e líticos e de modo muito particular elementos de moagem (são significativos os fragmentos de dormentes e moventes exumados do interior destas fossas). Destacam-se ainda lajes de xisto afeiçoadas, uma com um rebordo arredondado finamente polido, blocos de quartzo, polidores/amoladores em aplito ou um bloco de granito com uma covinha, etc. Recolheram-se igualmente amostras de cassiterite associadas a estes contextos.

No caso da estrutura [123], o sedimento do topo do seu enchimento, [122], cobrindo um espesso nível de elementos pétreos de pequena a média dimensão, [125], tratava-se de

um nível de terras muito negras, muito micáceas e "gordurosas", sugerindo à partida um momento de fogo no término do seu fecho. No entanto, uma pequena amostra deste sedimento enviada para datação foi inviabilizada pois não continha afinal carvão, mas sim apenas elementos minerais. A natureza desta camada permaneceu uma incógnita, esperando-se no futuro poder realizar outro tipo de análises que nos possam fornecer dados para a sua melhor interpretação.

Para os contextos das fossas da Sondagem 1 dispomos de duas datações C14. Com efeito para a fossa [123] dispomos de uma datação de um carvão recolhido da U.E. do fundo da estrutura negativa , a [161], que admite um intervalo de datação entre 2863-2503 cal. AC (Pedreira003). De um carvão proveniente da U.E. [143] da fossa [127], e que corresponde à camada que recobria a laje de fundo desta estrutura, obtivemos uma datação de 1633-1501 cal.AC (Pedreira002). Estes intervalos de datação, que não se recobrem, representam, com segurança, apenas um marco *post-quem* relativo enchimento das fossas, o que não nos permite com segurança atribuir uma cronologia a estas estruturas embora nos sugira uma interessante problematização. No contexto de um melhor entendimento cronológico das fossas, a datação da U.E. de enchimento do topo da fossa [123], a [122] que já mencionamos anteriormente e que revelou conter apenas elementos de origem mineral, teria sido fundamental pois essa data representaria sim, com segurança, um término do uso da estrutura negativa.

Com os dados C14 disponíveis podemos assumir, à escala estrita dos contextos escavados n'A Pedreira, como possíveis os seguintes cenários:

1)Tratando-se de datas *post-quem* e assumindo como provável a contemporaneidade do uso destas estruturas negativas, então podemos dizer que são posteriores ou contemporâneas dos finais da primeira metade do II milénio AC.

II) Tomando em consideração que os carvões datados se integravam nos conglomerados do fundo das fossas é admissível, como hipótese, que estes carvões se possam relacionar diretamente com as atividades específicas associadas a cada fossa e assim possam ser contemporâneos do seu uso. A admitir tal hipótese, admitimos então a possibilidade de uma cronologia alargada para a escavação/uso/condenação deste conjunto de estruturas negativas desde a primeira metade do III milénio à primeira metade do II milénio AC, num contexto onde se poderiam até então admitir ações de reutilização e/ou violação.

Em favor desta hipótese temos o facto de na UE 161 da fossa [123], uma unidade constituída do dito sedimento concrecionado que, no caso particular desta fossa, atingiu uma compacidade particularmente elevada, se ter identificado um recipiente quebrado, de relativamente grandes dimensões, que possivelmente permite a sua total reconstituição, mas que precisamente pelas concreções a si aderidas, não foi possível colar. Este recipiente está decorado com grandes triângulos incisos (organização II1b6). Sobre esta, a UE 160 ainda se define pelo conglomerado. No entanto os níveis de enchimento superiores já não apresentam este conglomerado. A decoração com triângulos parece ser uma tendência decorativa associada às estruturas tipo fossa ou aquelas outras tipo cistoide como já vimos para o caso das estruturas da Plataforma A das Regadas. A data obtida a partir do sedimento associada ao recipiente da fossa [123] é compatível com a baliza cronológica proposta para estas estruturas no povoado das Regadas – primeira metade do III milénio AC. Poderá isto ser indicador de que a datação obtida na fossa [123] corresponde efetivamente ao primeiro momento da sua construção/uso e que o facto de o sedimento concrecionado ocupar apenas o seu troço inferior indica a sua posterior "violação"? Analisando o conjunto total decorado desta fossa [123] verificamos que efetivamente os triângulos estão representados, embora não com o peso que havíamos notado nas outras estruturas referidas das Regadas ou mesmo da [1810] da sondagem 18. No entanto, se analisarmos somente o conjunto de materiais respeitantes às UE [160]/[161] (An.XIII, Gráfico 9) observamos já a esperada dominância dos triângulos que, aliás, representam a totalidade dos triângulos do conjunto da fossa. Mais ainda, as decorações presentes II1a e II1b6 referem-se a triângulos preenchidos com incisões que, como também já vimos nas Regadas segue a tendência notada para as estruturas negativas e de tipo cistoide. Curiosamente, o parco conjunto das outras duas fossas [127] e [141] não apresenta qualquer fragmento decorado com triângulos.




*An.III, Fot. 3: A Pedreira, Sond.1, laje do fundo da fossa [127].*



*An.III, Fot. 4: A Pedreira, Sond.1, enchimento do topo da fossa [123].*

**Sondagem 2**

Localizada na plataforma da sondagem anterior e muito próxima desta, com uma área de 4m2, a sondagem 2 apresentou uma estratigrafia simples onde, sob as camadas superficiais, humosas registámos o depósito [203] de coloração mais escura que, apesar de conter pouca quantidade de material arqueológico, apresenta os fragmentos cerâmicos em posição horizontalizada. Este sedimento cobre uma depressão no afloramento granítico que se prolonga para o lado Sul e sobre a qual não conseguimos concluir do seu carácter natural ou antrópico. Consideramos contudo a hipótese deste sedimento [203], associado ou não a uma estrutura negativa antrópica, possa estar relacionado com um momento de ocupação antiga do sítio.

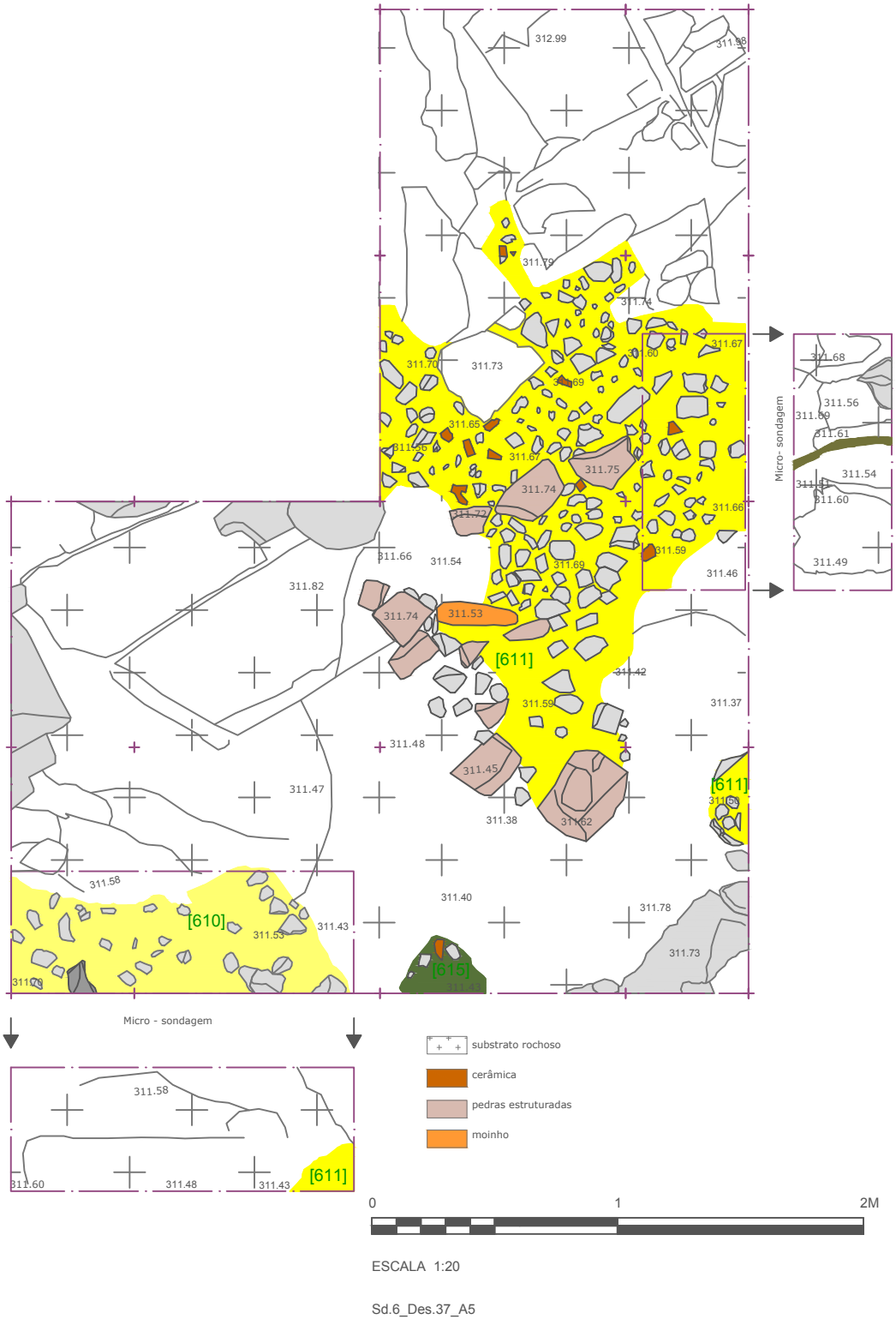
**Sondagem 6**

Trata-se de uma sondagem escavada numa plataforma aplanada imediatamente acima do caminho que a separa da área das sondagens 1 e 2. Com uma área total de 9m2, a sondagem 6 revelou uma estratigrafia complexa associada a um contexto arqueológico que não conseguimos totalmente interpretar. Foi possível contudo perceber a existência de níveis de ocupação da Pré- história recente na base da área sondada.

A estratigrafia desta sondagem acusa um momento de grande revolvimento de terras (nível[604/608/609]) que não sabemos situar no tempo , mas que terão destruído o que podemos interpretar como níveis de ocupação/abandono antigos: a [605/612], que por sua vez cobre a [613] sob a qual assenta a [610/611].

Estes estratos que associamos à ocupação da Pré-história recente, e que podem estar a ssociados a diferentes momentos de ocupação, tratam-se de nivelamentos do substrato rochoso, com elementos cerâmicos horizontalizados e áreas de empedrado compacto, que no centro da sondagem parece configurar uma estrutura delimitada por lajes fincadas em cutelo de maior dimensão parecendo definir uma área subcircular que de momento não conseguimos com segurança interpretar, mas que pode ter sido base de uma construção em altura. Com efeito, destaque-se ainda a presença de uma quantidade significativa de barro de revestimento exumada desta sondagem, o que nos leva a crer

que haveria aqui efetivamente uma construção com materiais perecíveis (que nos parece poder ter sido uma das tónicas construtivas no sítio d'A Pedreira). Além destas unidades de embasamentos/empedrados, destacamos uma mancha de carvões [615] que nos pareceu ter uma natureza diferente das que ocorrem no nível [604/608/609] que a cobre e que, a ser assim, se pode associar à ocupação pré-histórica. Os níveis antigos não foram totalmente escavados e mantiveram-se tal como ilustrados na planta que apresentamos, porquanto se considerou que esta sondagem deveria ser alvo de um alargamento que permitisse uma melhor leitura em área das estruturas e posterior prossecução dos trabalhos. Uma vez que estes alargamentos não se realizaram, pelos motivos que anteriormente explicitamos, a sondagem foi selada e os vestígios preservados nestes níveis.




*An.III, Fig. 3: A Pedreira, sondagem 6. Plano da escavação no momento em que foram interrompidos os trabalhos, contando com a realização de alargamentos que, todavia, não chegaram a ocorrer. Observam-se algumas das UE que integramos na ocupação pré-histórica.*

**Sondagem 10**

Localiza-se acima das sondagens 6 e 19, e tem uma área de 4m2. Nesta sondagem não se detetou nenhum nível arqueológico tendo-se exumado poucos materiais, não estando estes, na sua grande maioria, em bom estado de conservação. Enquadram-se contudo nas cronologias do III/II milénio AC.

**Sondagem 19**

A sondagem 19 foi implantada inicialmente com as dimensões de 2x2m sendo posteriormente alargada numa área de 4m2, para Este e Sul, perfazendo um total de 8m2 e situa-se no patamar acima da sondagem 6.

Nesta sondagem apenas o nível [1905], um sedimento de matriz argilosa de coloração castanho-clara com inclusões pétreas de granito e quartzo, do qual se exumaram alguns fragmentos cerâmicos e líticos, antecedendo o substrato rochoso havia permanecido em interrogação (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016). Este estrato tem na verdade semelhanças com os nivelamentos já identificados neste povoado para a Pré-história recente, no entanto, na área escavada desta sondagem, não foi possível concluir com certeza se esta se encontrava *in situ* ou em contexto secundário. Com o estudo das cerâmicas que agora realizamos pudemos reavaliar esta sondagem e consideramos que efetivamente o nível [1905] será de facto um nível de regularização de cronologia antiga.

**4. Sondagens 7, 8, 9, 11, 12, e 14**

Numa zona de declives mais acentuados, um pouco a nordeste, e a cota mais baixa que a plataforma onde se implantaram as sondagens 1 e 2, realizamos as sondagens 7, 8, 9, 11, 12 e 14. Tratava-se de uma área de encosta marcada por socalcos e barrocos graníticos formando alguns nichos abrigados. Além de materiais de superfície, numa destas área abrigadas havia sido identificado, em trabalhos de prospecção, um pequeno bloco granítico, afeiçoado, de feição idoliforme. Posteriormente identificou-se ainda um bloco apresentando algumas covinhas gravadas. .

**Sondagem 7**

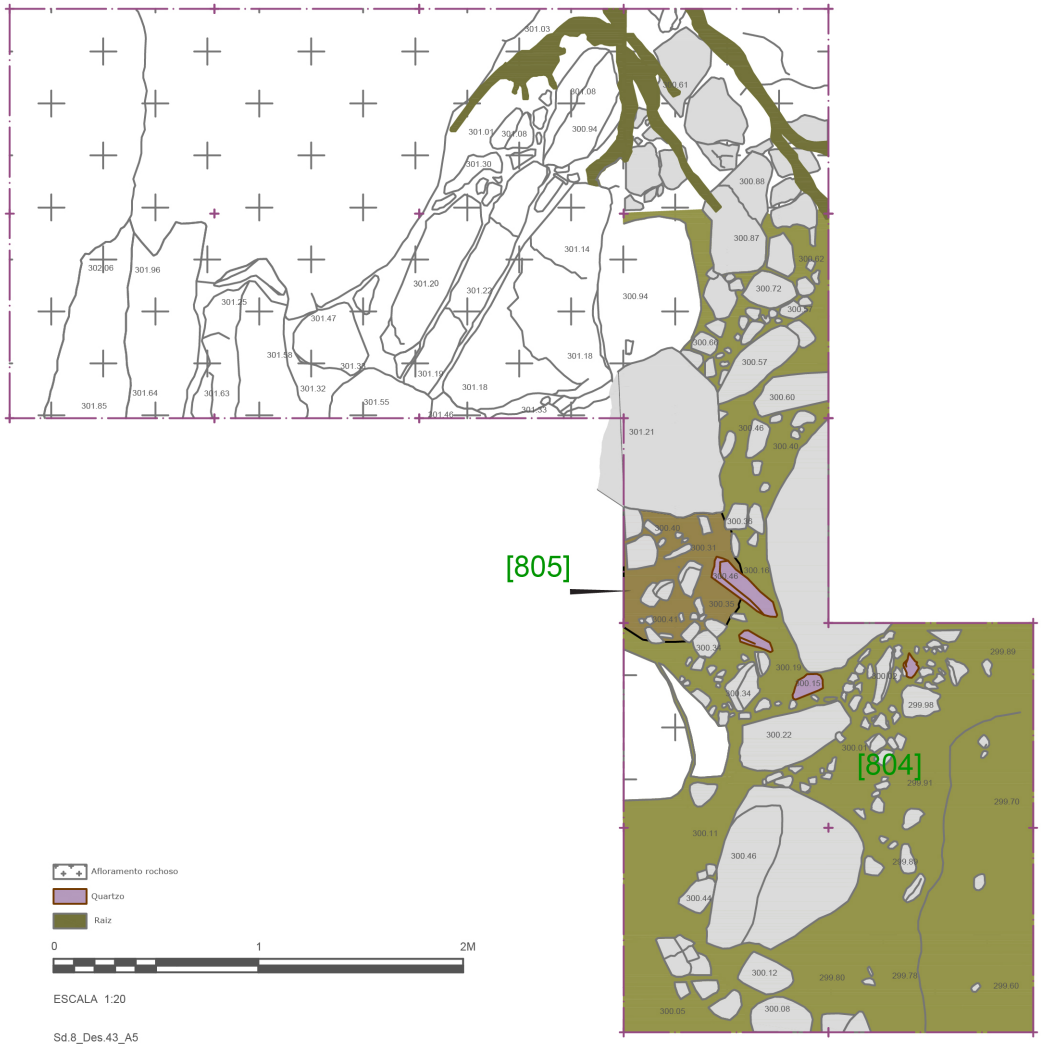
A sondagem 7 foi implantada com as dimensões de 2x2 m e a intervenção realizada não permitiu aferir realidades pré-históricas preservadas. Os níveis estratigráficos detectados correspondem a fenómenos de vertente e revolvimentos agrícolas.

**Sondagem 8**

Trata-se de uma sondagem que perfez um total de 11m2. Caracteriza-se topograficamente por abarcar uma área inclinada de encosta, no sentido oeste-este, localizando-se na parte noroeste em posição adjacente a uns grandes barrocos graníticos que definem uma área abrigada onde se havia identificado, numa primeira fase de prospecção do sítio, um pequeno bloco idoliforme. Integrado nos blocos de um preenchimento intencional do espaço, entre dois destes grandes barrocos graníticos, registámos também, durante a limpeza que ai se procedeu nesta fase de intervenção, um bloco gravado com várias covinhas. O alargamento realizado mais para sul, entrava já um pouco numa área de socalcos estreitos e sequenciais que, embora possam ter assentado sobre estruturas de contenção mais antigas que aqui deveriam existir associadas à ocupação pré-histórica e aos níveis [803] e [804], representam no seu topo uma fase de aproveitamento mais recente desta encosta declivosa.

Sob as unidades de superfície relacionadas com as dinâmicas naturais da encosta, identificámos então um conjunto de contextos que relacionamos com a ocupação na Pré-história. Neles se inclui a unidade [803], um pouco mais horizontalizada, com bastante material arqueológico atribuível à pré-história recente e com características morfológicas que a assemelhavam aos estratos de nivelamento que fomos detectando ao longo desta fase de intervenção – níveis de pedras e sedimentos. Sob esta unidade, a [804], que incluía blocos pétreos de maiores dimensões, pode ter tido uma função semelhante mas de maior sustentação a encosta. De salientar ainda que, cortando a unidade [804], se observa uma mancha subcircular de terras cinzentas com carvões [805], associada a alguns elementos pétreos de média dimensão, localizada junto ao corte oeste da sondagem, sobre a qual consideramos a hipótese de se tratar de um

vestígio de lareira. De notar ainda que destas unidades [803] e [804] resultou algum barro de revestimento, apresentando nomeadamente negativos de ramagens, atestando a existência de construções em materiais perecíveis.




*An.III, Fig. 4: A Pedreira, plano da sondagem 8. Estrato [804] e possível lareira [805].*

**Sondagem 9**

Sondagem de 2m$^2$ onde não se detectaram níveis pré-históricos inequivocamente preservados. Apresenta uma estratigrafia sequencial simples onde, aos níveis vegetais e humosos, se sucedem outros que parecem relacionar-se com fenómenos naturais de depósito de vertente, aos quais nomeadamente se associam dois fragmentos cerâmicos a torno. O nível que eventualmente se poderia relacionar com uma ocupação mais antiga

seria o estrato que antecede o substrato granítico, [905], não tendo sido contudo possível tecer melhores conclusões.

**Sondagem 11**

A sondagem 11 foi subdividida em 11A e 11B, visto que se abriram duas áreas, de 4m2 e de 2m2, respectivamente, separadas 1m entre si .

Na 11A, sob o estrato [1102], de deposição natural, identificamos o nível [1103] que interpretamos (em concomitância com as realidades identificadas em várias das outras sondagens) como um nível antigo de enchimento/nivelamento (terras compactas com elementos pétreos), ao qual se associavam alguns materiais cerâmicos e líticos com cronologias pré-históricas dentro das que têm vindo a ser propostas. Este estrato definia-se contra uns blocos graníticos de grandes dimensões que integravam a base de um pequeno murete de socalco, parecendo assim que a plataforma mais antiga terá sido posteriormente integrada no aproveitamento mais recente da encosta.

**Sondagem 12**

A sondagem 12 tem as dimensões 2x2 m perfazendo uma área total de 4 m2 . A estratigrafia resume-se a níveis de regularização da plataforma do socalco onde esta se insere e não foram identificados níveis Pré-históricos preservados

**Sondagem 14**

Esta sondagem, localizada a leste da sondagem 7, revelou vestígios de um nível de empedrado/nivelamento do afloramento granítico, semelhante ao que se identificou em várias sondagens da intervenção e que enquadramos na Pré-história recente. Destacamos ainda a presença de algumas covinhas gravadas num bloco de afloramento, que entra no corte norte da sondagem e contra o qual ocorreu o referido estrato identificado como [1405].

## 5. Sondagens 3, 4, 5 e 13

As sondagens 3, 4, 5 e 13 foram realizadas um pouco a sul da área das sondagens 1, 2, 6, 10 e 19 abrangendo cotas similares. Pretendia-se aqui, por um lado, avaliar do impacto destrutivo da linha de média tensão nesta zona (sondagens 5 e 13) bem como a realidade de uma zona de mais imponentes patamares de socalco, aparentemente recentes mas à superfície dos quais ocorriam abundantes materiais arqueológicos.

### Sondagem 3

A sondagem 3, com 8 m2 de área total e resume-se a níveis estratigráficos relacionados com a estratigrafia comum de muros de socalco modernos/contemporâneos e suas plataformas.

### Sondagem 4

A sondagem 4 tinha inicialmente as dimensões de 5x2 m, sendo alargada posteriormente em 9 metros quadrados para E e N, perfazendo um total de 19 m2. A área de escavação encontrava-se dividida por um muro de socalco., designado por [402] - uma construção composta por blocos de granito de variadas dimensões.

Provavelmente já relacionado com contextos de cronologia pré-histórica, a unidade estratigráfica [412], com uma matriz saibrosa de coloração amarela, foi detectada na parte mais oeste da sondagem e na plataforma superior do socalco. O sedimento regulariza o substrato rochoso e cobre uma estrutura negativa tipo fossa [419], bem como todos os outros sedimentos que selam esta estrutura.

A fossa [419] tem uma planta e perfil circular, tendo sido aberta no substrato rochoso em granito, posteriormente selada por níveis sucessivos de elementos pétreos, os quais estavam bem organizados e preenchidos com sedimento. O preenchimento sedimentar desta estrutura é semelhante ao das outras fossas detectadas na sondagem 1 e do seu interior recolheram-se fragmentos cerâmicos bem como algum espólio lítico, de onde se destaca um grande fragmento de moinho dormente manual.

Na parte Este da sondagem, ou seja no patamar de baixo, detectou-se o nível [406], que deverá corresponder a um nível atribuído ao período pré-histórico, de matriz arenosa de tonalidade castanha clara/amarela, tendo inclusões de fragmentos cerâmicos e líticos. Sobre este assenta a base muro de socalco ([402]). Na decapagem deste nível identificou-se uma estrutura composta por lajes em xisto e granito inseridas em cutelo, as quais criam um espaço no seu interior de morfologia semicircular ([408]) que se assemelha genericamente a uma pequena cista, semelhante à identificada na sondagem 18 ou às identificadas na Plataforma A e B das Regadas. O interior da estrutura encontrava-se, ao nível de topo, ainda com sedimento da [406].

Sob a [406] identificou-se ainda um conjunto de enormes blocos graníticos [407] que, em conjunto com o sedimentos associados, criam uma plataforma, cuja filiação, de origem antrópica, é cronologicamente anterior à construção do socalco. Estratigraficamente, em virtude de se encontrar sob a [406] e a [408], está associada a um momento da Pré-história Recente, configurando assim uma mega estrutura de assentamento de uma plataforma artificial, que serviu ela própria de base aos socalcos mais recentes. Para a sua construção, admitimos o aproveitamento de blocos naturais resultantes do desmonte natural dos afloramentos graníticos que povoam a encosta e que por esta vão rolando. A estes, contudo, juntaram-se outros, igualmente de dimensão considerável, por forma a sustentar e a colmatar a base da plataforma. Uma construção desta volumetria, para esta função, parece-nos, no contexto regional, algo inédito mas, contudo, não estranha, sobretudo se considerarmos a necessária adaptação dos taludes e muralhas conhecidos de outros povoados da Pré-história recente, a um contexto de vertente acentuada como é esta d'A Pedreira. A escavação da sondagem cessou neste nível uma vez que se considerou que uma interpretação mais integrada desta mega estrutura, e seu eventual posterior desmonte, exigiria o alargamento da área da intervenção.

Agrupámos os níveis arqueológicos desta sondagem em momentos de ocupação que em todo o caso tiveram que se esboçar de forma independente para a área superior ao muro de socalco, onde foi identificada a fossa (que definimos como parte b), e a área inferior onde ocorria a estrutura cistoide e a plataforma artificial com blocos de grande

dimensão (que definimos como parte a). Esta opção deve-se ao facto de não ter sido possível estabelecer conexão estratigráfica entre os dois patamares.

Na parte a temos então o momento 4Ia associado à construção da plataforma [407], seguido no tempo do momento de assentamento das estrutura cistoide que possivelmente se terá associado a outras estruturas na plataforma, não abrangidas pela área escavada, e que estarão associadas ao decorrer do momento 4IIa. Por fim o momento 4IIIa, associado ao nível [406] pode configurar um momento de abandono e sedimentação ou uma eventual colmatação da ocupação anterior para assentamento de uma nova destruída pelas intervenções moderno-contemporâneas no espaço.

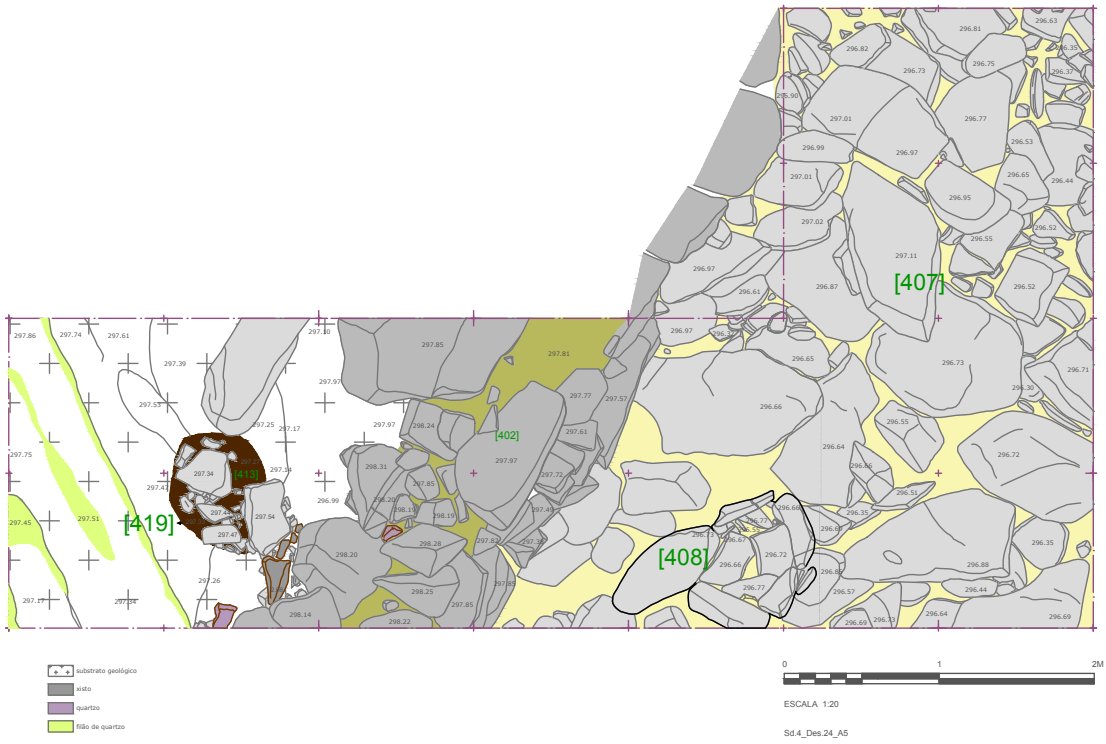
Na parte superior da sondagem, parte b, definimos como 4Ib o nível mais antigo de construção e uso da fossa [419] e como 4IIb o momento de sedimentação ou colmatação intencional sobre esta estrutura, associado à unidade [412].




*An.III, Fot. 5: A Pedreira, sondagem 4, aspeto da estrutura [408].*



*An.III, Fot. 6: A Pedreira, sondagem 4, enchimento do topo da fossa [419].*



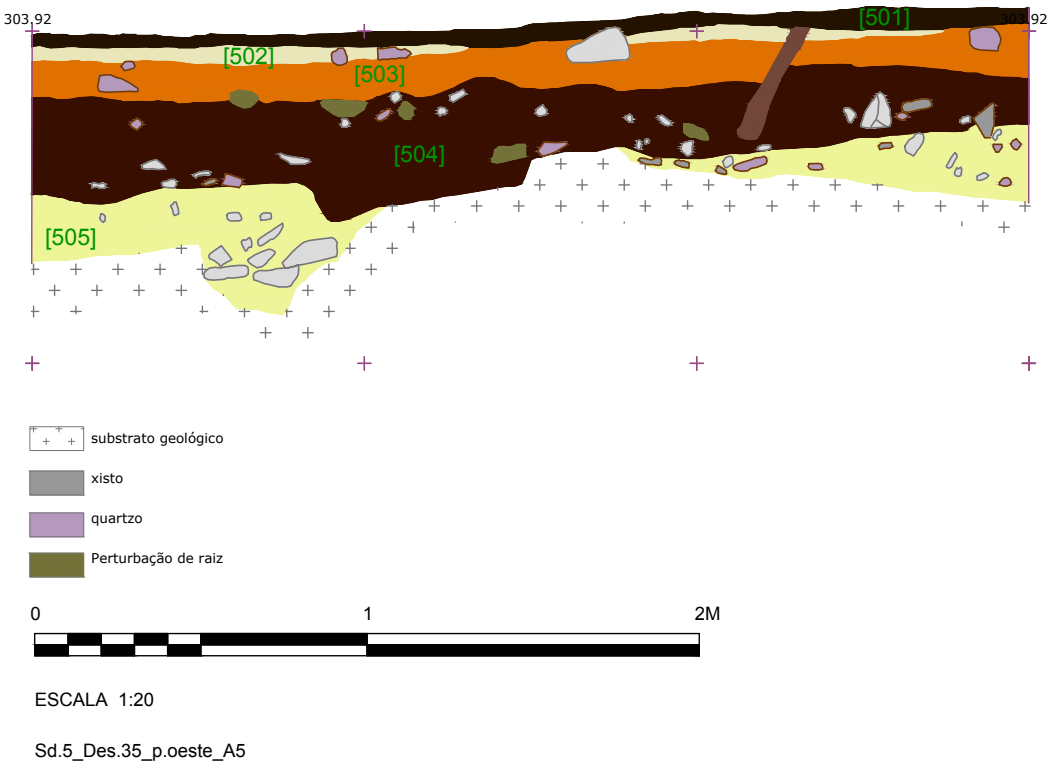

*An.III, Fig. 5: A Pedreira, sondagem 4, aspeto do potente embasamento pétreo que parece ter*

*definido a antiga plataforma de ocupação pré-histórica. Observa-se ainda a estrutura [408] após a escavação do interior, bem como um plano intermédio da escavação da fossa [419]*

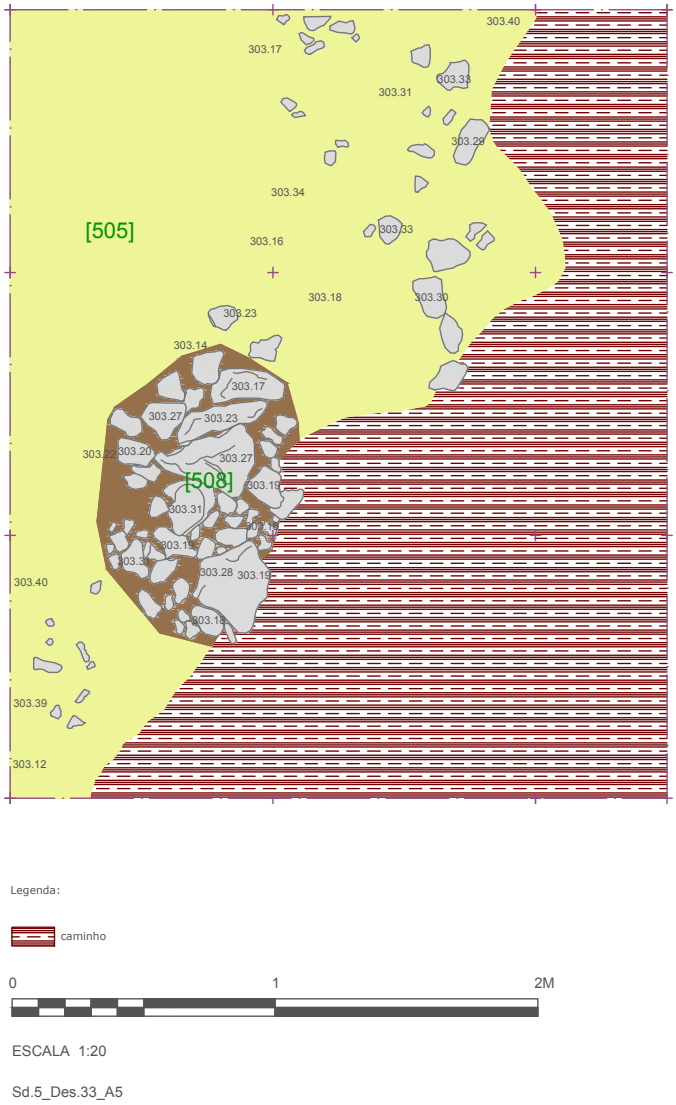
**Sondagem 5**

A sondagem 5, a cota superior da sondagem 4, e entre esta e a sondagem 3, perfaz um total de 6 m2 e foi marcada numa zona em que os trabalhos de implantação das infraestruturas de média tensão afectaram os sedimentos existentes e a estrutura muraria do socalco, sendo que nas imediações foi retirado um bloco pétreo com fossetes, o qual foi arredado para o patamar inferior do socalco.

Nesta sondagem, a unidade estratigráfica [508], foi interpretada como possível contexto preservado pré-histórico, com vestígios de um empedrado e uma aglomeração de blocos de granito e lajes de xisto. Trata- se com efeito de uma unidade estratigráfica em tudo semelhante às unidades de empedrado/nivelamento que identificamos noutras sondagens realizadas e que se conectam com a ocupação antiga do sítio. Contudo, desconhecendo o comportamento desta unidade no sentido leste, pois foi completamente afectada pela abertura do caminho de acesso, não conseguimos realizar uma melhor interpretação da sua natureza e função. O nível [505] permaneceu de interpretação dúbia mas admitimos a possibilidade de também se relacionar com a ocupação antiga do local.




*An.III, Fig. 6: A Pedreira, sondagem 5, perfil estratigráfico oeste. Note-se como a UE 505 preenche os insterstícios do afloramento rochoso.*




*An.III, Fig. 7: A Pedreira, sondagem 4, plano das unidades [505] e [508].*

**Sondagem 13**

A sondagem 13, que tem as dimensões de 3x2 m, perfazendo uma área total de 6 m², foi implantada um pouco a norte da 5. Pese o facto de se ter recolhido um conjunto significativo de material arqueológico de cronologias adentro da Pré-história, não identificamos nesta sondagem estratos ou estruturas preservados.

## 6. Datações absolutas para o sítio d'A Pedreira

| Id. | Ref. Lab. | Sond. | UE | Material | Datacão BP (não calibrada) | Calibração | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | 1 sigma | 2 sigma |
| Pedreira_001 | Anulada | 1 | 122 | ___ | após o pré tratamento em laboratorio verificou-se que o material disponível possuía apenas uma componente mineral. | | |
| Pedreira_002 | Beta-467404 | 1 | 143 | carvão | 3290±30 | 1611-1531 cal. BC<br>3560-3480 cal. BP | 1633-1501 cal. BC<br>3582-3450 cal.BP |
| Pedreira_003 | Beta-467405 | 1 | 161 | carvão | 4100±30 | (53,6%) 2678-2579 cal.BC<br>4627-4528 cal. BP<br>(14,6%) 2840-2814 cal.BC<br>4789-4763 cal.BP | (62,3%) 2707-2571 cal.BC<br>4656-4520 cal.BP<br>(22%) 2863-2807 cal.BC<br>4812-4756 cal.BP<br>(9,9%) 2759-2717 cal.BC<br>4708-4666 cal.BP<br>(1,1%) 2513-2503 cal.BC<br>4462-4452 cal.BP |
| Pedreira_004 | Beta-467406 | 18 | 1805 | carvão | 900±30 | (33%) 1046-1092 cal.AD<br>904-858 cal.BP<br>(23,5%) 1147-1185 cal.AD<br>803-765 cal.BP<br>(11,8%) 1120-1140 cal.AD<br>830-810 cal.BP | 1039-1210 cal. AD<br>911-740 cal.BP |
| Pedreira_005 | Beta-467407 | 18 | 1809 | carvão | 860±30 | 1159-1218 cal.AD<br>791-732 cal.BP | (83,5%) 1150-1256 cal.AD<br>800-694 cal.BP<br>(9,9%) 1049-1084 cal.AD<br>901-866 cal.BP<br>(2%) 1124-1136 cal.AD<br>826-814 cal.BP |

*An.III, Quadro 1: Datações absolutas realizadas para o sítio d'A Pedreira.*

## Anexo IV: Tabelas de relação entre cerâmicas decoradas e não decoradas nos sítios das Regadas e A Pedreira

| Regadas, Plat.A Cerâmicas decoradas vs Não decoradas (contagem por bordos) | | | | Regadas, Plat.A Cerâmicas decoradas vs Não decoradas (contagem por fragmentos) | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Momento** | **Bordos decorados** | **Bordos não decorados** | **% decorados** | **Momento** | **Fragmentos decorados** | **Fragmentos não decorados** | **% decorados** |
| **Fase I, Momento 2a** | 22 | 39 | **36,1** | **Fase I, Momento 2a** | 32 | 574 | **5,28** |
| **Fase I, Momento 2b** | 88 | 158 | **35,7** | **Fase I, Momento 2b** | 133 | 1533 | **7,98** |
| **Fase I, Momento 3b** | 80 | 189 | **29,7** | **Fase I, Momento 3b** | 191 | 2197 | **7,99** |
| **Fase I, Momento 4x** | 98 | 200 | **32,8** | **Fase I, Momento 4x** | 172 | 1934 | **8,16** |
| **Fase I, Momento 4y** | 51 | 94 | **35,2** | **Fase I, Momento 4y** | 166 | 1048 | **13,7** |
| **Fase II** | 448 | 1233 | **26,6** | **Fase II** | 1062 | 23170 | **4,38** |
| **TOTAIS** | 787 | 1913 | **29,1** | **TOTAIS** | 1756 | 30456 | **5,45** |

*An.IV, Tabela 1: Relação entre cerâmicas decoradas e não decoradas na Plataforma A das Regadas. Contagem por fragmentos e por bordos.*

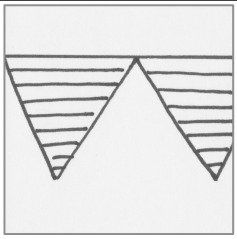
| Regadas, Plat.B<br>Cerâmicas decoradas vs Não decoradas<br>(contagem por bordos) | | | | Regadas, Plat.B<br>Cerâmicas decoradas vs Não decoradas<br>(contagem por fragmentos) | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Momento** | **Bordos decorados** | **Bordos não decorados** | **% decorados** | **Momento** | **Fragmentos decorados** | **Fragmentos não decorados** | **% decorados** |
| **Fase I, Momento 2** | 1 | 9 | **10,0** | **Fase I, Momento 2** | 2 | 124 | **1,58** |
| **Fase I, Momento 3a** | 50 | 96 | **34,2** | **Fase I, Momento 3a** | 93 | 1191 | **7,24** |
| **Fase I, Momento 3b** | 59 | 84 | **41,3** | **Fase I, Momento 3b** | 91 | 1164 | **7,25** |
| **Fase I, Momento 4** | 8 | 10 | **44,4** | **Fase I, Momento 4** | 15 | 160 | **8,57** |
| **Fase II** | 248 | 524 | **32,1** | **Fase II** | 484 | 6003 | **7,46** |
| **TOTAIS** | 366 | 723 | **33,6** | **TOTAIS** | 685 | 8642 | **7,34** |

*An.IV, Tabela 2: : Relação entre cerâmicas decoradas e não decoradas na Plataforma B das Regadas. Contagem por fragmentos e por bordos.*

| A Pedreira<br>Cerâmicas decoradas vs Não decoradas (contagem por bordos) | | | | A Pedreira<br>Cerâmicas decoradas vs Não decoradas (contagem por fragmentos) | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Sondagem** | **Bordos decorados** | **Bordos não decorados** | **% decorados** | **Sondagem** | **Fragmentos decorados** | **Fragmentos não decorados** | **% decorados** |
| **15** | 22 | 31 | **41,5** | **15** | 41 | 580 | **6,60** |
| **16** | 3 | 10 | **23,1** | **16** | 5 | 91 | **5,21** |
| **17** | 5 | 16 | **23,8** | **17** | 10 | 174 | **5,43** |
| **18** | 28 | 67 | **29,5** | **18** | 51 | 1030 | **4,71** |
| **1+2** | 35 | 117 | **23,0** | **1+2** | 122 | 1586 | **7,14** |
| **6** | 43 | 108 | **28,4** | **6** | 93 | 1250 | **6,92** |
| **10** | 0 | 0 | **0** | **10** | 1 | 13 | **7,14** |
| **19** | 20 | 95 | **17,4** | **19** | 32 | 425 | **7,00** |
| **7** | 8 | 24 | **25,0** | **7** | 26 | 309 | **7,76** |
| **8** | 33 | 106 | **23,7** | **8** | 71 | 1264 | **5,32** |
| **9** | 6 | 28 | **17,6** | **9** | 17 | 256 | **6,23** |
| **11** | 4 | 16 | **20,0** | **11** | 10 | 52 | **16,1** |
| **12** | 3 | 24 | **11,1** | **12** | 10 | 223 | **4,29** |
| **14** | 4 | 13 | **23,5** | **14** | 9 | 140 | **6,04** |
| **3** | 0 | 4 | **0** | **3** | 1 | 34 | **2,9** |
| **4** | 47 | 132 | **26,2** | **4** | 122 | 1695 | **6,71** |
| **5** | 14 | 49 | **22,2** | **5** | 53 | 766 | **6,47** |
| **13** | 14 | 39 | **26,4** | **13** | 28 | 426 | **6,16** |
| **TOTAIS** | 289 | 879 | **24,7** | **TOTAIS** | 702 | 10314 | **6,37** |

*An.IV, Tabela 3: : Relação entre cerâmicas decoradas e não decoradas n'A Pedreira por sondagem. Contagem por fragmentos e por bordos*

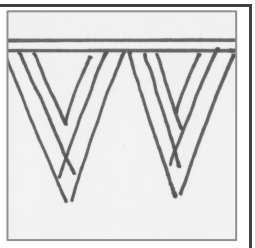
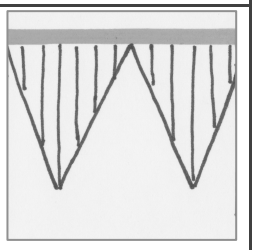
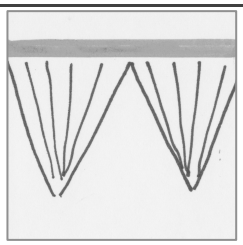
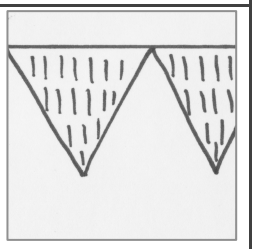
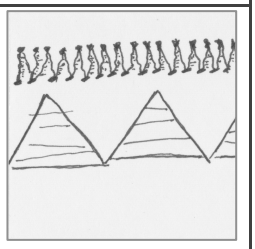
## Anexo V: Os recipientes cerâmicos d'A Pedreira e Regadas: Organizações decorativas

| Grupo | Organização decorativa | Descrição | Desenhos esquemáticos[1] |
|---|---|---|---|
| **Triângulos**<br>Grupo de organizações decorativas cuja imagética assenta no desenho de figuras triangulares. | **II1b1** | Triângulos definidos por linhas incisas e preenchidos por linhas incisas horizontais . A faixa de triângulos pode ser precedida de uma ou mais linhas incisas paralelas ao bordo. Corresponde à mesma classificação do Crasto de Palheiros e do Buraco da Pala. |  |

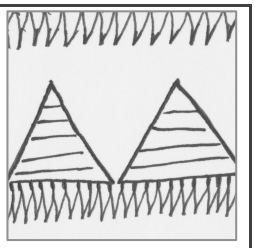


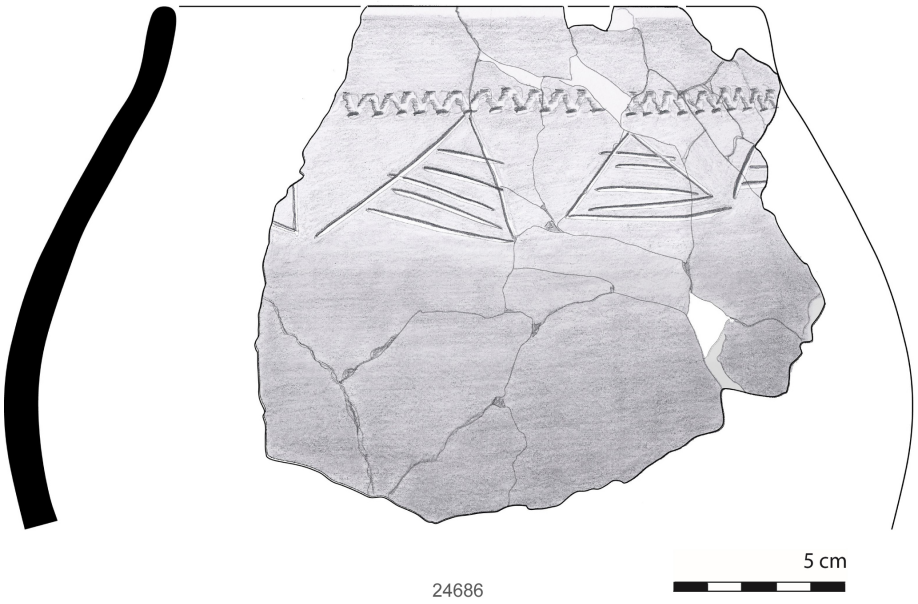

*An.V, Fig. 1: recipiente 4674 d'A Pedreira com decoração II1b1. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016).*

[1] Os desenhos esquemáticos produzidos pretendem ilustrar o tipo decorativo naquilo que é o fundamental da sua organização. Sempre que possível complementamos a informação com os desenhos de alguns recipientes produzidos no contexto da elaboração dos relatórios das escavações. Os tipos decorativos não aparecem sequenciados por ordem numérica, mas sim agrupados, nos grupos que definimos entre tipos decorativos com maior afinidade, quer gráfica ou imagética, quer contextualmente aos estudos realizado para a Pedreira e Regadas.

| | | |
|---|---|---|
| **II1a** | Triângulos formados por linhas incisas em ziguezague. Admite interrupções e composições associadas a linhas incisas, que podem ser caneladas, paralelas ao bordo. Corresponde à mesma classificação do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008) e do Buraco da Pala (Sanches, 1997). |  |
| **II1b2 = XII** | Triângulos definidos por linhas incisas e preenchido por linhas incisas verticais . A faixa de triângulos pode ser precedida de uma ou mais linhas incisas, que pode(m) ser canelada(s) paralelas ao bordo. Existe no Crasto de Palheiros e no nível I do Buraco da Pala. Pode ser a mesma, ou a distinção parece-nos ténue, da decoração XIII do Crasto de Palheiros (VVAA,2008), pelo decidimos agrupar num mesmo tipo. Nas Regadas assumimos uma variante (frag.22994) em que as incisões verticais ocorrem em bandas de incisões curtas. | <br><br> |
| **II1b5** | Decoração com triângulos em que uma banda de triângulos incisos preenchidos com incisões e o vértice voltado para cima é precedida de uma banda, paralela ao bordo, de impressões em ziguezague. No caso do recipiente 23411, das Regadas, a faixa de triângulos ocorre |  |

mesmo entre duas linhas de impressões, uma superior e outra inferior.

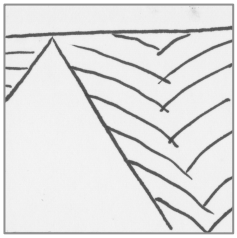


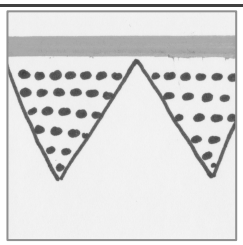
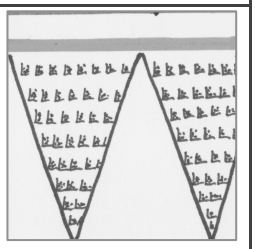
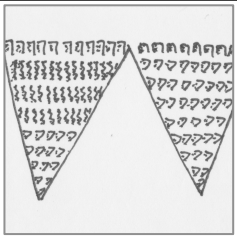
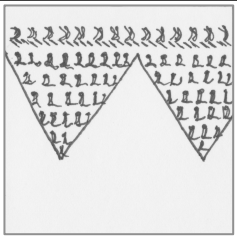


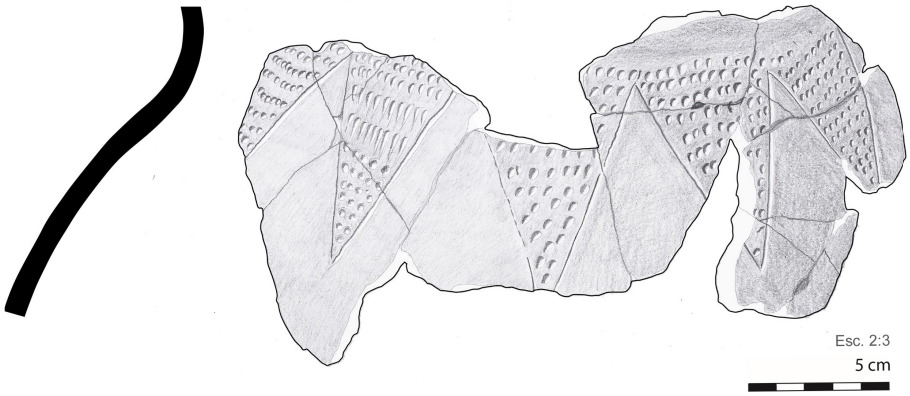

*An.V, Fig. 2: recipiente 24686 das Regadas com decoração II1b5. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

**II1b6**

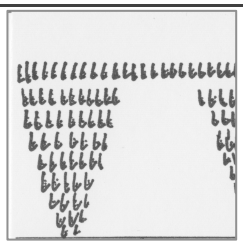
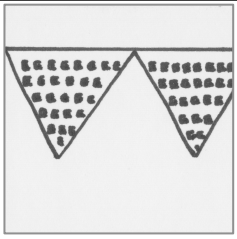
Decoração com triângulos incisos preenchidos de incisões, mas em que estas se configuram em duas bandas verticais de linhas oblíquas, criando um efeito de espinha vertical. Corresponde somente ao recipiente 12478 da fossa [123] d'A Pedreira.

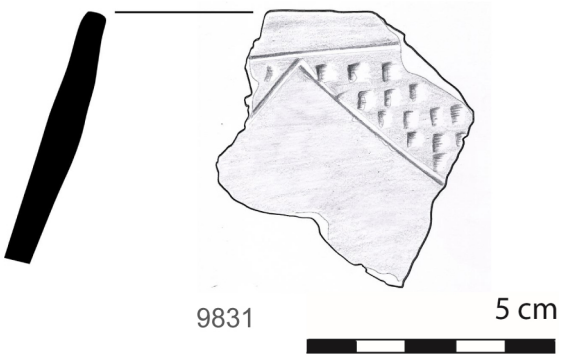


| | | |
|---|---|---|
| **II1d** | Uma linha canelada paralela ao bordo sob a qual se define uma banda de triângulos preenchidos com impressões/ puncionamentos, definidos ou não no seu contorno por uma linha incisa. Corresponde à mesma classificação do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008) e do Buraco da Pala (Sanches, 1997). |   |
| **II1e** | Triângulos delimitados por uma linha incisa e preenchidos com impressões/ puncionamentos arrastados ou não. A faixa de triângulos pode ser precedida, junto ao bordo, de uma linha horizontal definida por impressões/ puncionamentos que podem ser arrastados. Corresponde à mesma classificação do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008) e do Buraco da Pala (Sanches, 1997). |   |



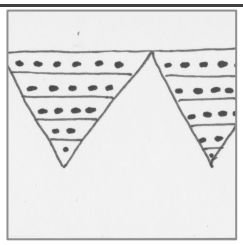

*An.V, Fig. 3: recipiente 20524 das Regadas com decoração II1e. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

| | | |
|---|---|---|
| **II1f** | Triângulos definidos apenas por linhas de puncionamentos e sem linhas incisas a delimitar o seu contorno. Sem linha incisa ou canelada sob o bordo. Corresponde à mesma classificação do Buraco da Pala (Sanches, 1997). |  |
| **II1h** | Uma linha incisa (não canelada) paralela ao bordo sob a qual se define uma banda de triângulos preenchidos com impressões/puncionamentos, definidos também no seu contorno por uma linha incisa. Seguimos a classificação do Buraco da Pala (Sanches, 1997). |  |

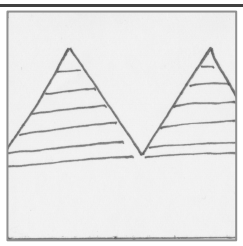


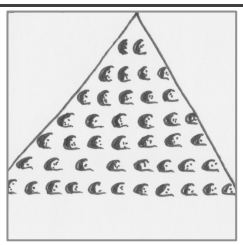

*An.V, Fig. 4: recipiente 9831 d'A Pedreira com decoração II1h. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016).*

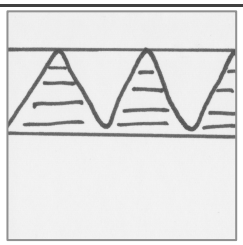
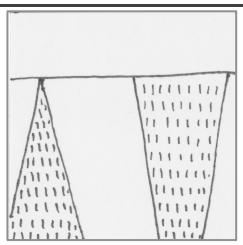
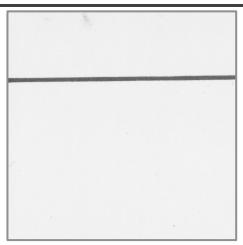
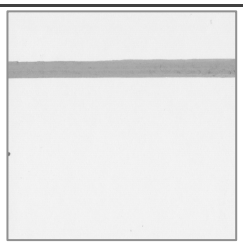
**II1k** Decoração com triângulos incisos preenchidos em linhas alternadas com puncionamentos e incisões.



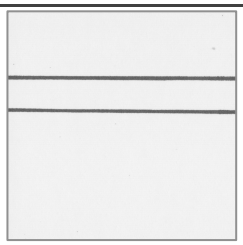
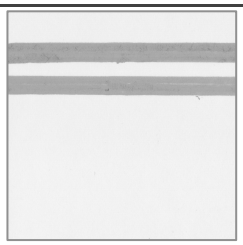
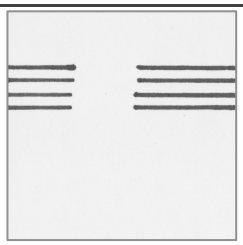
**II1l** Decoração com triângulos incisos preenchidos de impressões ou incisões mas com o vértice voltado para cima.

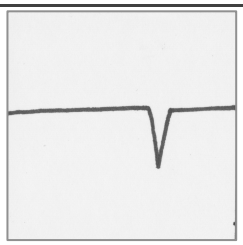
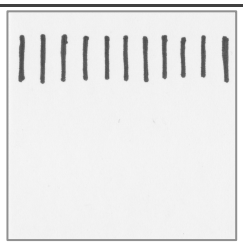
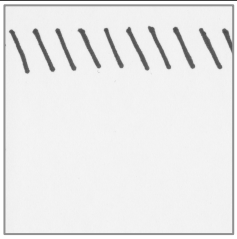
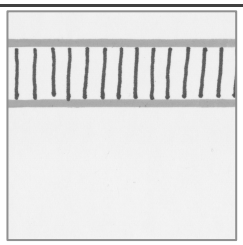
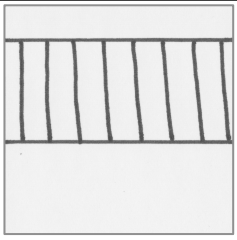


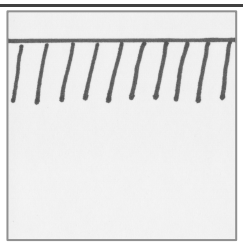


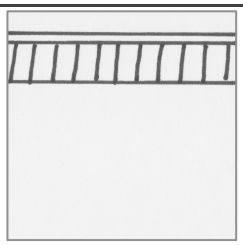
| | | | |
|---|---|---|---|
| | | |  |
| | **II1m** | A partir de uma linha incisa horizontal definem-se triângulos incisos preenchidos com impressões. Os triângulos ocorrem alternadamente com o vértice voltado ora para cima, ora para baixo. Este tipo decorativo refere-se a um único fragmento (8518) d'A Pedreira. |  |
| **Incisas variadas**<br><br>Organizações decorativas baseadas na adição horizontal de bandas constituídas de linhas incisas. Inclui decorações baseadas em figuras lineares paralelas ao bordo; decorações constituídas de bandas de linhas verticais; ou de combinações entre ambas. | **III1a1** | Uma única linha incisa, que pode ser canelada, paralela ao bordo[2]. Corresponde à mesma classificação do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008) e do Buraco da Pala (Sanches, 1997). | <br> |

[2] Inclui-se aqui, nomeadamente, o recipiente 26399 das Regadas que apresenta uma canelura paralela ao bordo de tal forma larga (cerca de 1cm de largura) que cria um feito de falso colo.

| | | |
|---|---|---|
| **III1a2** | Duas ou mais linhas incisas, que podem ser caneladas, paralelas ao bordo. Corresponde à mesma classificação do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008). |  |
| | |  |
| **III1c** | Decoração definida por uma banda de linhas incisas paralelas ao bordo com interrupções que não chegam a ser uma métopa. Na classificação do Buraco da Pala (Sanches, 1997) esta decoração ocorre integrada no tipo III1b. Esta foi seguida recentemente para o Crasto de Palheiros (Perez-Iglesias, 2018). Contudo, dado que o tipo III1b definido tanto para o Buraco da Pala como para o Crasto (VVAA, 2008) conta não só com as variantes interrompidas verticalmente mas também com uma banda simples de linhas incisas múltiplas sem interrupções, pareceu-nos mais adequado separar as duas situações. |  |

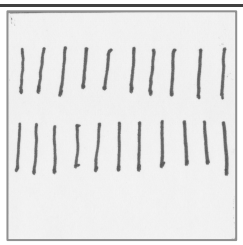
| | | |
|---|---|---|
| **III1k** | Linha incisa horizontal com um vértice apertado. Único exemplar nas Regadas, frag.22244=22245. |  |
| **III1f(BP)** | Uma banda paralela ao bordo de linhas incisas curtas verticais ou levemente oblíquas. Corresponde à Organização decorativa III1f do Buraco da Pala (Sanches, 1997) mas não é a III1f1/f2 do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008) (pois aí esta organização inclui duas linhas paralelas horizontais a delimitar a banda de linhas incisas curtas). | <br> |
| **III1f(CP)** | Combinação de linhas incisas paralelas ao bordo com uma banda de linhas verticais ou oblíquas. Corresponde à classificação III1f, que ainda admite sub subtipos, do Crasto de Palheiros (VVAA,2008). Corresponde ainda à decoração III1a e b do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2011). Admite os casos em que as incisões verticais estão delimitadas no topo e na base por uma ou mais linhas incisas, mas também admite o caso de só um dos lados estar delimitado. | <br> |

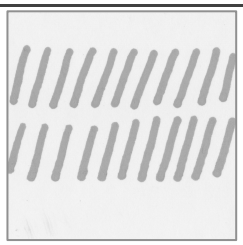


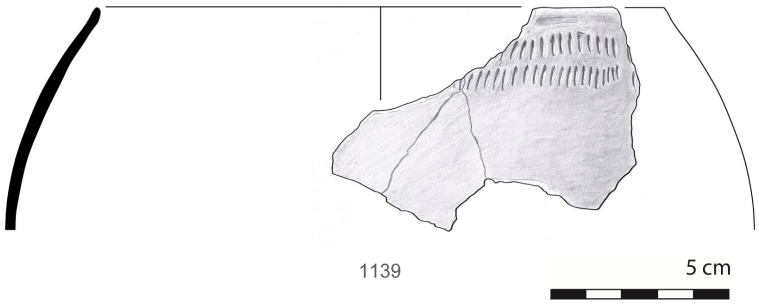


**III1f3**

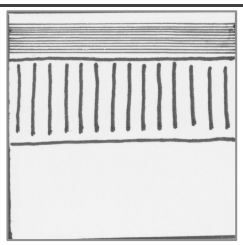
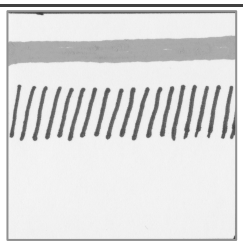
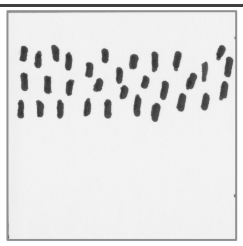
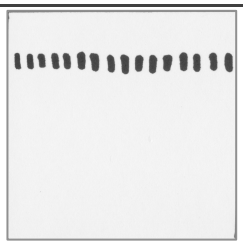
Duas ou mais linhas paralelas ao bordo de incisões curtas, verticais. É uma variante da decoração III1f(BP) mas distingue-se desta por apresentar mais que uma linha. Na grande parte são linhas incisas mais finas, mas podem ocorrer caneladas.

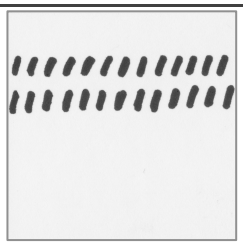
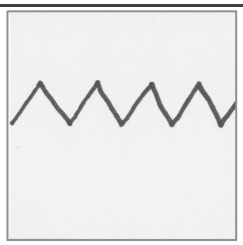
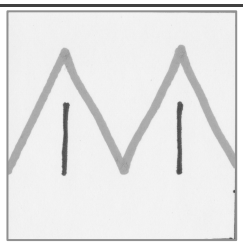
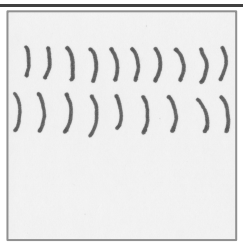
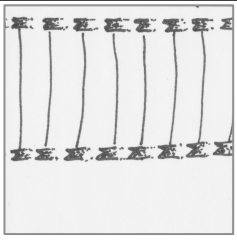




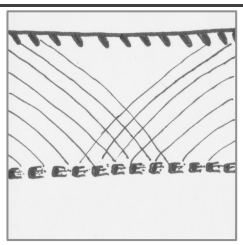


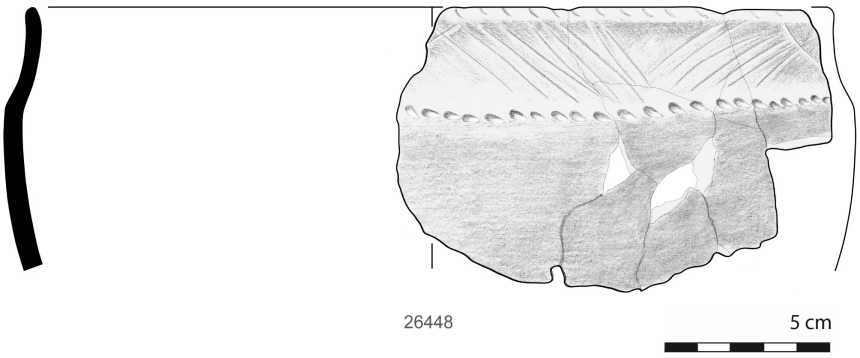

*An.V, Fig. 5: recipiente 1139 d'A Pedreira com decoração III1f3. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016).*

| | | |
|---|---|---|
| **III1f4** | Combinação gráfica de linhas incisas verticais entre horizontais com uma banda penteada. No único exemplo (recipiente 20015=20019=20024=20026 + 20033 das Regadas) parece-nos que as incisões simples se destacam visualmente pelo que decidimos integrar esta decoração no tipo III1 e não no V, das penteadas. |  |
| **III1f5** | Variante da III1f(BP), onde a banda de linhas incisas curtas verticais é antecedida de uma linha canelada paralela ao bordo. |  |
| **III1g** | Decoração que se caracteriza por uma banda paralela ao bordo composta de linhas incisas muito curtas (que se assemelham a impressões/puncionamentos), finas e verticais, desencontradas – isto é, não formam linhas estruturadas. |  |
| **III1h** | Decoração composta de uma ou mais linhas paralelas ao bordo de incisões muito curtas, verticais ou levemente oblíquas. Por serem muito curtas, assemelhando-se a puncionamentos, se distinguem da III1f(BP) ou da III1f3. |  |

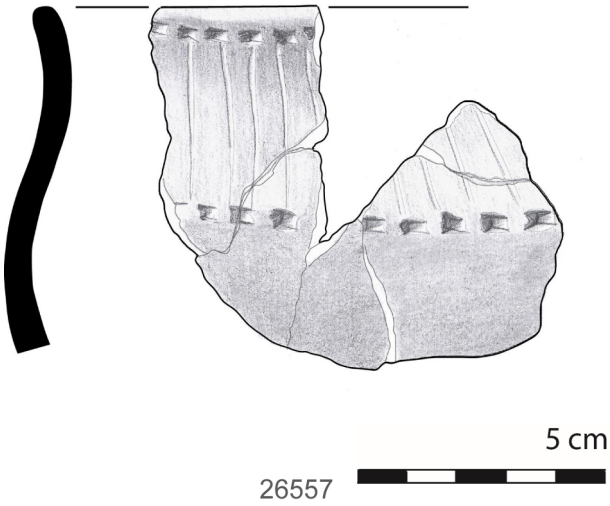
| | | |
|---|---|---|
| | |  |
| **III1i** | Decoração composta de uma linha incisa quebrada paralela ao bordo. |  |
| **III1ia** | Linha incisa canelada quebrada ,paralela ao bordo, combinada com incisões verticais perpendiculares aos vértices interiores da linha quebrada. Conhecemos apenas um exemplar: 21795+21798 das Regadas. |  |
| **III1j** | Uma ou mais linhas de incisões curtas e curvas que imitam a decoração ungulada. |  |
| **XXXVI** | Uma banda decorativa paralela ao bordo definida no topo e na base por uma linha de puncionamentos (que podem ocorrer na forma de bordo denteado) entre as quais, e partindo dos puncionamentos, se realiza uma banda de incisões verticais, subverticais ou mesmo |  |

oblíquas. Esta banda decorada associa-se a uma leve carena. O único paralelo regional encontra-se no abrigo da Fraga d'Aia.

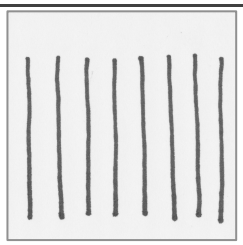
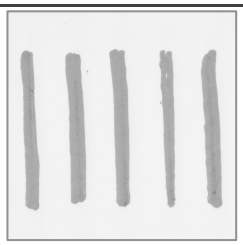
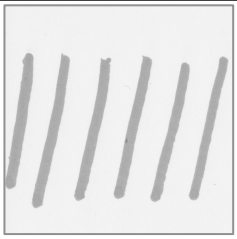
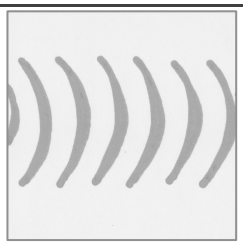





*An.V, Fig. 6: recipiente 26448 das Regadas com decoração XXXVI. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

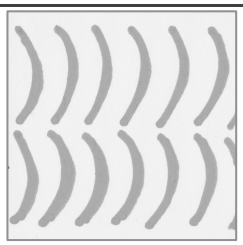


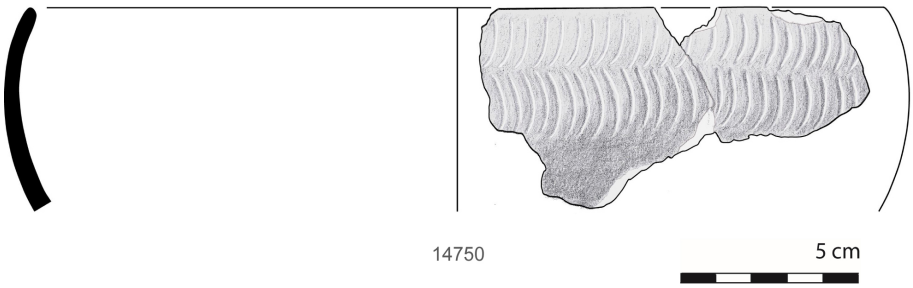

*An.V, Fig. 7: recipiente 26557 das Regadas com decoração XXXVI. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

| | | |
|---|---|---|
| **XXXIIIa** | Banda horizontal, paralela ao bordo, de incisões verticais longas. Seguimos a classificação do Buraco da Pala (Sanches, 1997). Integra-se na decoração V do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2011). |  |
| **XXXIIIb** | Banda horizontal, paralela ao bordo, de incisões caneladas verticais ou muito levemente oblíquas.. Seguimos a classificação do Buraco da Pala (Sanches, 1997). Integra-se na decoração V do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2011). | <br> |
| **XXXIIIc** | Banda horizontal, paralela ao bordo, de incisões caneladas verticais curvas ou levemente curvas. Pode ocorrer, embora não seja o mais frequente, linhas caneladas paralelas ao bordo antecedendo a banda. Por serem caneluras curvas considera-se uma variante da decoração XXXIII do Buraco da Pala (Sanches,1997). Está integrada na decoração V do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2011). |  |

**XXXIIId**

Banda horizontal, paralela ao bordo, constituída de duas linhas de incisões caneladas verticais curvas, criando como que um efeito espinhado ou em folha de palmeira.

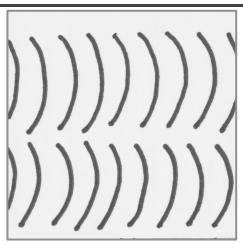


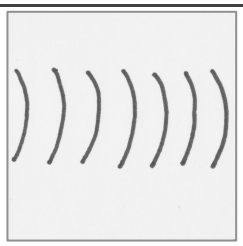


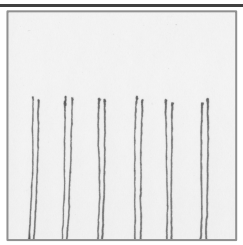
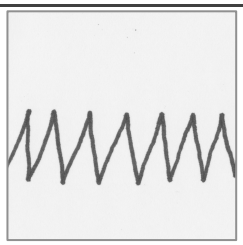
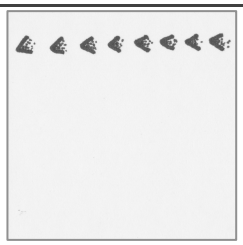
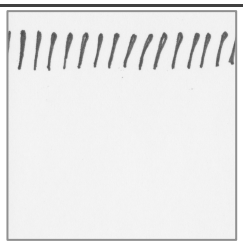

*An.V, Fig. 8: recipiente 14750 das Regadas com decoração XXXIIId. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

**XXXIIIe**

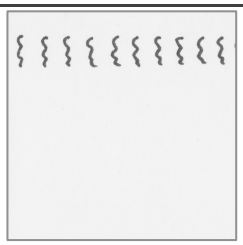
Banda horizontal, paralela ao bordo, constituída de uma ou mais linhas de incisões, não caneladas, verticais curvas.





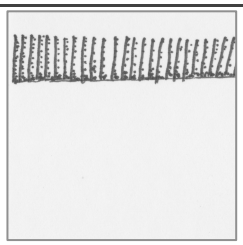
| | | | |
|---|---|---|---|
| | **XXXIIIf** | Banda horizontal, paralela ao bordo de incisões verticais com estilete de ponta dupla. |  |
| | **XXXV** | Decoração formada de uma ou mais linhas paralelas ao bordo de incisão em ziguezague . Corresponde à classificação do Buraco da Pala (Sanches, 1997). |  |
| **Impressas variadas**<br>Organizações decorativas baseadas em bandas definidas por impressões de matrizes simples variadas mas não entendidas como "barrocas". Exclui-se também deste grupo as impressões em ziguezague. | **III2a**[3] | Decoração composta por uma linha de impressões/puncionamentos paralela ao bordo. |  |
| | | |  |

[3] A organização decorativa de tipo III2 baseia-se em uma ou mais linhas, ou bandas, de impressões de sequência aditiva horizontal paralela ao bordo do recipiente. Assumimos os subtipos a, b, c e d definidos a quando da caracterização do conjunto cerâmico do Buraco da Pala (Sanches, 1997) e distinguimos apenas as impressões/puncionamentos arrastados das que não são arrastados. Anulámos os sub-subtipos entretanto criados para o conjunto do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008; Perez-Iglesias,2018) pois a sua caracterização não nos pareceu clara ou pelo menos a que melhor se adequava ao nosso caso. Criámos ainda novos subtipos para os casos de puncionamento/impressão arrastada com matriz complexa ou combinações de diferentes matrizes, estando estas agrupadas nas Impressas barrocas.

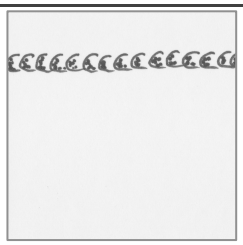


**III2a1**

Decoração constituída por uma linha de impressões/ puncionamento arrastado paralelo ao bordo.





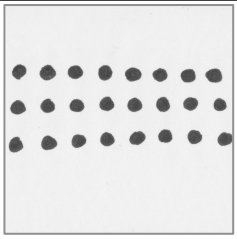


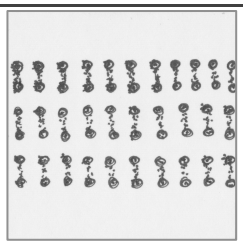


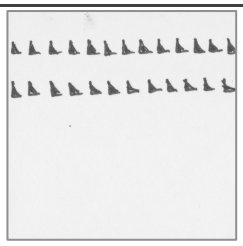

*An.V, Fig. 9: : recipiente 30543 das Regadas com decoração III2a1, com técnica de espátula fina arrastada.. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

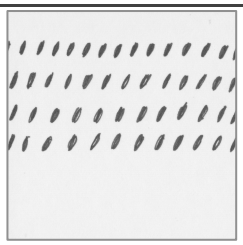
**III2b**

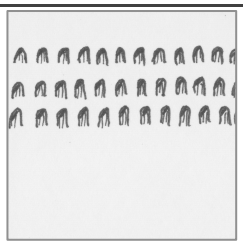
Decoração que apresenta duas ou mais linhas de impressões/puncionamentos paralelas ao bordo.

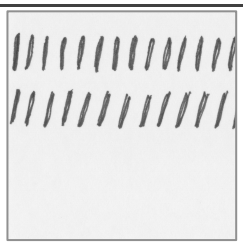


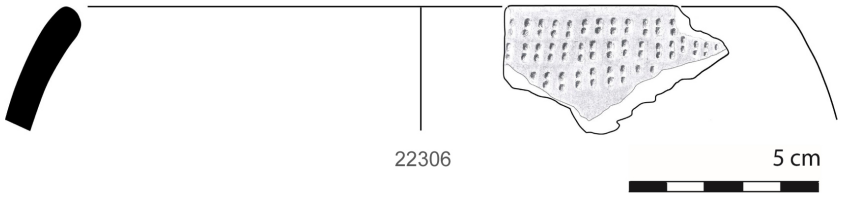




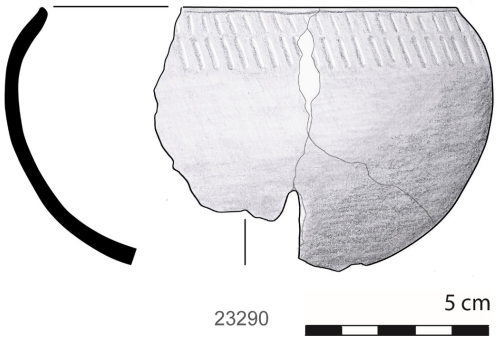




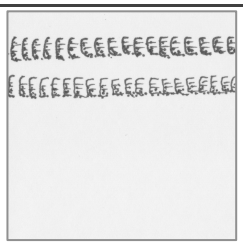
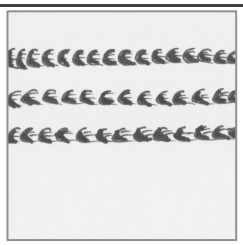
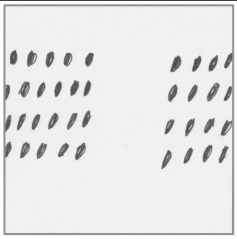
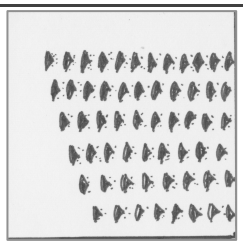


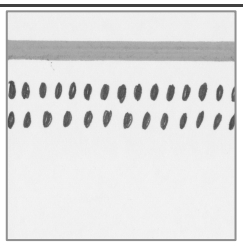
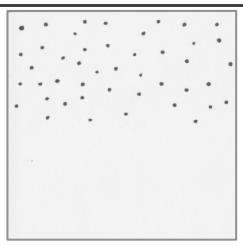
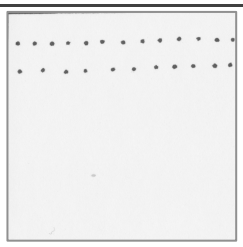
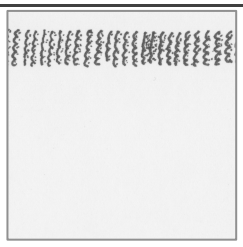


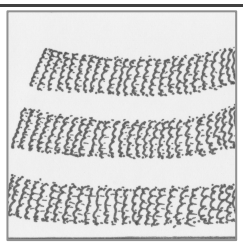

*An.V, Fig. 10: : recipiente 22306 das Regadas com decoração III2b. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

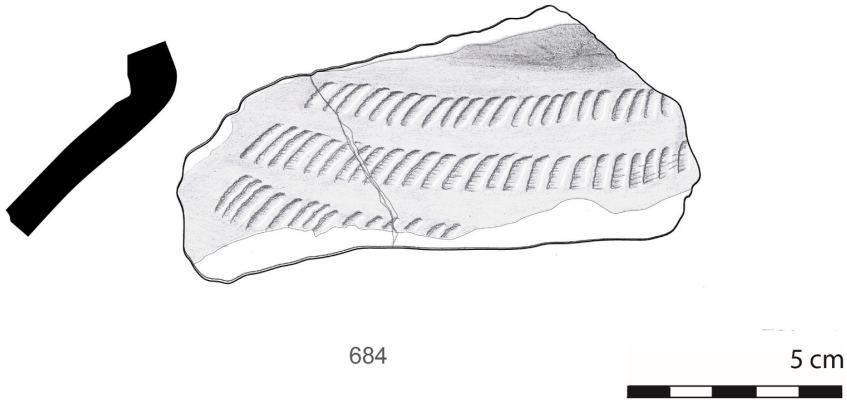



*An.V, Fig. 11: : recipiente 23290 das Regadas com decoração III2b. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

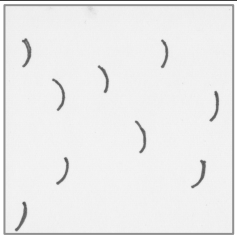
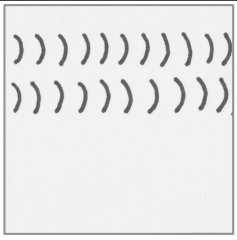
| | | |
|---|---|---|
| **III2b1** | Decoração constituída por duas ou mais linhas de impressões/puncionamento arrastadas paralelas ao bordo |  |
| | |  |
| **III2b2** | Faixa paralela ao bordo de linhas de impressões/ puncionamentos, arrastados ou não, com espaços não decorados Corresponde à decoração III2a3 do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008) e no Buraco da Pala (Sanches, 1997) era simplesmente incluída na III2b. |  |
| **III2b3** | Faixa paralela ao bordo de linhas de puncionamentos, arrastados ou não, com espaços não decorados mas onde estes espaços não decorados ao invés de definirem uma faixa reta vertical definem uma área subtriangular, ou trapezoidal. |  |
| | |  |

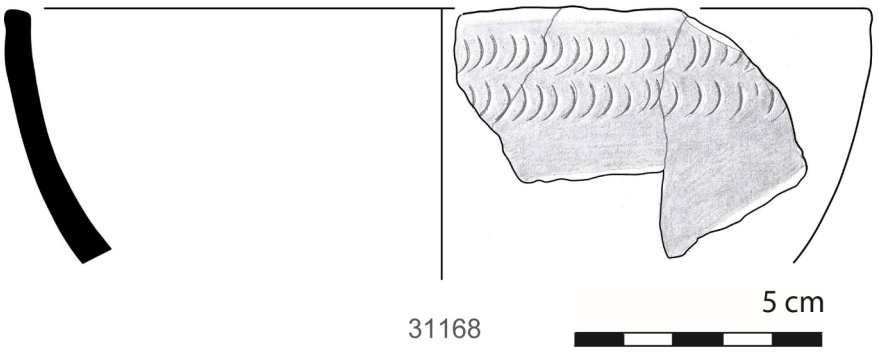
| | | |
|---|---|---|
| **III2c** | Uma linha incisa, que pode ser canelada, paralela ao bordo, sob a qual ocorrem uma ou mais linhas impressas, igualmente em posição paralela entre si e ao bordo. |  |
| **III2c1** | Semelhante à III2c, no sentido em que combina uma linha incisa com bandas impressas, no entanto aqui a linha incisa, que pode ser canelada, aparece sob a banda impressa, sendo esta última aquela ocorre junto ao bordo. |  |
| **III2d** | Uma banda paralela ao bordo composta de impressões pontilhadas muito finas ou puncionamentos dispostos de forma aleatória. Corresponde à decoração IV do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2011). |  |
| **III2f** | Uma ou mais linhas de impressões pontilhadas muito finas paralelas ao bordo. |  |
| **III2g** | Combinações em sequencia aditiva horizontal de impressão de concha. |  |



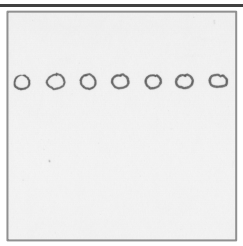
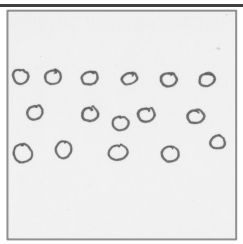


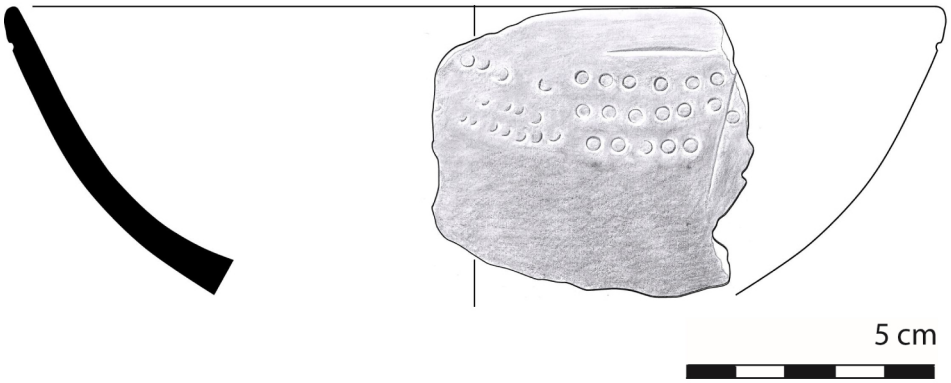

*An.V, Fig. 12: : recipiente 684 das Regadas com decoração III2g. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

| | | |
|---|---|---|
| **XXII** | Impressões unguladas organizadas de forma não linear. Corresponde à classificação do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008) |  |
| **XXIIa** | Subtipo da decoração XXII onde uma ou mais linhas de impressões unguladas ocorrem de forma paralela ao bordo. |  |

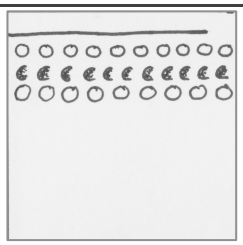
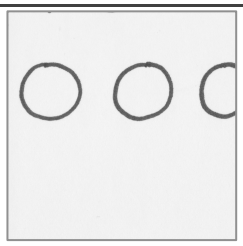


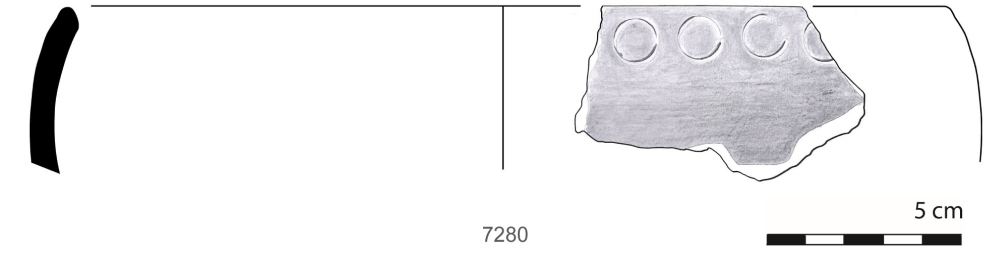

*An.V, Fig. 13: : recipiente 31168 das Regadas com decoração XXIIa. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016).*

| | | |
|---|---|---|
| **XXIIIa** | Uma linha ou banda de linhas impressas com matriz circular (comumente designada de caule ou cana) paralela ao bordo. Segue a classificação do Crasto de Palheiros (VVAA, 2008) |  |
| | |  |



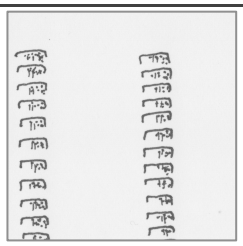

*An.V, Fig. 14: recipiente 7963 d'A Pedreira com decoração XXIIIa. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016).*

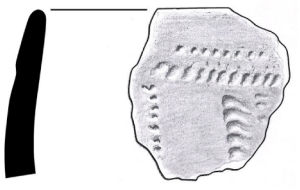
| | | |
|---|---|---|
| **XXIIIb** | Criámos este tipo para o recipiente 11402 d'A Pedreira onde as impressões de cirdunferências surgem combinadas e alternadas com outras impressões/ puncionamentos |  |
| **XXXVIII** | Linha de impressões realizadas com uma matriz em forma de circunferência que se distingue da XXIII pela sua dimensão (+ de 1cmde diâmetro) |  |



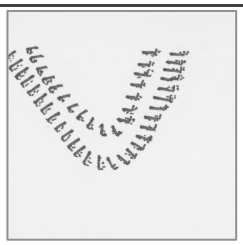

*An.V, Fig. 15: recipiente 7280 d'A Pedreira com decoração XXXVIII. Des. de Sara*

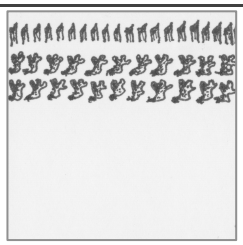
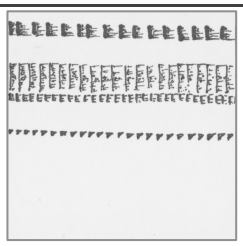
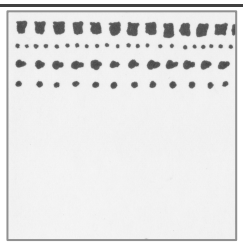
*Almeida, extraído de (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016).*

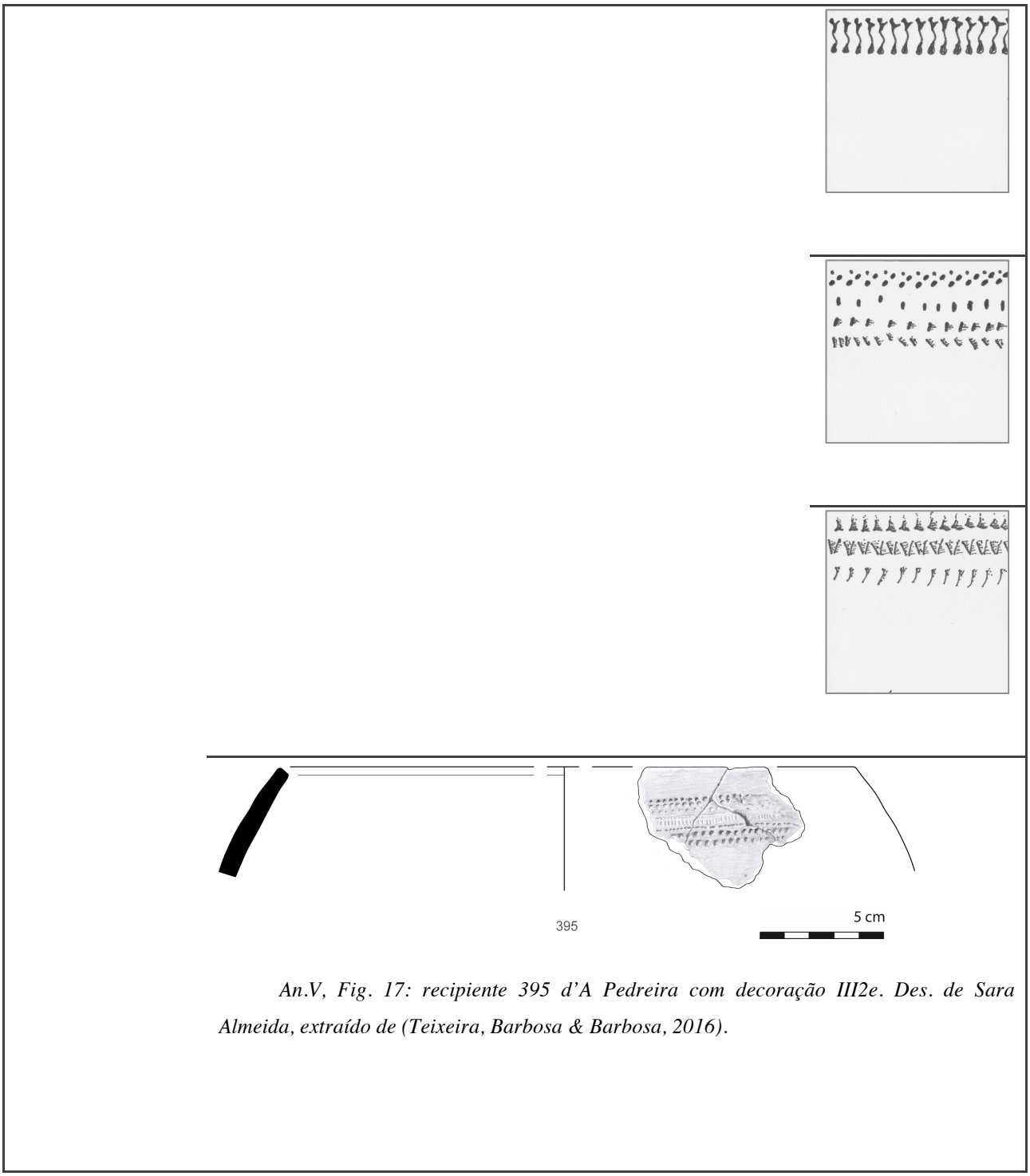
| | | |
|---|---|---|
| **XXXI** | Decoração identificada no Crasto de Palheiros (num único recipiente) que integra linhas de puncionamento dispostas na vertical (Perez-Iglesias,2018). Decidimos adoptar esta designação para um conjunto de fragmentos d'A Pedreira e das Regadas que apresentam igualmente linhas de puncionamento/ impressões, que podem ser arrastadas, realizadas na vertical. Podem vir conjugadas com bandas horizontais. |  |



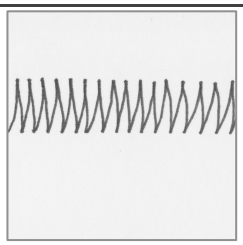
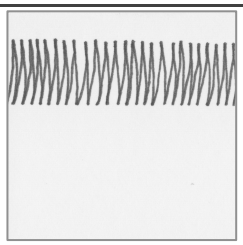
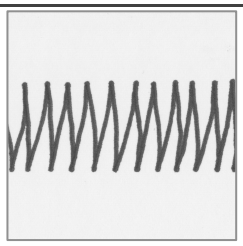

*An.V, Fig. 16: recipiente 11119 d'A Pedreira com decoração XXXI. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016).*

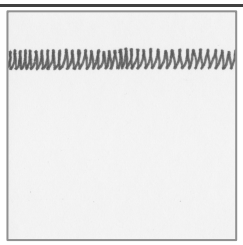
| | | |
|---|---|---|
| **IX(VS)** | Decoração impressa, normalmente arrastada, configurando grinaldas. Embora pareça corresponder ao tipo XIV do Buraco da Pala (Sanches, 1997), ocorre na Vinha da Soutilha numa configuração bastante similar ´à nossa (Jorge, 1986) |  |

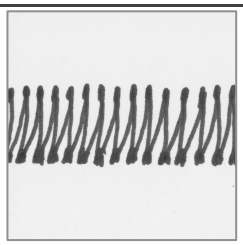
| | | | |
|---|---|---|---|
| **Impressas barrocas**<br><br>Organizações decorativas que expressam barroquismo, quer pela utilização de matrizes complexas, quer pela adição de linhas impressas com várias matrizes diferentes. | **III2e** | Decoração que consiste numa sequência horizontal de bandas e/ou linhas de impressões/puncionamentos na qual são utilizados mais do que uma matriz, gesto técnico ou uma matriz complexa, criando um efeito decorativo barroco. Pode ser antecedida de uma linha incisa, que pode ser canelada, paralela ao bordo. | <br><br><br><br> |

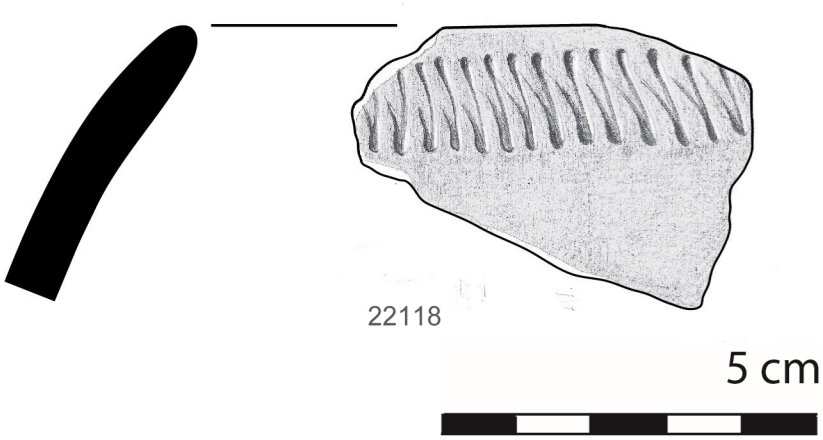



*An.V, Fig. 17: recipiente 395 d'A Pedreira com decoração III2e. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016).*

| | | | |
|---|---|---|---|
| | **III2e1** | Criámos esta variante para um grupo n' A Pedreira onde se realiza um conjunto de impressões de tendência linear vertical com um certo efeito ziguezague/ ondeado entre as linhas, criando um efeito complexo. | <br> |
| **Tipo Regadas**<br><br>Organizações decorativas baseadas no desenho de bandas de impressão em ziguezague. | **XXXVII** | Banda simples de decoração realizada com recurso à impressão em ziguezague que cria um motivo muito particular com um efeito complexo. Uma maior pressão aplicada nas extremidades da banda pode criar ainda um certo feito puncionado. | <br><br> |



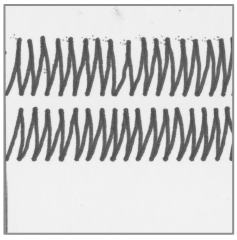


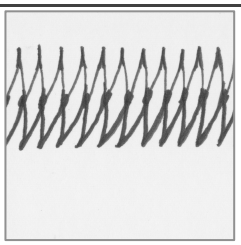


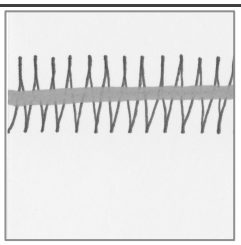

*An.V, Fig. 18: recipiente 22118 das Regadas com decoração XXXVII. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

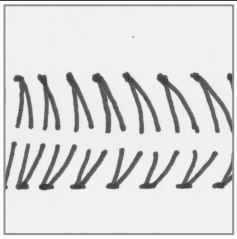
**XXXVIIa**

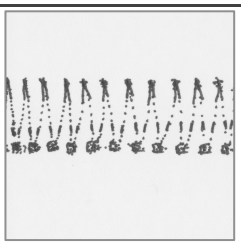
Variantes mais "barrocas" da organização XXXVII em que a decoração se associa a mais do que uma banda ou matriz; a uma matriz mais elaborada; ou ainda a um gesto mais complexo de impressão.

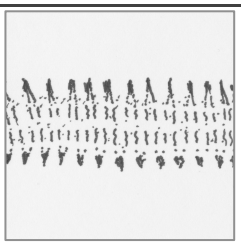


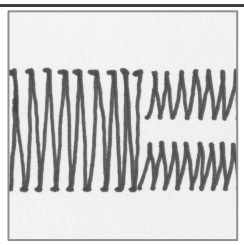


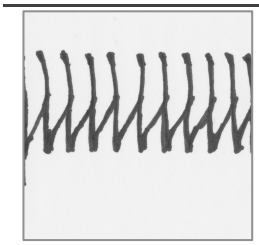


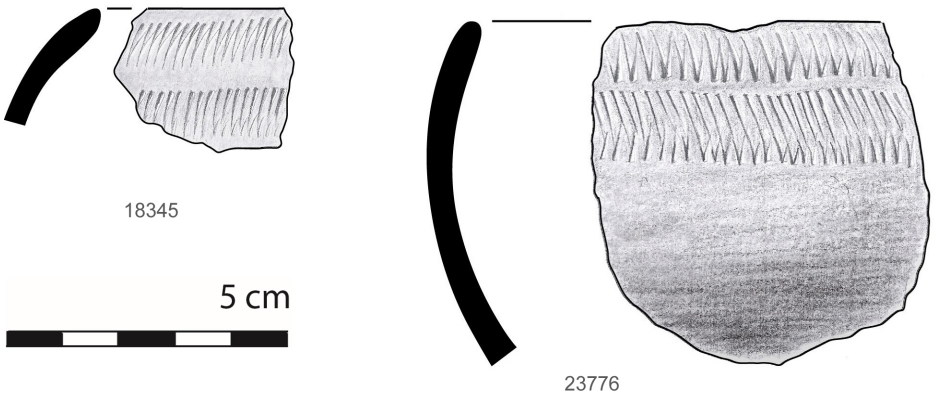




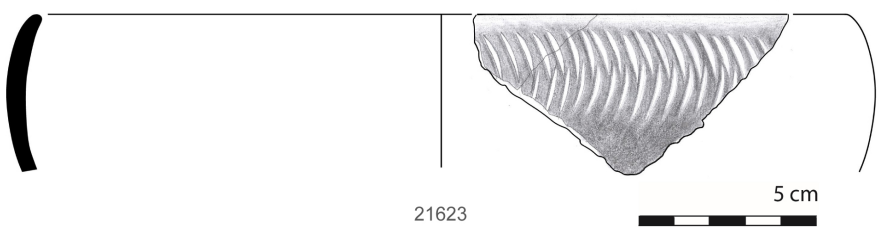




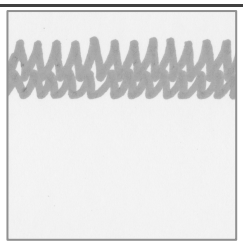
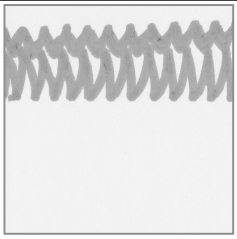
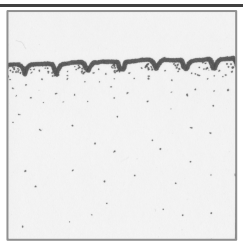
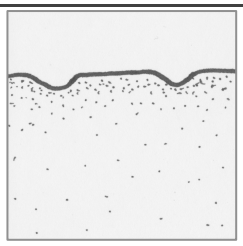
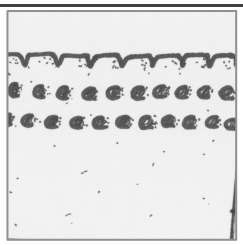


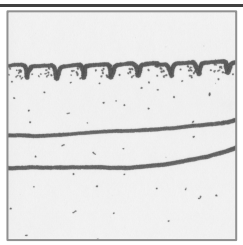
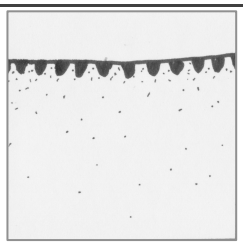
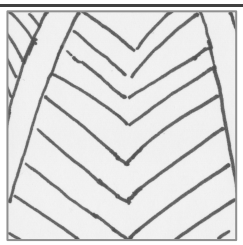
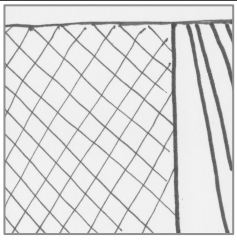


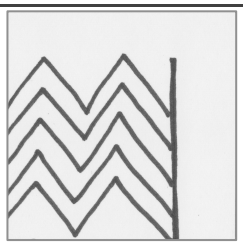

*An.V, Fig. 19: recipientes 18345 e 23776 das Regadas, com decoração XXXVIIa. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

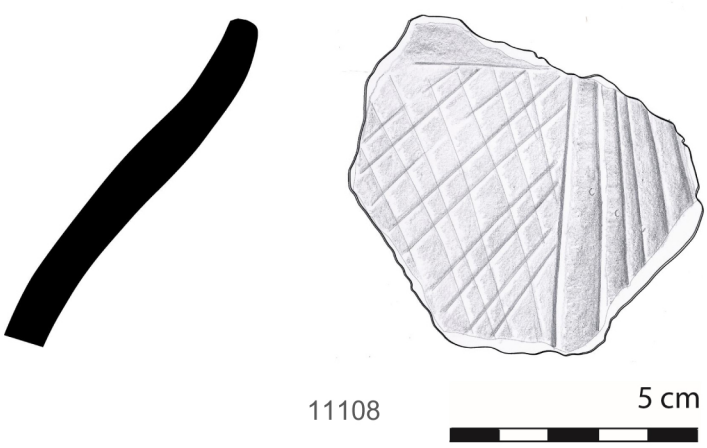



*An.V, Fig. 20: recipiente 21623 das Regadas com decoração XXXVIIa. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

| | | | |
|---|---|---|---|
| | **XXXVIIb** | Variante da organização XXXVII em que as impressões criam um sulco largo e pouco profundo que lembram caneluras e criam um feito rendilhado. |  |
| | | |  |
| **Bordos denteados**<br><br>Inclui-se neste grupo as decorações com base numa ou mais linhas/bandas de sequência aditiva horizontal paralela ao bordo associadas a um bordo denteado, puncionado ou digitado. | **III3a** | Bordo denteado simples, isto é, sem associação a outro tipo decorativo. Corresponde ao tipo I2a do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2011). Não ocorrem no Buraco da Pala nem no Crasto de Palheiros. |  |
| | **III3b** | Bordo digitado simples. |  |
| | **III3c** | Bordo denteado associado a linhas paralelas ao bordo de impressões/puncionamentos. Corresponde à decoração II do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2011). |  |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | **III3d** | Bordo denteado associado a linhas incisas |  |
| | **III3e** | Bordo puncionado simples |  |
| **Metopadas e incisas complexas**<br>Decorações baseadas em métopas ou em combinações de linhas incisas com arranjos reticulados. | **I1** | Decoração metopada com combinações de linhas incisas. Inclui os vários subtipos descritos para o Crasto de Palheiros (Perez-Iglesias, 2018) ou para os povoados de Chaves/Vila Pouca de Aguiar (Jorge, 1986), mas que aqui não individualizo pois em grande parte dos fragmentos não é possível fazer essa distinção. Além das incisões há pelo menos um fragmento (8522 d'A Pedreira) onde a banda "em branco" se encontra polida. | <br><br> |

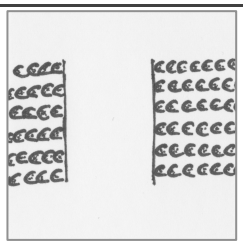


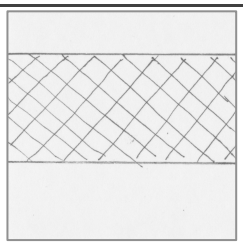
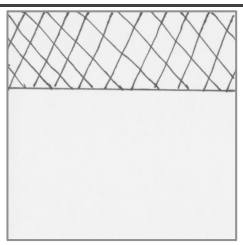
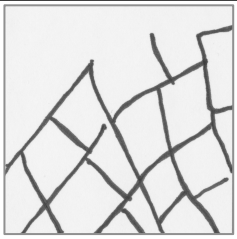
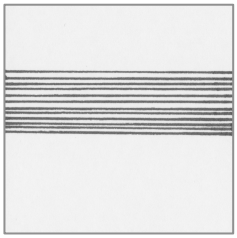



*An.V, Fig. 21: recipiente 11108 d'A Pedreira com decoração metopada I1, tipo Penha. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016).*

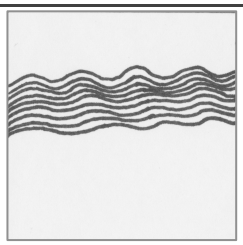
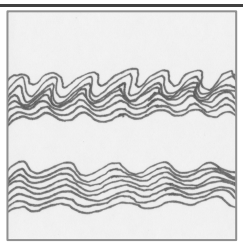
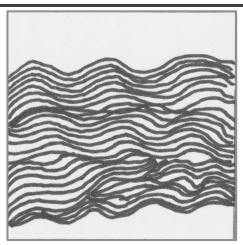
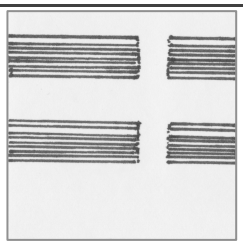
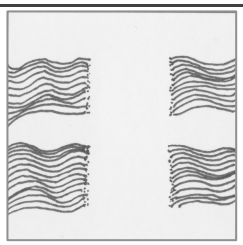
**Io(VS)**

Decoração metopada onde bandas de linhas puncionadas são interrompidas verticalmente por espaços em branco delimitados por linhas incisas. Tipo decorativo Io da Vinha da Soutilha (Jorge,1986). Corresponde também ao tipo I1f do Buraco da Pala (Sanches, 1997). Apesar de termos mantido esta organização decorativa no tipo I, em concordância com a Vinha da Soutilha e o Buraco da Pala não nos parece que esteja muito próxima das I1. Parece mais uma variação da III2b2 e da III2b3.

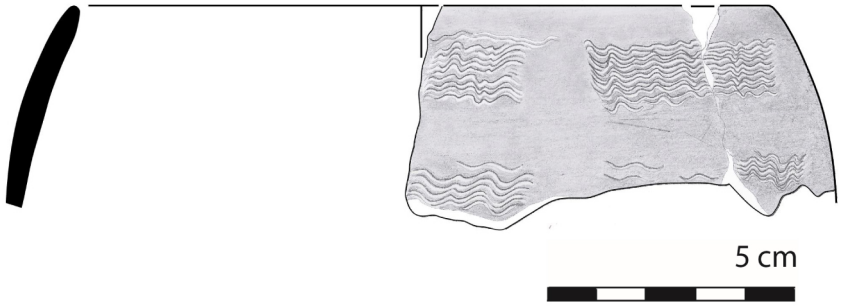


| | | | |
|---|---|---|---|
| | **IVa** | Uma banda larga reticulada com linhas incisas. Corresponde à classificaçãoo do Crasto de Palheiros (VVAA,2008) |  |
| | | |  |
| | **IVe** | Decoração reticulada na qual o reticulado não é uniforme, não compõe uma banda regular e apresenta uma configuração tipo favo de mel. Corresponde a um único fragmento (3159) d'A Pedreira. |  |
| **Penteadas**[4]<br><br>Grupo de organizações decorativas com base em composições com bandas penteadas. | **V2a** | Organização decorativa que consiste numa única faixa penteada paralela ao bordo. Corresponde à classificação do Buraco da Pala (Sanches, 1997) e do Crasto de Palheiros (VVAA,2008). |  |

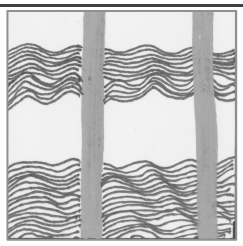
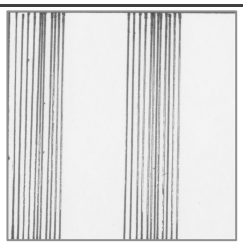
[4] Uma grande maioria dos fragmentos com decoração penteada não permitiram a determinação do subtipo. Para efeitos estatísticos estas cerâmicas ficaram classificadas quanto à organização decorativa como V(ind.)

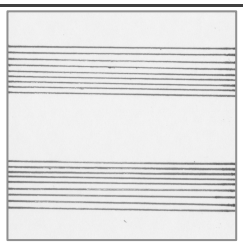
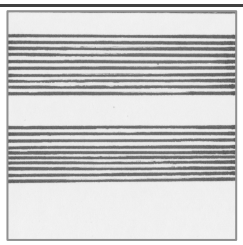
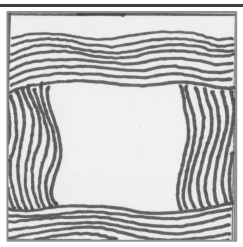
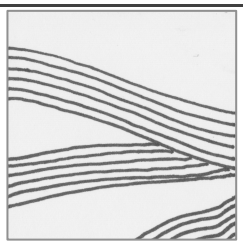
| | | |
|---|---|---|
| **V2b** | Uma ou mais linhas de faixas penteadas onduladas paralelas ao bordo. Corresponde à classificação do Buraco da Pala (Sanches, 1997) e do Crasto de Palheiros (VVAA,2008). |   |
| **V2e** | Faixas de penteadas justapostas de modo a que parecem formar uma banda contínua. Podem ocorrer sobrepostas e com diferentes direções. Podem ser rectas ou onduladas. Corresponde à recente classificação para o Crasto de Palheiros (Perez-Iglesias, 2018). |  |
| **V3d** | Bandas penteadas retilíneas interrompidas verticalmente por faixas "em branco". Corresponde à classificação do Buraco da Pala (Sanches, 1997) e do Crasto de Palheiros (VVAA,2008). |  |
| **V3h** | Adoptamos a designação em uso no Crasto de Palheiros (VVAA,2008), sendo que nos parece corresponder também à V3f do Buraco da Pala (Sanches, 1997). Consiste em bandas de penteado ondulado interrompidas verticalmente por faixas "em branco", |  |

que podem ser polidas.



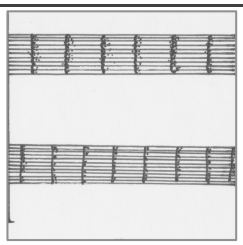

*An.V, Fig. 22: recipiente 17331 das Regadas com decoração V3h. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

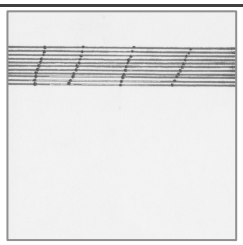
| | | |
|---|---|---|
| **V3i** | Pode-se considerar uma variante da V3h, isto é, bandas onduladas com espaços verticais, sendo que aqui as faixas verticais "em branco" são definidas pela técnica da incisão canelada sobre as bandas penteadas previamente realizadas. |  |
| **V4b1** | Faixas penteadas retilíneas verticais com espaços em branco entre si. Corresponde à classificação do Crasto de Palheiros (VVAA,2008). |  |

| | | |
|---|---|---|
| **V5a/V3a** | Utilizamos uma designação combinada das organizações do Buraco da Pala (Sanches, 1997) e do Crasto de Palheiros (VVAA,2008) para designar uma decoração com mais que uma faixa de penteado linear fino paralelas ao bordo. Na generalidade dos fragmentos que temos n'A Pedreira e Regadas não conseguimos diferenciar entre V3 e V5. |  |
| **V5b/V3a** | Utilizamos uma designação combinada do Buraco da Pala (Sanches, 1997) e do Crasto de Palheiros (VVAA,2008), para designar uma decoração com mais que uma faixa de penteado mais profundo (diferenciando-se assim da V5a/V3a) paralelas ao bordo. |  |
| **V6** | Bandas penteadas em organização reticulada. Corresponde à classificação do Buraco da Pala (Sanches, 1997) e do Crasto de Palheiros (VVAA,2008). |  |
| **V16b** | Designação em uso no Crasto de Palheiros (Perez-Iglesias, 2018) para a decoração penteada cujas bandas não seguem uma orientação regular. |  |

**V19**

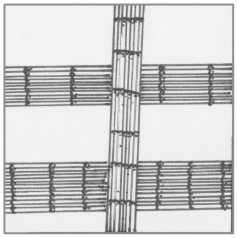
Bandas paralelas ao bordo de impressão penteada arrastada ou com paragens. Encontrava-se definida para o caso de bandas verticais no Buraco da Pala (V4c) (Sanches, 1997) e no Crasto de Palheiros parece que pode estar prevista na V3f (VVAA, 2008). Trata-se de um gesto que neste caso, parece-nos, se associa de facto mais à impressão (contrariamente aos anteriores que tendemos a considerar incisão) onde para a realização da banda penteada se usa um gesto de arrastamento semelhante ao de outras impressões arrastadas, ocorrendo também o caso onde, ao invés do arrastamento, ocorre somente uma paragem, com pressão do pente, criando como que um efeito puncionado.

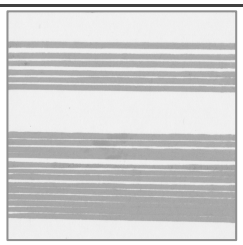
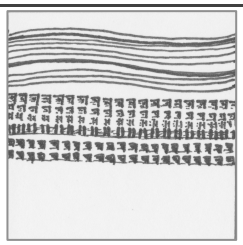
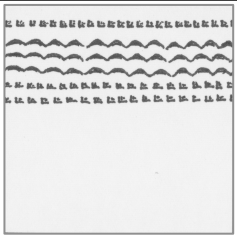
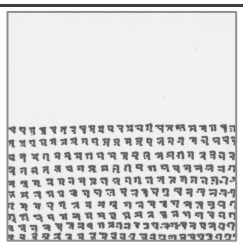




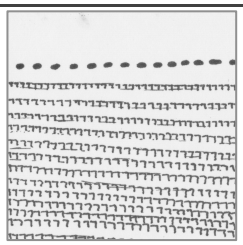
**V19a**

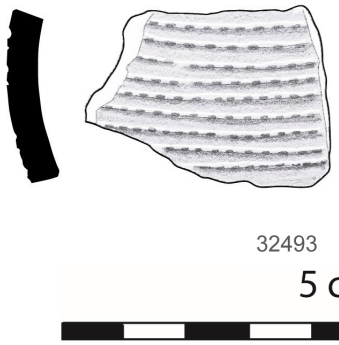
Combinações horizontais de bandas de impressão penteada arrastada que incluem associadas uma ou mais bandas de impressões penteadas arrastadas paralelas verticais. Parece corresponde à I2h do Buraco da Pala (Sanches 1997)



| | | | |
|---|---|---|---|
| | **V20** | Bandas paralelas ao bordo de um penteado que designamos como canelado, pois é realizado com um pente de pontas largas e com uma incisão leve. |  |
| | **V+III2e** | Decoração composta das organizações III2e (impressões barrocas) e incisão penteada. Ocorre num fragmento das Regadas (frag.7266). |  |
| **Campaniformes ou "tipo campaniforme"**[5]<br>Grupo constituídos pelas decorações campaniformes (clássicas ou evocativas da imagética campaniforme) | **XXV** | Campaniformes "clássicas". O primeiro desenho esquemático refere-se ao fragmento com impressão de matriz de concha associada á impressão clássica campaniforme. |  |
| | | |  |

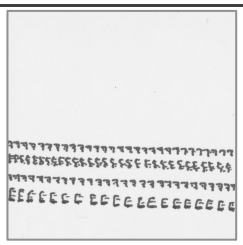
[5] Decorações campaniformes ou extrapolações de campaniforme. Mantemos o tipo usado para o Crasto de Palheiros mas não consideramos os subtipos quer porque os fragmentos não nos permitem chegar a ele (dado o seu tamanho reduzido) quer porque temos outros tipos que misturam a técnica incisa ou configuram organizações que não são as clássicas ou ainda usam uma matriz que imita mas não é exatamente a clássica campaniforme. Usamos assim o tipo XXV para as clássicas campaniformes e o XXV'para os tipos que extrapolam o campaniforme clássico e que decorrerão por certo de reinterpretações locais.

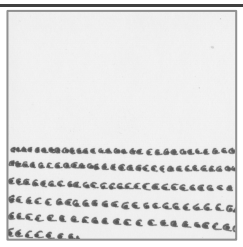


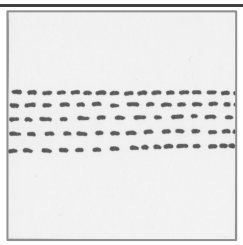
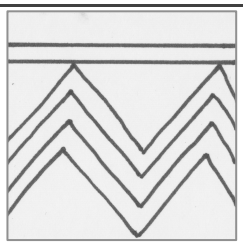
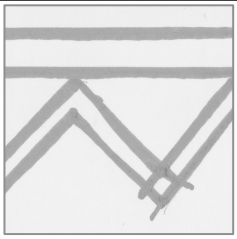
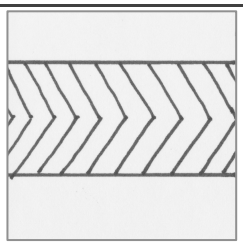



*An.V, Fig. 23: fragmento de recipiente com decoração campaniforme das Regadas. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

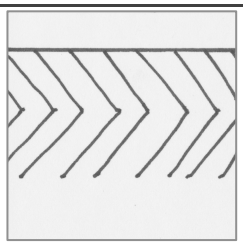
**XXV'** Reinterpretações locais do campaniforme "clássico"

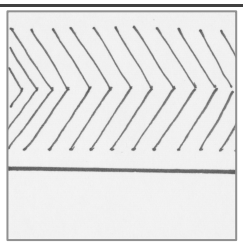


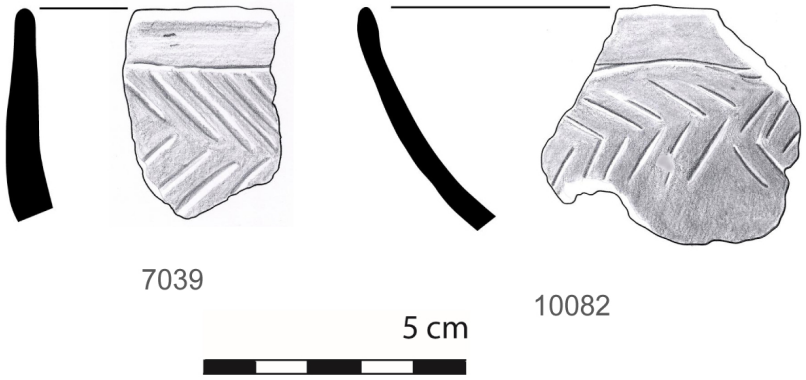


| | | | |
|---|---|---|---|
| | | |  |
| **Incisas espinhadas**[6]<br>Organizações decorativas baseadas em arranjos com bandas de linhas quebradas formando efeitos espinhados. | **XXXIX(I3a)** | Sequência de uma ou mais bandas horizontais formadas pela combinação de linhas incisas paralelas ao bordo com linhas quebradas horizontais, paralelas. As linhas incisas não quebradas podem estar ausentes. |  |
| | | |  |
| | **XXXIX(I4a)** | Combinação de linhas incisas horizontais com bandas de linhas oblíquas formando espinhados. |  |

[6] Sequência horizontal de linhas incisas paralelas ao bordo com outras oblíquas formando bandas em espinha. No Crasto de Palheiros estas sequências entram dentro do Tipo I (VVAA, 2008; Perez-Iglesias, 2018). Dado que o tipo I tipo se caracteriza fundamentalmente por uma organização decorativa tão distinta que são as métopas não se compreende muito bem esta associação. Por certo que muitas dessas métopas integram motivos espinhados, mas organizados na combinação alternada de elementos em verticalidade interrompendo compassadamente elementos em horizontalidade. Nas estações que estudamos, contudo, estas formas decorativas de organização espinhada ocorre apenas em composições horizontais ao vaso e nessa expressão absolutamente distinta da métopa cremos que deve ser individualizada num tipo diferente. No Prazo parece integrar-se na III1b (Monteiro-Rodrigues, 2011). Criámos assim o tipo XXXIX e incluímos nos subtipos a classificação segundo o Tipo I, para que seja mais fácil estabelecer paralelos com o Crasto de Palheiros e o Buraco da Pala.

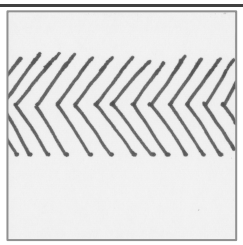


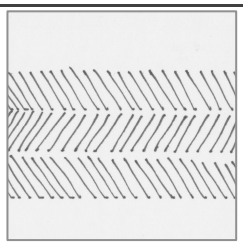





*An.V, Fig. 24: recipientes 7039 e 10082 d'A Pedreira com decoração XXXIX(I4a). Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira, Barbosa & Barbosa, 2016).*

**XXXXIX(I4c)** Combinações de bandas de linhas oblíquas formando espinhados mas sem linhas horizontais.

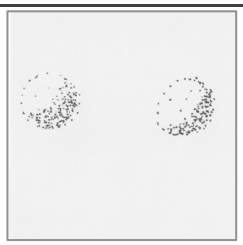




**Decorações plásticas**[7]

Grupo de organizações decorativas compostas de elementos plásticos como cordões e mamilos.

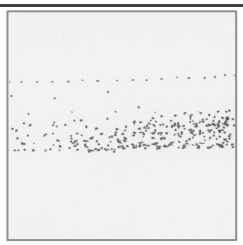
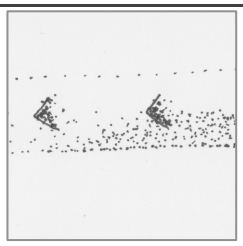
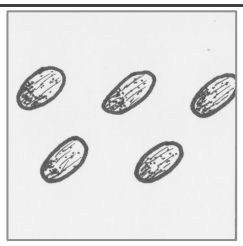
**XXIV1a** Decoração mamilada

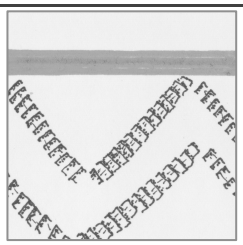
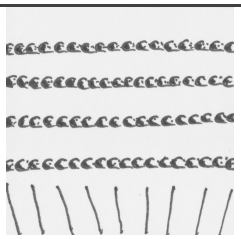





*An.V, Fig. 25: recipiente 9412 das Regadas com decoração XXIV1a. Des. de Sara Almeida, extraído de (Teixeira et alli, 2016).*

[7] A organização decorativa segue o tipo XXIV do Crasto de Palheiros (VVAA,2008), introduzindo-se algumas variação nos subtipos.

| | | | |
|---|---|---|---|
| | **XXIV1b** | Decoração mamilada digitada – quando sobre os mamilos se imprime uma digitação |  |
| | **XXIV2a** | Decoração com cordões simples. |  |
| | **XXIV2b** | Decoração com cordões digitados - quando sobre o cordão se imprimem digitações |  |
| | **XXIV2c** | Decoração na qual, sobre um cordão se aplicam grandes puncionamentos ou excisões . |  |
| **Outras organizações decorativas** | **XL** | Decoração excisa. Linhas em adição horizontal de formas conseguidas com recurso à técnica da excisão. |  |

| | | |
|---|---|---|
| **XLI** | Decoração que consiste na adição de bandas quebradas definidas com recurso à impressão arrastada. Pode ter uma linha incisa canelada paralela ao bordo. Ocorre apenas no fragmento 9190 d'A Pedreira. |  |
| **XLII** | Decoração que combina as técnicas incisa e impressa. Refere-se a um único fragmento d'A Pedreira (2153). Após quatro linhas de puncionamento arrastado tipo boquique segue-se uma banda de linhas incisas verticais. |  |

# Anexo VI: Os recipientes cerâmicos d'A Pedreira e Regadas: Estampas







1 - Regadas, Plat.A, frag.20524, Momento 2a: org.dec. II1e. Note-se o uso de diferentes matrizes no preenchimento dos triângulos.
2 - Regadas, Plat.A, frag.21850, Fase II: org.dec.II1e. Neste caso os preenchimento dos triângulos é feito de forma "barroca".

*An.VI, Estampa 1*



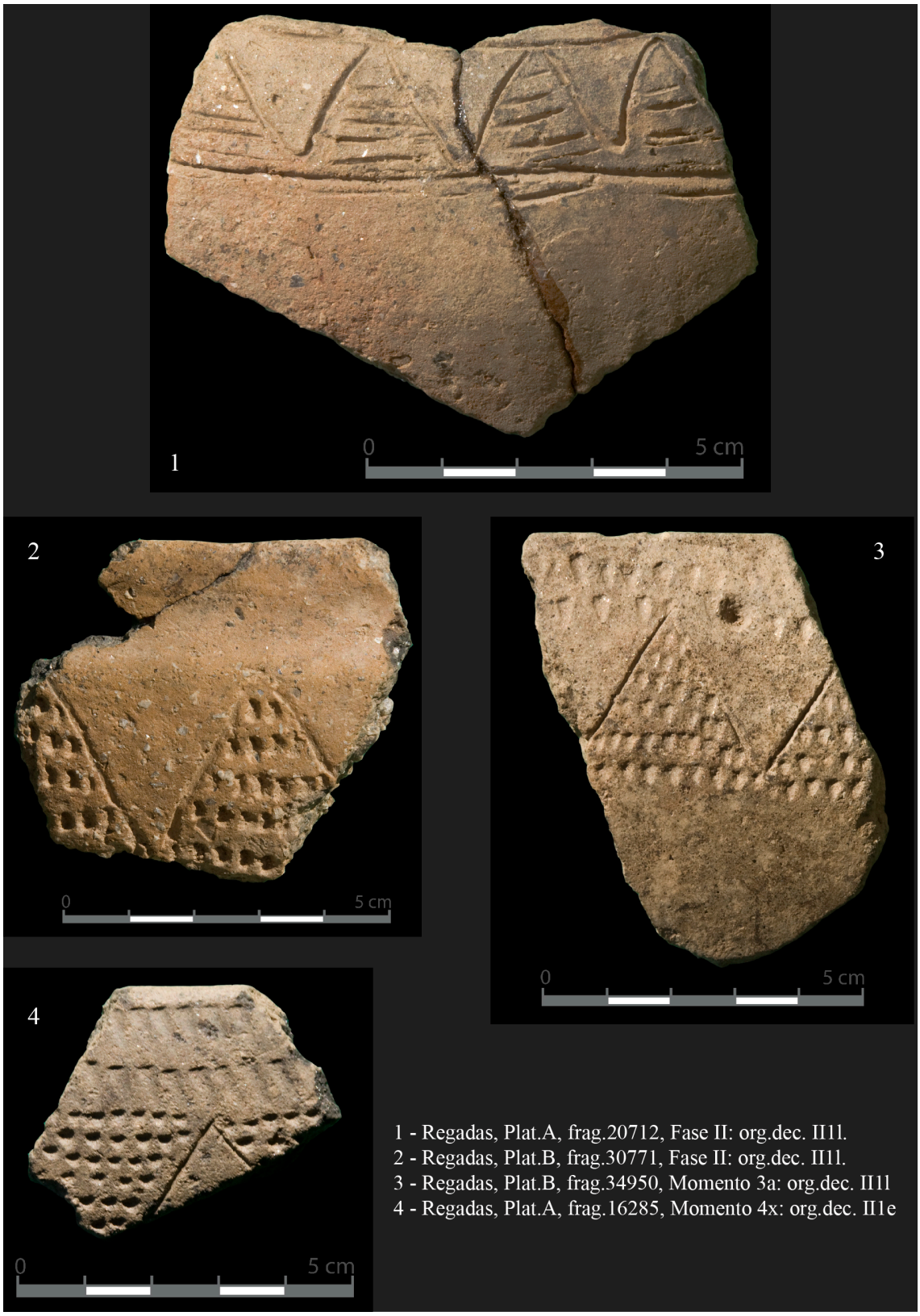

1 - Regadas, Plat.A, frag.24686, Momento 3b: org.dec. II1b5. Recipiente do interior da estrutura cistoide [662].
2 - Regadas, Plat.A, frag.23411, Momento 3b: org.dec.II1b5. Articulação da figura triangular com a impressão em ziguezague "tipo Regadas".

*An.VI, Estampa 2*




1 - A Pedreira, Sond.1, frag.12478, Fossa [123]: org.dec. II1b6. Fragmento do recipiente possivelmente completo do fundo da fossa, contudo impossível de remontar dadas as incrustações de conglomerado, que não foi possível remover.
2 - Regadas, Plat.A, frag.15541, Momento 2b: org.dec. II1a.
3 - A Pedreira,Sond.18, frag.3086, Momento 18IIc: org.dec. II1b2=XIII
4 - A Pedreira, Sond.13, frag.4674: org.dec. II1b1

*An.VI, Estampa 3*




*An.VI, Estampa 4*

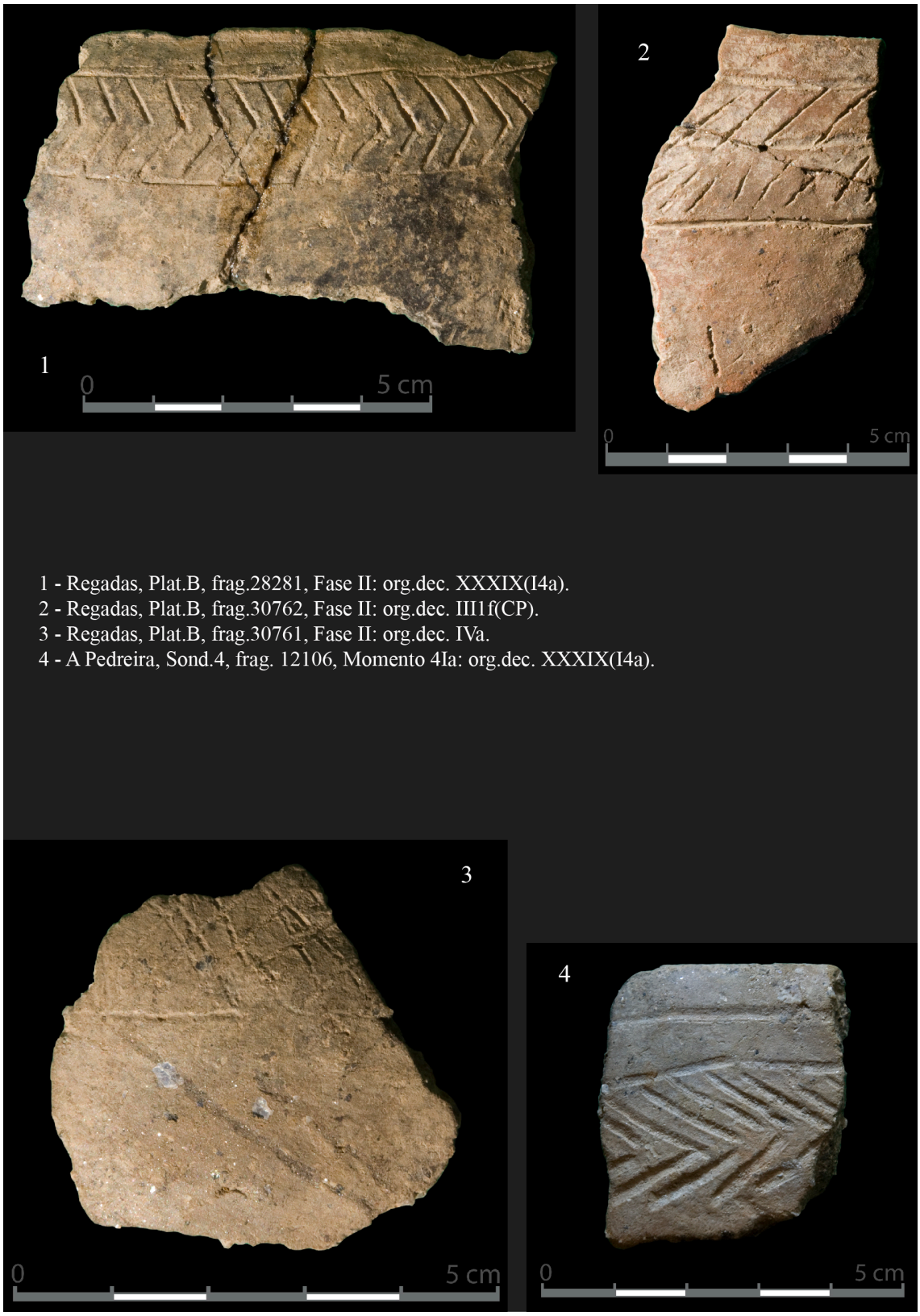



1 - Regadas, Plat.A, frag.14750, Momento 3b: org.dec. XXXIIId.
2 - Regadas, Plat.B, frag.28753, Fase II: org.dec. XXXIIId.
3 - Regadas, Plat.A, frag.19457, Momento 4y: org.dec. XXXIIIb.

*An.VI, Estampa 5*




*An.VI, Estampa 6*




1 - Regadas, Plat.B, frag.28281, Fase II: org.dec. XXXIX(I4a).
2 - Regadas, Plat.B, frag.30762, Fase II: org.dec. III1f(CP).
3 - Regadas, Plat.B, frag.30761, Fase II: org.dec. IVa.
4 - A Pedreira, Sond.4, frag. 12106, Momento 4Ia: org.dec. XXXIX(I4a).

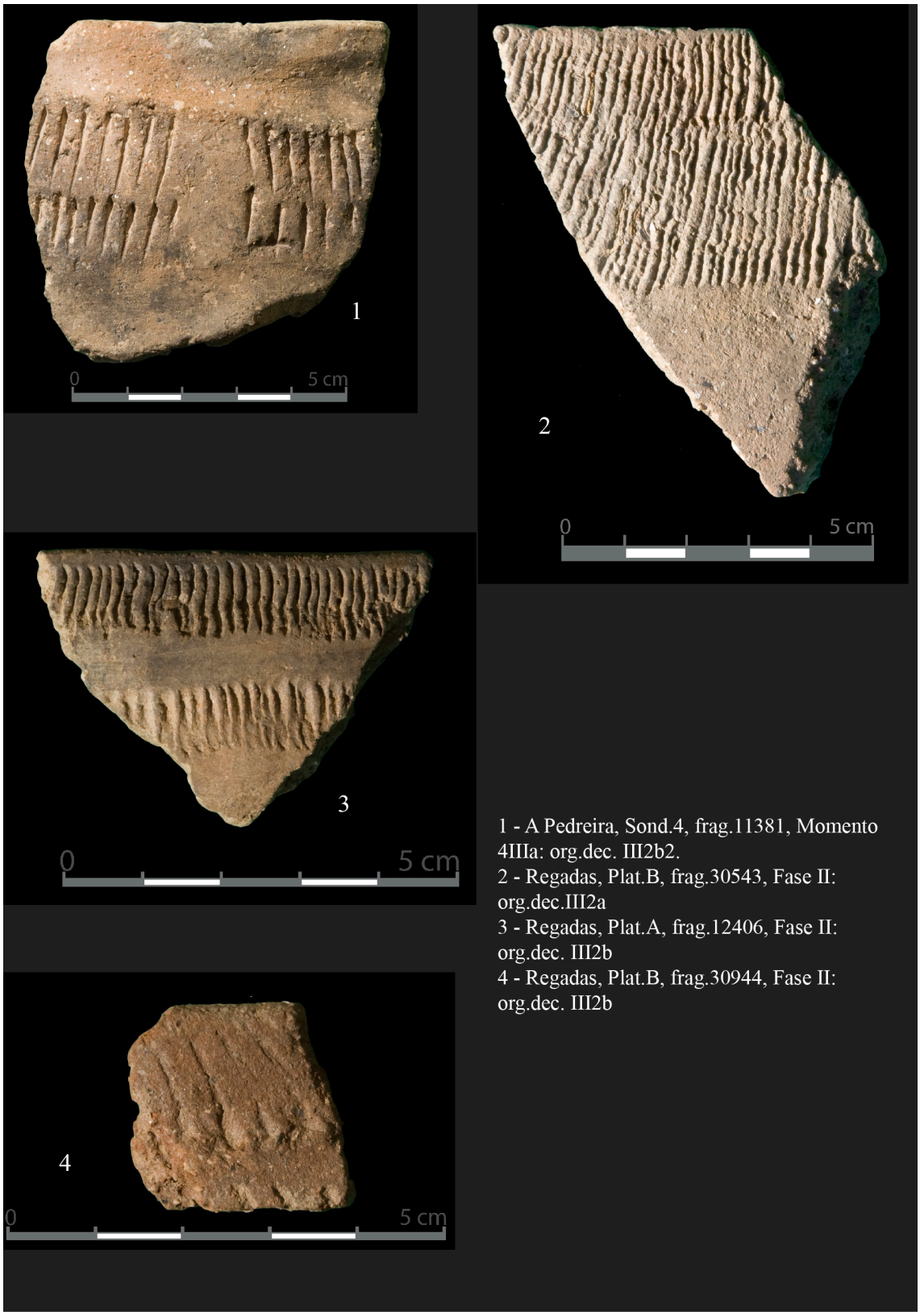
*An.VI, Estampa 7*




*An.VI, Estampa 8*



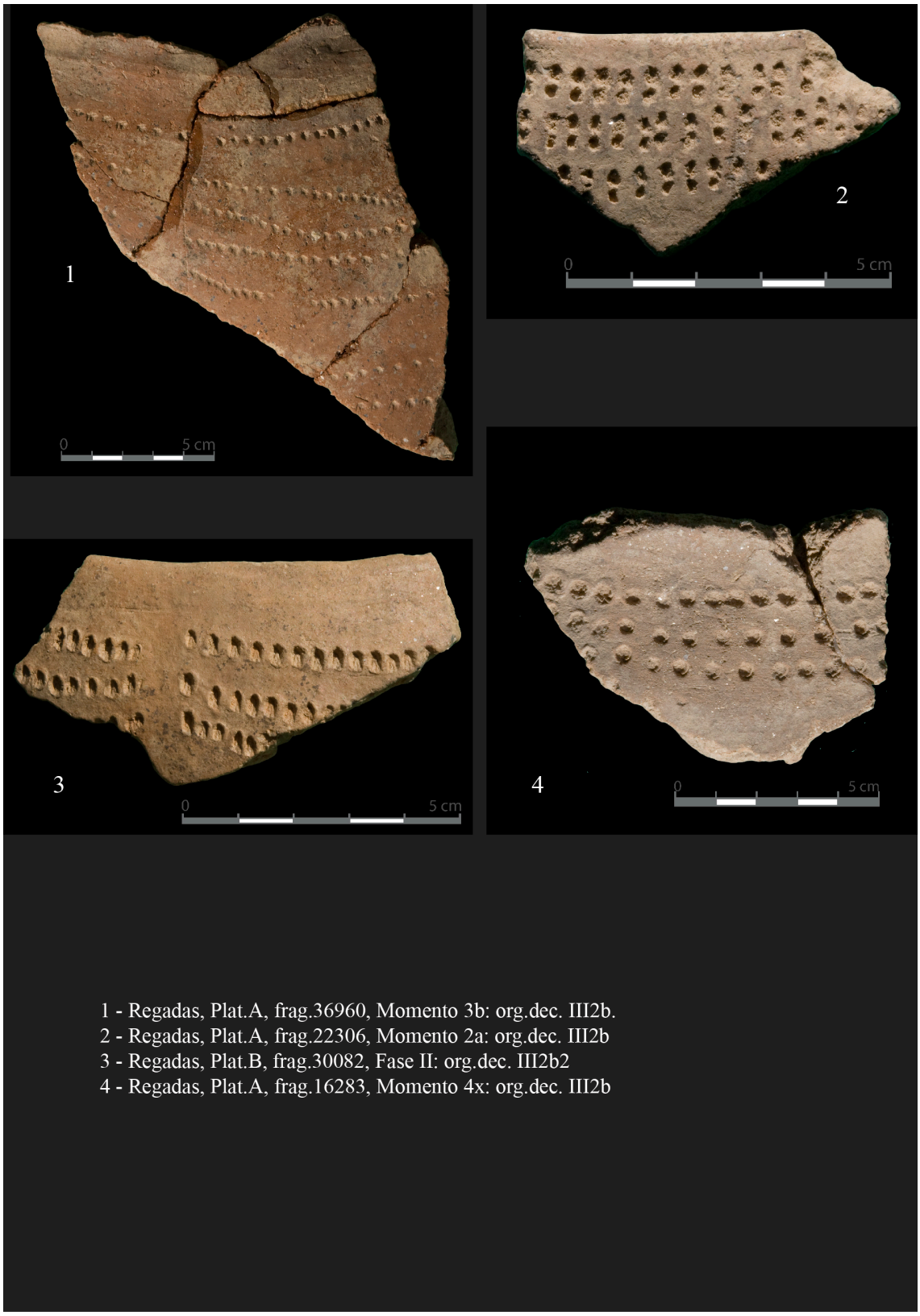

*An.VI, Estampa 9*



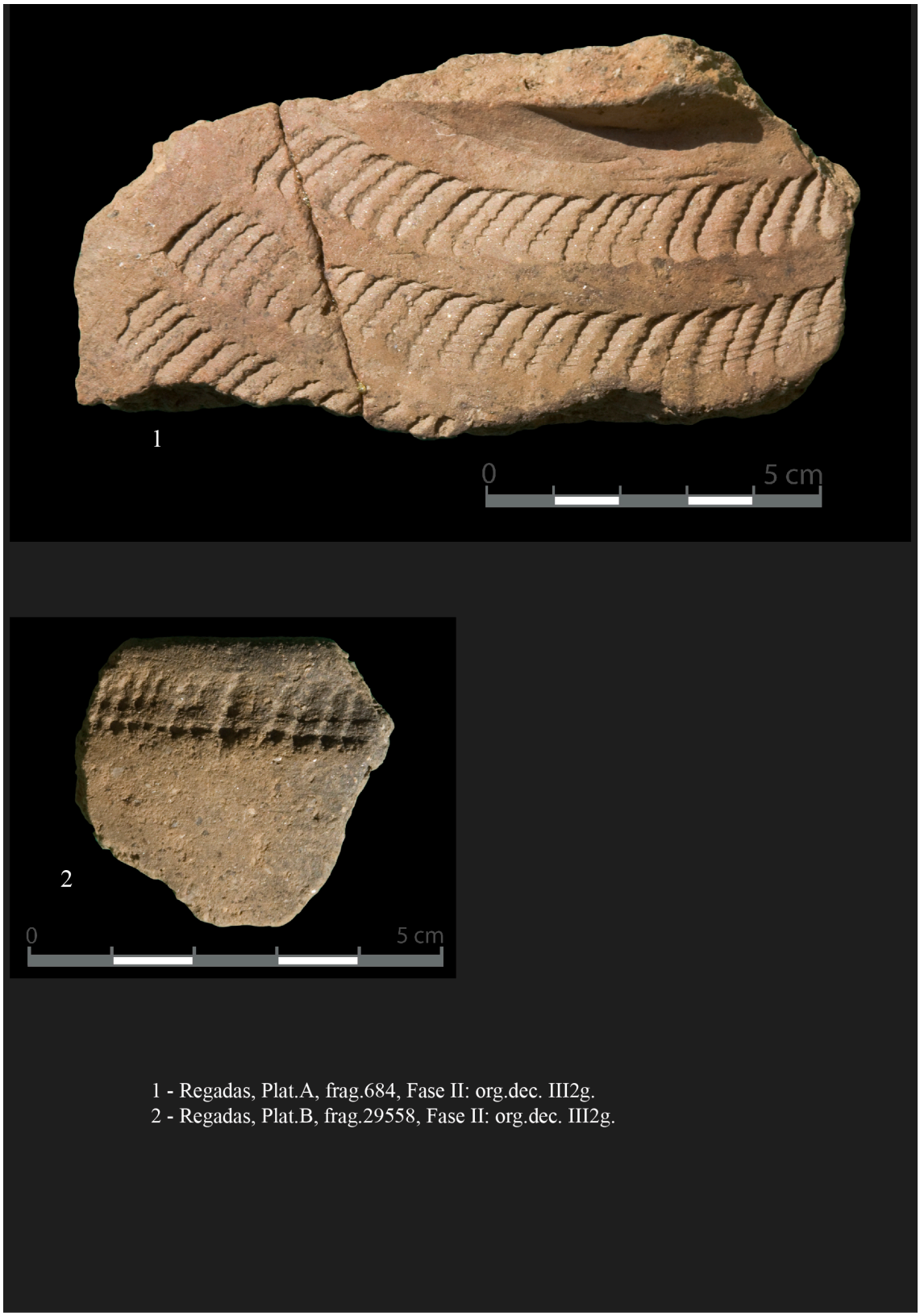

*An.VI, Estampa 10*




*An.VI, Estampa 11*

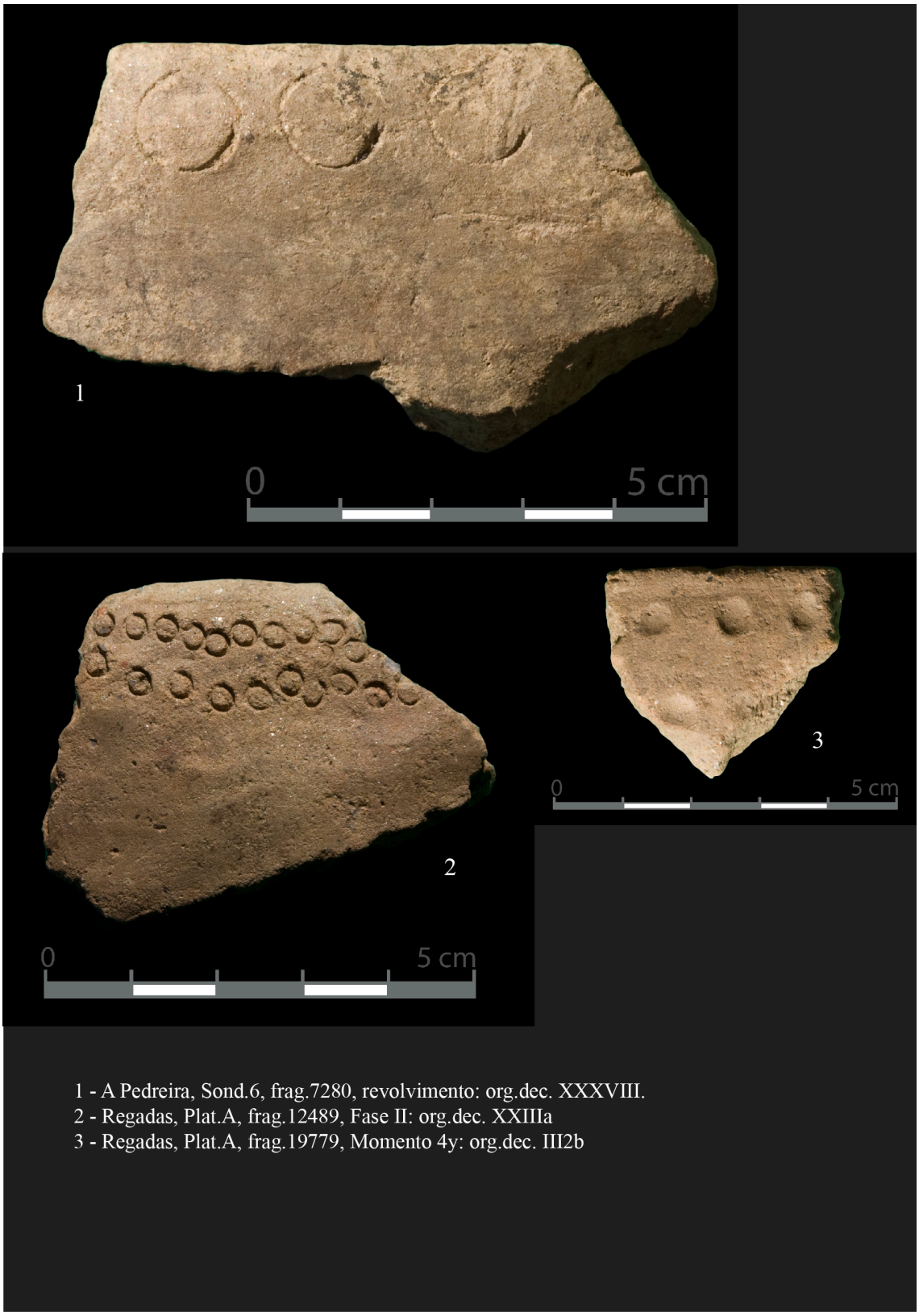



*An.VI, Estampa 12*



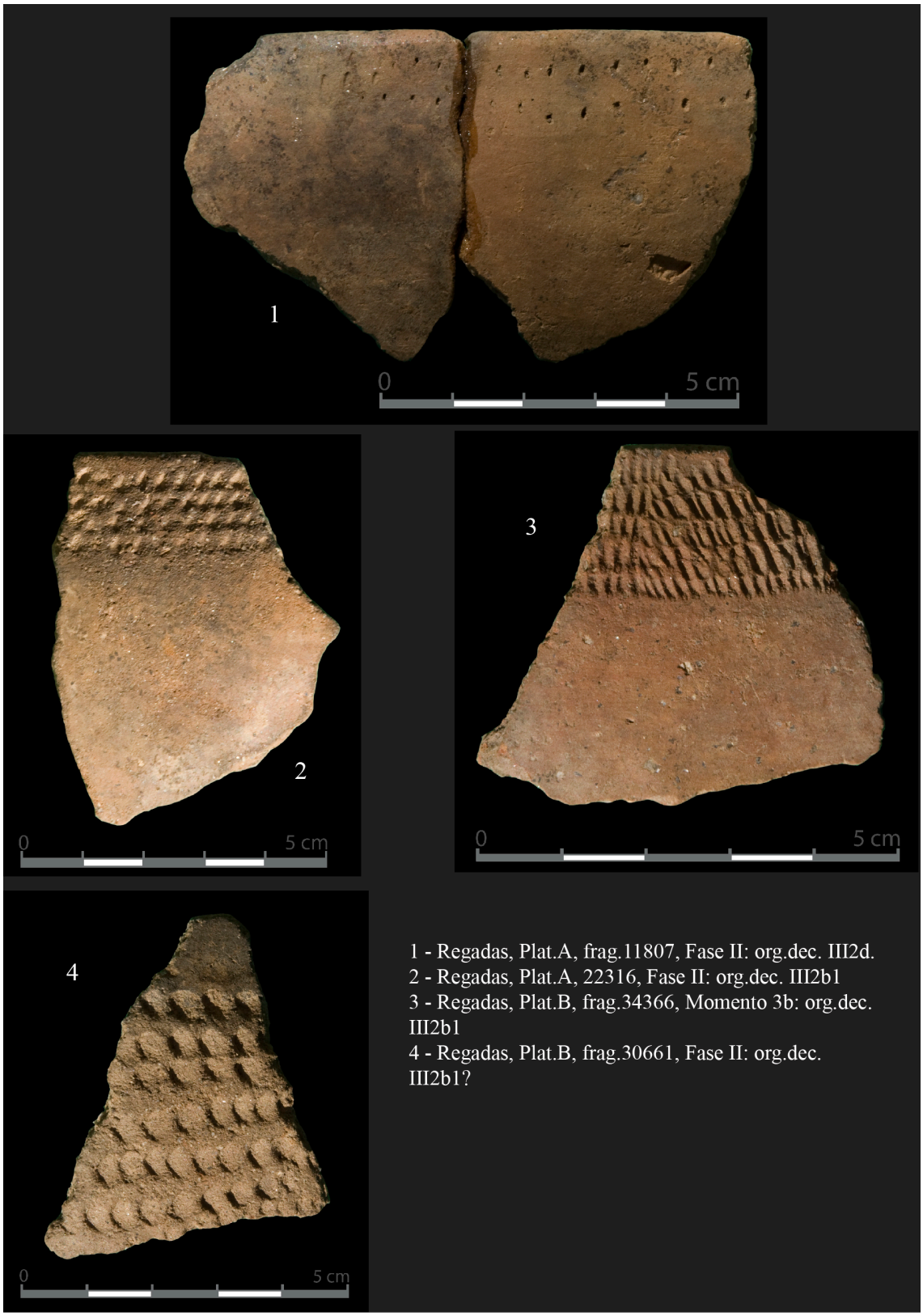

1 - Regadas, Plat.A, frag.684, Fase II: org.dec. III2g.
2 - Regadas, Plat.B, frag.29558, Fase II: org.dec. III2g.

*An.VI, Estampa 13*




1 - A Pedreira, Sond.6, frag.7280, revolvimento: org.dec. XXXVIII.
2 - Regadas, Plat.A, frag.12489, Fase II: org.dec. XXIIIa
3 - Regadas, Plat.A, frag.19779, Momento 4y: org.dec. III2b

*An.VI, Estampa 14*




*An.VI, Estampa 15*

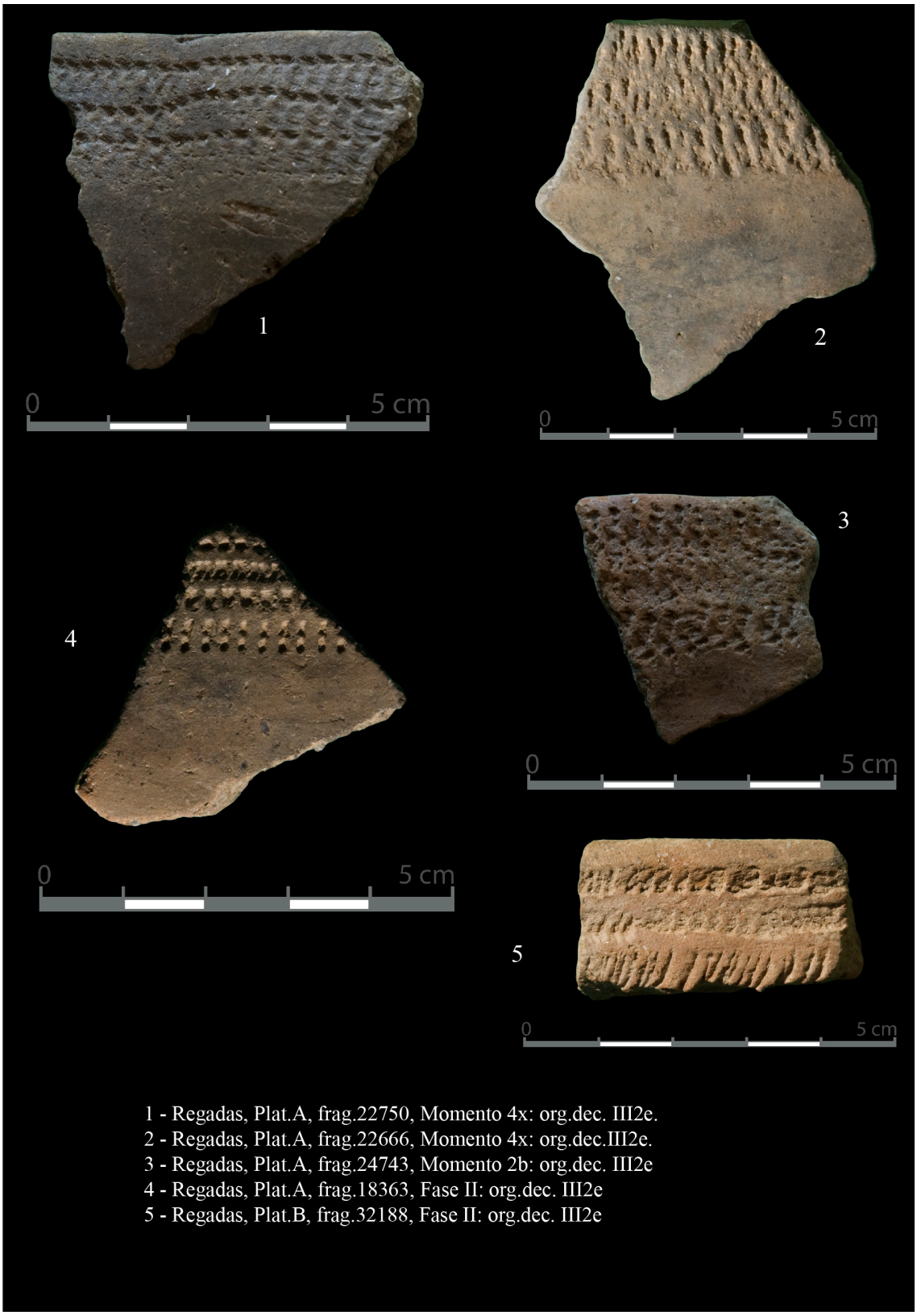



*An.VI, Estampa 16*

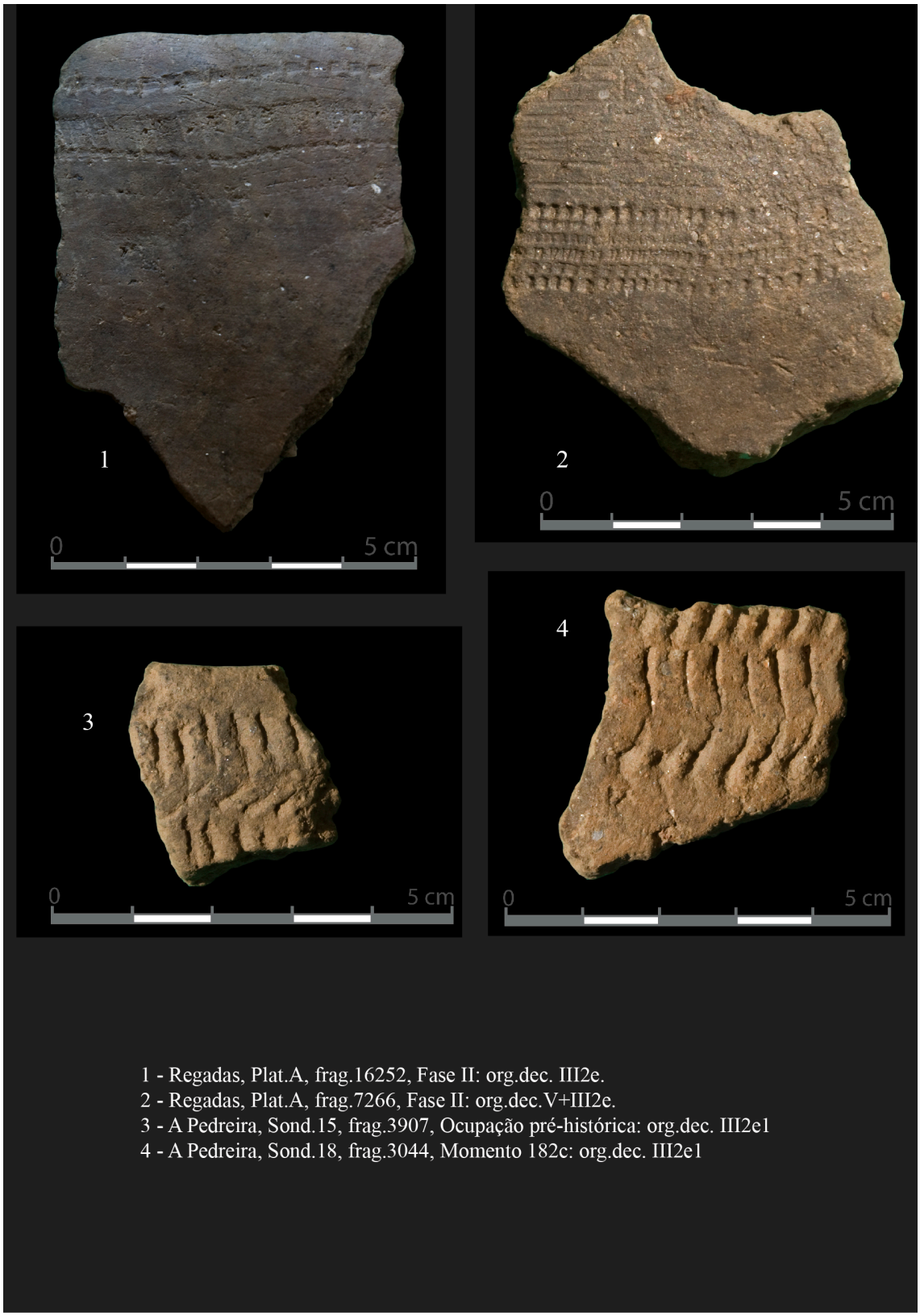



1 - A Pedreira, Sond.15, frag.3958, Ocupação pré-histórica: org.dec. III2e.
2 - Regadas, Plat.A, frag.12772, FaseII: org.dec.III2e.
3 - Regadas, Plat.A, frag.21678, Fase II: org.dec. III2e

*An.VI, Estampa 17*

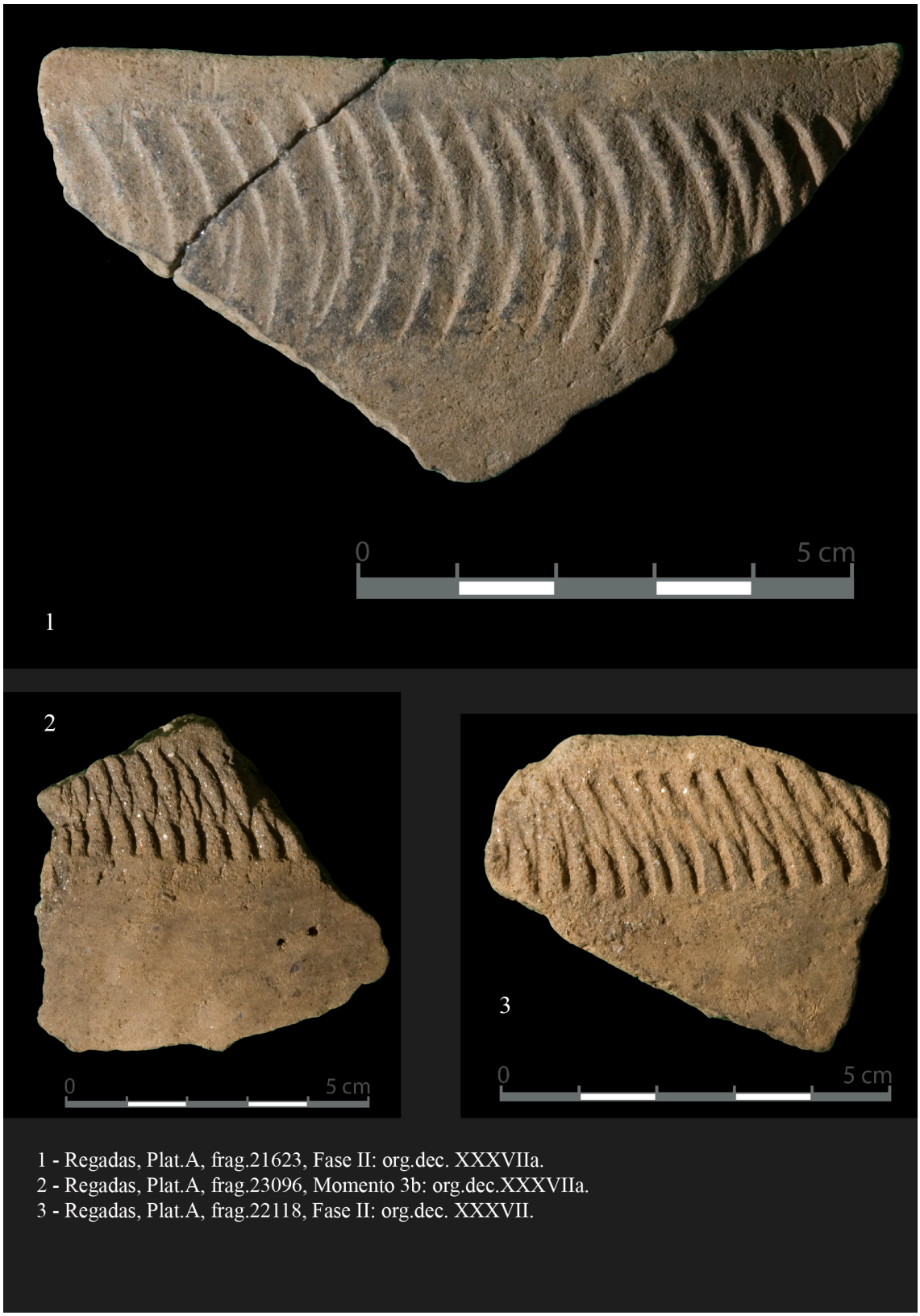



*An.VI, Estampa 18*




1 - Regadas, Plat.A, frag.16252, Fase II: org.dec. III2e.
2 - Regadas, Plat.A, frag.7266, Fase II: org.dec.V+III2e.
3 - A Pedreira, Sond.15, frag.3907, Ocupação pré-histórica: org.dec. III2e1
4 - A Pedreira, Sond.18, frag.3044, Momento 182c: org.dec. III2e1

*An.VI, Estampa 19*




1 - Regadas, Plat.A, frag.21623, Fase II: org.dec. XXXVIIa.
2 - Regadas, Plat.A, frag.23096, Momento 3b: org.dec.XXXVIIa.
3 - Regadas, Plat.A, frag.22118, Fase II: org.dec. XXXVII.

*An.VI, Estampa 20*




1 - Regadas, Plat.A, frag.22107=23781, Momento 4: org.dec. XXXVIIa.
2 - A Pedreira, Sond.6, frag.7950, Ocupação pré-histórica: org.dec.XXXVIIa.
3 - Regadas, Plat.B, frag.34752, Momento 3a: org.dec.XXXVIIa.
4 - Regadas, Plat. A , frag. 6375, Fase II: org. dec. XXXVIIa.

*An.VI, Estampa 21*

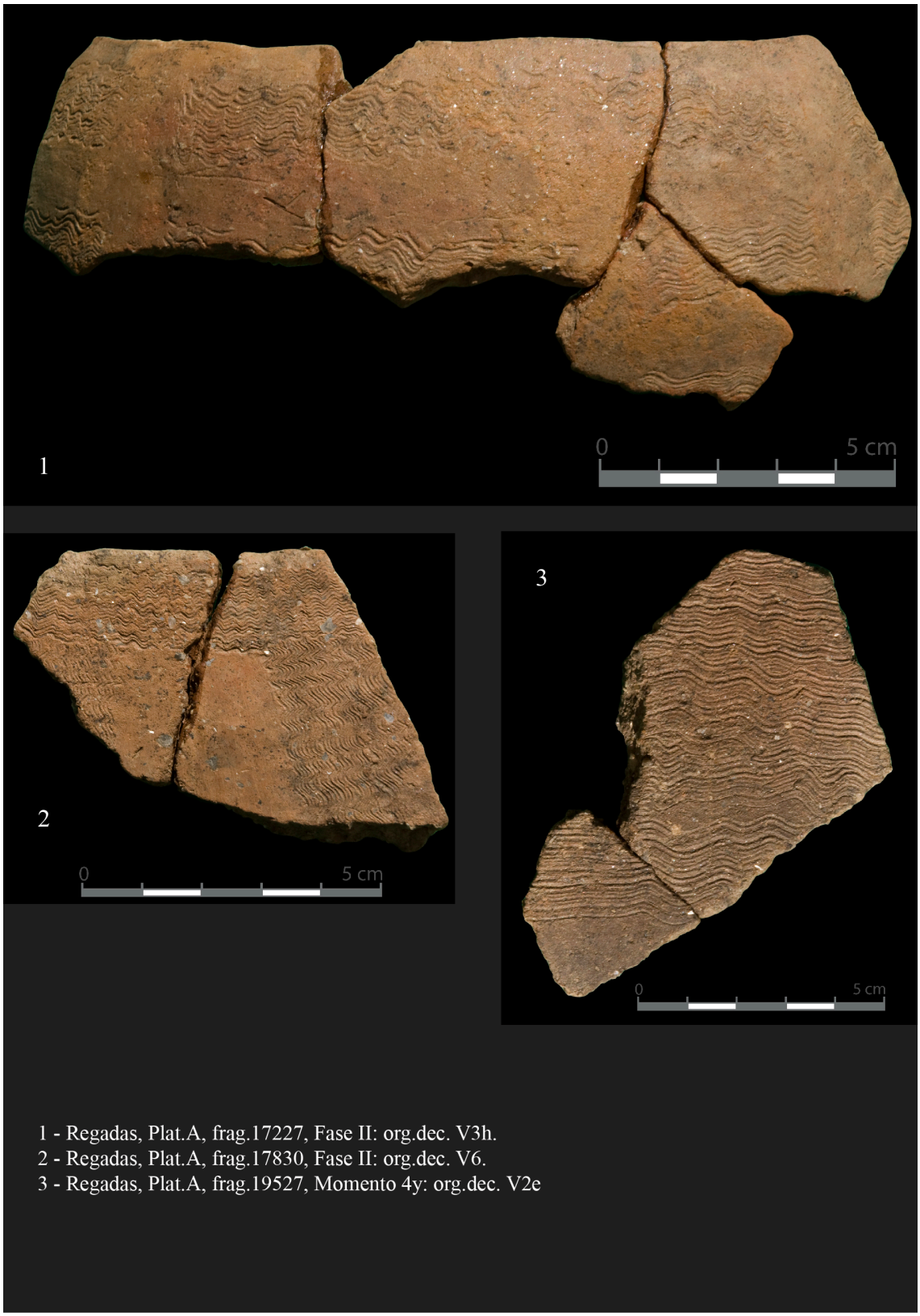



*An.VI, Estampa 22*




1 - Regadas, Plat.A, frag.18345, Fase II: org.dec. XXXVIIa.
2 - Regadas, Plat.B, frag.31524, Fase II: org.dec.XXXVIIa.
3 - Regadas, Plat.A, frag.23776, Momento 4: org.dec. XXXVIIa.

*An.VI, Estampa 23*




*An.VI, Estampa 24*




*An.VI, Estampa 25*




1 - Regadas, Plat.B, frag.27509, FaseII: org.dec. XXV
2 - Regadas, Plat.B, frag.30852, Fase II: org.dec. XXV'
3 - Regadas, Plat.B, frag.32498, FaseII: org.dec.XXV
4 - Regadas, Plat.B, frag.26813, Fase II: org.dec.XXV
5 - Regadas, Plat.B, frag.29834, Fase II: org.dec. XXV'
6 - Regadas, Plat.A, frag.18999, Fase II: org.dec. XXV (com incrustação de pasta branca)
7 - Regadas, Plat.B, frag.28529, Fase II: org.dec. XXV

*An.VI, Estampa 26*




1 - A Pedreira, Sond.8, frag.5940: org.dec. XXV'
2 - Regadas, Plat.B, frag.32825, Fase II: org.dec.XXV'
3 - Regadas, Plat.A, frag.20036, Momento 4y: org.dec.XXV'
4 - Regadas, Plat.A, frag.8508, Fase II: org.dec.XXV'
5 - A Pedreira, Sond.8, frag.5916: org.dec. XXV'
6 - A Pedreira, Sond.4, frag.11105: org.dec. XXV'

*An.VI, Estampa 27*




1 - A Pedreira, Sond.4, frag.11108, revolvimento: org.dec. I1 (tipo Penha).
2 - A Pedreira, Sond.6, frag.7300, revolvimento: org.dec.I1.
3 - A Pedreira, Sond.18, frag. 2653=2516, Momento 18IIe: org.dec. I1.
4 - Regadas, Plat. A , frag. 8477, Fase II: org. dec. XXIV2c

*An.VI, Estampa 28*

**Anexo VII: Regadas, Tabelas de organizações decorativas por momento de ocupação das Plataformas A e B; Gráfico geral de organizações decorativas**

## PLATAFORMA A

| Organização decorativa | Momento 2a | Momento 2b | Momento 3b | Momento 4x | Momento 4y | FASE II |
|---|---|---|---|---|---|---|
| II1b1 | 0 | 2 | 4 | 4 | 2 | 12 |
| II1a | 0 | 2 | 6 | 1 | 1 | 2 |
| II1b2 = XIII | 0 | 0 | 0 | 1 | | 0 |
| II1b5 | 0 | 0 | 3 | 0 | | 1 |
| II1b6 | 0 | 0 | 0 | 0 | | 0 |
| II1d | 1 | 0 | 2 | 0 | 1 | 1 |
| II1e | 1 | 4 | 7 | 8 | 5 | 24 |
| II1f | 0 | 0 | 0 | 0 | | 0 |
| II1h | 0 | 0 | 0 | 0 | | 0 |
| II1k | 0 | 0 | 1 | 0 | | 1 |
| II1l | 0 | 0 | 0 | 0 | | 2 |
| II1m | 0 | 0 | 0 | 0 | | 0 |
| III1a1 | 0 | 3 | 10 | 6 | 2 | 18 |
| III1a2 | 1 | 0 | 2 | 3 | 1 | 6 |
| III1c | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 |
| III1k | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| III1f(BP) | 1 | 4 | 6 | 7 | 2 | 15 |
| III1f(CP) | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| III1f3 | 0 | 0 | 0 | 2 | 1 | 6 |
| III1f4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| III1f5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| III1g | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| III1h | 0 | 2 | 3 | 4 | 0 | 5 |
| III1i | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| III1ia | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| III1j | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XXXVI | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XXXIIIa | 0 | 0 | 3 | 3 | 0 | 1 |
| XXXIIIb | 1 | 2 | 2 | 1 | 1 | 8 |
| XXXIIIc | 1 | 7 | 7 | 7 | 1 | 24 |
| XXXIIId | 0 | 3 | 4 | 2 | 1 | 1 |
| XXXIIIe | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 | 3 |
| XXXIIIf | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| XXXV | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 | 1 |

## PLATAFORMA B

| Momento 2 | Momento 3a | Momento 3b | Momento 4 | FASE II |
|---|---|---|---|---|
| 0 | 1 | 0 | 0 | 3 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 1 | 4 | 0 | 6 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 1 | 0 | 0 | 5 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 4 | 1 | 1 | 13 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 4 | 3 | 1 | 5 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 1 | 1 | 1 | 0 | 3 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 3 | 1 | 0 | 7 |
| 0 | 0 | 3 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 1 | 0 | 4 |
| 0 | 0 | 1 | 0 | 1 |
| 0 | 1 | 0 | 0 | 8 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

## PLATAFORMA A

| Organização decorativa | Momento 2a | Momento 2b | Momento 3b | Momento 4x | Momento 4y | FASE II |
|---|---|---|---|---|---|---|
| III2a | 3 | 6 | 6 | 3 | 6 | 43 |
| III2a1 | 1 | 1 | 3 | 3 | 0 | 7 |
| III2b | 4 | 20 | 11 | 20 | 4 | 77 |
| III2b1 | 1 | 6 | 9 | 9 | 2 | 29 |
| III2b2 | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 | 1 |
| III2b3 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 3 |
| III2c | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 6 |
| III2c1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| III2d | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| III2f | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| III2g | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 |
| XXII | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 2 |
| XXIIa | 3 | 9 | 1 | 6 | 2 | 11 |
| XXIIIa | 1 | 0 | 1 | 2 | 0 | 2 |
| XXIIIb | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XXXVIII | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| XXXI | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| IX(VS) | 0 | 0 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| III2e | 0 | 5 | 6 | 6 | 0 | 39 |
| III2e1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XXXVII | 3 | 7 | 7 | 9 | 1 | 41 |
| XXXVIIa | 1 | 1 | 8 | 4 | 1 | 15 |
| XXXVIIb | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| III3a | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 6 |
| III3b | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 |
| III3c | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| III3d | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| III3e | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| I1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Io(VS) | **1** | 0 | 0 | 0 | 0 | **0** |
| IVa | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| IVe | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

## PLATAFORMA B

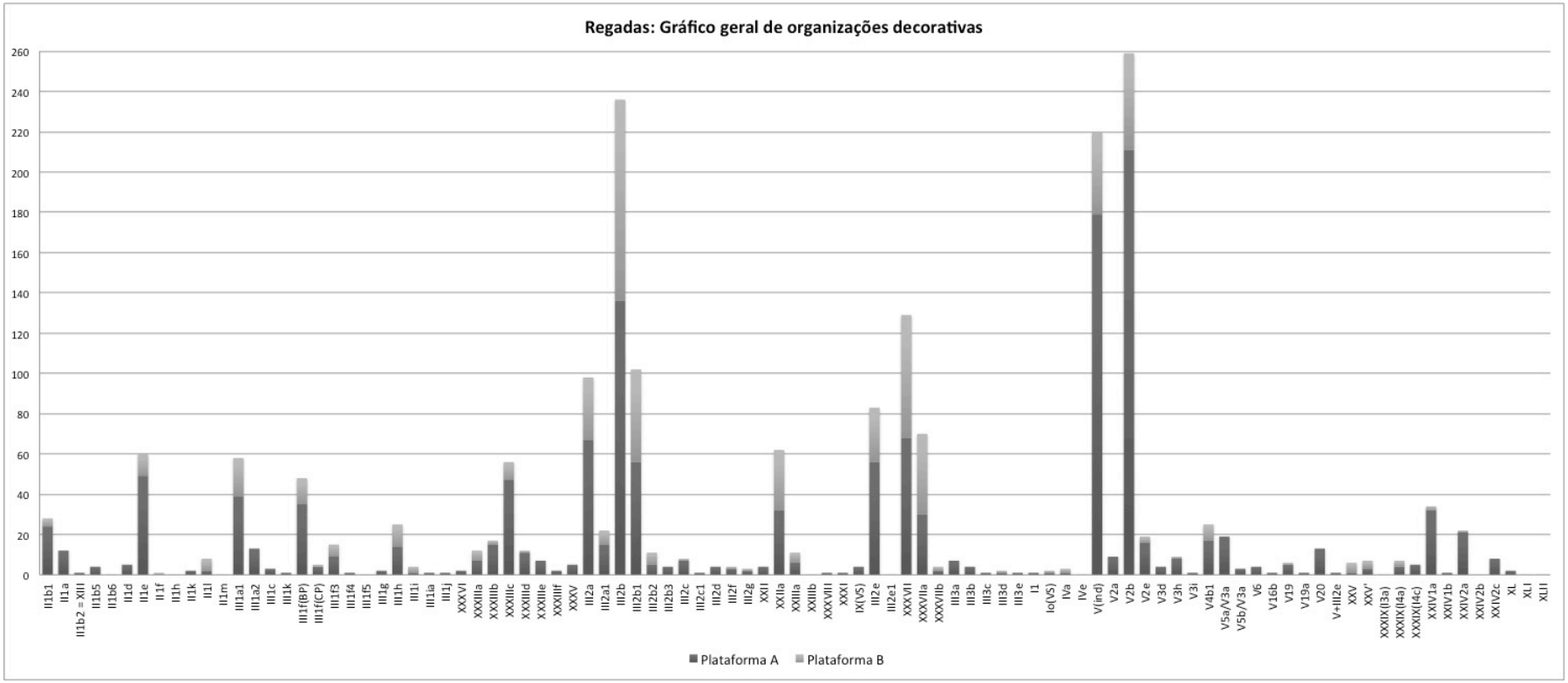
| Momento 2 | Momento 3a | Momento 3b | Momento 4 | FASE II |
|---|---|---|---|---|
| 0 | 5 | 1 | 1 | 24 |
| 0 | 0 | 1 | 0 | 6 |
| 1 | 11 | 16 | 3 | 69 |
| 0 | 6 | 8 | 0 | 32 |
| 0 | 1 | 0 | 0 | 5 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 6 | 10 | 0 | 14 |
| 0 | 0 | 1 | 0 | 4 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 6 | 3 | 2 | 16 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 10 | 16 | 0 | 35 |
| 0 | 9 | 6 | 0 | 25 |
| 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **0** | 1 | 0 | 0 | **0** |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

## PLATAFORMA A

| Organização decorativa | Momento 2a | Momento 2b | Momento 3b | Momento 4x | Momento 4y | FASE II |
|---|---|---|---|---|---|---|
| V(ind) | 0 | 0 | 6 | 5 | 26 | 142 |
| V2a | 0 | 0 | 1 | 5 | 2 | 1 |
| V2b | 0 | 0 | 11 | 10 | 46 | 144 |
| V2e | 0 | 0 | 0 | 2 | 7 | 7 |
| V3d | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 3 |
| V3h | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 6 |
| V3i | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| V4b1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 3 | 13 |
| V5a/V3a | 0 | 0 | 0 | 2 | 7 | 10 |
| V5b/V3a | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| V6 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 3 |
| V16b | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| V19 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 |
| V19a | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| V20 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 13 |
| V+III2e | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| XXV | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| XXV' | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 2 |
| XXXIX(l3a) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XXXIX(l4a) | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| XXXIX(l4c) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 |
| XXIV1a | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 31 |
| XXIV1b | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| XXIV2a | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 20 |
| XXIV2b | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XXIV2c | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 7 |
| XL | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| XLI | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XLII | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Indeterminada | 4 | 34 | 46 | 28 | 30 | 205 |
| TOTAIS | 32 | 133 | 191 | 172 | 166 | 1062 |

## PLATAFORMA B

| Momento 2 | Momento 3a | Momento 3b | Momento 4 | FASE II |
|---|---|---|---|---|
| 0 | 0 | 0 | 1 | 40 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 4 | 44 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 8 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 5 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 4 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 1 | 0 | 0 | 2 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 2 | 93 | 91 | 15 | 484 |

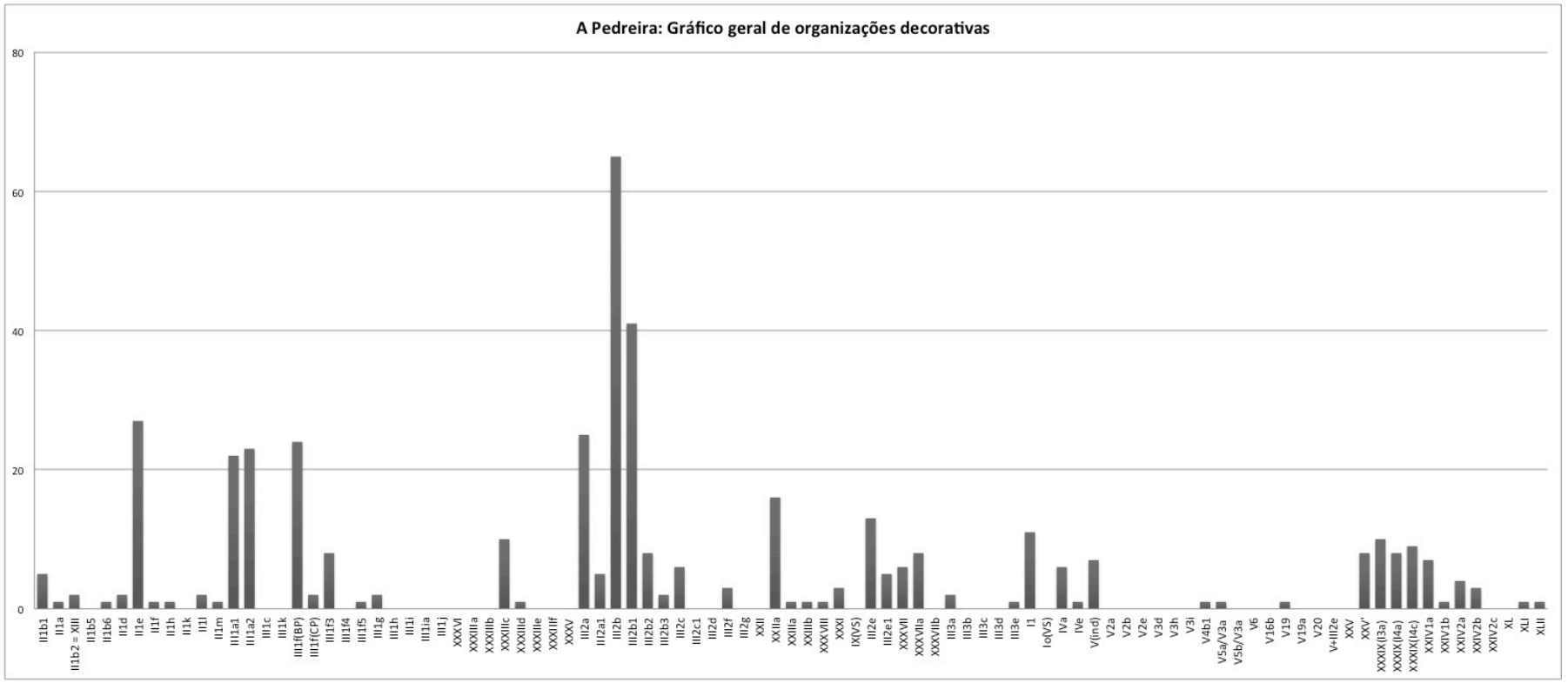



*An.VII, Gráfico 1: Organizações decorativas identificadas nas plataformas A e B das Regadas expressas por número de fragmentos de recipientes.*

**Anexo VIII: A Pedreira, Tabelas de organizações decorativas por sondagem; Gráfico geral de organizações decorativas.**

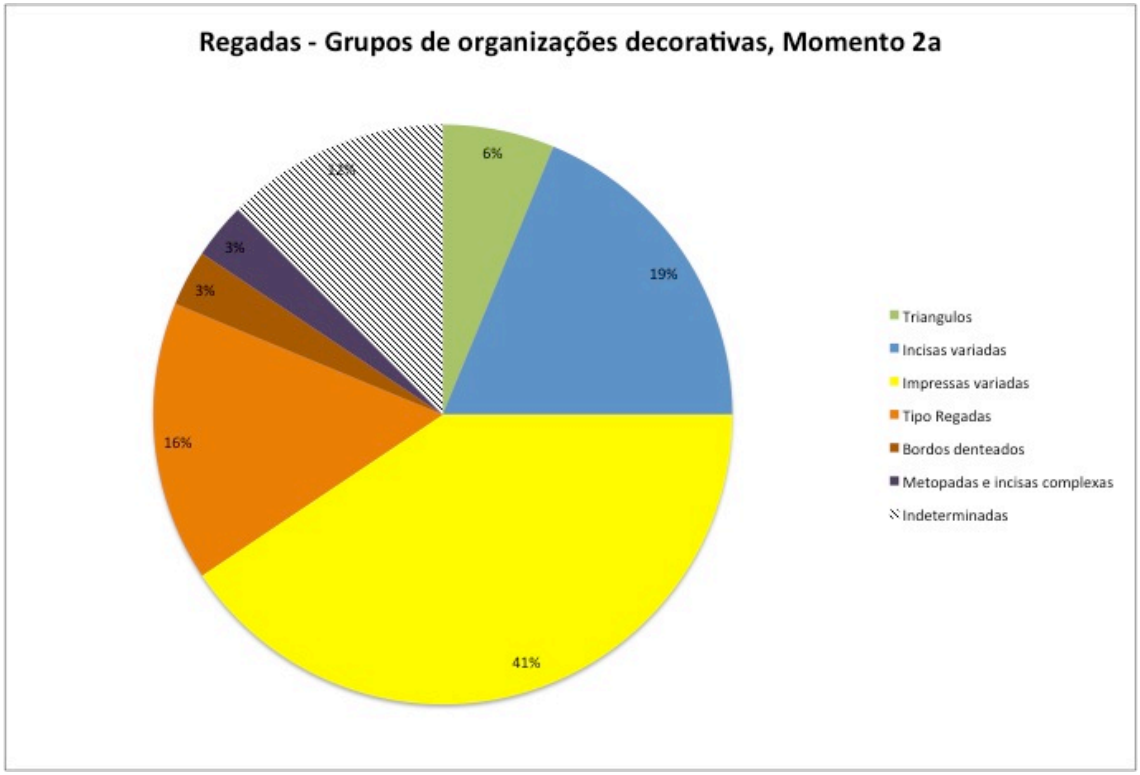
| Organização decorativa | S1 | S2 | S6 | S10 | S19 | S3 | S4 | S5 | S13 | S7 | S8 | S9 | S11 | S12 | S14 | S15 | S16 | S17 | S18 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| II1b1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| II1a | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| II1b2 = XIII | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| II1b6 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| II1d | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| II1e | 3 | 0 | 4 | 0 | 3 | 0 | 6 | 4 | 1 | 0 | 1 | 3 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| II1f | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| II1h | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| II1l | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| II1m | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| III1a1 | 6 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 3 | 3 | 0 | 0 | 5 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 |
| III1a2 | 7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 0 | 1 | 0 | 3 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 2 |
| III1f(BP) | 2 | 0 | 5 | 0 | 3 | 0 | 6 | 1 | 1 | 0 | 2 | 0 | 0 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| III1f(CP) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| III1f3 | 1 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 1 | 0 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| III1f5 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| III1g | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XXXIIIc | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 0 | 0 | 2 |
| XXXIIId | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XXXV | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| III2a | 2 | 0 | 3 | 0 | 3 | 0 | 4 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 6 | 0 | 0 | 4 |
| III2a1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 1 | 0 |
| III2b | 5 | 0 | 13 | 0 | 6 | 0 | 13 | 3 | 2 | 1 | 10 | 0 | 1 | 1 | 0 | 1 | 1 | 1 | 7 |
| III2b1 | 4 | 0 | 3 | 0 | 2 | 0 | 11 | 4 | 5 | 2 | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 3 | 3 |
| III2b2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 2 |
| III2b3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| III2c | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 |
| III2f | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| XXIIa | 1 | 0 | 5 | 0 | 1 | 0 | 3 | 1 | 2 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| XXIIIa | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| XXIIIb | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XXXVIII | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |  | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| XXXI | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| III2e | 2 | 0 | 2 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 5 | 0 | 0 | 1 |
| III2e1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 1 |
| XXXVII | 0 | 0 | 1 | 0 | 2 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| XXXVIIa | 1 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 2 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **III3a** | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| **III3e** | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **I1** | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 1 | 3 | 0 | 2 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| **IVa** | 2 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **IVe** | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| **V(ind)** | 1 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| **V4b1** | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **V5a/V3a** | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **V19** | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **XXV'** | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 0 | 0 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **XXXIX(l3a)** | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 1 | 0 | 0 | 2 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **XXXIX(l4a)** | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **XXXIX(l4c)** | 3 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| **XXIV1a** | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **XXIV1b** | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| **XXIV2a** | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **XXIV2b** | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **XLI** | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **XLII** | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **Indetermin ada** | 56 | 8 | 41 | 1 | 4 | 1 | 37 | 28 | 13 | 9 | 34 | 6 | 1 | 5 | 2 | 10 | 2 | 2 | 14 |
| **TOTAIS** | 109 | 13 | 93 | 1 | 32 | 1 | 122 | 53 | 28 | 26 | 71 | 17 | 10 | 10 | 9 | 41 | 5 | 10 | 51 |

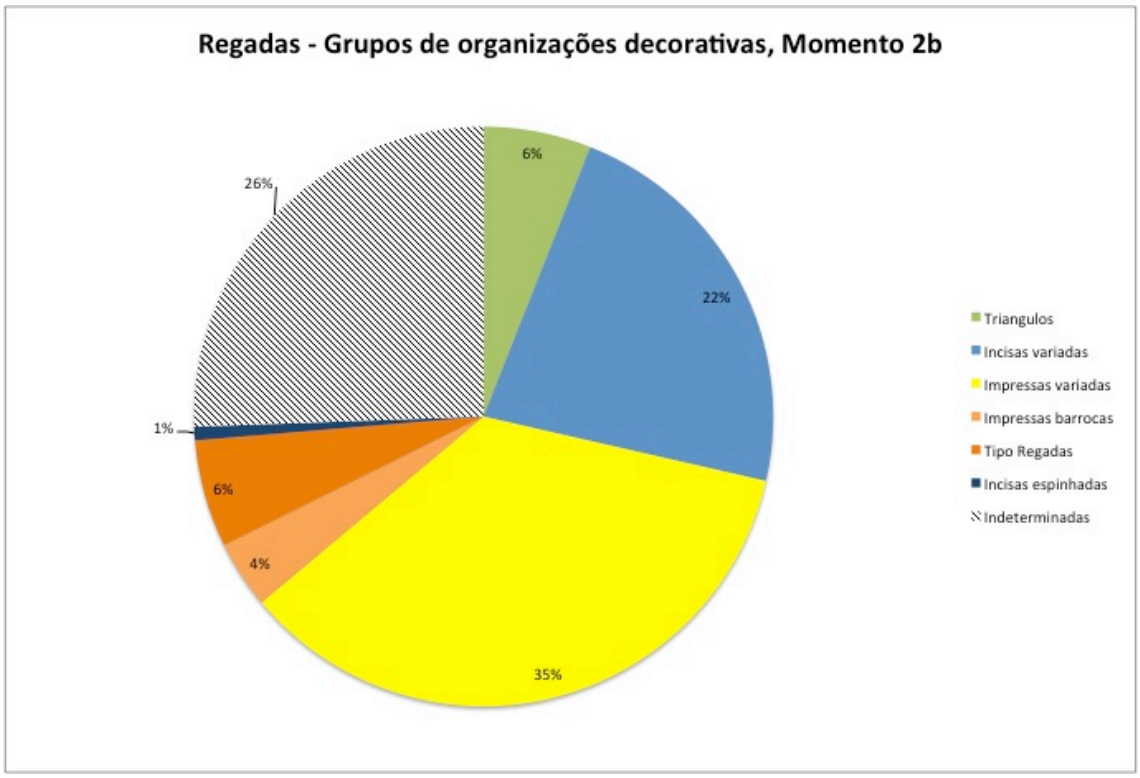



*An.VIII, Gráfico 1: Organizações decorativas identificadas n'A Pedreira, expressas por número de fragmentos de recipientes.*

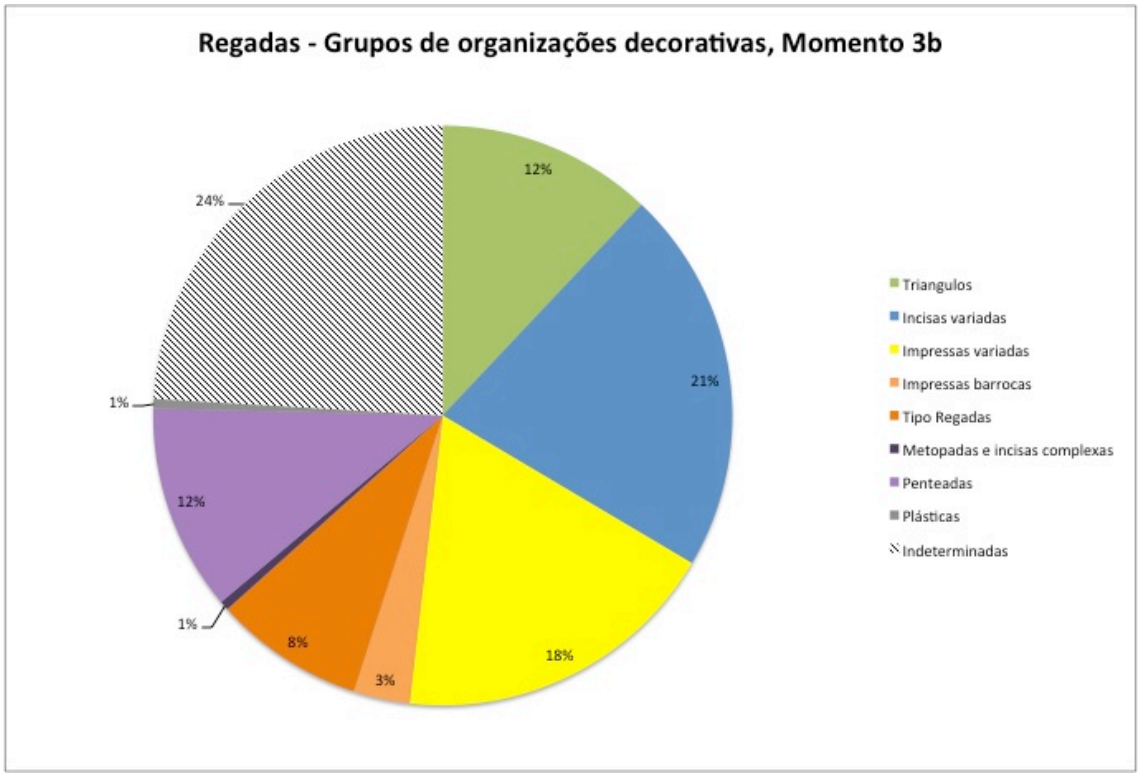
**Anexo IX: Regadas, Plataforma A, gráficos por Momento e grupo decorativo.**



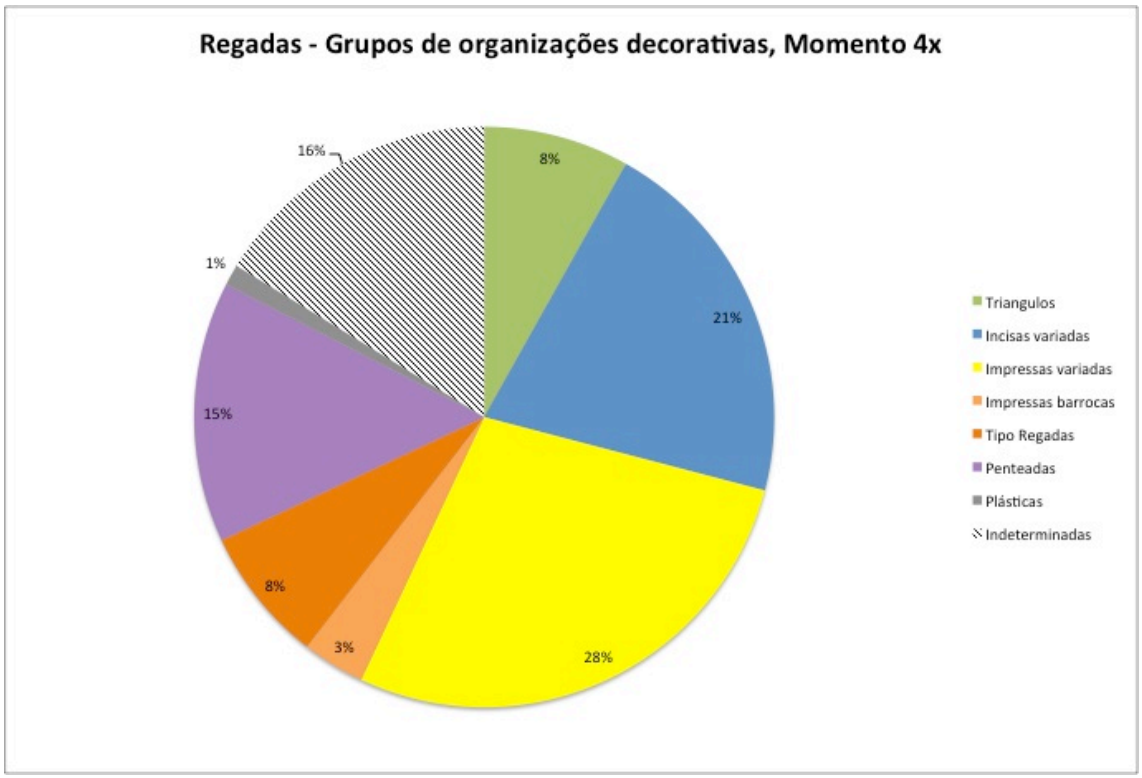

*An.IX, Gráfico 1.*



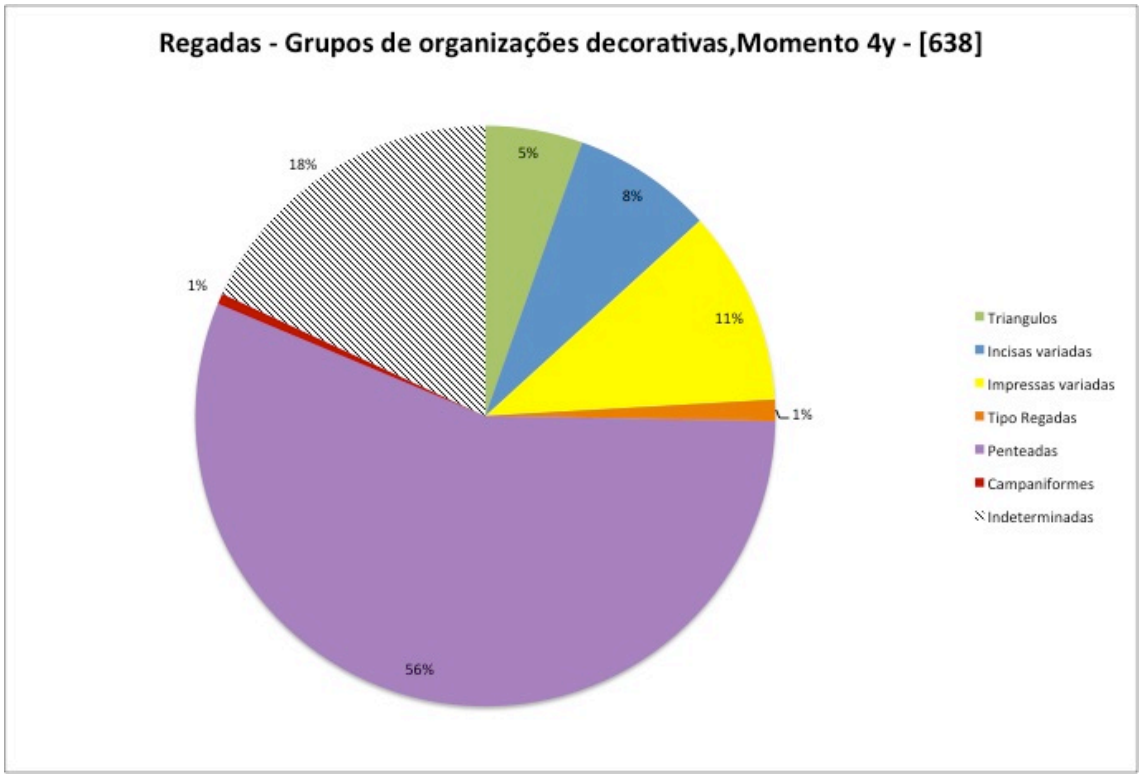

*An.IX, Gráfico 2*.



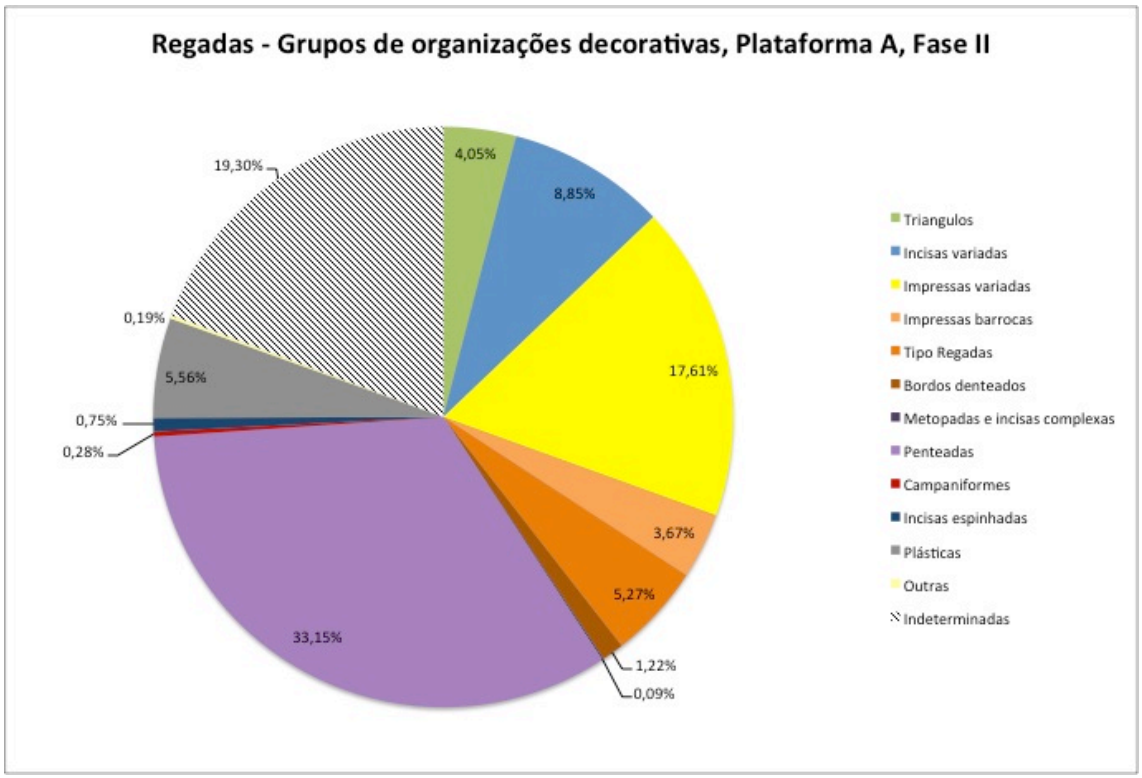

*An.IX, Gráfico 3*.



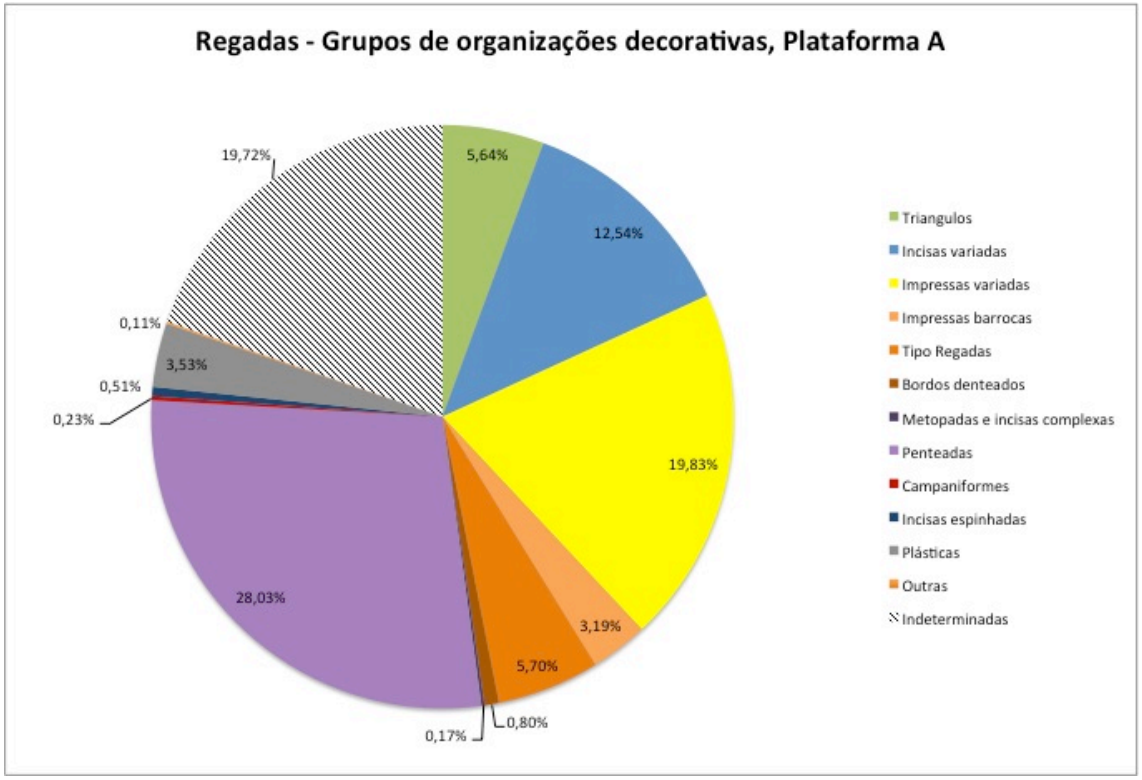

*An.IX, Gráfico 4*.




*An.IX, Gráfico 5*.

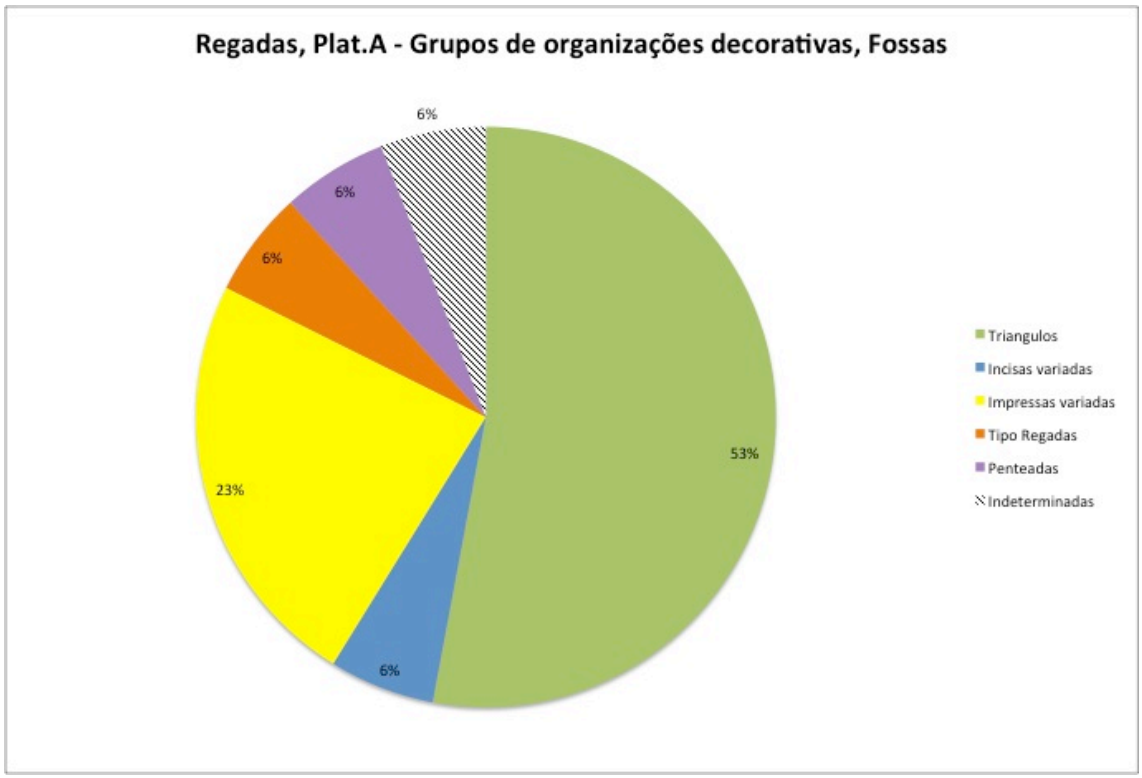



*An.IX, Gráfico 6.*

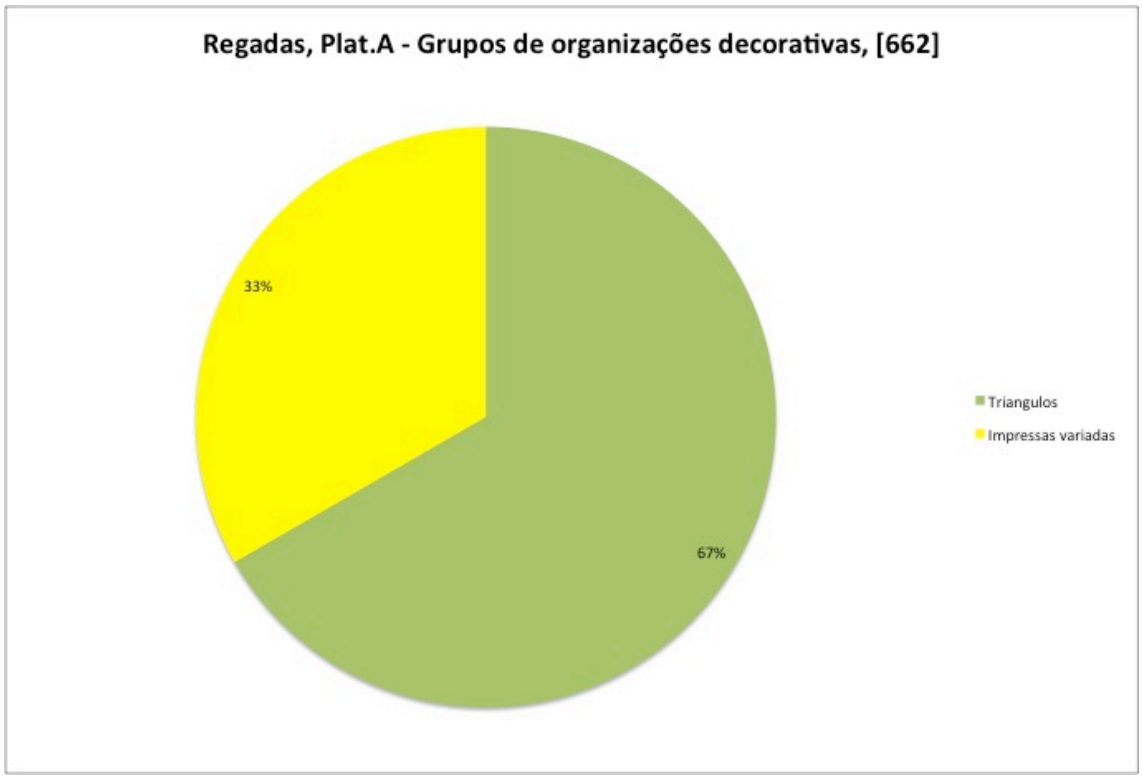



*An.IX, Gráfico 7.*

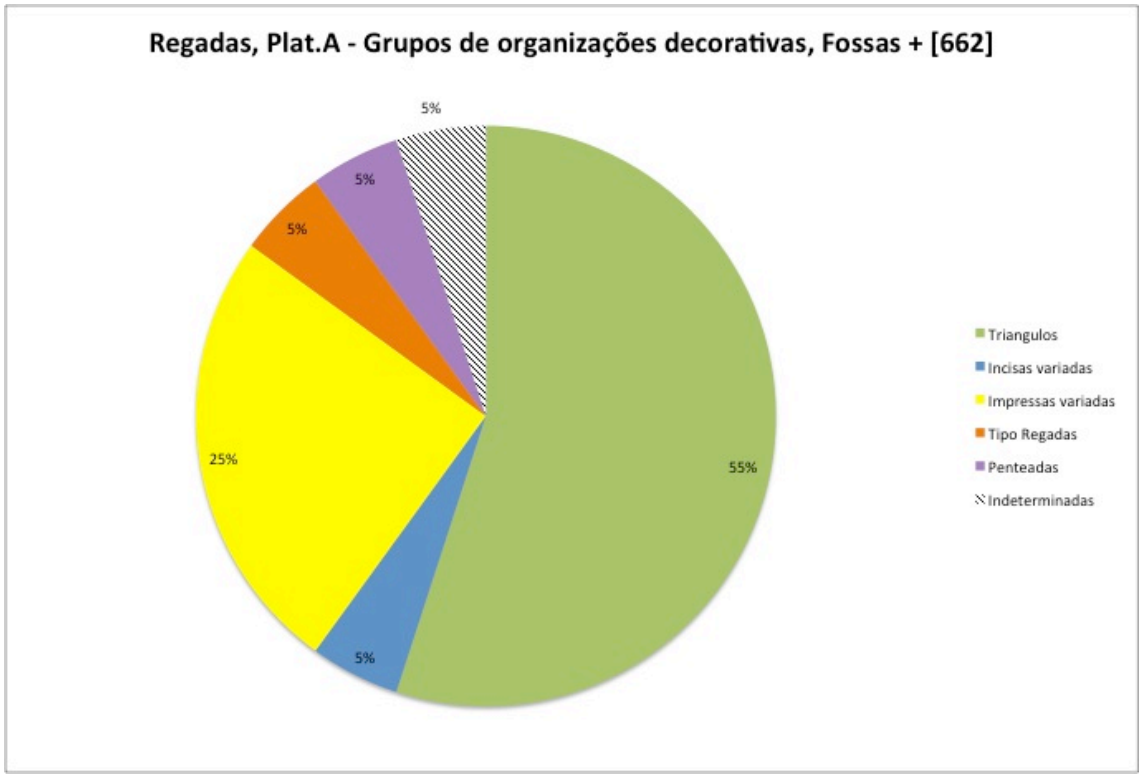
## Anexo X: Regadas, Plataforma A, outros gráficos



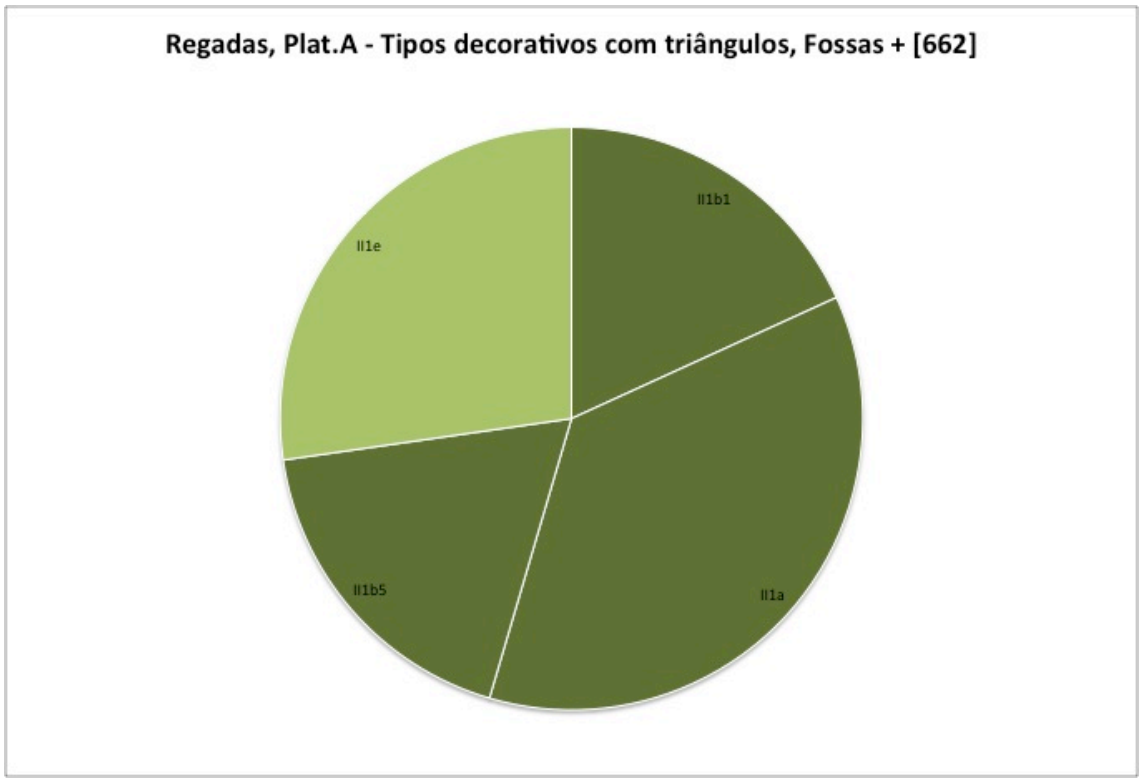

*An.X, Gráfico 1*



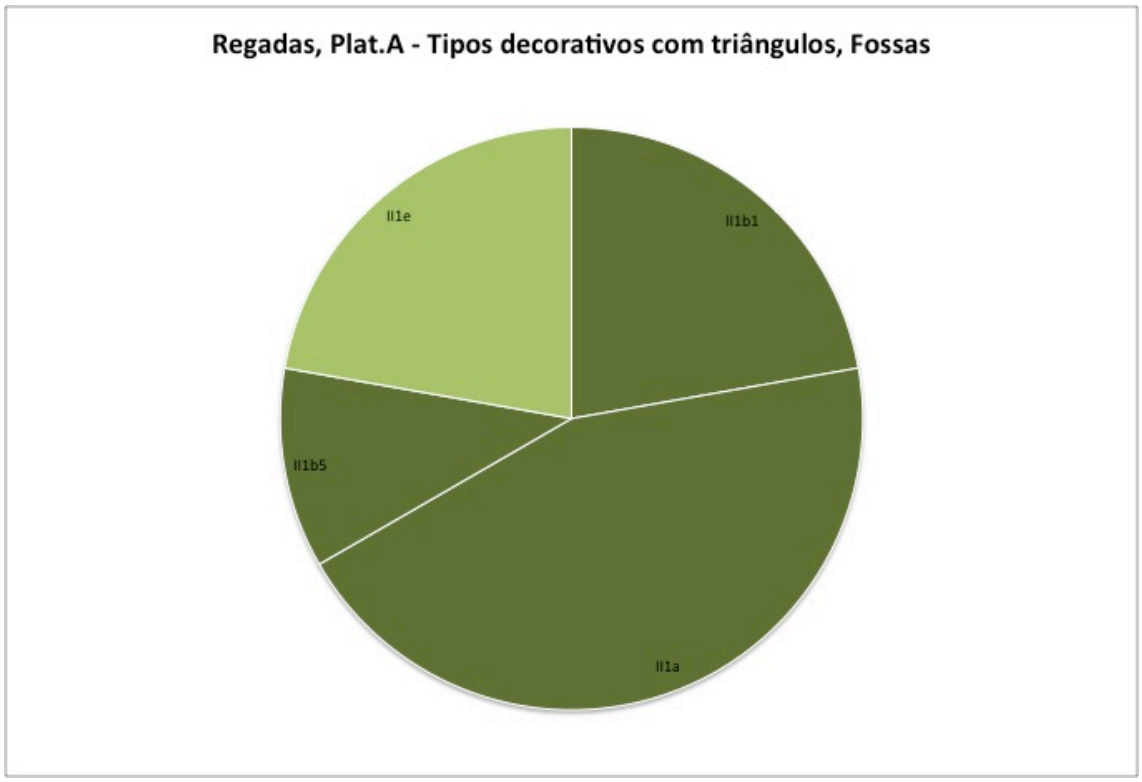

*An.X, Gráfico 2*.



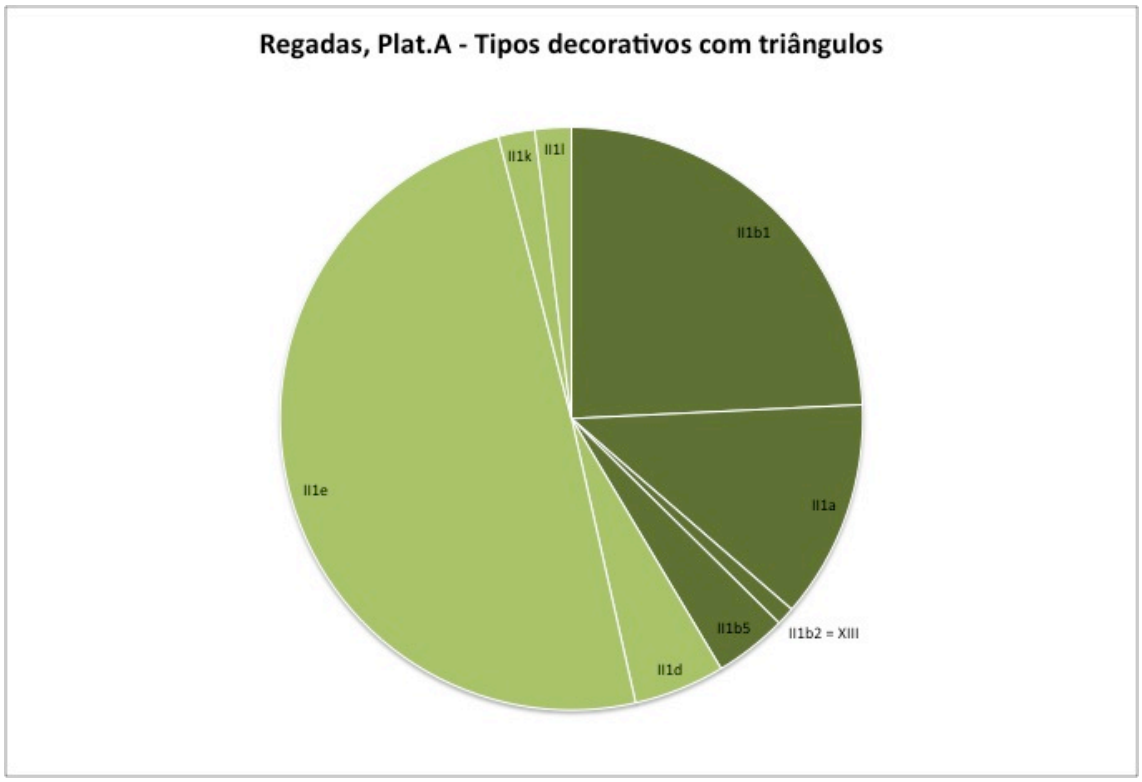

*An.X, Gráfico 3*.




*An.X, Gráfico 4*.

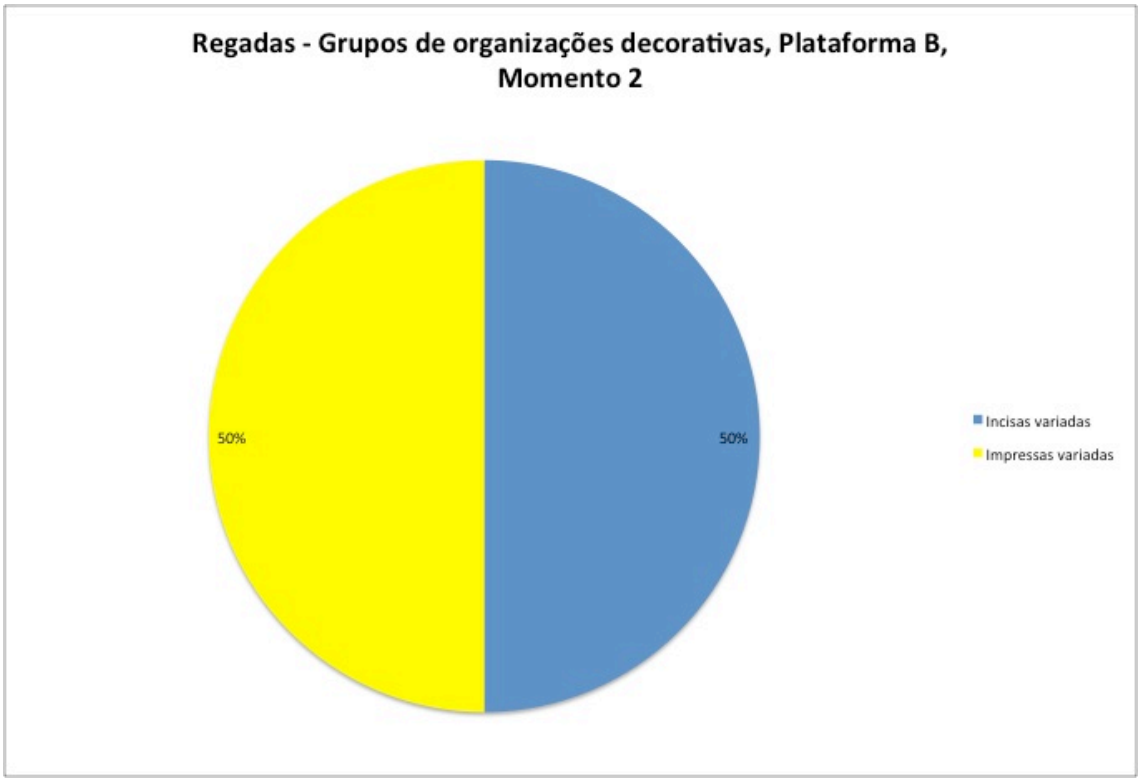



*An.X, Gráfico 5*.

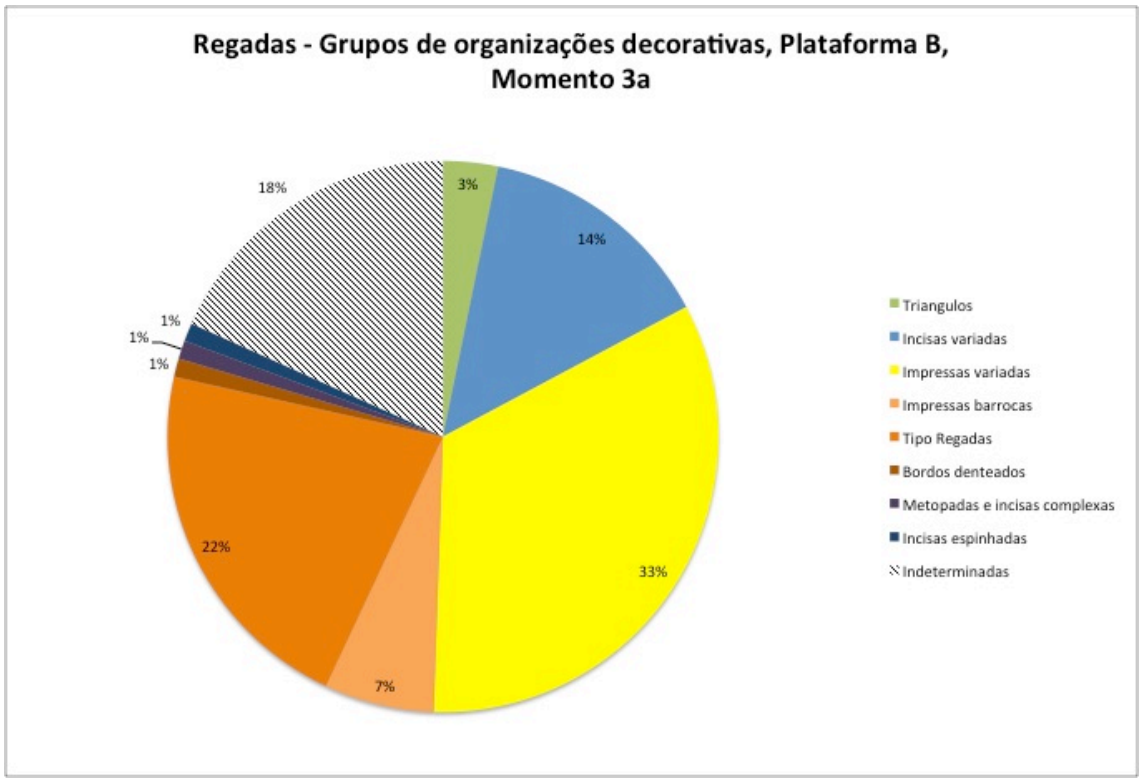



*An.X, Gráfico 6*.

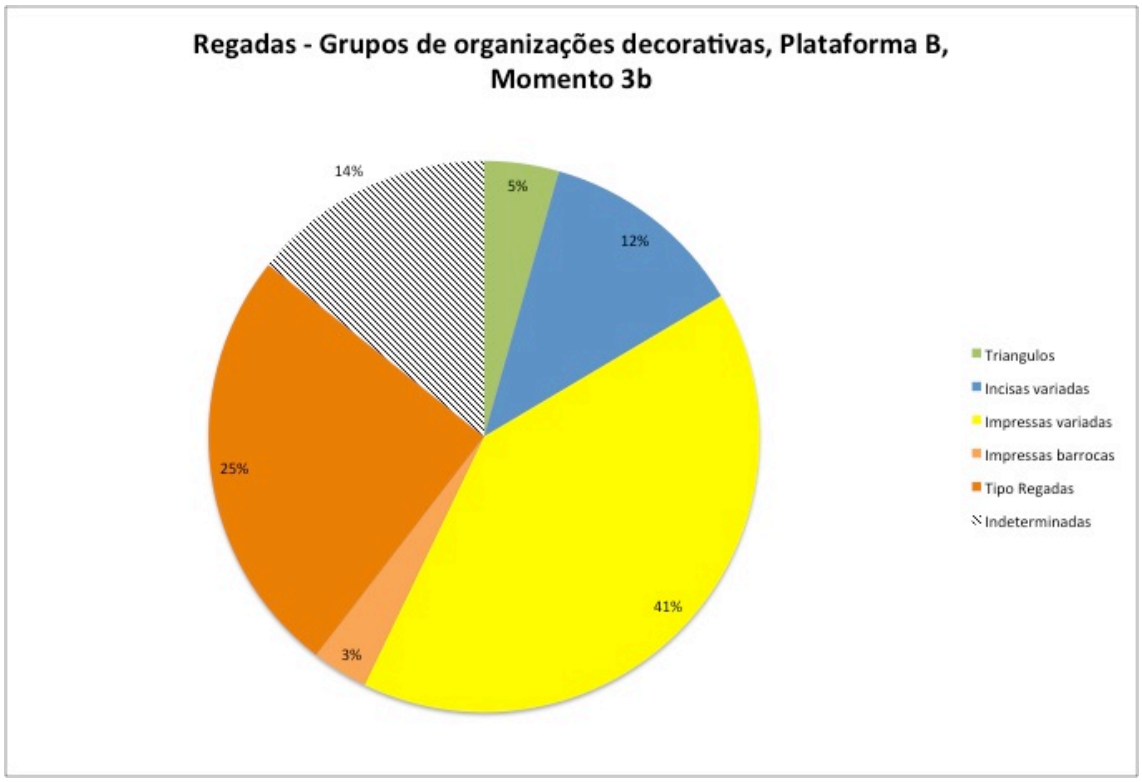
## Anexo XI: Regadas, Plataforma B, gráficos por Momento e grupo decorativo



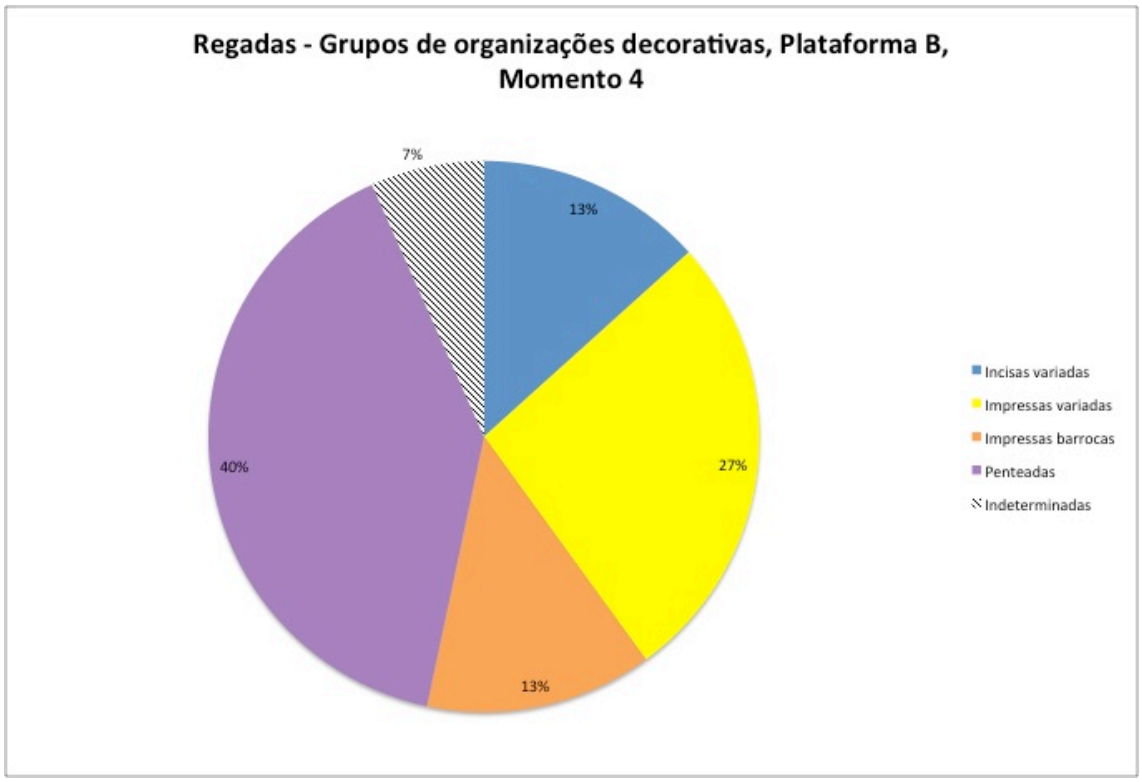

*An.XI, Gráfico 1*



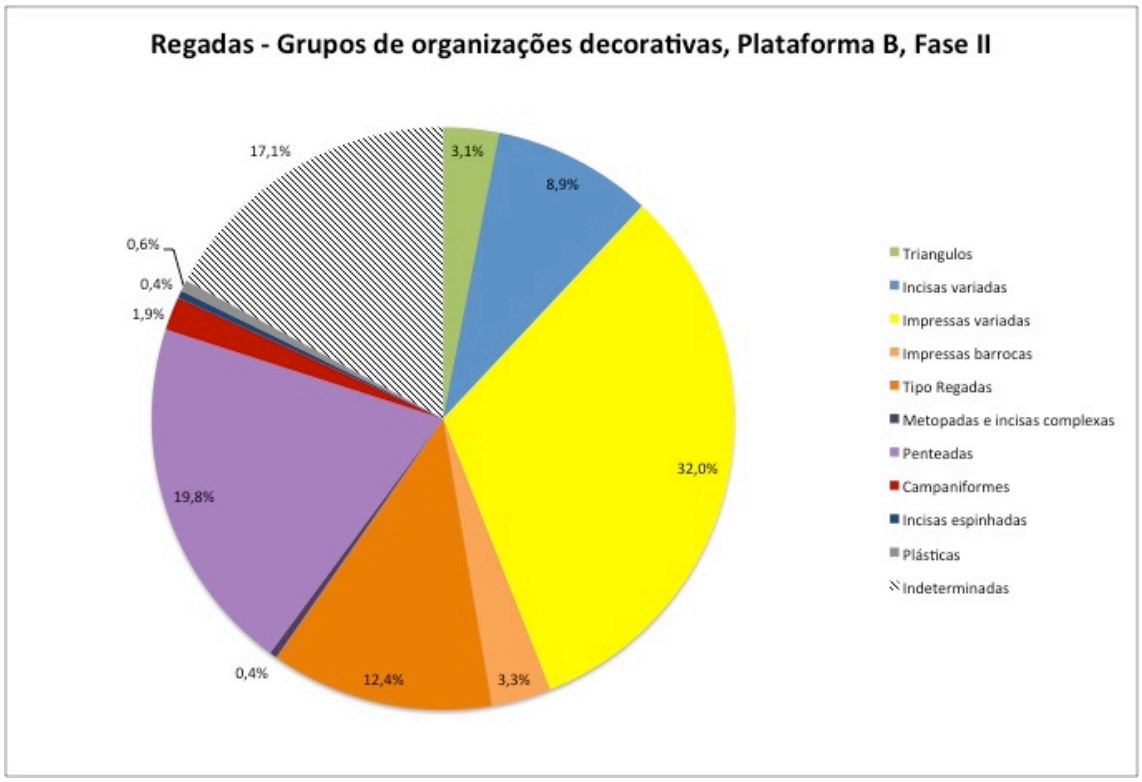

*An.XI, Gráfico 2*.



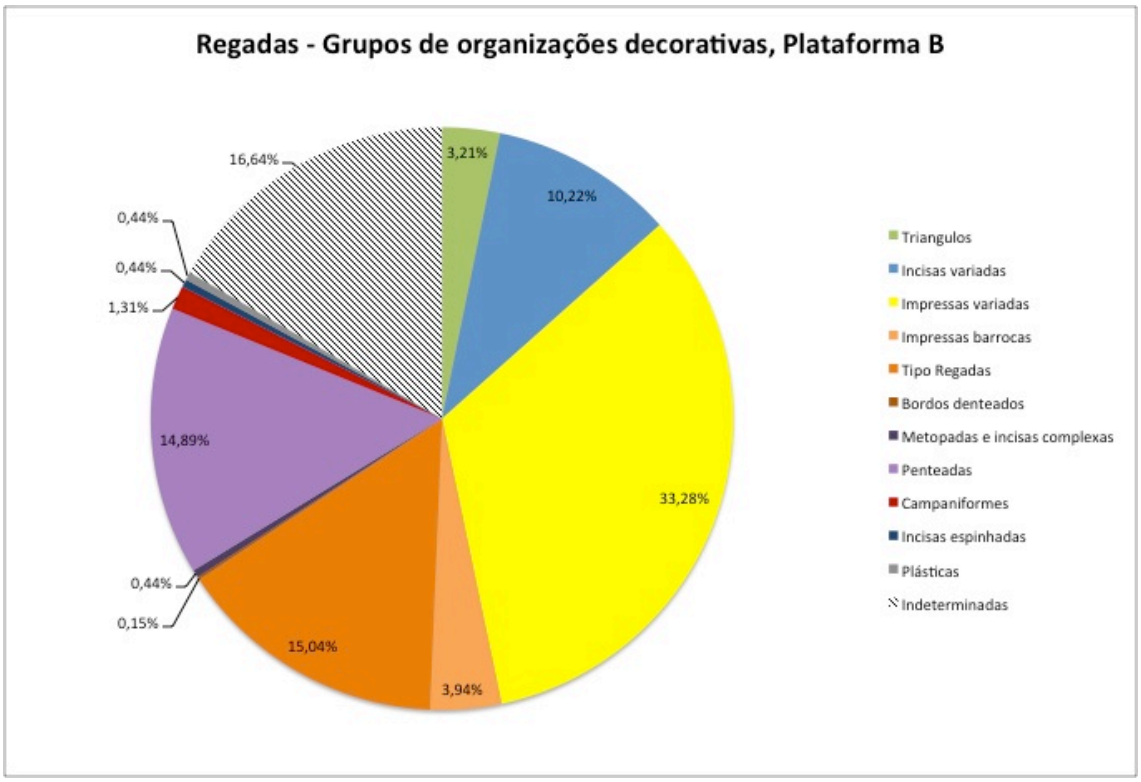

*An.XI, Gráfico 3*.




*An.XI, Gráfico 4*.

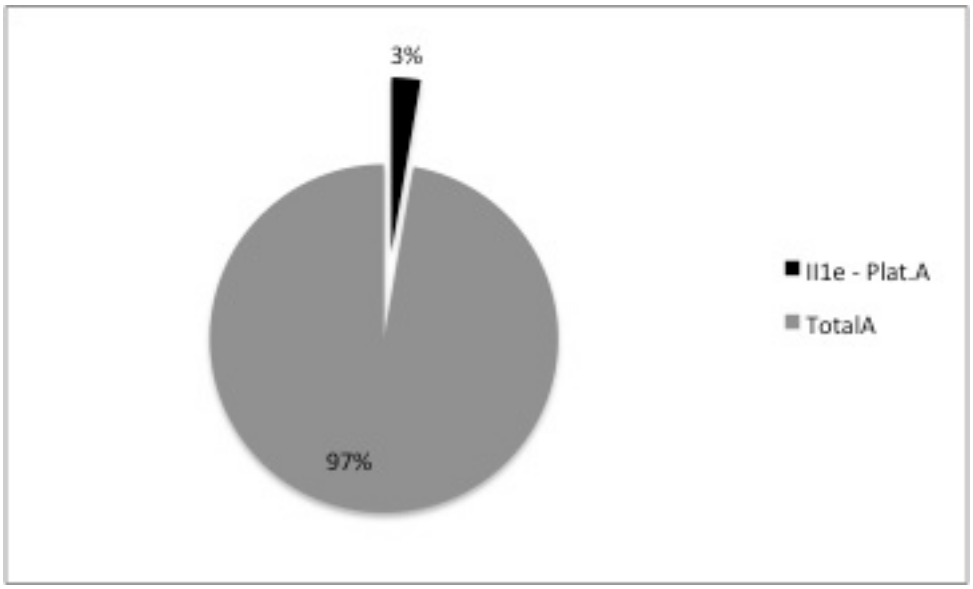



*An.XI, Gráfico 5*.

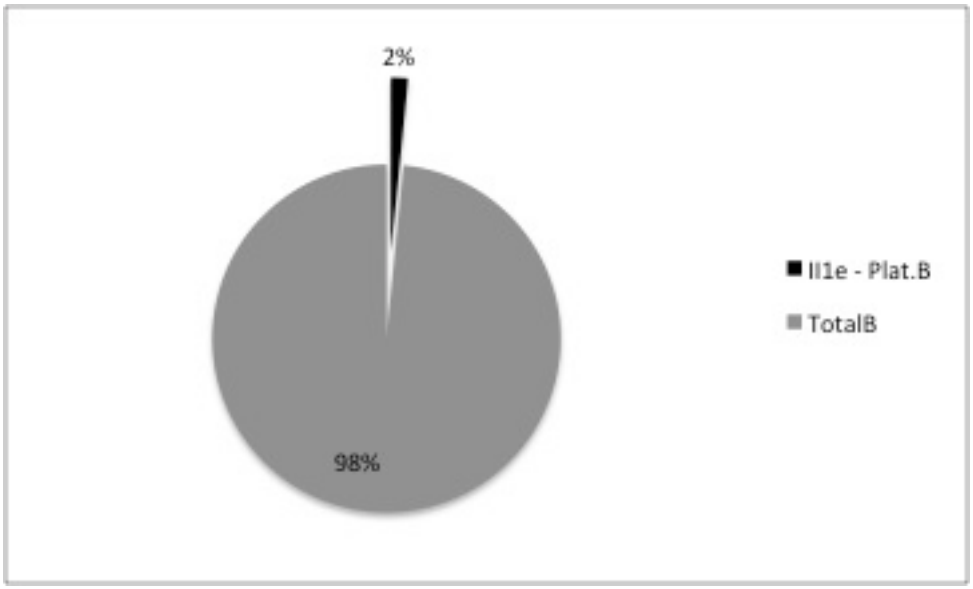



*An.XI, Gráfico 6*.

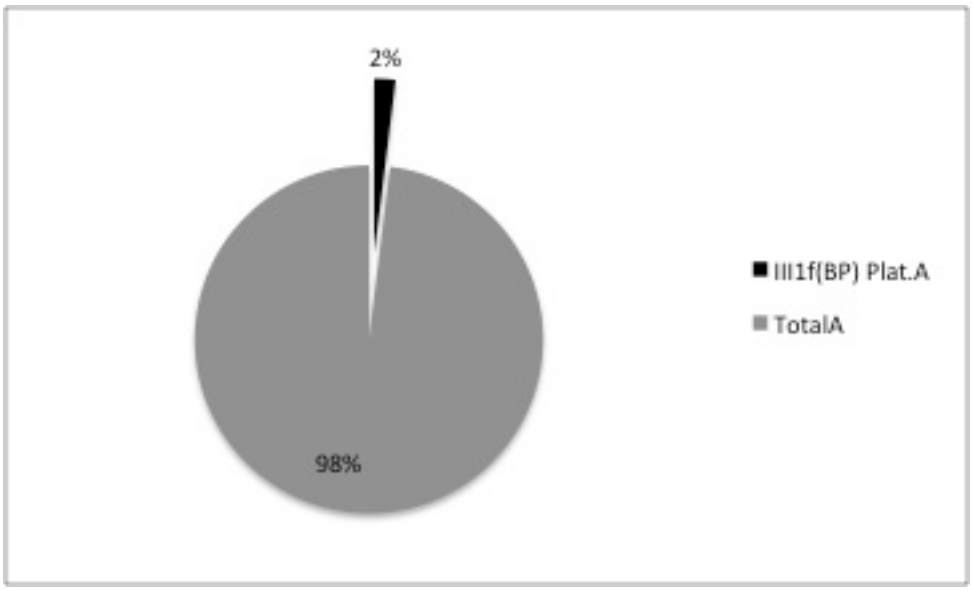
## Anexo XII: Regadas, Plataformas A e B, outros gráficos



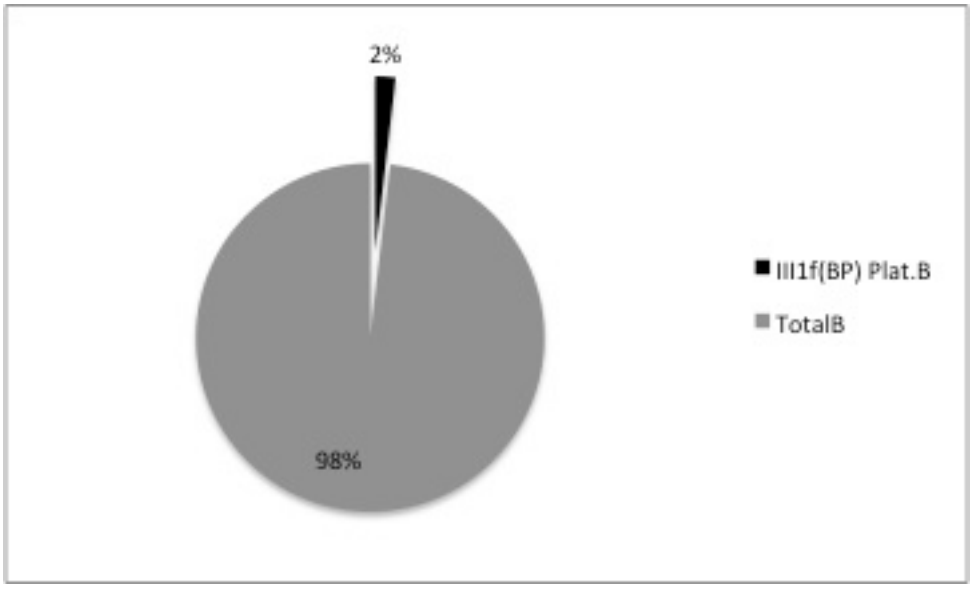

*An.XII, Gráfico 1: Expressão da organização decorativa II1e na Plataforma A.*



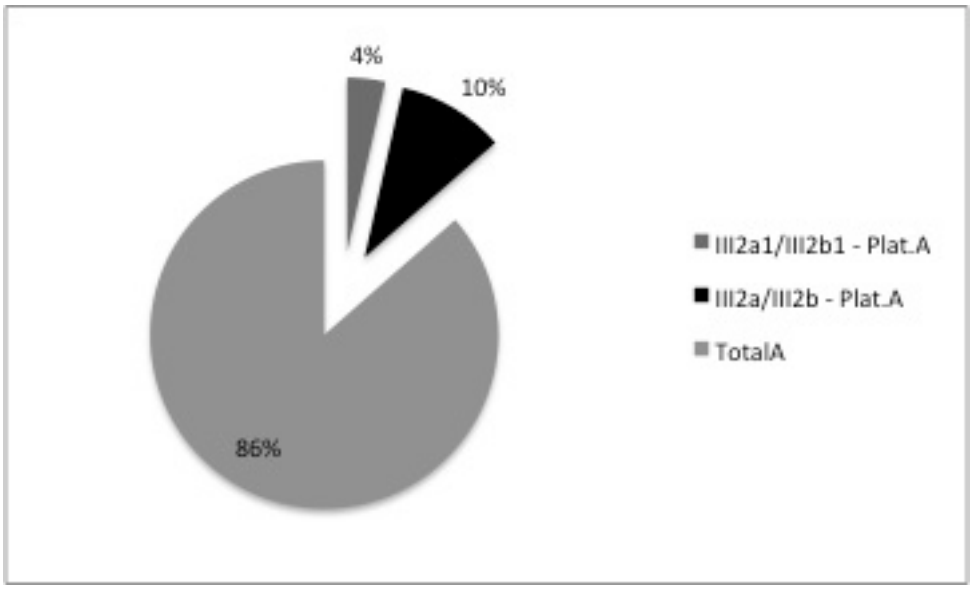

*An.XII, Gráfico 2: : Expressão da organização decorativa II1e na Plataforma B.*



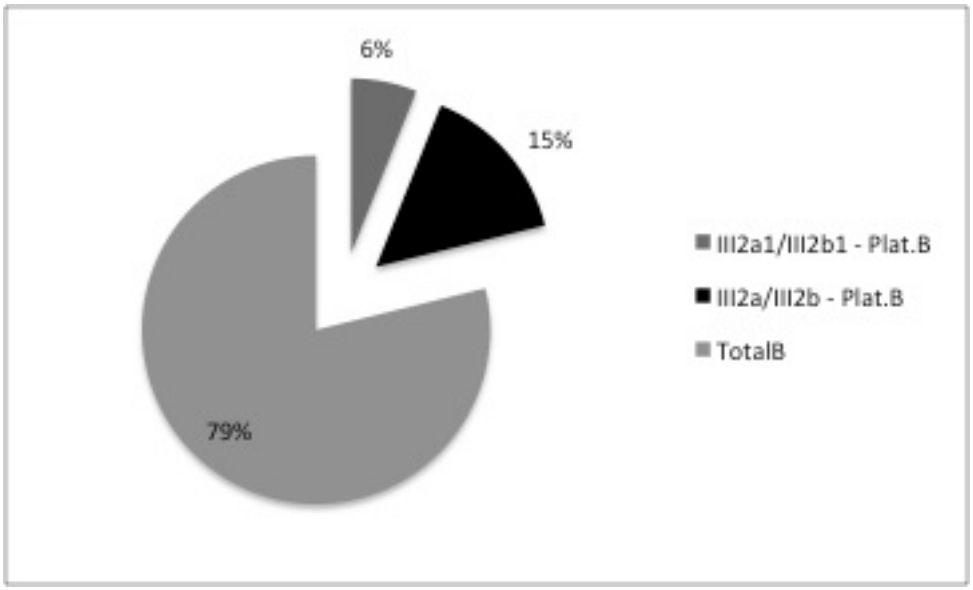

*An.XII, Gráfico 3: Expressão da organização decorativa III1f(BP) na Plataforma A.*



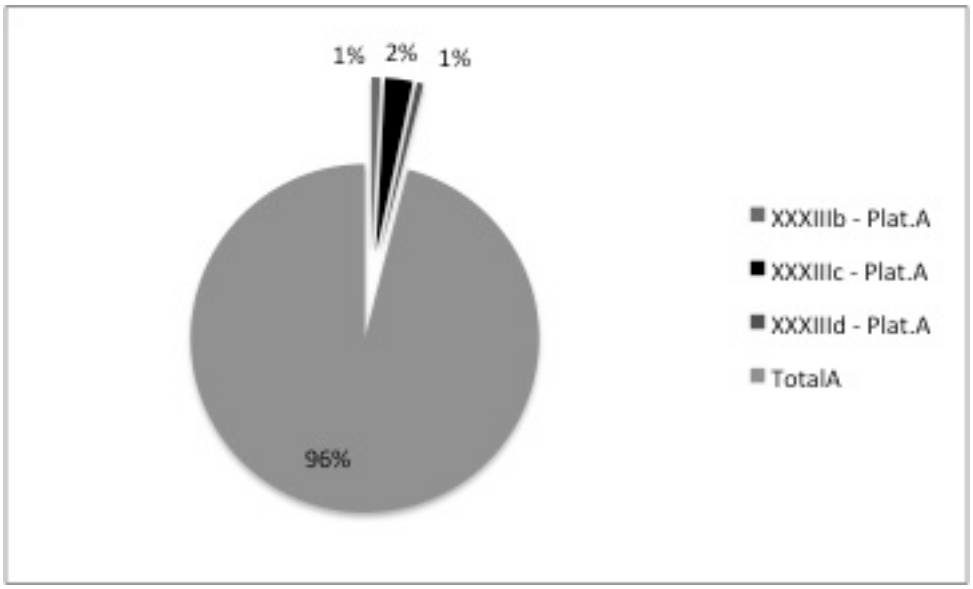

*An.XII, Gráfico 4: Expressão da organização decorativa III1f(BP) na Plataforma B.*



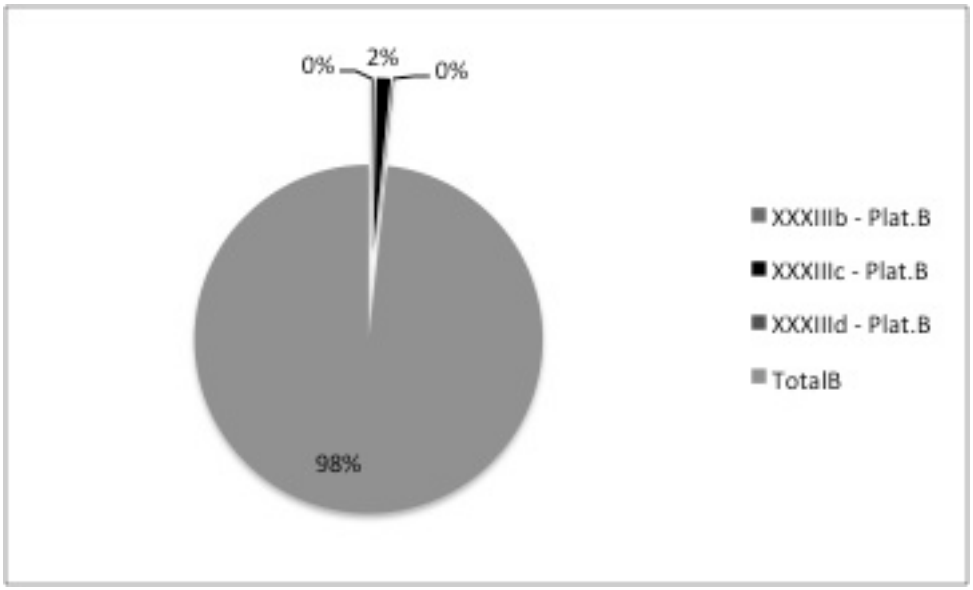

*An.XII, Gráfico 5: Expressão das organizações decorativas III2a1/III2b1 e III2a/III2b, na Plataforma A.*



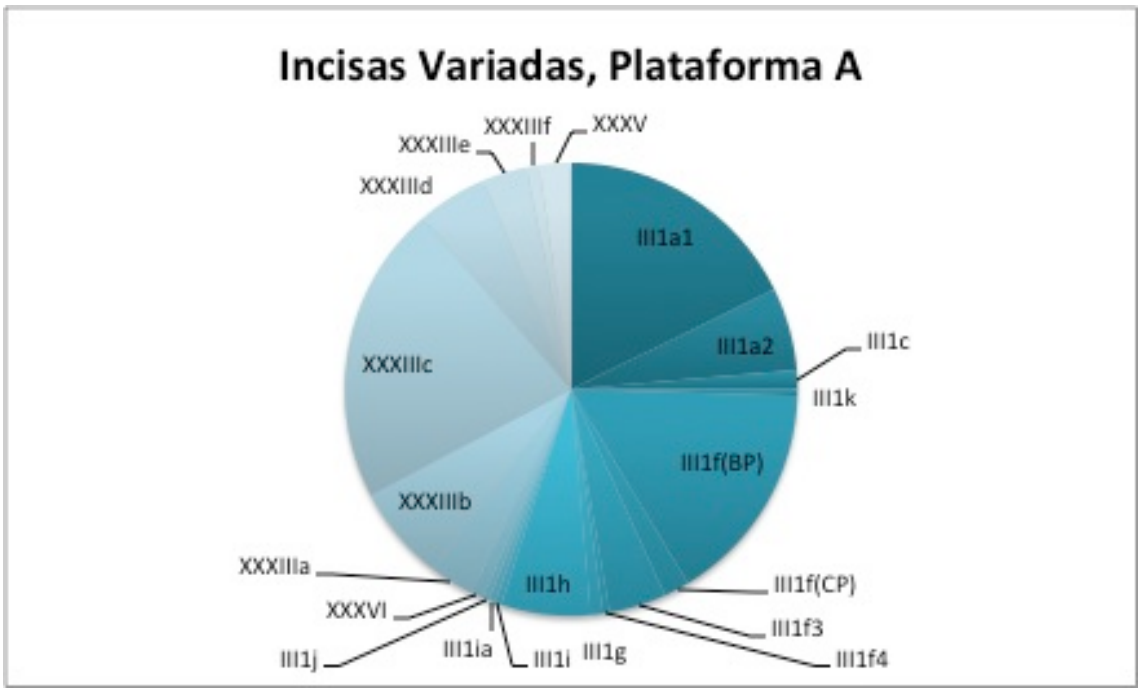

*An.XII, Gráfico 6 Expressão das organizações decorativas III2a1/III2b1 e III2a/III2b, na Plataforma B.*



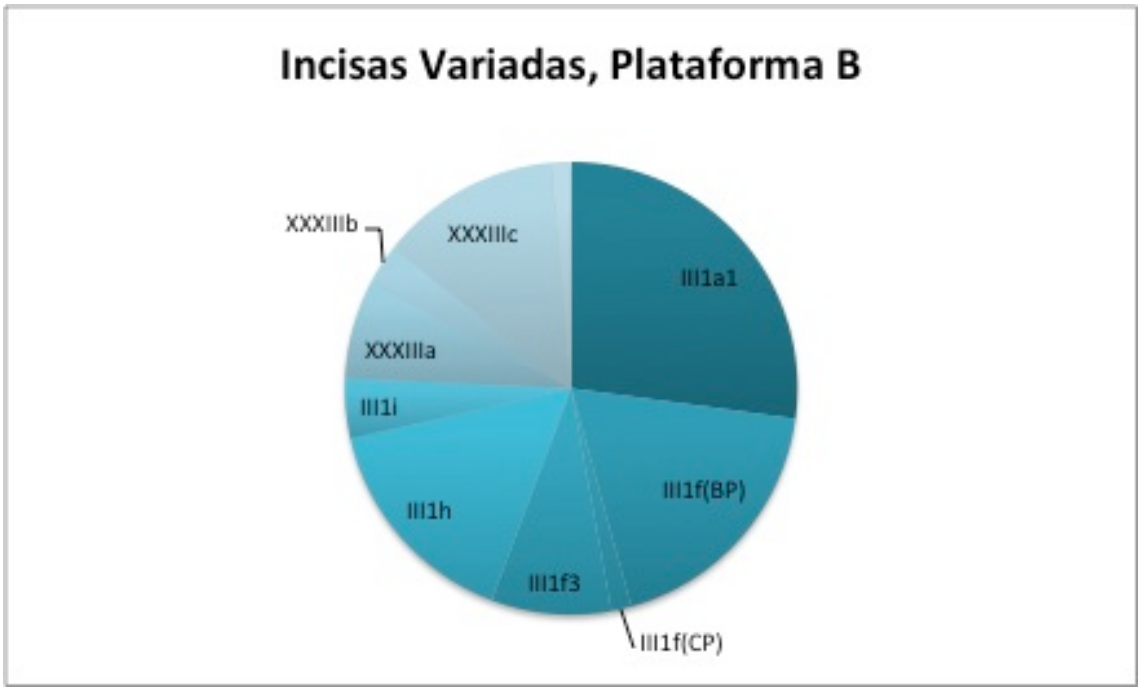

*An.XII, Gráfico 7: Expressão das organizações decorativas XXXIIIb, XXXIIIc e XXXIIId na Plataforma A.*



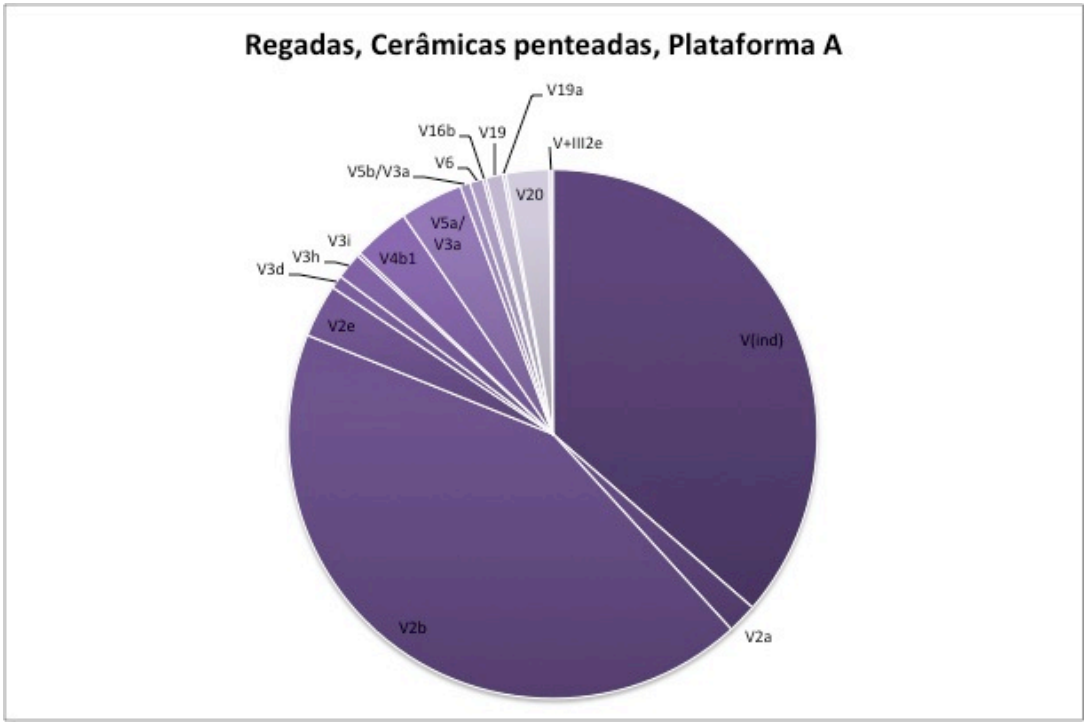

*An.XII, Gráfico 8: Expressão das organizações decorativas XXXIIIb, XXXIIIc e XXXIIId na Plataforma B.*



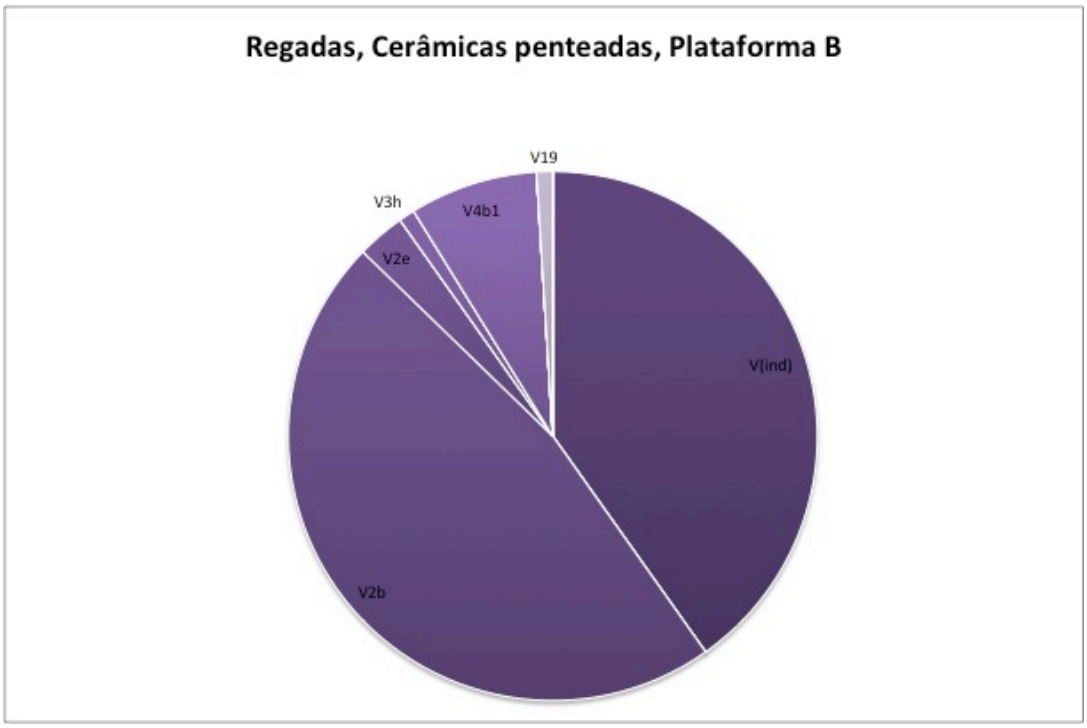

*An.XII, Gráfico 9: Expressão relativa de cada uma das organizações decorativas integradas no grupo "Incisas Variadas", na Plataforma A.*



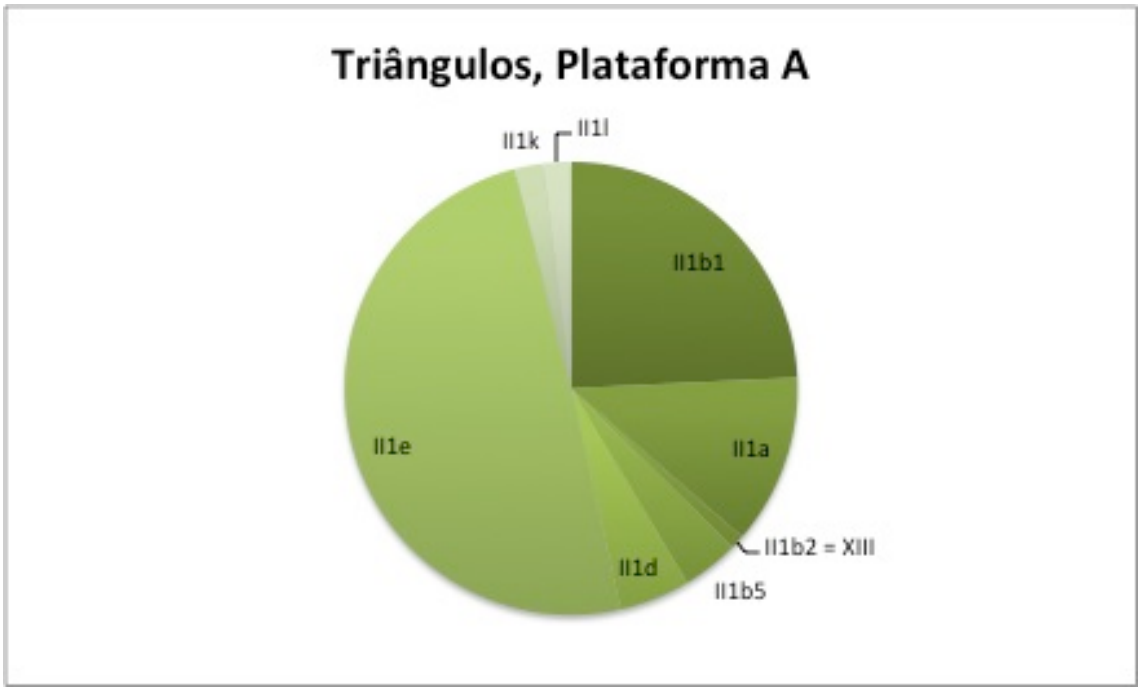

*An.XII, Gráfico 10: Expressão relativa de cada uma das organizações decorativas integradas no grupo "Incisas Variadas", na Plataforma B.*



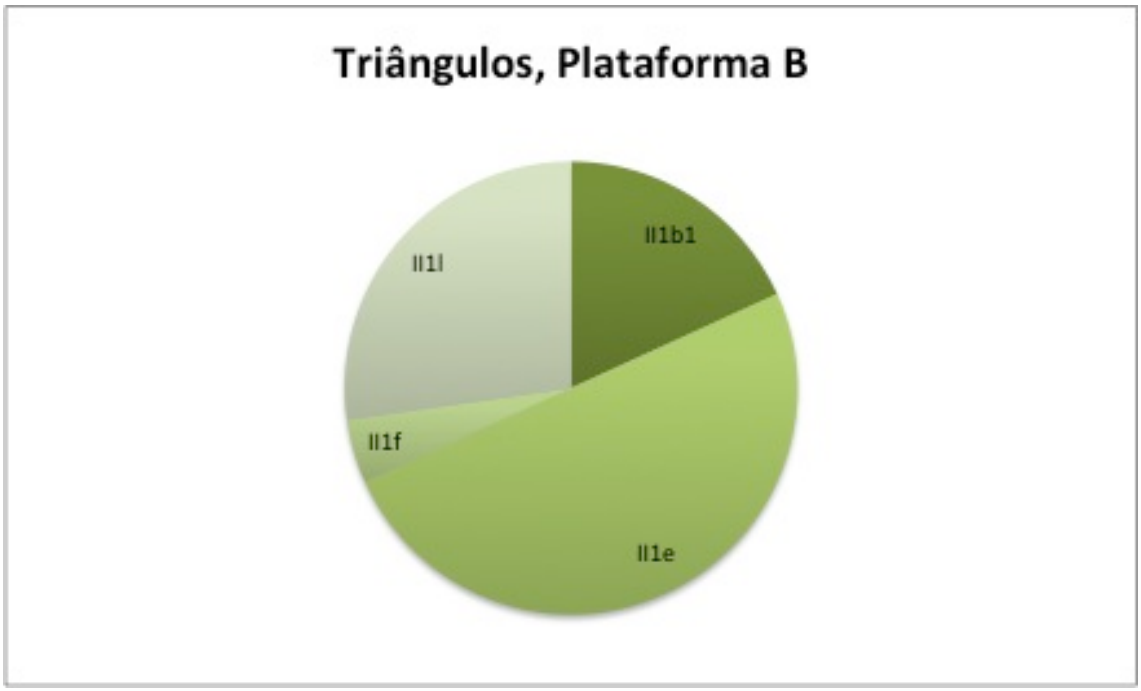

*An.XII, Gráfico 11: Expressão relativa de cada uma das organizações decorativas integradas no grupo "Penteadas", na Plataforma A.*




*An.XII, Gráfico 12: Expressão relativa de cada uma das organizações decorativas integradas no grupo "Penteadas", na Plataforma A.*

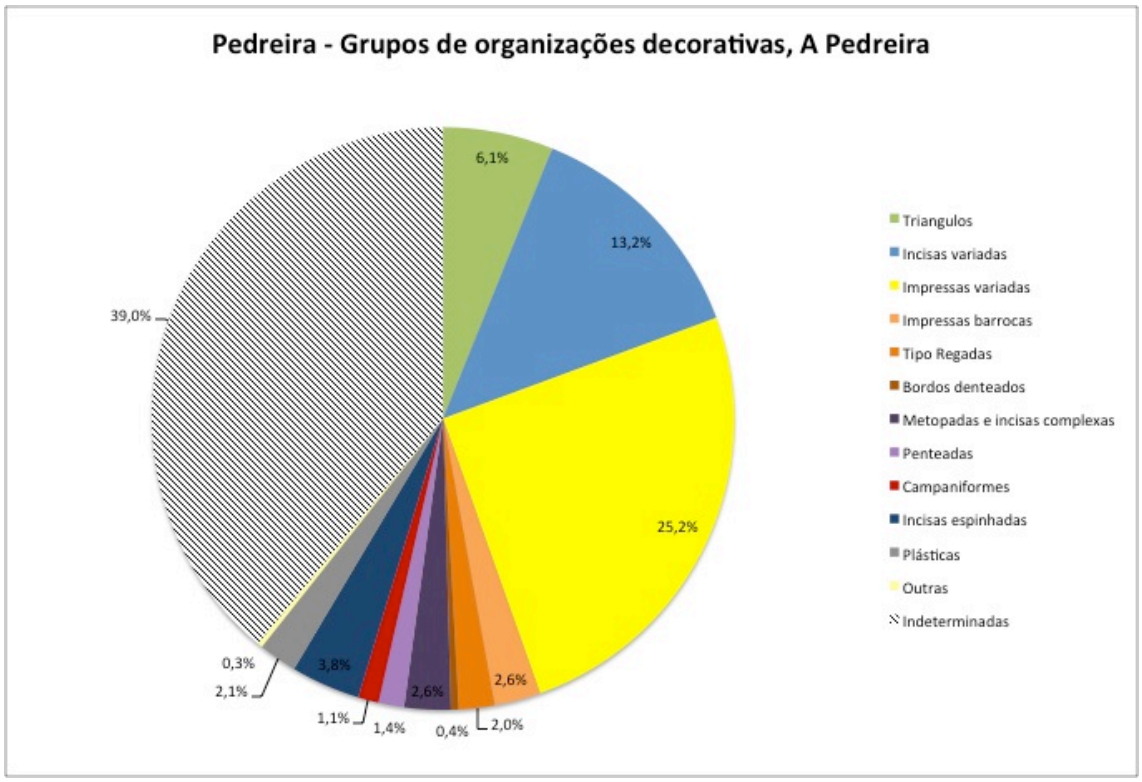



*An.XII, Gráfico 13: Expressão relativa de cada uma das organizações decorativas integradas no grupo "Triângulos", na Plataforma A.*

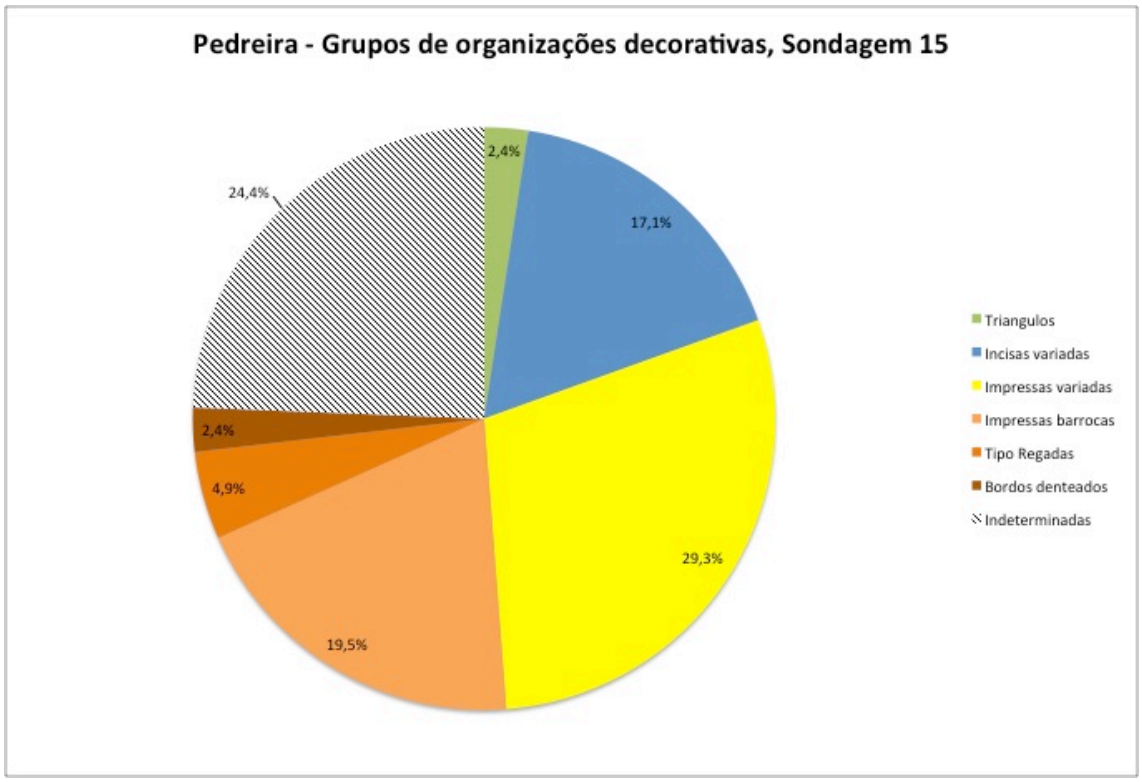



*An.XII, Gráfico 14: Expressão relativa de cada uma das organizações decorativas integradas no grupo "Triângulos", na Plataforma B.*

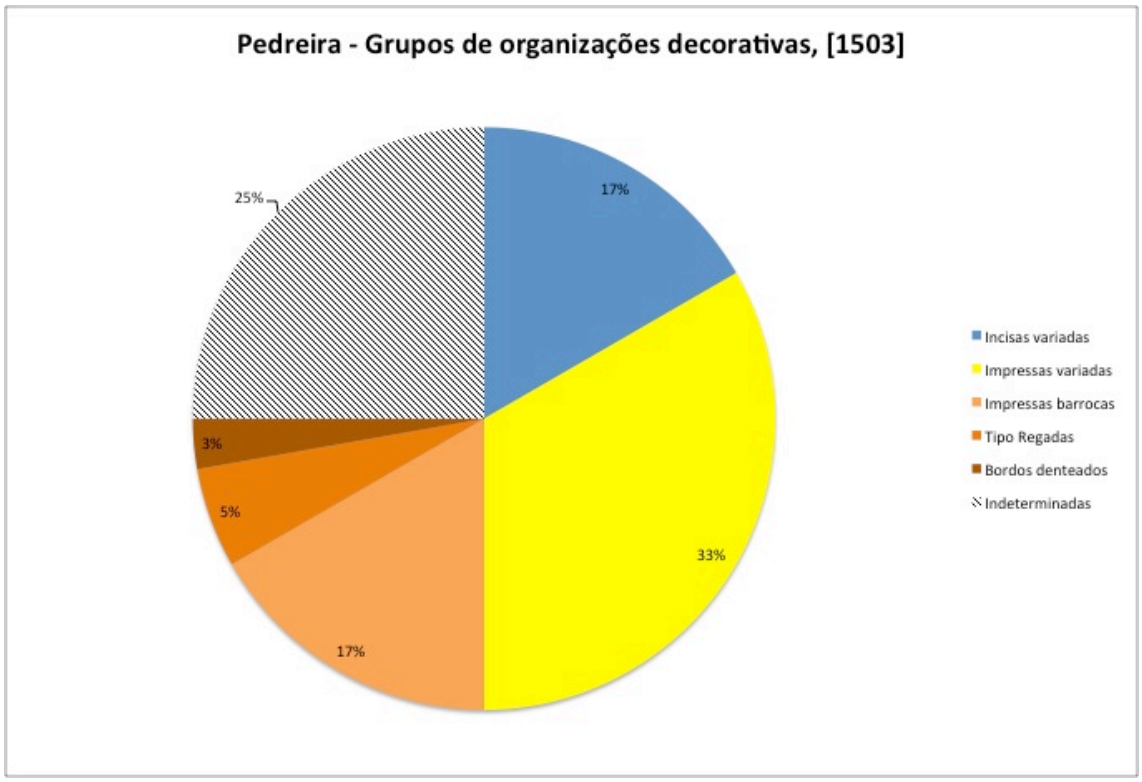
## Anexo XIII: A Pedreira, gráficos por sondagem e contextos preservados



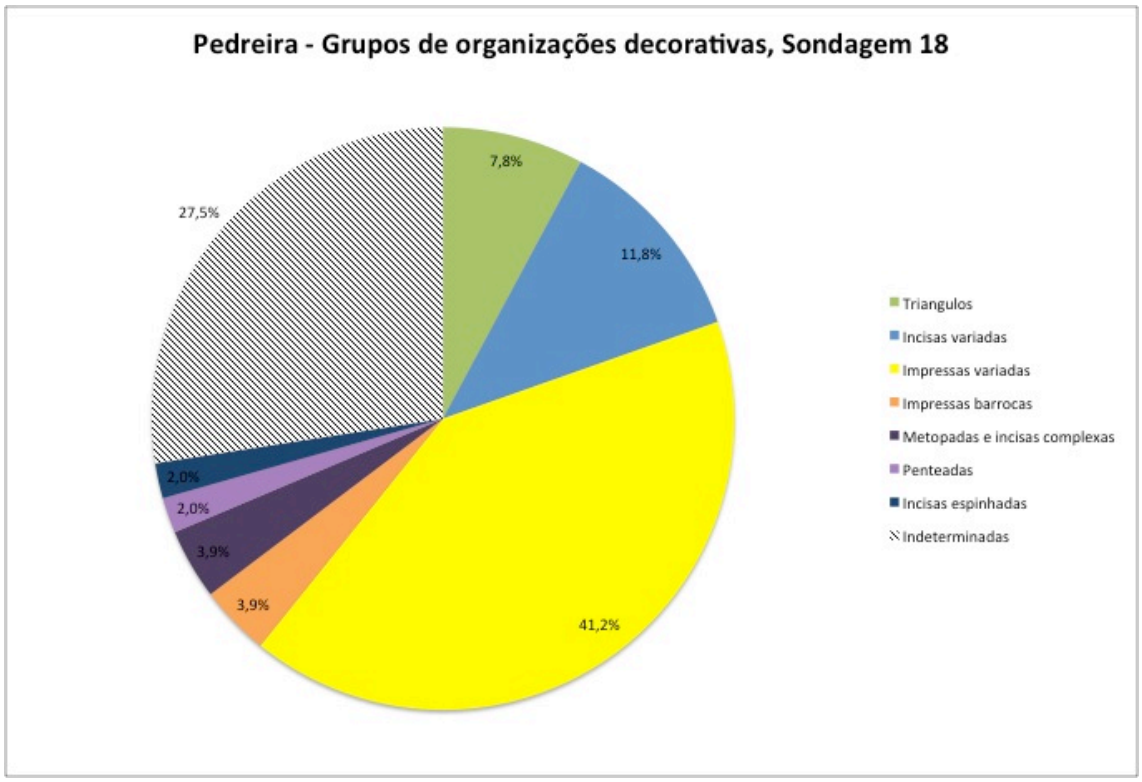

*An.XIII, Gráfico 1.*



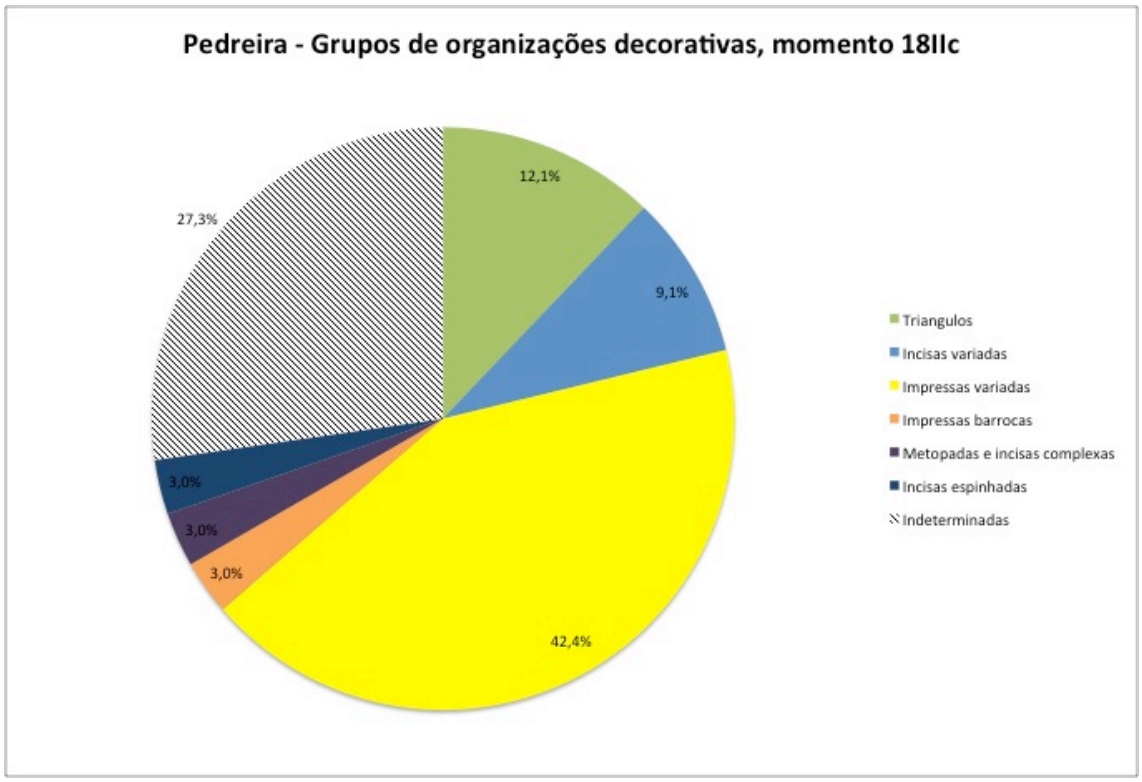

*An.XIII, Gráfico 2.*



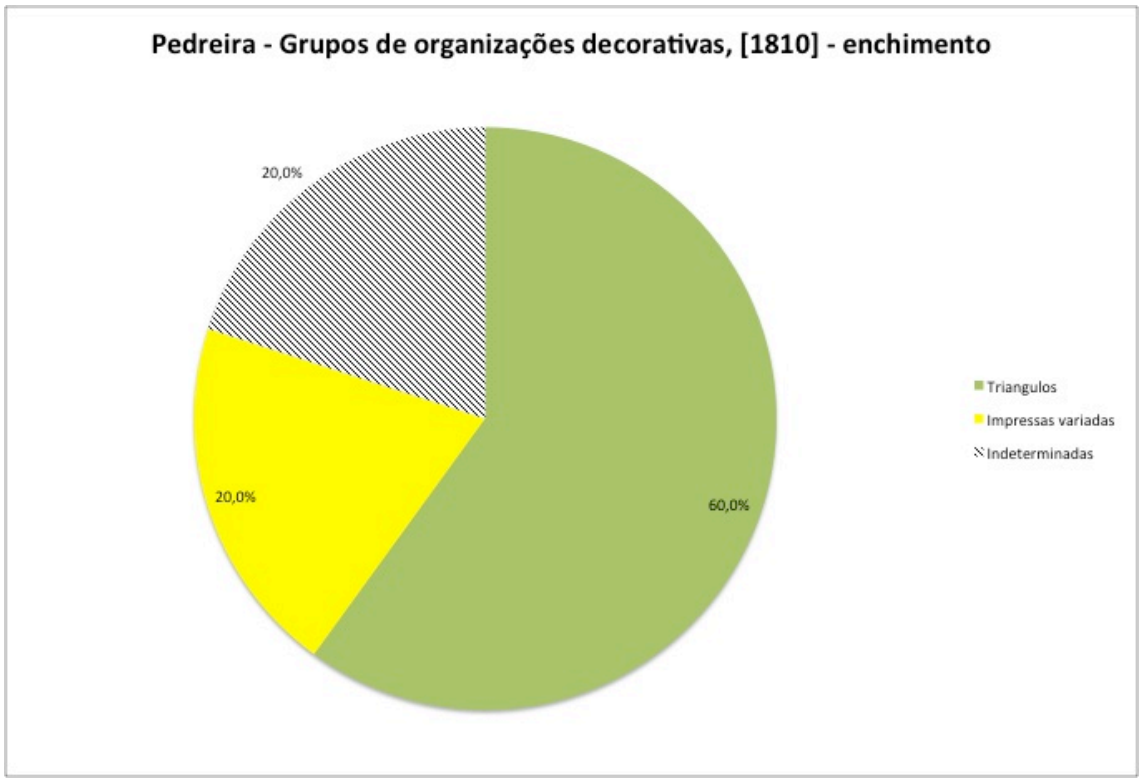

*An.XIII, Gráfico 3.*



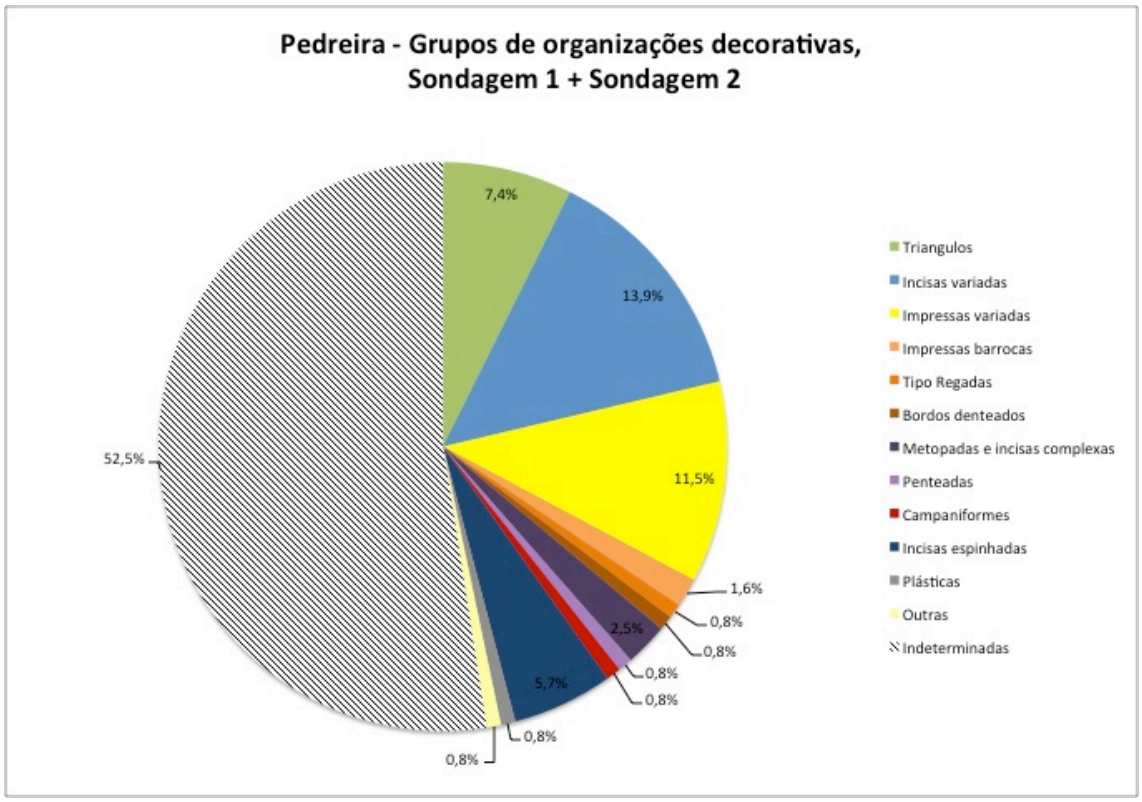

*An.XIII, Gráfico 4.*



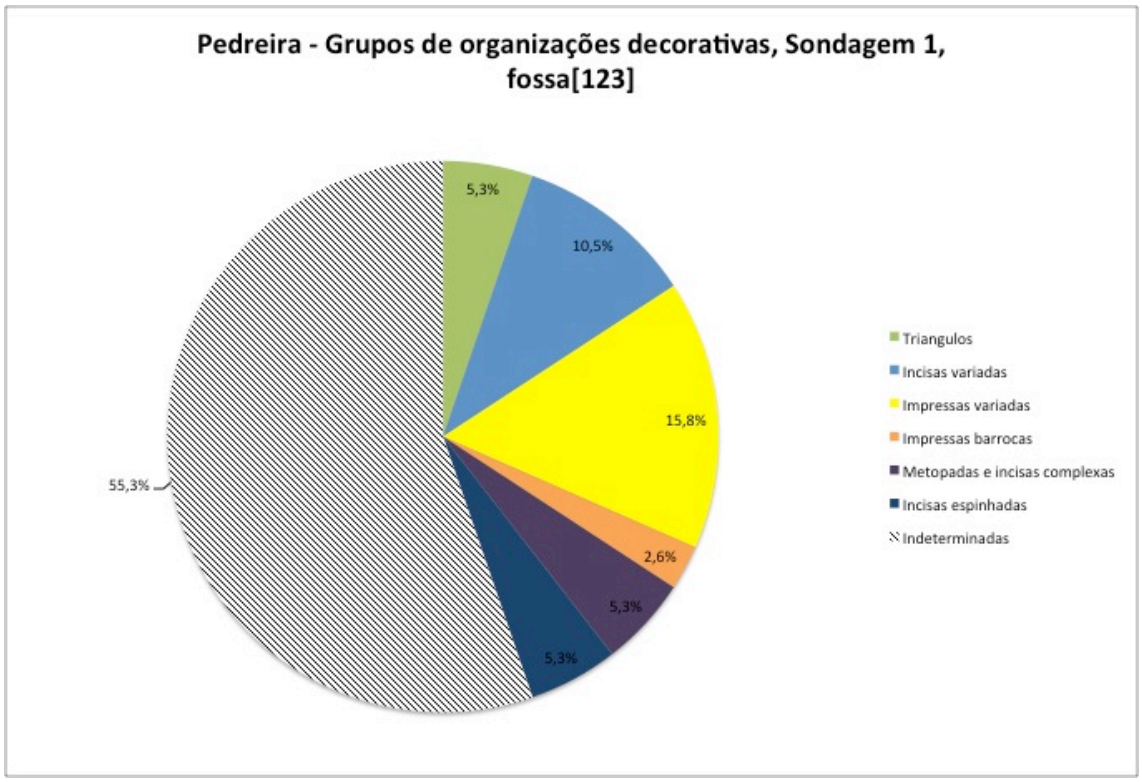

*An.XIII, Gráfico 5.*



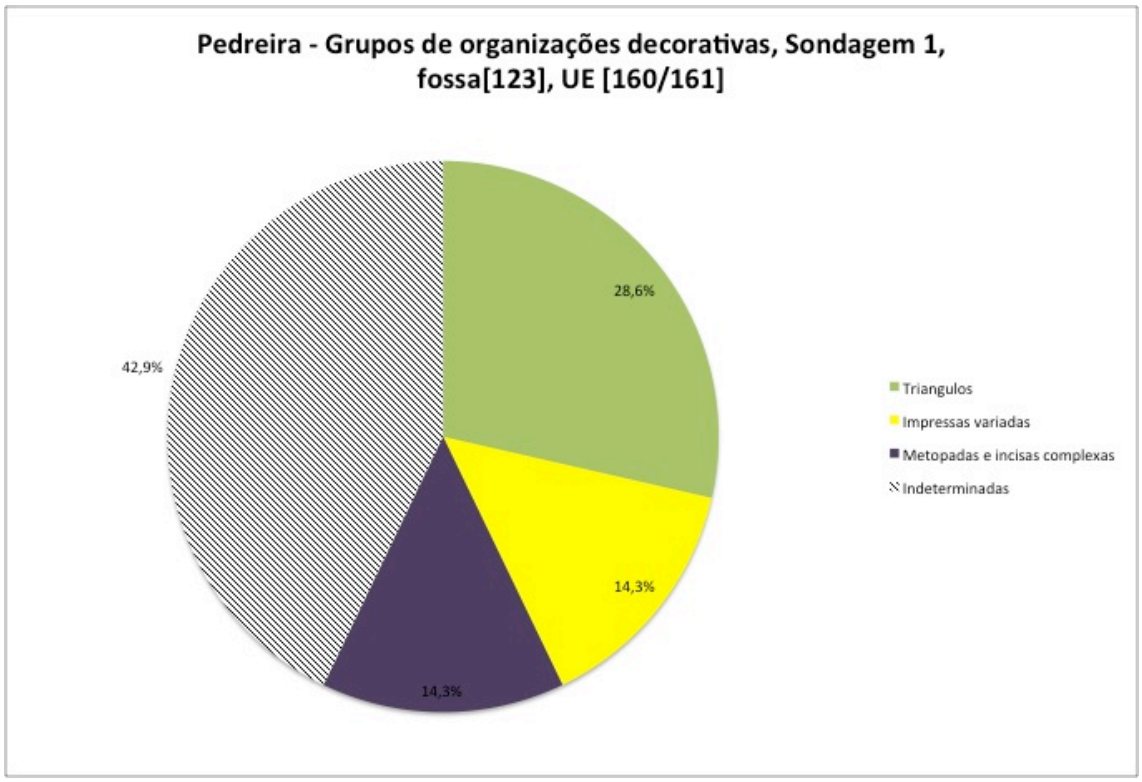

*An.XIII, Gráfico 6.*



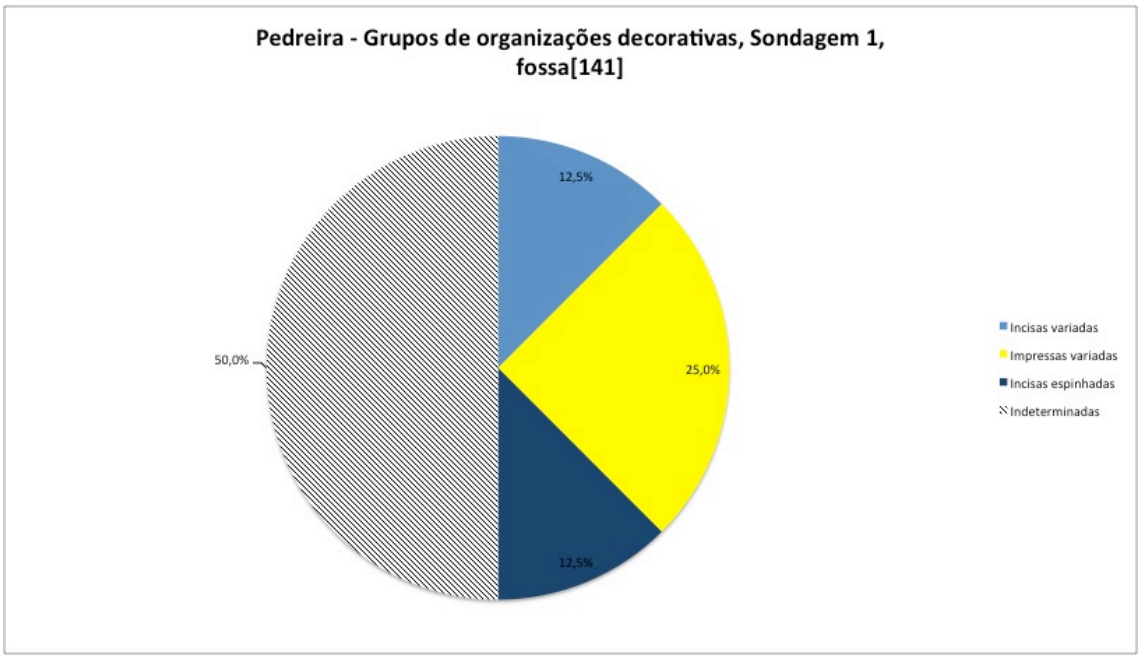

*An.XIII, Gráfico 7.*



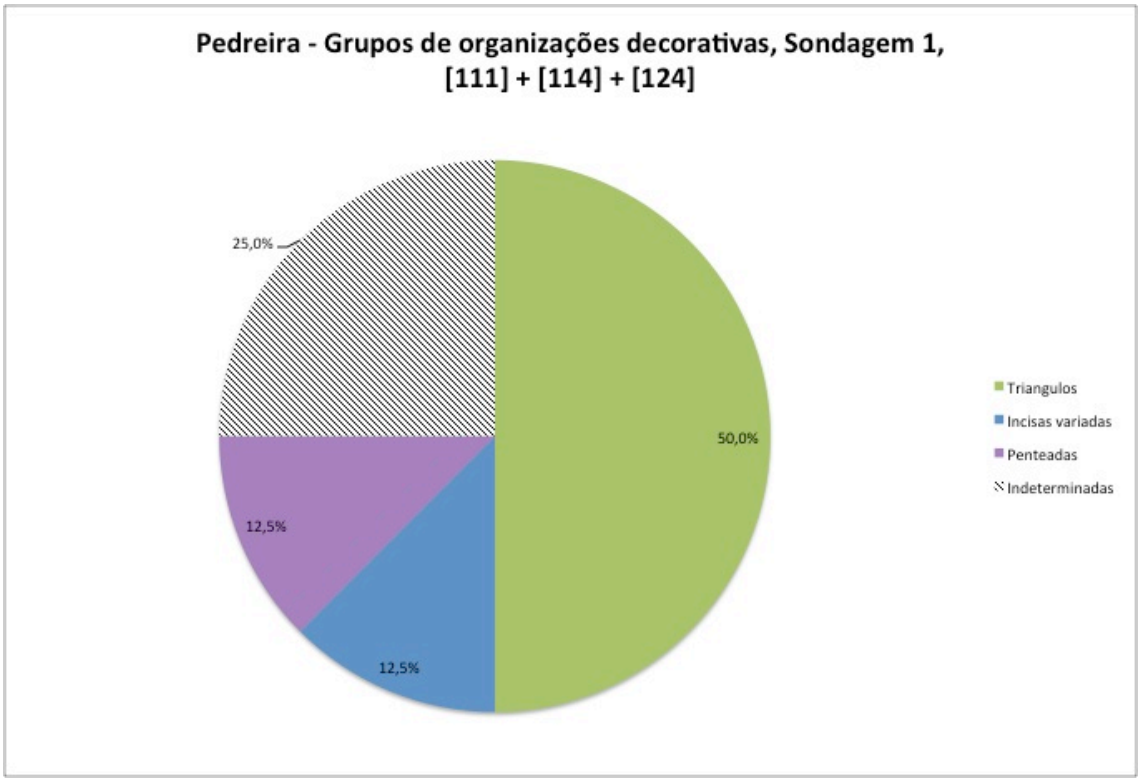

*An.XIII, Gráfico 8.*



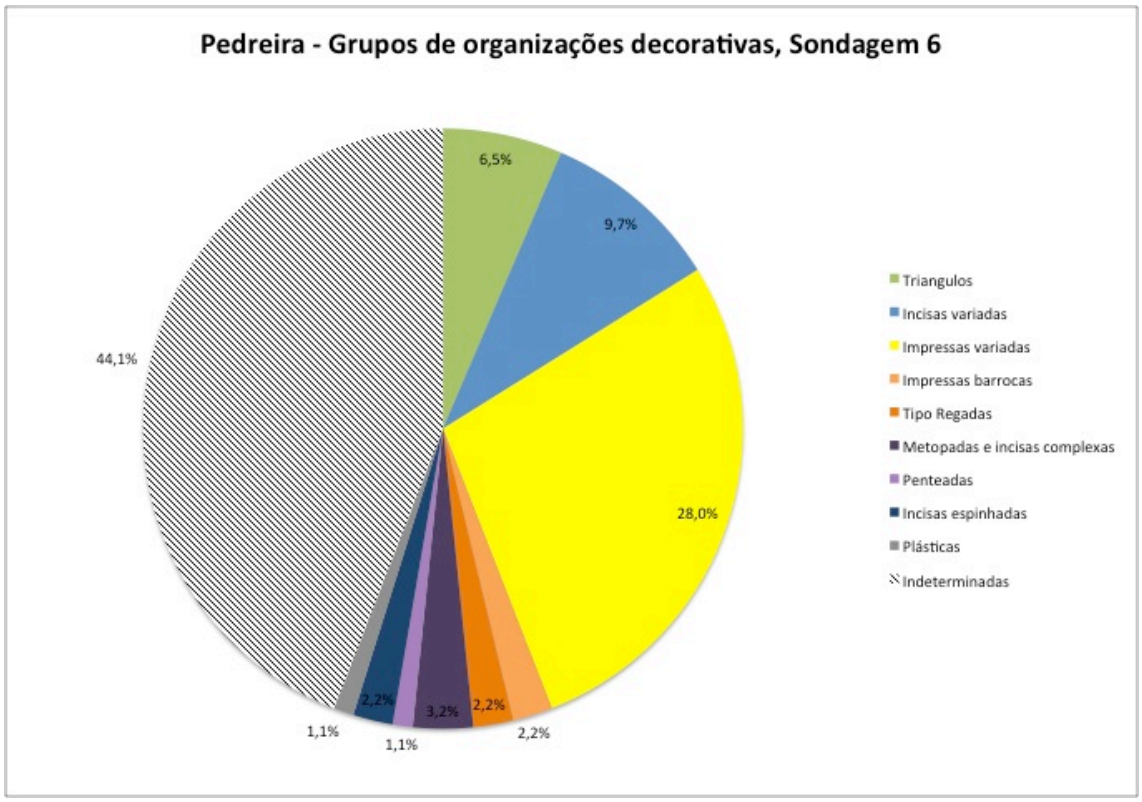

*An.XIII, Gráfico 9.*



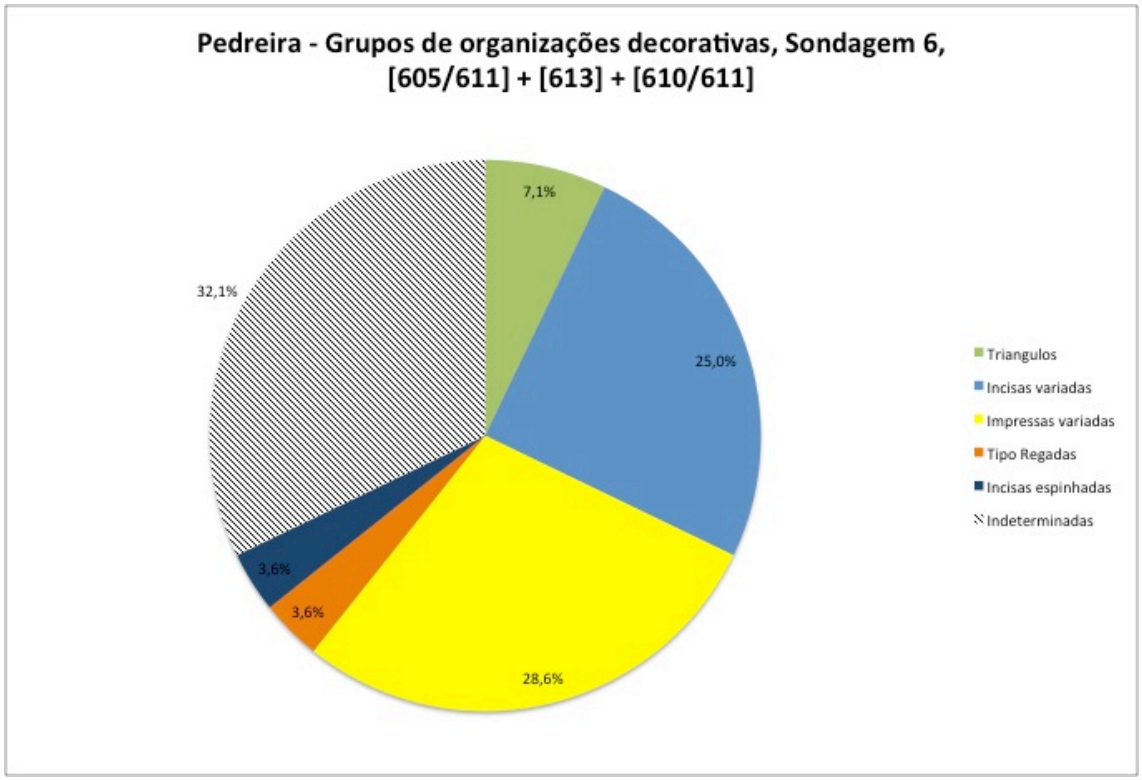

*An.XIII, Gráfico 10.*



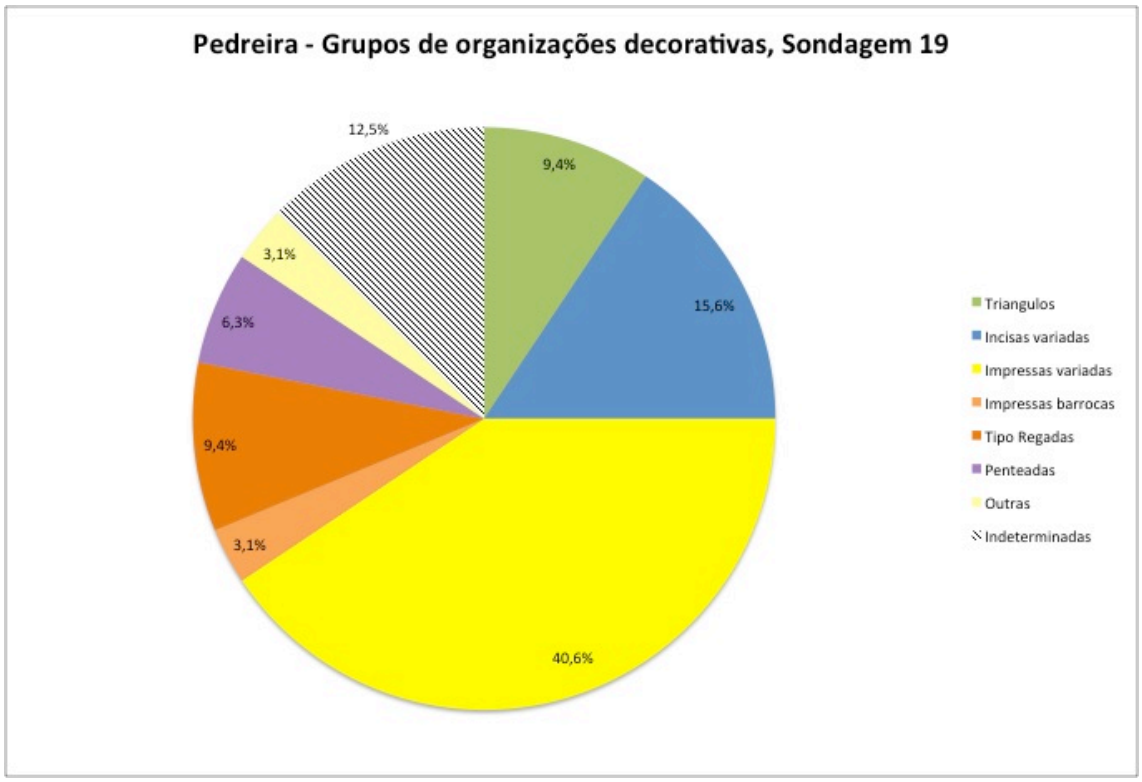

*An.XIII, Gráfico 11.*



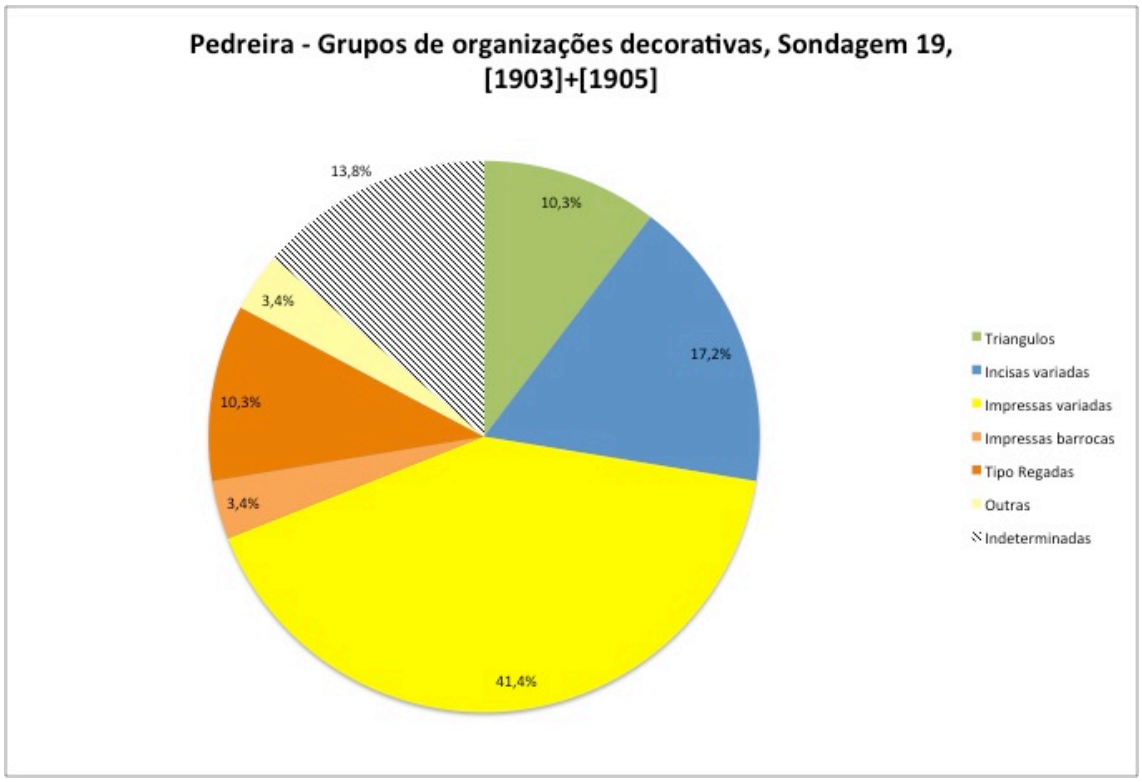

*An.XIII, Gráfico 12*.



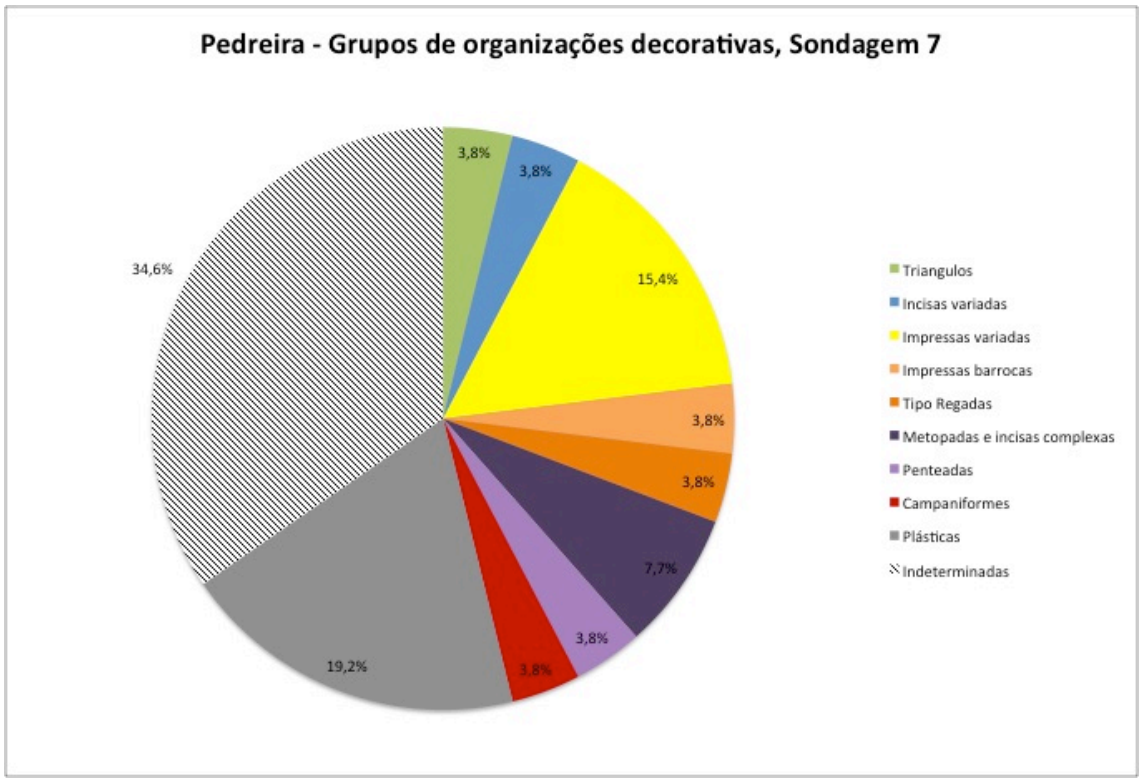

*An.XIII, Gráfico 13*.



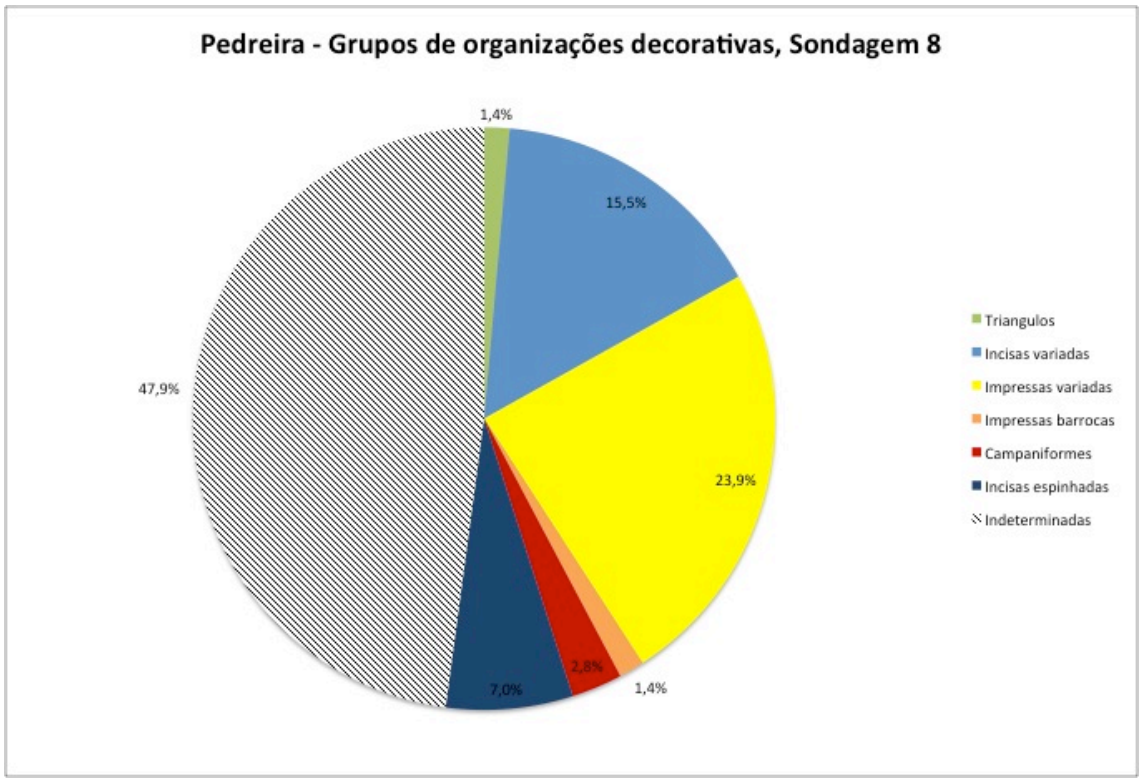

*An.XIII, Gráfico 14*.



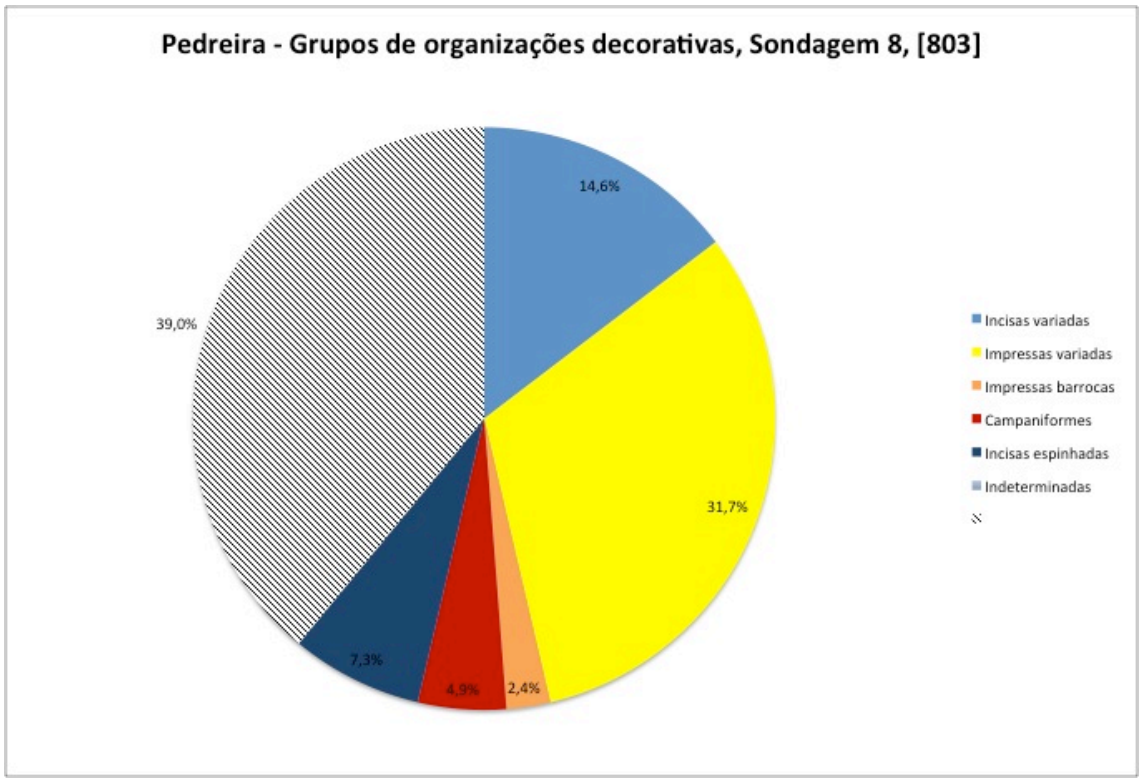

*An.XIII, Gráfico 15*.



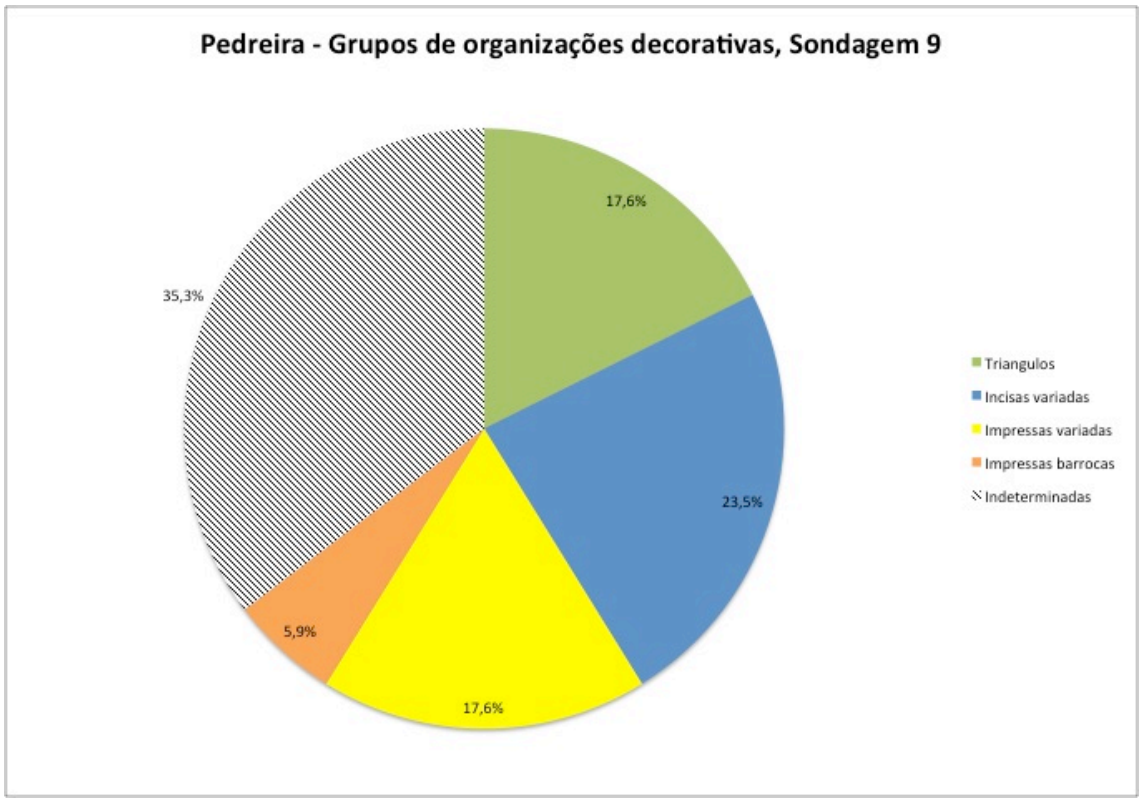

*An.XIII, Gráfico 16.*



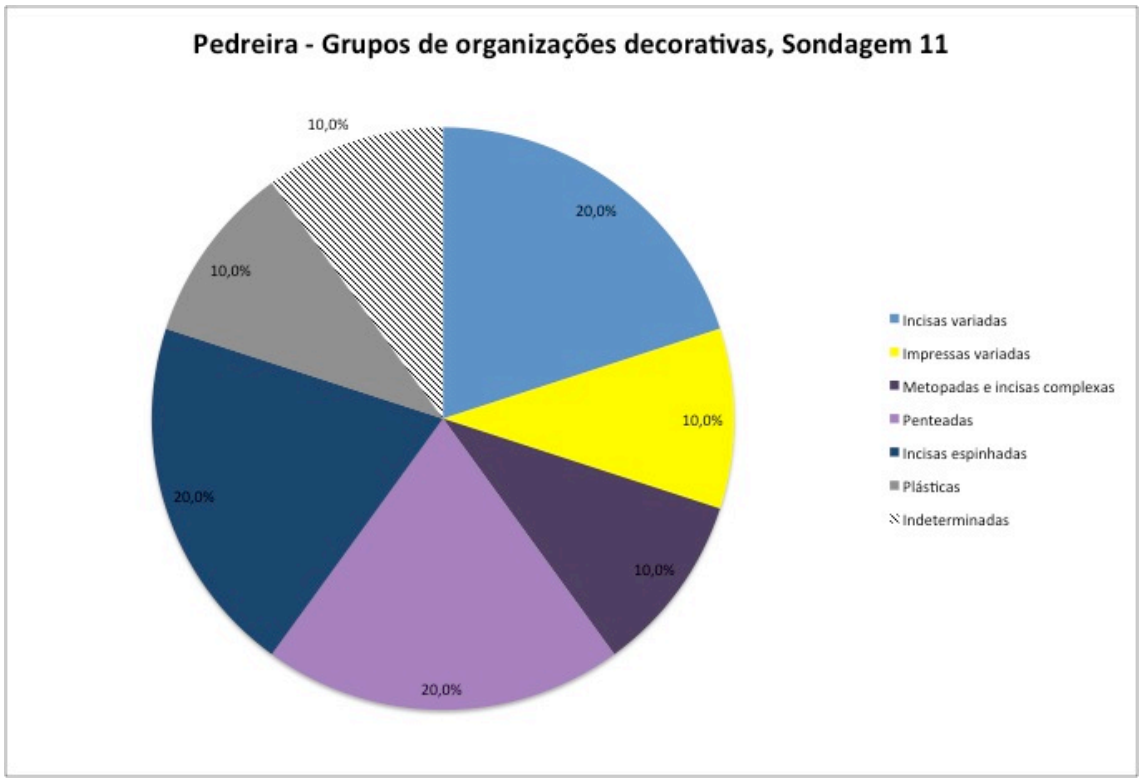

*An.XIII, Gráfico 17.*



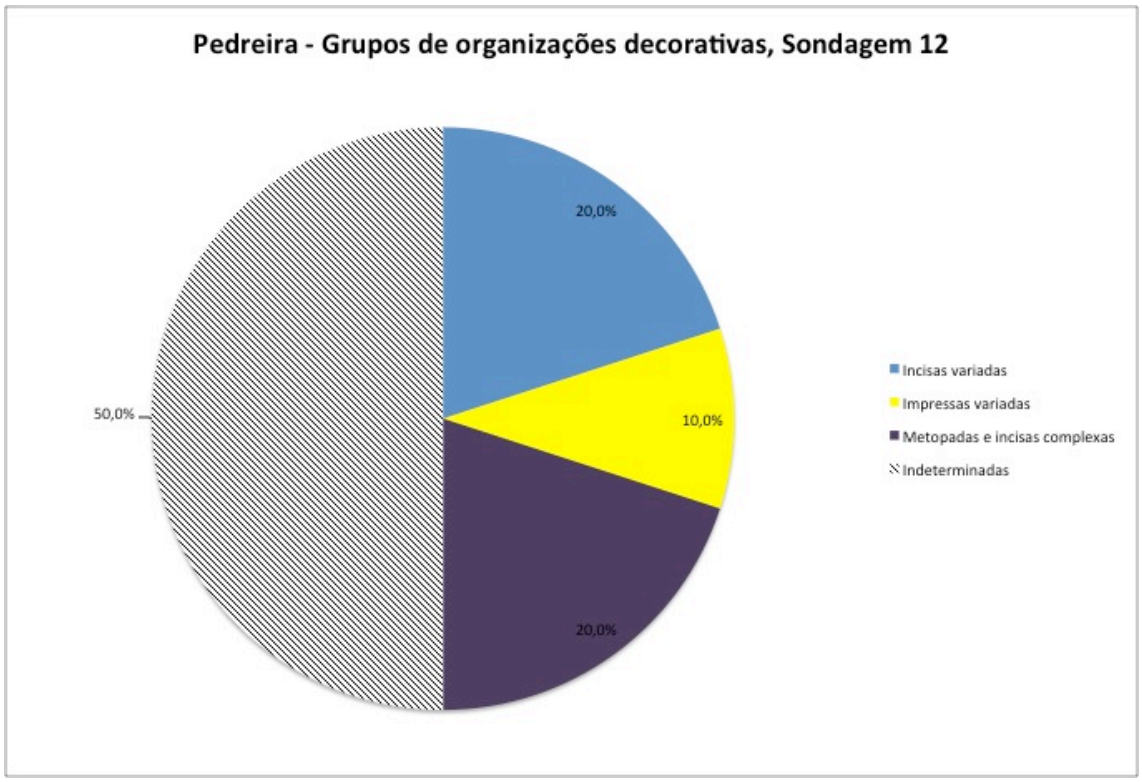

*An.XIII, Gráfico 18.*



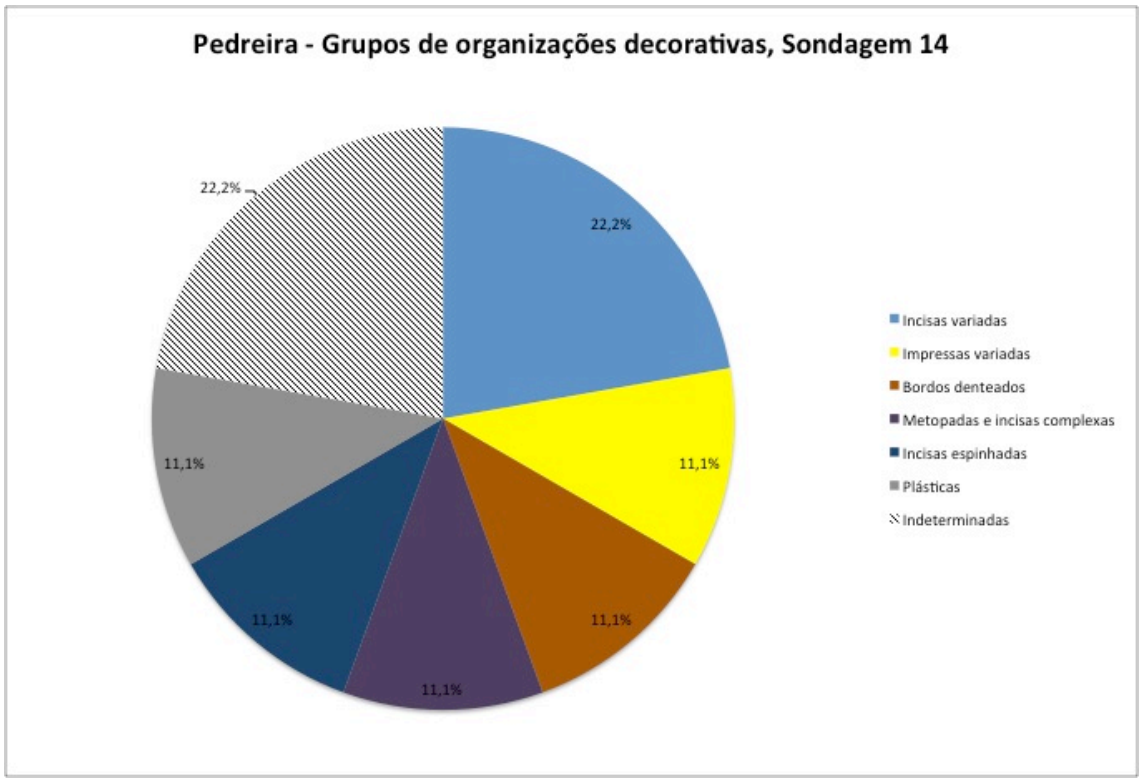

*An.XIII, Gráfico 19.*



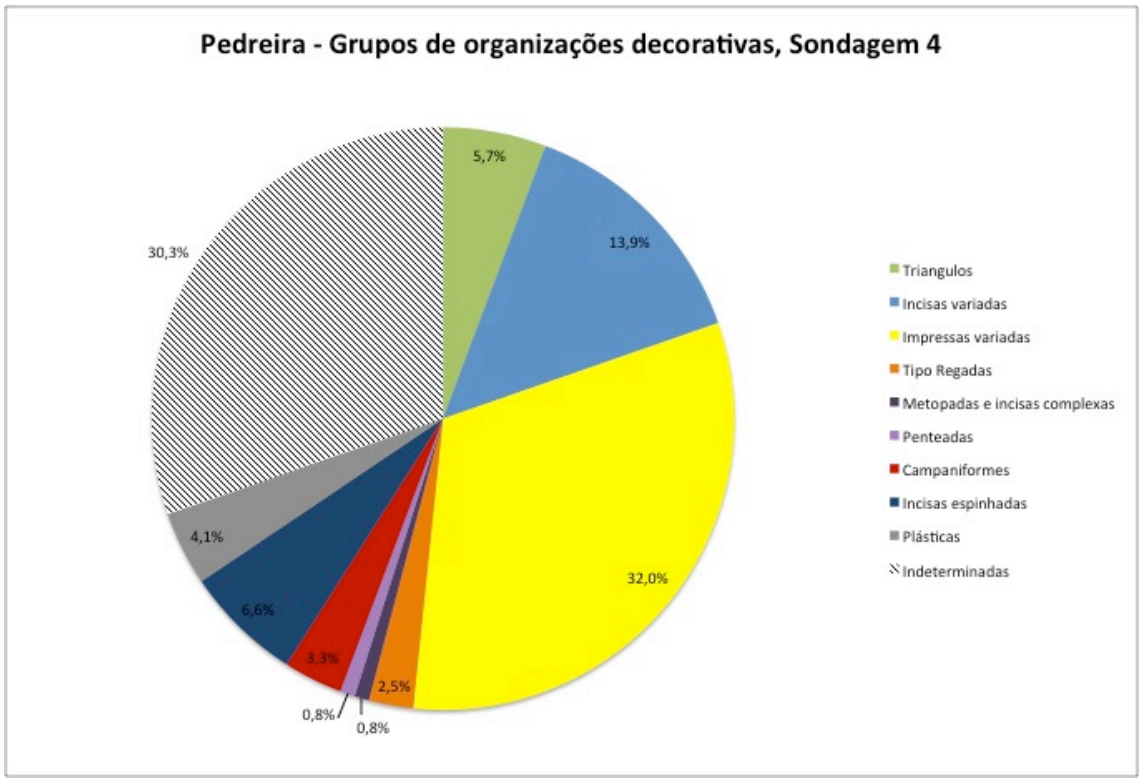

*An.XIII, Gráfico 20.*



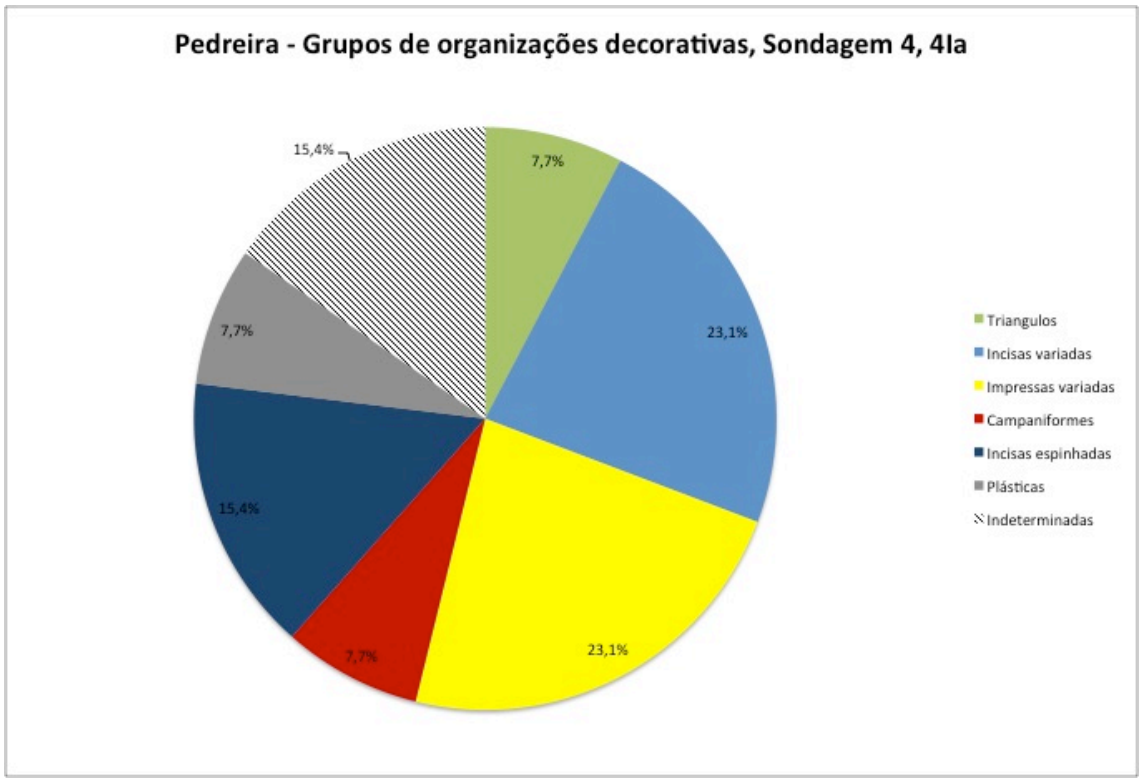

*An.XIII, Gráfico 21.*



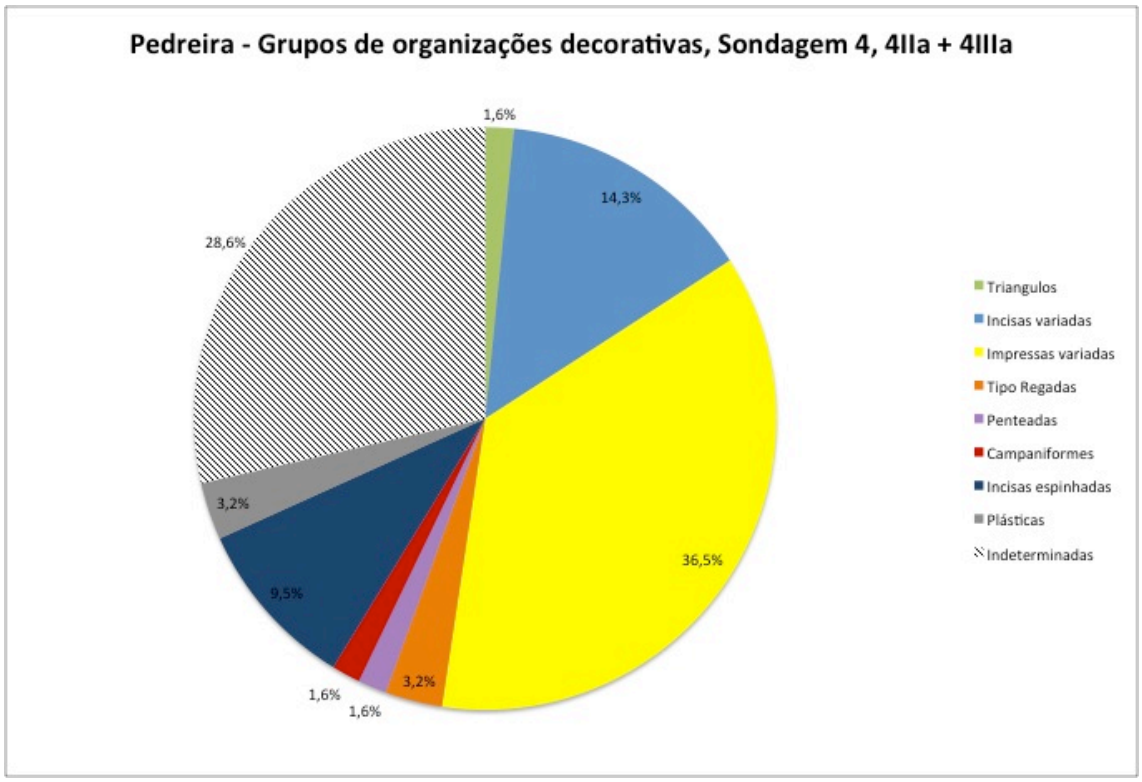

*An.XIII, Gráfico 22.*



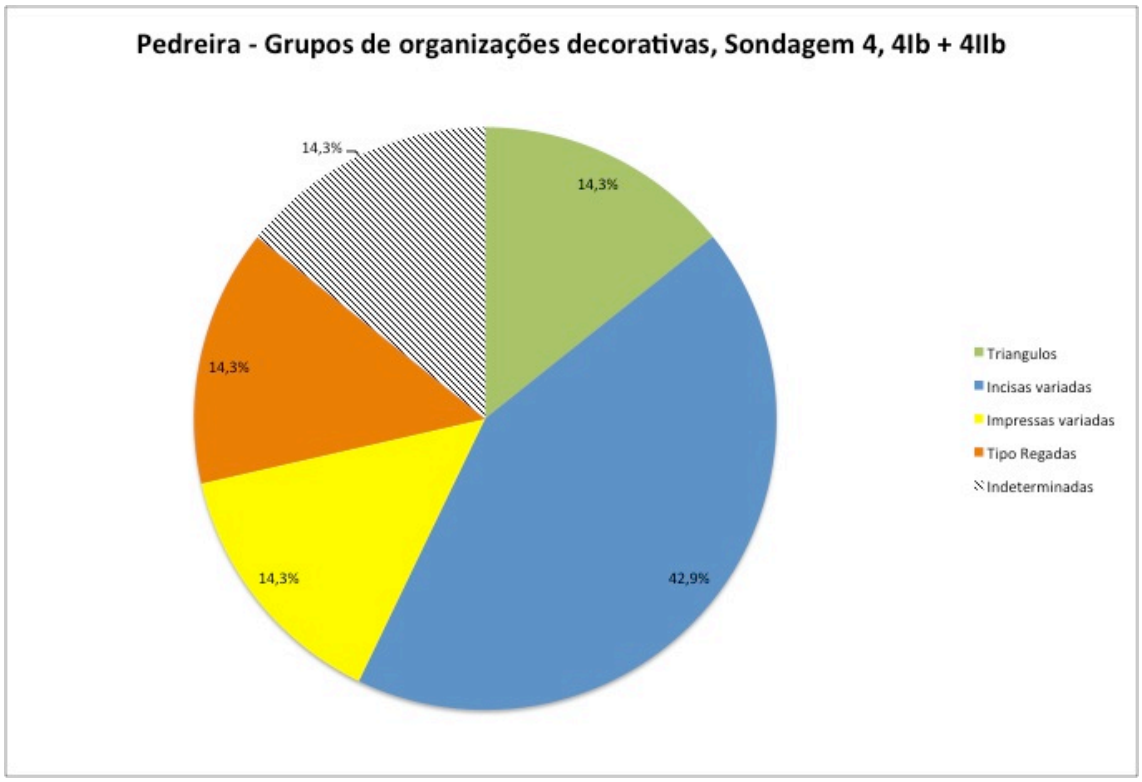

*An.XIII, Gráfico 23.*



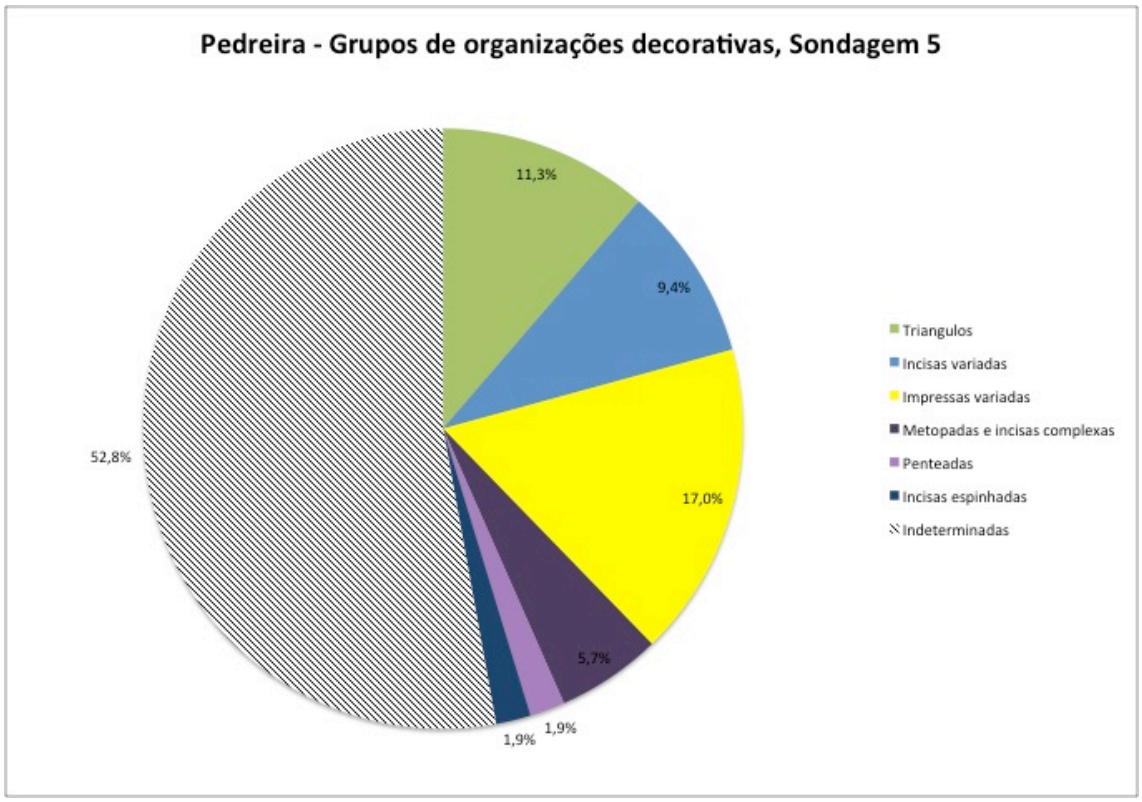

*An.XIII, Gráfico 24.*



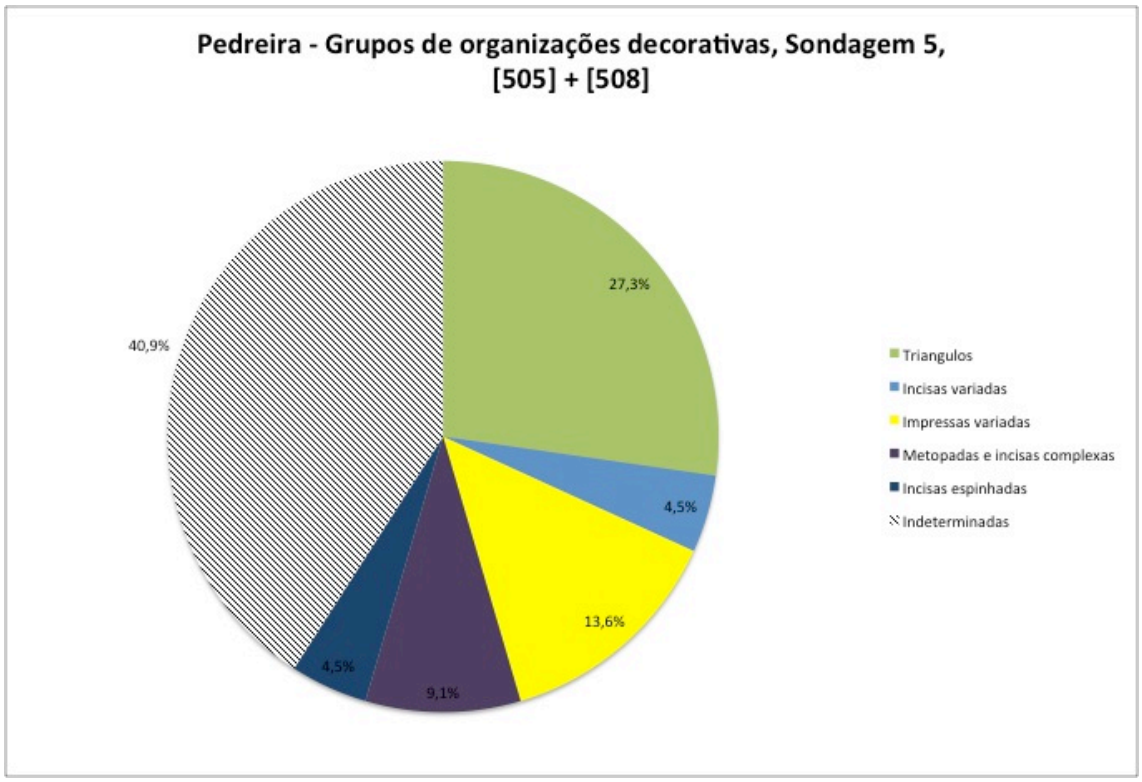

*An.XIII, Gráfico 25.*



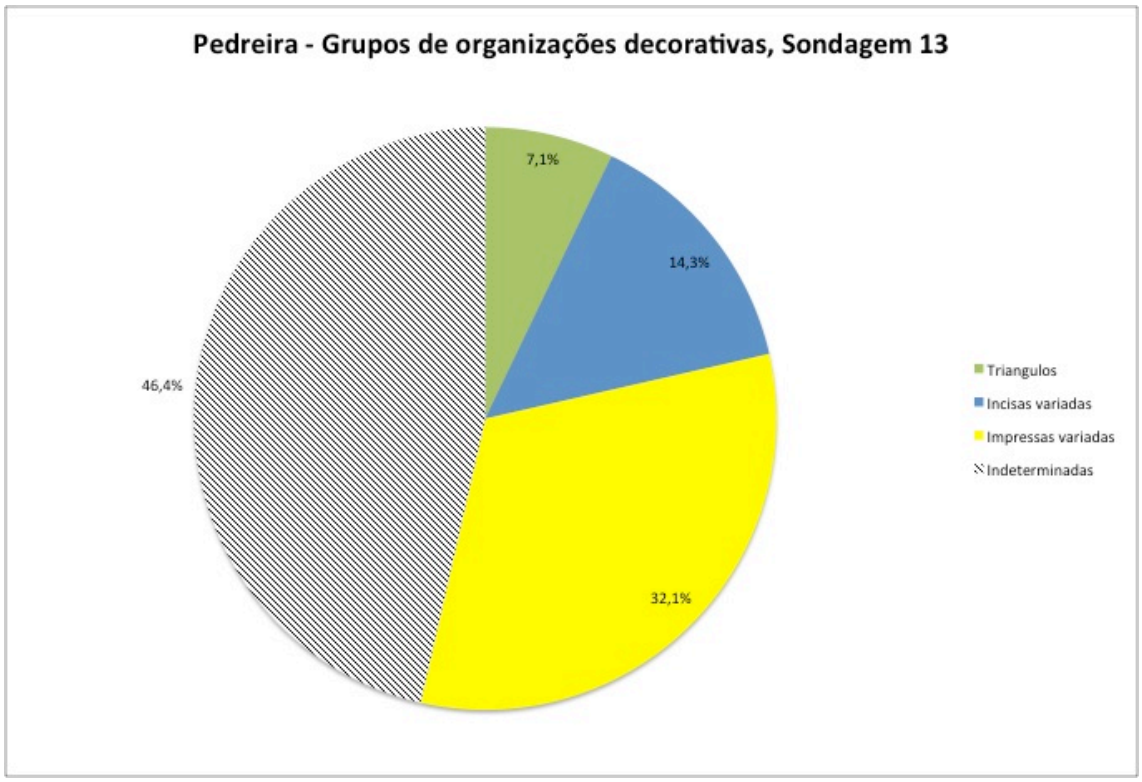

*An.XIII, Gráfico 26.*




*An.XIII, Gráfico 27.*




*An.XIII, Gráfico 28.*




*An.XIII, Gráfico 29.*